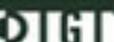


HELENA GOMES  ROSANA RIOS



CONEXÃO MAGIA

ROCCO  HALL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

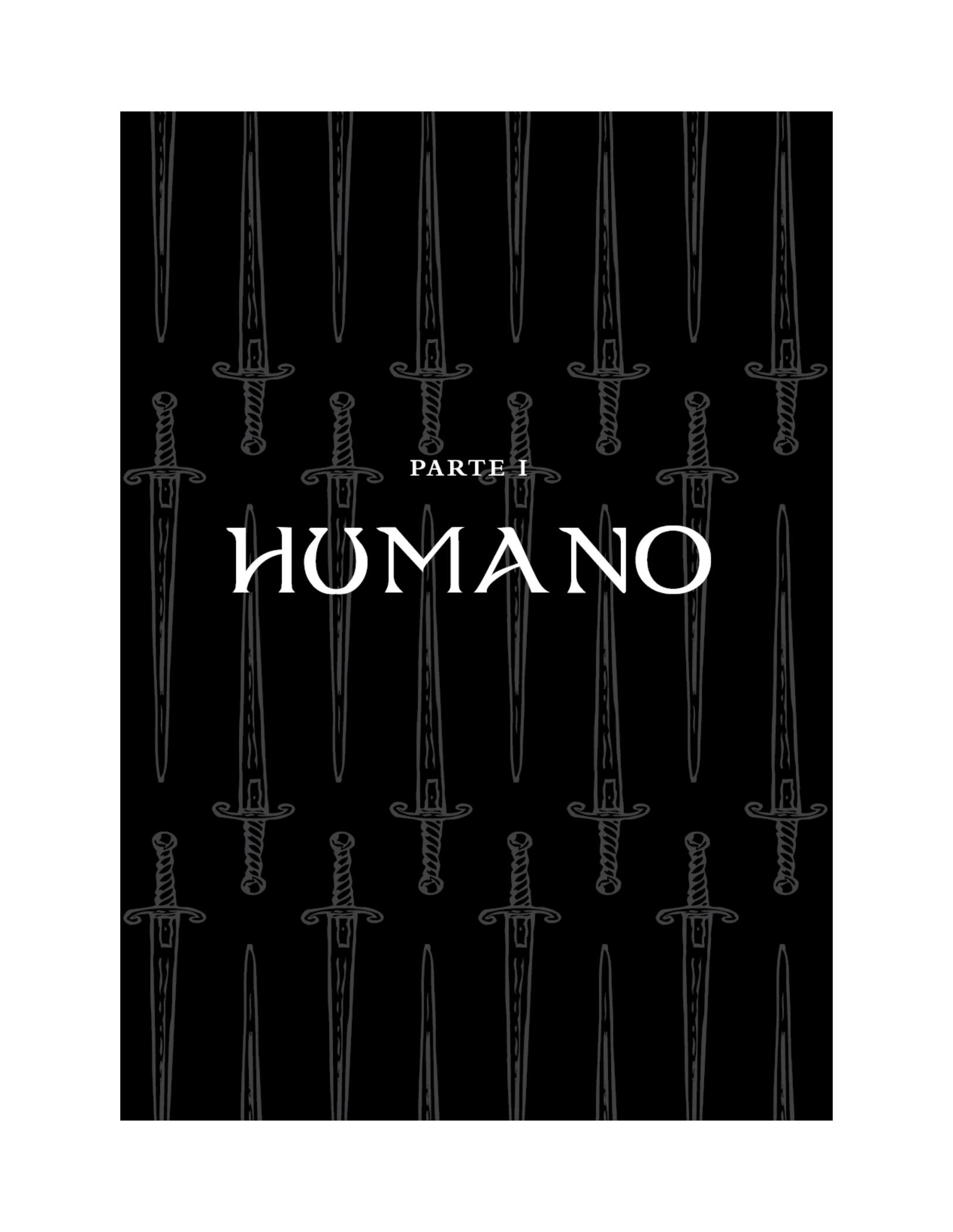
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

HELENA GOMES ✦ ROSANA RIOS

CONEXÃO
MAGIA

ROCCOITAL

The background of the entire page is a repeating pattern of stylized swords. Each sword is drawn with simple white lines, showing a hilt with a crossguard and a long, tapering blade. The swords are arranged in a grid-like fashion, with some appearing more prominent than others, creating a textured, rhythmic effect.

PARTE I

HUMANO

CAPÍTULO 1

Execução



São Paulo, catorze anos antes

A PAIXÃO É A MAIS TERRÍVEL DAS ARMADILHAS. Ela nos leva a cometer atos abomináveis até contra quem amamos. Por sua culpa, perdi meu espírito.

Protegido pela escuridão da noite, avancei em silêncio pelas ruas desertas. Apesar de ser verão, garoava na chamada terra da garoa. Sempre gostei dos tons cinzentos da metrópole que não pode dar-se o luxo de parar: São Paulo receberia em breve a madrugada. No meu colo, o minúsculo monstro apenas dormia, embalado por seu sono de bebê.

Monstro...

Não encontrei nome melhor para chamá-lo. Era um filho da desesperança, o pivô involuntário de uma crise e a arma necessária para a inveja atingir seus objetivos imundos.

Antes de entrar na estação de metrô, eu o escondi, enrolado num cobertor, sob a discrição de meu manto. Um conto de fadas me veio à mente. Sorri, num misto de asco e pena de mim mesmo. Eu era o caçador a serviço da rainha, aquele que carregava um ser inocente para a morte. Pelo menos, não teria de entregar à rainha o coração da vítima para convencê-la do sucesso da execução. Também não havia um bosque verdejante para testemunhar meu crime, e sim a selva de pedra dos humanos. Senti um gosto amargo na boca. Apesar do concreto, existia magia ali, como em tudo... Em mim, em outros como eu, nas várias raças ocultas entre humanos que enxergam apenas o que desejam enxergar.

Não queria eu mesmo tirar a vida de um ser tão frágil. Já bastava a culpa que espremia meu coração. Ter o sangue de um inocente em minhas mãos...

seria demais. Precisava, porém, cumprir as ordens que recebera – e que me queimavam como ferros em brasa na pele. Permiti que o acaso me guiasse. E, para liberar a catraca da estação de metrô Jabaquara, estalei os dedos, usando magia.

Ignorei a escada rolante e desci a escadaria até a plataforma de embarque. Um único humano, sonolento, aguardava o último trem da noite. Ele devia ter cerca de trinta anos, de pele negra, vestido com roupas simples que o denunciavam como alguém do povo, mais um que sobrevivia na camada pobre daquela sociedade com milhões de miseráveis esquecidos por uma elite de privilegiados.

Exceto por nós dois, não havia mais ninguém no local. Ou melhor, exceto por nós três, se eu considerasse o pequeno monstro, em meu colo, como algo digno de entrar na conta. Mas, se fizesse isso, estaria a ponto de admitir que ele ocupava um patamar acima do rótulo de aberração, uma coisa com direito de ser chamada de “alguém”. E essa possibilidade apavorava minha consciência.

Aproximei-me da beirada da plataforma, avalei os trilhos logo abaixo. O acaso me mostrava que a morte poderia ser rápida e talvez indolor para a vítima. O som vindo do túnel à minha direita indicava que o trem estava a caminho. Atrás de mim, senti que o humano se espreguiçava antes de se levantar do banco.

O som se tornou ensurdecedor para o ambiente silencioso. Fechei os olhos e bloqueei a vontade de sentir qualquer emoção. Naquele momento, obedecia a ordens. Era apenas o carrasco.

Meus braços não me pertenciam mais. Eles estenderam o pequeno monstro para a frente. O trem passaria por nós em milésimos de segundos. Foram minhas mãos, aquelas que eu ansiava poupar do sangue, que deram o impulso para arremessar a vítima. Ergui as pálpebras a tempo de vê-la cair, indefesa, sobre os trilhos.

O humano gritou comigo ao perceber o que eu acabara de fazer, mas sua voz foi abafada pela chegada dos vagões barulhentos. Da minha parte, a

execução fora um sucesso. Virei as costas para o humano, não vi as portas dos vagões se abrirem e retornei, com pressa, ao andar superior.

Minha culpa, porém, não me deixou sair da estação e tampouco atravessar a catraca. Ela exigia que eu enfrentasse a dimensão do meu crime. Eu precisava ver... Sob o olhar desconfiado de um dos funcionários do metrô, rumei de volta à escada.

– Corre que o trem já vai sair! – avisou ele.

Não respondi. Desci um degrau, depois outro. Interrompi meus movimentos ao avistar o humano de pele negra. Imóvel, ele não ousava entrar no vagão à sua frente. Um pensamento tolo me disse que o sujeito perderia sua última oportunidade de ir de metrô para casa.

Quando as portas se fecharam, o trem partiu em direção ao túnel, acelerando para ganhar velocidade. O humano permanecia no mesmo lugar. Espiava o que havia nos trilhos. Minha mente imaginou os estragos em um cadáver infantil agora irreconhecível. Não devia ter sobrado muito dele para...

Surpreso, vi que o homem se abaixava. O que ele pretendia...? Nesse instante, outro funcionário apareceu correndo atrás do passageiro, que estava pulando da plataforma para os trilhos.

– Ei, o senhor não pode ficar aí! – gritou o funcionário para ele. – Não pode ultrapassar a faixa amarela!

Segurei-me para não interferir. O funcionário, na beirada da plataforma, chamava reforço pelo rádio. A seguir, abaixou-se para ajudar o outro homem a sair da área dos trilhos. Mas este não retornou sozinho. Para minha total incredulidade, trazia em um dos braços minha pequena vítima, intacta, ainda enrodilhada no cobertor. E ela choramingava, um choro dolorido, de abandono, que contrastava com a sorte por ter escapado da execução.

– Você não viu o maluco que apareceu aqui e jogou o bebê na frente do trem? – cobrou o sujeito, dirigindo-se ao funcionário.

– É mesmo um bebê? – duvidou o outro. – Não parece choro de criança...

Recuei. Os dois humanos estavam prestes a descobrir o que se ocultava sob a manta. Meus ouvidos captaram o restante da conversa, trazido pelo eco,

enquanto minha culpa se desfazia. Havia um sorriso genuíno de felicidade em meu rosto.

– Eita! – o funcionário resmungou. – Você pulou nos trilhos só pra pegar um filhote horrível como esse?!

J OÃO TEVE PENA DO BICHO ESQUISITO. O que era aquilo, afinal? Um filhote de gato ou de cachorro? Tinha o tamanho de um bebê, só que era tão peludo que mal se via o focinho. E o pobre estava assustado, chorava bastante. Devia estar com fome, frio e muito medo.

– Ele lembra aquele cachorro do Cebolinha – comparou o funcionário. – A gente nem sabe onde fica a cabeça!

O pelo do filhote era negro, como cabelo de gente. Indeciso sobre o que fazer, João o estreitou contra o corpo apenas para descobrir que um coração minúsculo batia junto com o seu. O gesto acalmou o choramingo em segundos.

– Pretende ficar com isso aí? – perguntou o funcionário. – Se eu fosse você, jogava na lata de lixo mais próxima.

Seria crueldade demais. João refletiu que, esquisito ou não, o filhote merecia um destino melhor do que minguar até a morte numa lata de lixo. Ainda mais depois de ganhar uma segunda chance de modo tão inacreditável. Tinha o dedo de Deus ali, só podia ter! O filhote escapara de ser retalhado pelos vagões porque seu corpo ficara espremido em um dos vãos entre os trilhos.

– Ô amigo, você está de carro? – perguntou João com sua sempre útil cara de pau. – Que tal uma carona?

CAROLINA LUTOU ATÉ ONDE CONSEGUIU contra a vontade de dormir. O tio, que fora resolver um assunto no litoral, tinha prometido voltar a tempo para seu aniversário. Nunca perdera um aniversário da sobrinha e aquele, o sétimo, não poderia ser diferente.

Desabando de sono, a menina foi deixada na cama pelo pai, no andar de cima do bar que, desde a morte da mãe dela, ele e o irmão administravam juntos nas redondezas do Terminal Rodoviário do Tietê. João, o tio, não era exatamente o homem trabalhador que o pai da menina, Tiago, esperava ter como sócio. Sempre dava um jeito de escapulir do serviço pesado, de conseguir uma moleza qualquer para se dar bem. Para Carolina, no entanto, ele era o tio atencioso e sempre brincalhão.

– Cheguei, Carol... – chamou a voz de João, quase num sussurro, perto do ouvido da criança. – Atrasado, mas cheguei!

Foi o suficiente para despertá-la. Ao abrir os olhos e descobrir que havia um presente, a menina se sentou na cama na maior rapidez possível. Tiago estava em pé junto à porta do quarto, com a pior carranca do mundo.

– Bar não é lugar pra cachorro! – brigava ele. – A Vigilância Sanitária vai me multar, isso sim!

Carolina fez um “oh” de espanto e alegria. O tio acabava de depositar em seu colo um bichinho ainda bebê, o mais estranho que a menina já vira na vida.

– Não é cachorro, pai! – corrigiu ela, com firmeza, antes de dar um beijo molhado na testa de seu primeiro animal de estimação. Sempre sonhara em ter um, mas o pai sempre fora contra.

– O que é, então? – perguntou João, feliz com o entusiasmo infantil.

– Ah, tio, você não sabe?

– Estou na dúvida...

– É um gatinho lindo!

Tiago escancarou a torneira de broncas, mais que furioso. Claro que agora Carolina não ia mais dormir, que ele ia levar multa, que o gato ia fazer sujeira pelo bar inteiro, que espantaria a freguesia, que isso, que aquilo...

– E como vai ser o nome dele? – perguntou o tio, fazendo de conta que o irmão não existia.

A menina franziu a testa. Queria um nome bem diferente. Um que não fosse de gato. E que combinasse com o filhote que dormia como um anjinho em seu colo.

– Já sei! – decidiu, inspirada. – O nome dele vai ser Gael.

CAPÍTULO 2

Monstro



O GATINHO ESQUISITO realmente tinha algum problema. Ou vários, se João parasse para pensar melhor. Primeiro, o filhote dormia a maior parte do tempo e acordava apenas para tomar a mamadeira que Carolina preparava no melhor de seu instinto maternal. Segundo: como mal se mexia, ainda não tivera oportunidade de aprender a usar a caixinha de areia, instalada num canto do banheiro, obrigando a menina a deixá-lo sempre de fralda. Terceiro: para um gato, estava crescendo demais. Sem dinheiro ou coragem de mostrá-lo a um veterinário, João coçava a cabeça. Para Carolina, o gatinho era perfeito. Um pouco diferente dos outros animais, é verdade, mas isso não diminuía o carinho que ela lhe dedicava. Já Tiago preferiu ignorar a presença do filhote nos dias, semanas e meses que se seguiram. Sequer o olhava.

Carolina, ansiosa, não via a hora de o gato acordar de vez. Gastava minutos escovando o pelo longo, que recebia trancinhas caprichadas e cheias de laçarotes cor-de-rosa nas pontas. Quando chegava da escola, corria para o andar de cima do bar apenas para checar se o filhote estava bem. Decepcionada, dizia para o tio que o gatinho era dorminhoco demais. Queria muito que ele miasse, que corresse de um lado para o outro atrás de alguma bolinha de papel.

– O Gael chega lá, Carolina – explicava o tio. – Ele só é meio devagar.

Numa madrugada friorenta, João, que dividia o quarto com Tiago, acordou com a voz de Carolina no aposento ao lado. Um único e apertado banheiro

servia a todos os ocupantes da casa. No térreo, havia a cozinha, o banheiro para os fregueses e, claro, o espaço ocupado pelo bar.

Sem fazer barulho, João foi até o quarto da sobrinha. Abriu lentamente a porta apenas encostada e se esticou para espiar o que estava acontecendo. Com uma tesoura, Carolina cortava o pelo do gatinho, sentado muito quieto sobre a cama.

– O Gael acordou! – disse Carolina, eufórica, ao notar a presença do tio.

– Tô vendo... Escuta, você não é muito pequena para brincar com a tesoura?

– Mas o pelo dele tá caindo, tio! Só tô tentando consertar.

– Pelo de gato vive caindo e...

João engoliu o que falava ao descobrir sobre o lençol uma quantidade imensa de pelos. Só faltava agora uma doença de pele para forçar uma ida ao veterinário.

– Tio...

– Que é?

– Acho que o Gael não é mais um gatinho.

Foi quando João entrou no cômodo para avaliar melhor o gato, que o fitava com seus olhos imensos.

– Ai... – murmurou o tio, em choque, sem nada melhor para dizer.

TIAGO DEMOROU A PERCEBER O INEVITÁVEL. Quando desceu para preparar o café da manhã, descobriu, surpreso, que a filha e seu irmão já estavam à mesa, comendo requentado o pão da véspera.

– Deixei um pãozinho para o senhor, pai – avisou Carolina. – E passei bastante margarina, como o senhor gosta!

Ele sorriu distraidamente para a filha e pegou um copo para encher de café. Pingou um pouco de leite, adoçou a mistura e só então se acomodou à mesa. João e a menina trocaram um olhar de culpa.

– Nem vem! – resmungou Tiago. – Vocês trouxeram o gato pra cozinha, não foi?

– É que... – tentou explicar o irmão.

Tiago bufou, exasperado, recusando-se a sequer enxergar o animal à sua esquerda, acomodado na quarta cadeira.

– Ou esse gato fica no quarto ou vai morar na rua! – avisou, abafando a raiva.

– Mas ele é um bebê... – choramingou Carolina, já imaginando o pobre tremendo de frio e sozinho no mundo.

Dessa vez, Tiago não cederia às vontades da filha. Ter um gato no bar lhe traria dor de cabeça e mais trabalho. Estava cansado de carregar tudo sozinho nas costas.

– Hora de abrir o bar – disse para o irmão. Este bebericou o café antes de apresentar a desculpa de sempre.

– Preciso resolver uns assuntos – desconversou. –Volto só de noite.

Foi o suficiente para piorar o mau humor de Tiago. Ele deixou a mesa, retrucando baixinho, e atravessou a cozinha para chegar ao bar, logo adiante.

Tinha serviço demais à sua espera.

DINHEIRO CURTO, TRABALHO PARA TRÊSrealizado apenas por um e a vida corrida, sem perspectiva de melhora. Tiago abria o bar, de segunda a segunda, às 6 horas da manhã, e só fechava quando o último freguês ia embora, por volta de uma da madrugada. E, para piorar, volta e meia aparecia alguma dívida extra. Da última vez, tivera que desembolsar uma quantia violenta para pagar o que João devia a um certo amigo, por coincidência, um dos chefes do jogo de bicho da cidade.

– Não sou viciado em jogatina! – defendia-se o irmão caçula. – Jogo só pra refrescar a cabeça.

Refrescar o quê, dentro daquela cabeça preguiçosa e cheia de vento? Tiago lamentava gostar tanto do irmão, mal ver a filha, passar dia após dia atrás de um balcão. Sentia falta da esposa, seu braço direito e a única dona de seu coração. Ela morrera tão cedo... Carolina sequer tinha dois anos.

Tiago espantou os pensamentos para concentrar-se no trabalho, como sempre fazia. E como fez no dia seguinte e nos outros. A mesma rotina estressante.

– Faz tempo que você não olha pro Gael, né? – perguntou João na primeira manhã em que finalmente resolveu ajudar atrás do balcão.

– Que Gael?

– O gato da Carolina.

– Já falei que aquele gato está proibido de descer pro bar. Se ela quiser ficar com o bicho, então que deixe ele lá em cima, preso no quarto!

O pano de prato nas mãos de João enxugou dois copos antes de retomar o assunto.

– O Gael andou perdendo pelo...

– Pois você que limpe a sujeirada! – rugiu Tiago. – Foi você que inventou de trazer bicho aqui pra casa!

João se limitou a um longo suspiro. A entrada do primeiro cliente do dia adiou a conversa para outra oportunidade. Esta surgiu três dias depois, novamente durante o café da manhã. Os dois irmãos estavam na cozinha e Carolina, ainda no andar superior da casa, preparava-se para ir à escola.

– Você já reparou que o Gael perdeu os pelos?

Tiago pretendia ignorar a pergunta e, assim, evitar uma briga indesejada.

– Já reparou que agora ele anda com as duas pernas? – insistiu João.

O gato tinha virado o quê? Artista de circo? O irmão mais velho não tinha nenhuma vontade de escutar aquela ou qualquer outra piada ridícula.

– Olha, algo me diz que o Gael não é mais um gatinho esquisito... – continuou João, num tom zombeteiro, ao indicar, com o queixo, a porta da cozinha.

Num movimento automático, Tiago virou o rosto para acompanhar seu gesto. Encontrou a filha com uma expressão ansiosa, parada junto ao batente. Parecia desejar e muito a aprovação paterna. E não vinha sozinha. Segurava no colo um menininho que devia ter um pouco mais de um ano.

– Mas quem é esse...?

O pai engoliu a palavra “menino”. Não tinha certeza de que estava mesmo diante de uma criança. Perdido sob uma camiseta de Carolina, imensa para ele, o menino, ou o que quer que fosse, fitava-o com olhos grandes, de um tom castanho quase dourado. Os cabelos negros e cacheados destacavam a

pele pálida e encobriam parcialmente as orelhas triangulares, iguais às de um gato. A avaliação de Tiago se deteve por alguns segundos no rosto humano, de traços bonitos, antes de seguir para os braços e terminar em patas ocupando o lugar de mãos. Estranhas patas sem pelos e com dedos um pouco mais compridos que dedos felinos. A roupa escondia de sua análise os pontos salientes da espinha, que marcavam a pele em sua trajetória da nuca até as nádegas.

– E ele não tem rabo! – garantiu João, na maior tranquilidade.

– É só *isso* que você tem a dizer? – explodiu Tiago, a voz esganiçada.

– É.

Assustada, Carolina recuou.

– Ora, ele era peludão, parecia um filhote... – justificou João, dando de ombros. – Como eu ia adivinhar que era um bebê?

A mente do irmão mais velho deu um nó. Gael era o gato e o gato era um bebê que era o Gael. Não, *aquilo* jamais poderia ser um bebê! *Aquilo* não era nem humano!

De repente, Tiago se sentiu sufocar. Precisava de ar com a máxima urgência! Atarantado, abandonou a cozinha, desviou da filha no meio do caminho, alcançou a escada e foi direto para o quarto abrir a única janela da casa que dava para a rua. Um final de madrugada o recebeu com as primeiras luzes da manhã. Demorou uma eternidade até a respiração voltar ao ritmo normal.

– Aquele... hum... filhote... deve ter uma família atrás dele – disse, em voz baixa, ao perceber que João o seguira.

– Não tem.

– Como você pode saber?

– Porque eu vi o pai, um adolescente, jogar ele na frente do metrô.

Tiago estreitou os olhos para o irmão.

– Jogou?

– Foi.

– Adolescente, é?

– É.

João se aproximou, apoiando os cotovelos sobre o parapeito da janela.

– O moleque tentou matar o próprio filho porque ele nasceu diferente dos outros.

– Diferente?! *Aquilo* é um...

– Uma criança, Tiago – reforçou. – Uma criança que nasceu defeituosa. Pode acontecer com qualquer um, sabia? Mas Deus salvou a vida do Gael. E se Ele fez isso, quem somos nós para não aceitar uma criança assim?

Ah, não! Só faltava João colocar Deus naquela história mal contada!

– Mas eu não tenho obrigação nenhuma de cuidar *daquilo!* – protestou Tiago.

O irmão caçula franziu o nariz.

– É aí que você se engana – disse, com um meio sorriso. – Ahn... lembra daquele meu amigo que trabalha no cartório?

Não, ele não lembrava e tampouco queria ouvir o que o outro tinha a lhe contar. Deu meia-volta, afastou-se da janela e já estava a centímetros da porta quando o irmão lançou a nova bomba atômica.

– Pois é, registramos o Gael como teu filho.

Tiago estacou, mais que furioso. Voltou-se rugindo para o irmão.

– *Como você teve coragem de...?*

– O menino precisava de uma certidão de nascimento. Agora ele pode ir no médico quando ficar doente, frequentar a escola, votar quando chegar aos 18 e...

– Eu mato você! E vou te denunciar pra polícia por falsificar documentos!

– Veja o lado bom. A Carol sempre quis um irmãozinho e...

– *Nós somos negros!* E aquele... aquilo é mais branco que folha de caderno!

– Não faça drama, Tiago.

– Você não enxerga? Ele é branco!

– Você está sendo racista!

– Racista, *eu?*

– Claro que está! Por que uma família de negros não pode criar um menino branco?

– Ele não é meu filho!

- Você pode dizer que ele puxou a mãe. Que ela era loira, de olho azul.
- Que mãe?!
- A que eu inventei pra colocar na certidão de nascimento, ora! O Gael não podia ficar sem mãe.
- Ele não é meu filho! – repetiu Tiago, inutilmente. Como sempre, o caçula tentava enrolá-lo para escapar das próprias responsabilidades. Só que, daquela vez, não ia se safar. João abusara demais da confiança do irmão mais velho.
- O que você tem contra adoção?
- Não tenho nada contra!
- Ah, já sei! Você é daqueles que só querem adotar crianças bonitinhas, que nasceram perfeitas!
- Mas eu não quero adotar ninguém!
- E por que não? Tem tanta criança abandonada por aí e...

Um grito desesperado de Carolina encerrou a discussão de modo abrupto. Imediatamente, os dois adultos correram para socorrê-la.

– A gente ia subindo e eu tropecei... – soluçou a menina.

Gael estava caído aos pés da escada. O excesso de sangue escorrendo da testa se misturava às suas lágrimas de filhote.

Tiago apenas reagiu. Prático como de costume, enrolou o monstrinho num casaco e disparou para a rua, na direção do pronto-socorro mais próximo.

NO PRONTO-SOCORRO MUNICIPAL, o caso ganhou status de emergência e Gael foi encaminhado a um dos médicos de plantão. O monstrinho, assustado, resistiu ao máximo para não sair do colo de Tiago, prendendo-se a ele com toda a força que lhe permitiam as patas esquisitas. Com muito custo foi colocado numa maca, onde duas enfermeiras o imobilizaram para que o médico fechasse o talho em sua testa com alguns pontos. Por fim, acalmou-se. O médico, boquiaberto, não se conteve após examiná-lo melhor.

– Este caso é um tesouro para a ciência! – exclamou, empolgado.

Tiago juntou as sobrancelhas. O que aquele homem pretendia? Transformar o monstrinho numa cobaia?

– Imagine o quanto aprenderemos com ele! – continuou o médico, pegando uma máquina fotográfica da gaveta de sua mesa. – Será perfeito para

o artigo que estou preparando...

As enfermeiras, agora afastadas da maca, espiavam com horror e também piedade.

– Onde o senhor o encontrou? Na rua? – arriscou uma delas.

Tiago não respondeu. Enxergava o que elas enxergavam: uma criança que tivera a infelicidade de nascer deformada, que ilustraria artigos em revistas científicas, apareceria como aberração em reportagens na TV... Engoliu em seco.

O médico, com a câmera em punho, já enquadrava as mãozinhas felinas de Gael. Este, em sua inocência, abriu um delicioso sorriso de bebê para os adultos que não o consideravam gente. E se Carolina tivesse nascido diferente das outras crianças? E se as mãozinhas dela fossem tortas ou se ela apresentasse alguma deficiência mental? Também seria vista como uma aberração? Do fundo de seu coração, Tiago teve certeza de que amaria a filha do mesmo jeito, fosse ela como fosse. Já Gael não tinha ninguém para defendê-lo, para amá-lo como ele era. O próprio pai não tentara se livrar dele? Não tinha jogado o filho para ser estraçalhado pelos trilhos do metrô?

Foi naquele exato momento, para Tiago, que Gael deixou de ser um monstrinho para se tornar apenas uma criança sozinha no mundo.

– Doutor, o que o senhor pensa que está fazendo? – cobrou, indignado.

Surpreso, o médico abaixou a máquina fotográfica.

– Qual é mesmo sua relação com o paciente? – perguntou, enquanto esticava o olho para a agenda aberta sobre a mesa. – O senhor poderia trazê-lo aqui às quintas, às quinze horas? Nesse horário estou com meus alunos de Medicina e seria extremamente importante que o caso fosse mostrado para...

– Não posso.

– Sem problema. Tenho também horário na sexta de manhã e...

– Este bebê não vai virar rato de laboratório!

O médico respirou fundo. Não pretendia perder um objeto de estudo tão excepcional.

– Se o senhor me disser onde encontro a família dele, pedirei autorização e...

– Não.

– Mas ele é um caso raro! A ciência...

– A ciência que se dane! – estourou Tiago.

Esticou os braços para o menino, que praticamente se jogou em seu colo à procura de segurança. Sentindo a cabecinha de Gael apoiada em seu ombro, virou-se para deixar a sala de atendimento.

– Vou chamar a assistente social! – ameaçou o médico. – Esta criança deve ter pai e mãe e o senhor não tem o direito de...

– Ele é *meu filho!* – disse Tiago, já na porta, com um orgulho que não sabia de onde vinha. – Tenho a certidão de nascimento para provar.

– Mas o menino é branco! – lembrou a segunda enfermeira.

Sem sequer olhar para trás, Tiago xingou o irmão pela milésima vez antes de repetir a pior explicação do dia:

– A mãe era loira, de olho azul – disse, entre dentes, amparando com firmeza o bebê indefeso em seus braços para deixá-lo o mais longe possível de qualquer experiência científica. E ai de quem se atrevesse a ficar em seu caminho!

SEMPRE ME INTRIGOU a capacidade da natureza humana em criar como filhos aqueles que não têm seu sangue. Em doar amor a filhotes vulneráveis, em protegê-los contra tudo e todos. Uma capacidade ambígua, na verdade. Humanos também matam crianças. De fome, de frio, de abandono. Quando não as matam de pancada. Pequenas vítimas da violência diária em uma civilização egoísta.

Assisti, ano após ano, ao crescimento do pequeno monstro numa família que o tratava como gente. Com nome e sobrenome, ele atingiu a fase que, para os humanos, não passa de adolescência, mas que, para nós, é sinônimo de responsabilidades inadiáveis.

Mesmo após catorze anos, desde a noite dolorosa da quase-execução, minha consciência de carrasco não permitia que me esquecesse dele. Eu escapava

nas brechas das viagens que me mandavam fazer e ia a São Paulo. Zelei por ele à distância, procurando mantê-lo no anonimato. Em minhas orações, pedia à nossa deusa-mãe Cal-leach que o protegesse contra o ódio dos clãs.

Tudo em vão.

Cedo ou tarde, ele teria de enfrentar seu destino.

E eu, o meu.

CAPÍTULO 3

Parque da Luz



São Paulo, nos dias de hoje

FASCINADO COM AS PALAVRAS LUMINOSAS que tomavam forma e se refletiam por todo o ambiente escuro, Gael não conseguia piscar. Uma única voz dominava o ar para a leitura do último poema. Imagens brotavam nas paredes. Era como estar literalmente dentro de um livro, com palavras e sentidos que ganhavam vida e luz próprias. Um planetário de palavras...

Quando a apresentação chegou ao final e a porta foi aberta para que os participantes pudessem sair da Praça da Língua, praticamente todo mundo fez questão de ler os trechos de poesias, contos e romances gravados em letras brilhantes no piso negro, ao centro das arquibancadas em semicírculo da sala.

– E aí? – perguntou Lucas, entediado. – Tá com fome? Eu tô faminto!

Ele não esperou pela resposta de Gael. Foi um dos poucos a rodear a professora de Português, doido para ir embora. O restante da turma estava empolgado demais para sair do Museu da Língua Portuguesa. E ainda haveria o passeio à Pinacoteca do Estado, bem em frente. Bastava atravessar a rua.

A visita que o colégio de Gael, o Marista Arquidiocesano, realizava ao museu começara no auditório do terceiro andar, com a projeção de um filme sobre as origens da língua portuguesa, seguida pela estonteante dinâmica no planetário de palavras. O adolescente foi com a turma até o segundo andar do prédio para conhecer a Linha do Tempo, o processo de evolução do idioma desde a Antiguidade até os dias de hoje. Para um apaixonado por línguas como ele, o local era um paraíso multimídia. Foi difícil arrancar Gael do Beco das Palavras, uma sala com um divertido jogo eletrônico de formar palavras.

Após o almoço, a turma rumou para a Pinacoteca, o elegante prédio inaugurado em 1905, abrigo para mais de quatro mil peças. Arte brasileira do século XIX ao XXI.

– Não se esqueçam de fazer anotações sobre os quadros de Cândido Portinari, Anita Malfatti, Victor Brecheret, Lasar Segall, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti – a professora recomendou. – Terão de fazer um trabalho sobre Modernismo na aula de Arte.

Apesar da careta dos alunos, que já deveriam redigir um relatório imenso sobre os dois museus, a professora os enxotou para dentro da Pinacoteca, direto para a educadora que conduziria a visita monitorada. Gael se separou do grupo, deu duas voltas no andar térreo, xeretou as pinturas e esculturas do andar superior e tirou algumas fotos com a câmera digital.

Por uma janela, avistou Lucas pendurado numa das esculturas do Parque da Luz, junto à Pinacoteca. Rindo, o adolescente desceu correndo a antiga escadaria de madeira e saiu do prédio a tempo de tirar uma foto do amigo levando uma bronca gigantesca de um dos funcionários do local. Claro que a foto iria direto para o Facebook! Obrigado a ir para terra firme, Lucas limitou-se a dar de ombros, antes de sumir numa das alamedas do parque.

Gael achou curiosa a ideia de colocarem esculturas ao ar livre, espalhadas pela área de mais de cem metros quadrados, entre árvores e plantas. E foi só. Cansado de tentar entender obras de arte, guardou a caneta e o bloco de anotações no bolso da calça jeans e se distraiu com o cenário. Algumas pessoas, sentadas nos bancos, aqui e ali, aproveitavam a tarde de junho, uma sexta-feira, para conversar, ler ou apenas tomar sol. Um contraste no meio de uma metrópole enlouquecida como São Paulo.

O garoto tocou as luvas de couro que usava eternamente para esconder as mãos. Os cabelos, batendo nos ombros, garantiam-lhe a cobertura perfeita para as orelhas felinas. E a camiseta larga disfarçava bem as espáduas e a coluna de nós salientes. Na prática, ele parecia apenas um adolescente com visual estiloso, um pouco encurvado por ser alto demais para seus catorze anos. Nada que o diferenciasse muito dos alunos do colégio onde estudava desde a primeira série, após obter uma valiosa bolsa de estudos.

Quando um mendigo cruzou seu caminho, Gael decidiu guardar a câmera no outro bolso, por segurança. Carol ainda estava pagando o equipamento, um presente do último Natal, parcelado em dez vezes no cartão de crédito.

– Melhor voltar... – disse para si mesmo. Afastara-se demais do prédio da Pinacoteca e agora não avistava mais ninguém por perto, nem mesmo o mendigo.

Do nada, algo pulou na sua frente, quase derrubando-o no chão.

Era... *era um cavalo!* Que doido andaria a galope em pleno Parque da Luz? Numa reação previsível, Gael recuou, tentando manter-se longe de algum coice. Seu movimento atraiu a atenção do cavaleiro, que girou o rosto sinistro para ele.

– Cai fora! – brigou Gael, apesar da visível desvantagem.

Lição número um: jamais brigue com um cavaleiro ainda sobre a sela! O homem voltou sua montaria para o adolescente e a empinou para assustá-lo. As patas do animal se agitaram furiosamente sobre sua cabeça. Gael caiu sentado e cobriu a cabeça com os braços, encolhendo-se ao máximo contra o piso da alameda.

– Como consegues ver o cavalo? – vociferou o cavaleiro, num sotaque próximo ao lusitano.

“Vendo, ora!” Gael, porém, achou mais prudente dispensar qualquer resposta malcriada. Não satisfeito, o outro retirou a espada da bainha.

Sim, havia uma espada oculta sob o manto de lã verde-musgo, preso por um cintilante broche de ouro sobre a túnica escura do cavaleiro, que ainda usava calça comprida, botas e um elmo, com a viseira erguida, que lhe encobria os cabelos longos e claros. Um bigodão, também loiro, e uma tatuagem no canto esquerdo da testa, o desenho de um cálice, reforçavam sua aura de malvado. Ele se abaixou ao lado da sela, dirigindo um ataque ágil à sua vítima.

Instintivamente, Gael rolou para a direita e se levantou num pulo antes de correr para escapar da morte certa. Tinha a impressão de estar numa das cenas da trilogia *O Senhor dos Anéis*, possivelmente alguma versão adaptada

para as terras tupiniquins. A diferença era que nada ali pertencia à ficção. O cavaleiro pretendia matá-lo de verdade!

Aliviado, o adolescente sentiu que o outro não o perseguia. Talvez o ataque fosse mesmo de mentirinha, uma brincadeira sem graça de alguém fantasiado que estava ensaiando uma *performance* qualquer para se apresentar no *Anime Friends* ou no Encontro Internacional de RPG. De qualquer forma, era melhor continuar correndo, pedir ajuda a algum PM no caminho... Gael se infiltrou por entre a vegetação. Iria despistar o doido e... Foi quando um zunido atravessou o ar e, num golpe seco, o empurrou para frente, cravando-o de bruços ao chão. A espada. Por sorte, a lâmina o acertara de raspão na lateral do corpo, prendendo-o pela camiseta. O sangue brotou no mesmo instante.

O cavaleiro desmontou e, a passos rápidos, aproximou-se do adolescente. Com um dos pés, o prensou pelas costas, enquanto arrancava a espada presa ao solo.

– Nenhum humano pode nos ver como somos – resmungou ele. – O que és, então?

Algo despertou seu interesse. Com a ponta da espada, ele afastou os fios dos cabelos de Gael, o que revelou sua orelha de formato triangular e pontas arredondadas.

– Tira a luva! – ordenou, secamente, parecendo perturbado.

Lição número dois: não discuta ordens quando há uma arma encostada na sua orelha! Lutando para controlar a tremedeira, Gael puxou com os dentes a luva direita. Os dedos, de unhas finas, surgiram em sua mais completa esquisitice. A palma da mão, as típicas “almofadinhas” felinas permaneceram viradas para a terra.

– Tu ainda vives... – rosnou o cavaleiro, enfurecido.

A espada se afastou da orelha do garoto para ganhar altura. “Vou ser decapitado!”, constatou ele, em pânico. E aquele seria seu último pensamento...

Ah, não mesmo! As unhas felinas seriam úteis pela primeira vez em sua vida!

De novo guiado pelo instinto, Gael girou sobre si mesmo, driblando a força do pé que o mantinha colado ao chão, e afundou as unhas das duas mãos nas pernas do cavaleiro. Unhas retráteis, que saltavam de seus dedos como verdadeiras garras.

O ataque surpresa desequilibrou o adversário, que errou feio o percurso da espada. E assim Gael escapuliu novamente, ganhando mais velocidade do que jamais poderia imaginar que tivesse.

GENTE. SIM, GAEL PRECISAVA ESTAR CERCADO DE GENTE. Quanto mais, melhor. Mais seguro estaria. Ainda correndo, ele não retornou à Pinacoteca, ignorando qualquer proteção que poderia ser oferecida pela professora de Português e seus colegas, ainda no interior do prédio. Atravessou a rua para entrar na Estação da Luz.

Sentiu-se mais seguro quando escolheu o vagão de metrô mais lotado e se espremeu num canto próximo à porta. O sangue na camiseta da escola lhe rendeu olhares cheios de desconfiança. Com pressa, desembarcou três estações depois, na Portuguesa-Tietê. Na rua, correu como louco para casa, distante algumas quadras.

Tiago, ocupado demais no atendimento aos fregueses, não percebeu sua chegada ligeira, rumo ao andar superior do bar. Foi Carol, que ajudava o pai atrás do balcão, quem largou tudo para ir atrás dele.

A jovem o encontrou escondido no vão entre o guarda-roupa e uma das camas de solteiro, no quarto que dividiam.

– Gael, que sangue é esse na sua roupa? – perguntou, preocupada.

Adiantaria contar a verdade para a irmã? Ainda mais sobre o ataque de um cavaleiro que deveria existir só nos filmes?

– Tentaram roubar a câmera... – mentiu ele.

– Usaram... usaram uma faca em você?

O garoto assentiu com um movimento de cabeça.

– Mas não é grave. Foi só um arranhão.

Carol o puxou com firmeza para sentá-lo na cama. Avaliou o corte superficial, depois foi pegar os remédios no armário do banheiro e se pôs a cuidar dele.

– Onde você estava quando tentaram te assaltar?

– No jardim da Pinacoteca.

– E a professora, não fez nada?

– Eu estava sozinho.

Foi a deixa para a bronca após o alívio de vê-lo são e salvo.

– Quantas vezes tenho de falar pra você que não é seguro andar sozinho por aí com celular e câmera dando moleza?

– Mas eu não tenho celular...

Lição número três: nunca atrapalhe a bronca da irmã mais velha que ainda trata você como um filho ainda bebê! Carol fechou a carranca. Seus 21 anos endossavam ainda mais sua autoridade de irmã-quase-mãe.

– Você podia ter morrido, sabia?

– Sabia.

– Sabia que adolescentes morrem todos os dias, vítimas de assalto?

– Sabia.

– Você não pensa, é? Tinha de ir se meter sozinho num jardim deserto e perigoso?

– Mas não era um jardim desert...

Gael cerrou a boca a tempo. Lição número quatro: jamais esquecer a lição número três!

– Carol?

– Que é?

– Você vai contar pra *eles*?

Eles eram Tiago e João, o pai e o tio que o adotaram ainda recém-nascido, depois que alguém o deixara numa cestinha, na porta do bar. Tiago até o registrara como filho. Talvez seus pais verdadeiros não quisessem uma criança deformada por perto...

Assim como os adultos, Gael evitava tocar naquela história. Se os pais não o queriam, azar o deles. Vivia muito bem, obrigado, com a irmã, o pai e o tio adotivos.

– Eles precisam saber que você quase foi assaltado.

– Não precisam não, Carol! Por favor, não conta pra eles!

A jovem acabou concordando. João faria uma tempestade em um copo d'água e Tiago, um tsunami.

– Mas conto tudo se você se exhibir de novo com a câmera na rua! – prometeu ela antes de sair do quarto e retomar seu trabalho no bar.

Sozinho, o garoto afundou no colchão.

Lembrava-se de já ter visto antes coisas que ninguém mais via, pessoas tão fora da realidade quanto aquele cavaleiro. Uma vez, há tempos, descobrira uma delas ao fitar o reflexo da janela do ônibus em movimento. Também vestia fantasia medieval e trazia a mesma tatuagem no lado esquerdo da testa... O desenho estilizado de uma taça.

E uma outra vez... Quando acontecera mesmo? Tinha quantos anos? Uns cinco? Chovia e, sentado no degrau diante do bar, Gael observava as poças d'água na calçada. Num piscar de olhos, a superfície da água refletiu as folhagens de uma árvore que não existia... Depois a imagem sumira para continuar refletindo parte da fachada do bar.

O único mundo que conhecia, de repente, ganhava uma dimensão obscura e possibilidades incompreensíveis, que Gael achava melhor não vislumbrar.

Curitiba

EU SABIA ONDE ENCONTRÁ-LA. Apesar de seu poder de impedir que a detectassem pela magia, eu descobrira seu paradeiro fazia mais de uma década. Nunca o revelei a ninguém. Oriana desejava paz, uma nova vida que apagasse a tristeza da anterior. E tivera sucesso: vivia entre humanos que sequer desconfiavam de seus poderes ou da existência de tantos seres como nós. Morava em Curitiba, no sul do país, e trabalhava como esteticista em um salão de beleza.

Protegido pela magia, os humanos me enxergavam como um deles. No lugar das vestes e armas de guerreiro, viam-me de sobretudo, camisa e calça social.

Contornei a recepção sem que as funcionárias se dessem conta e, com pressa, tomei um corredor para as salas do fundo do salão, onde Oriana terminava de modelar as sobrancelhas de uma cliente. Ao me descobrir do lado de fora da sala, ela nem piscou. Apenas pediu licença à outra mulher, fechou a porta atrás de si e foi ao meu encontro.

– *O que fazes aqui?* – disparou, agressiva.

Aos vinte e nove anos, Oriana continuava tão linda quanto eu me lembrava. Não perdera a majestade da postura e tampouco a altivez de seu olhar, herdados de uma linhagem nobre e valente.

– *Ele sobreviveu à execução* – respondi, com simplicidade.

Ela não compreendeu de imediato o que aquelas palavras significavam.

– O próprio Galaor estava em patrulha quando o descobriu entre os humanos – prossegui. – Tentou matá-lo, mas não teve sucesso.

As lágrimas surgiram sem que Oriana pudesse evitá-las. Expunham sua felicidade, a dor, o medo de perder o que descobria reconquistar.

– Os clãs... Todos já sabem, Viriato? – murmurou ela.

Confirmei, baixando meu rosto. A notícia se espalhara em poucas horas. Percebi o desespero tomando conta de Oriana naquele segundo, mas ela não permitiu que viesse à tona.

– Senhora, assim que *eles* souberam, enviaram os melhores guerreiros do clã para caçá-lo – acrescentei. – Eu aproveitei a comoção geral para vir avisá-la. Mas acho que nada poderá evitar que o menino seja executado desta vez.

CAPÍTULO 4

Caça



São Paulo

– VOCÊ NÃO VAI PRA ESCOLA HOJE? – estranhou Tiago ao ver o garoto atrás do balcão do bar, logo no começo da manhã. – Hoje é segunda, esqueceu?

– Não tem aula – respondeu Gael, sem desviar sua concentração dos copos que lavava. Carol, com a vassoura a postos para limpar a calçada, olhou-o de esguelha.

Desde sexta, o garoto andava muito quieto, com um jeito arredio que não era dele. Claro que Tiago farejou mentira no ar, meio que sem acreditar na própria desconfiança. Gael não era de mentir. Um menino estranhamente maduro para a idade, responsável até demais, um braço direito indispensável ao bar. Além de atender fregueses e ajudar na limpeza, o garoto cuidava pessoalmente do churrasquinho vendido na calçada, à noite. Ele mesmo temperava a carne, armava a churrasqueira, montava os espetinhos e os vigiava com atenção até ficarem prontos, revirando-os sobre a grelha.

– Na sexta, sua professora ligou – disse Tiago. Um copo ensaboado quase escorregou das luvas de borracha que Gael usava ao trabalhar no bar. – Apavorada, porque você tinha sumido no museu. Só se acalmou quando falei que você estava aqui.

Carol fez de conta que não escutava a conversa, comprimindo com mais força as fibras de piaçaba da vassoura contra o chão.

– Você não podia ter abandonado a excursão da escola – repreendeu Tiago.

– Apavorou sua professora e, pior, ficou andando sozinho por aí!

– Eu sei.

– Se sabe, por que aprontou uma dessas?

– Porque... – disse Gael, sua voz quase inaudível – ... eu queria ficar com vocês.

Tiago não entendeu o sentido da resposta. Obrigou o garoto a deixar a louça e a olhá-lo bem nos olhos.

– O que está acontecendo, hein? – cobrou.

A reação de Gael o surpreendeu. Num impulso, ele o abraçou como se tivesse medo de perdê-lo. A demonstração de afeto, porém, não durou mais que milésimos de segundos. Gael se afastou, embaraçado. Sua fase de adolescente não lhe permitia se comportar como criancinha.

– Ainda dá tempo de ir pra escola – disse ele, com pressa, antes de correr para o quarto. Era só vestir o uniforme e pegar a mochila.

– NENHUM SINAL DA ABERRAÇÃO – constatou Galaor, mais para si mesmo que para Hélio, o guerreiro que o acompanhava na sentinela à escola. Parados na Rua Domingos de Moraes, junto ao Shopping Metrô Santa Cruz, acompanhavam o movimento dos alunos que chegavam para a manhã de aula no Colégio Arquidiocesano, do outro lado da rua. Mais três guerreiros vigiavam pontos estratégicos ao redor do colégio que se espalhava por um quarteirão imenso.

– Era esse mesmo o nome da escola? – quis confirmar o companheiro.

Questionar as certezas do poderoso Galaor significava cometer um dos piores erros na vida. Ao perceber que falara demais, o guerreiro quis consertar a situação:

– Digo, viste o uniforme escolar e... hum... esses símbolos podem ser muito parecidos e... ahn... foi tudo muito rápido, e ele conseguiu fugir de ti no parque e...

O olhar terrível, inspirado pelo gênio vingativo de Galaor, deixou de controlar o que ocorria diante do colégio para se focar em Hélio. Este mal conseguiu respirar.

– Estás a me chamar de incompetente? – rosnou Galaor.

– N-não... Claro que não! Eu não... ahn...

– Jamais cometo enganos.

– Cla-claro, senhor! Não quis dizer isso...

– Se a execução estivesse sob minha responsabilidade e não daquele incapaz do Viriato, a aberração jamais sobreviveria.

– Eu... não soube usar corretamente as palavras. Perdoa-me!

O guerreiro se curvou, submisso. Ainda bem que Galaor tinha outra prioridade, e esta não era puni-lo. Pelo menos não naquele minuto.

– Deves manter este posto de vigilância – disse o líder, ríspido. – Vigiarei a saída do metrô ao lado da escola.

TALVEZ NÃO CONSEGUISSE PEGAR A PRIMEIRA AULA, mas, mesmo assim, Gael ia tentar. Embarcara esbaforido na estação Portuguesa-Tietê; agitado demais para procurar um assento no trem, permaneceu em pé, espiando pela janela a parede cinzenta do túnel subterrâneo. Às vezes tinha a impressão de que ela estava em movimento, e não o trem.

Perto do garoto, uma mulher não desviava sua atenção do mapa das estações, com medo de desembarcar em lugar errado. “Essa não é daqui”, pensou Gael. Paulistano está tão acostumado com a sequência das estações que nem liga para os mapas sobre as portas, em todos os vagões, nem para a voz que anuncia a próxima parada.

Como o bom paulistano que imaginava ser, Gael automaticamente desembarcou na estação Santa Cruz. Subiu correndo a escada rolante e continuou no pique acelerado ao passar pela catraca. Virou à esquerda, indo direto para a saída pela Domingos de Morais, a poucos metros de um dos portões do Arqui. Estava quase na escada rolante quando trombou com uma garota que o segurou com firmeza pelo cotovelo.

– Se queres viver, vem comigo! – disse ela, num tom que pedia urgência.

Pelo canto do olho, ele reconheceu alguém que descia a escada como um louco sanguinário: o mesmo guerreiro que por pouco não o decapitara no Parque da Luz!

Gael prendeu sua mão entre os dedos da garota e, juntos, retornaram correndo para o interior da estação. Ao alcançarem a catraca, nem precisou usar o cartão do bilhete único escolar. Um estalo de dedos da garota liberou duas catracas, uma ao lado da outra, para que passassem sem problemas.

Os dois continuaram fugindo até a plataforma, com o louco em seu encaixe. Sorte que a garota era tão rápida quanto Gael. E sorte maior ainda que o trem estava fechando as portas naquele minuto. Numa velocidade impressionante, o garoto entrou no vagão ao mesmo tempo em que sua companheira de fuga o fazia. O trem partiu e o guerreiro ficou para trás. Pelo vidro da janela, Gael pôde ouvir seu transtornado urro de ódio e decepção, algo que, estranhamente, passou despercebido pelos demais passageiros, inclusive por quem circulava na plataforma de embarque.

– Obrigado – disse para a garota, que, com um sorrisinho malicioso, também espiava seu perseguidor pelo vidro.

Impressionado, Gael admirou a pele morena e cabelos negros e lisos da garota, presos numa trança única que batia em suas costas. E os olhos? Pequenos e orgulhosos, atentos a cada movimento do dono da mão que ainda segurava. Um corpo de mulher se escondia sob sua aparência de adolescente. Devia ter uns catorze anos, como Gael.

– Sou Anuk – disse ela, livrando-se do toque dos dedos masculinos sob a luva.

Anuk também tinha um sotaque parecido com o lusitano e vestia roupas de *cosplay*. Um corpete de couro vermelho delineava sua cintura e os seios, por cima de uma camisa branca, franzida na gola arredondada e nas pontas das mangas compridas. Ela ainda usava uma calça preta, justa, e botas de cano alto e salto fino que a deixavam quase da altura do garoto. Aliás, só na ficção alguém poderia correr tão rápido com saltos daqueles. Como ela conseguia?

– Meu nome é...

– Sei teu nome – cortou ela.

– Como você sabe? Quem é aquele cara atrás de mim? Por que ele quer me matar? E você? Por que está me ajudando e...? Caramba, você estalou os dedos e liberou a catraca! Como fez aquilo?

– Conversaremos quando estiveres em segurança, na tua casa.

Gael ainda insistiu, fazendo novas perguntas, mas não teve nenhuma resposta. Por um instante, achou que nenhum passageiro do vagão enxergava Anuk, pois suas roupas incomuns passavam despercebidas. A teoria caducou

tão logo um velhinho pediu licença à garota para se sentar no banco vazio à sua frente.

Muito quieto, Gael fechou os olhos por alguns segundos. O coração batia de modo desordenado, consequência da perseguição e do pânico impostos pelo guerreiro.

– Aquele era Galaor – disse ela.

– E por que ele...? – recomeçou Gael, erguendo as pálpebras para fitá-la.

– Já te falei que conversaremos na tua casa – interrompeu ela, desta vez encerrando de verdade o assunto.

NAQUELA MANHÃ, após semanas de ausências justificadas pelas desculpas de sempre, João se dignara a ajudar. Alguns clientes terminaram o café antes de encarar o trabalho e deixaram o local para retornar no dia seguinte, como de hábito. Foi no instante em que o bar esvaziou que um rapaz apareceu e se postou discretamente junto ao balcão. Carol limpava as mesas e João brigava com o espremedor de laranja, tentando limpar os fiapos da fruta que se acumulavam nos cantos da peça de plástico. Tiago foi atender o cliente. Não era um rapaz tão novo quanto imaginara à primeira vista; não devia ter mais de trinta anos. E vestia-se bem, sobretudo escuro sobre camisa e calça sociais.

– Um café, por favor – pediu ele, no que parecia ser um sotaque lusitano.

Carol, que tirava as migalhas de pão de uma mesa próxima, disfarçou mal o interesse pelo rapaz de pele clara, olhos azuis e cabelos castanhos. Ele não pareceu notá-la, mas o ciúme paterno, claro, fez Tiago amarrar a cara e, com muita má vontade, servir uma xícara de café requentado ao desconhecido.

Antes, porém, que ele tocasse a bebida, João veio do fundo do balcão, apontando-lhe a faca mais afiada que encontrara na gaveta de talheres.

– O que quer aqui, seu miserável? – gritou, fora de si. – Achou que eu ia esquecer sua cara, é? *Fora daqui, já!* E nunca mais se atreva a botar os pés neste bar!

O rapaz não se deixou intimidar. Carol, amedrontada, não se mexia. Tiago nunca vira o irmão daquele jeito. Foi até ele e segurou-lhe o braço.

– O que você pensa que está fazendo?

– Foi ele!

– Ele quem?

– Ele é o sujeito que jogou o Gael nos trilhos do metrô há catorze anos!

Tiago não teve tempo de reagir, nem de expulsar a pontapés o vilão que vinha do passado para ameaçar seu filho adotivo. Gael, acompanhado por uma menina da idade dele, estava parado na porta do bar. Chegara bem a tempo de ouvir a explicação do tio.

TRILHOS DO METRÔ?! Gael mal sentiu as lágrimas nublarem sua visão. Aquele homem parado junto ao balcão, outro guerreiro com roupas medievais, tentara matá-lo ainda bebê? Então fora assim que o tio o encontrara? No meio dos trilhos, porque alguém quisera se livrar de uma criança deformada...?

O guerreiro empalideceu ao devolver-lhe o olhar, mas recobrou a expressão indiferente ao se fixar em Anuk.

– Estás atrasado para cumprir teu dever, não é mesmo, Viriato? – ironizou ela.

– Vim corrigir meu erro, senhora – respondeu ele, com uma reverência respeitosa para a garota.

– E não é um pouco tarde para isso? Os clãs agora querem tua cabeça.

– Talvez meu castigo seja mais brando se eu levar a eles a cabeça da aberração.

– Pois agora esta valiosa cabeça é um prêmio meu!

“Mas eles estão falando da *minha* cabeça!”, revoltou-se Gael. Seu pai e o tio, ainda atrás do balcão, assustavam-se com o rumo da conversa. Carol escorregou sutilmente a mão para dentro do bolso do avental, à procura do celular. Bastava discar três números para chamar a polícia sem que desconfiassem...

Viriato, ágil, pôs-se atrás dela. Uma adaga surgiu, apontando para sua garganta.

– Nem penses nisso, humana – ameaçou ele.

Tiago agora alternava uma vigilância desesperada ora sobre a filha, ora sobre o filho adotivo. João apertou o cabo da faca, ofegante.

– Para o bem de tua sobrinha, larga a arma e joga-a com cuidado para fora do balcão – Viriato acrescentou.

Foi obedecido com relutância. No mesmo minuto, dois novos guerreiros entraram no bar, empurrando Gael para dentro. Usavam túnicas sobre calças compridas folgadas, botas, turbantes e mantos negros, o que os deixava parecidos com os árabes do filme *A Múmia*. Um deles aproveitou para desenrolar a porta de aço e baixá-la até o chão, o que isolou os reféns do mundo exterior e de qualquer chance de obter ajuda.

Muito tranquila, Anuk se dirigiu aos recém-chegados.

– E Galaor? – perguntou.

– Não consegui seguir-vos – disse um deles.

A garota sorriu, saboreando a resposta. Depois, afastou-se de Gael para estudá-lo de cima a baixo.

– Ainda permaneces leal ao clã de minha mãe, Viriato?

– Nunca desobedeci a nenhuma ordem.

– Mesmo? – duvidou Anuk, com sarcasmo. – Então prova tua obediência ao acatar uma ordem minha.

– O que desejas, senhora?

– Mostra-me o que faz esta aberração ser o que é.

O RAPAZ AFASTOU A LÂMINA DE CAROL, mas tirou-lhe o celular do bolso do avental e guardou-o no sobretudo. Ela imaginava quem seria aquela gente esquisita. A menina arrogante que ditava ordens não passava de uma adolescente comum, de camiseta, minissaia e tênis. Os dois estranhos, tão morenos quanto a garota, também usavam sobretudos, como o tal Viriato. Este, então, com sua aparência angelical, a enganara direitinho. Como pudera considerar charmoso um bandido como aquele?

Viriato aproximou-se de Gael e, sem que o garoto esperasse, agarrou-o pela orelha para exibi-la como um item exótico. A garota não evitou a surpresa e, dando início a uma brincadeira impiedosa, exigiu mais. Gael, no entanto, não aceitaria ser ridicularizado. Começou a debater-se quando o outro quis arrancar suas luvas.

– Mostra as mãos – exigiu Viriato, sem perder a frieza. – Ou tua família sofrerá.

– FORAM ESTAS AS GARRAS que perfuraram as perninhas sensíveis de Galaor? – riu Anuk, revelando maldade no rosto inocente.

Gael sentiu raiva dela. As mãos felinas eram alvo da zombaria da garota e dos recém-chegados. Tentou escondê-las atrás do corpo, mas Viriato, sombrio, o segurou pelos pulsos.

– O que mais a aberração oculta de nós? – disse Anuk, decidida a atormentá-lo.

– Deixe meu filho em paz, menina! – brigou Tiago, inconformado. Carol chorava em silêncio e João espiava a faca jogada do lado de fora do balcão, imaginando como poderia recuperá-la sem que ninguém percebesse.

Um dos guerreiros foi até Tiago e, com brutalidade, atingiu-o com o cabo da espada na altura do peito, derrubando-o. Os braços do irmão o impediram de bater as costas contra o piso. Carol reprimiu um grito.

– Não ouses dirigir-te à senhora, humano – justificou o agressor.

– Por favor, não machuquem mais ninguém – pediu Gael.

Encontrando coragem em algum lugar no fundo da alma, ele libertou os pulsos ainda presos por Viriato, largou a mochila numa cadeira e, engolindo o orgulho, tirou a camiseta da escola. Lentamente, virou as costas nuas e encurvadas para Anuk.

– Olhai esta coluna cheia de nós! – disse ela, zombeteira, para os companheiros. – Mas... haverá uma cauda?

A pergunta provocou mais risos nos três. Gael olhou para o teto, sufocou a dor trazida pela humilhação e abriu a calça jeans para tirá-la do corpo. Livrou-se do par de tênis e das meias.

– Onde está a cauda? – perguntou Anuk, desapontada. – Tira tudo, aberração!

– A senhora te disse para tirar tudo! – cuspiu o guerreiro que ferira Tiago.

O garoto foi obrigado a acatar a ordem. Ainda de costas para ela, abaixou a última peça de roupa, provando que aquela parte de seu corpo era igual à de qualquer pessoa. Lágrimas de vergonha e raiva escorreram até seu queixo.

Estava nu, indefeso diante das provocações que o reduziam a menos que nada. Sua postura, porém, se manteve desafiante. Podiam arrancar-lhe as roupas, mas jamais a coragem.

Quando, enfim, a brincadeira infeliz perdeu a graça, Anuk mandou que ele se vestisse. Depois, voltou-se para Viriato, o único que não demonstrara a mínima vontade de se divertir com a situação.

– Por que nunca mudas tua cara de paisagem? – criticou a garota, com desprezo.

– Não vejo motivo para risos, senhora.

– Ah, claro, o sempre sério Viriato... Nesse caso, vai direto ao ponto, sem qualquer diversão!

O guerreiro franziu a testa, sem entender a nova ordem.

– Que chateação! – reclamou Anuk. – Ainda terei de te explicar em detalhes?

Desta vez, ele apenas abaixou a cabeça, um gesto de submissão. Com um muxoxo, a garota indicou aos outros dois guerreiros o que esperava deles. Gael calçava os tênis quando eles o pegaram pelos braços para arrastá-lo dali. A porta de aço foi aberta apenas o suficiente para que alcançassem a rua. Anuk foi a primeira a sair.

O garoto olhou para trás, em pânico. Viriato puxava a espada da bainha, pronto para eliminar as testemunhas humanas.

ASSIM QUE A PORTA DE AÇO foi novamente fechada, ouvi o desespero de Gael, sua luta insana para fugir dos guerreiros e salvar a família, as pancadas que recebeu até perder a consciência. No interior do bar, os três humanos me encaravam, horrorizados. Mas eu tinha de fazer o que a primeira filha de Shantel desejava. Era a única chance de recuperar a confiança que depositavam em mim, algo perdido com a descoberta de que eu falhara ao executar a aberração.

Ergui a espada até que a ponta da lâmina ameaçasse outra vez a garganta da jovem humana.

– Grita... – sussurrei.

Ela, entretanto, mordeu os lábios, recusando-se a emitir qualquer som.

– Grita... – repeti, ainda num sussurro.

Seu olhar encontrou o meu. Ela precisava entender o que eu não podia dizer. Anuk e os guerreiros ainda estavam próximos demais do bar.

A jovem humana hesitava. Só que eu não podia esperar mais. Um movimento meu fez a espada cortar o espaço invisível que nos separava, de cima a baixo. O movimento a rasgaria de ponta a ponta, se eu quisesse.

Ela gritou muito alto, aterrorizada, e caiu sentada sobre as pernas. Larguei a arma e esperei os dois irmãos, que acabavam de contornar o balcão para me atacar. O mais novo deles, João, recuperou a faca e veio com tudo para cima de mim. Antes que eu o impedisse, parou, ao descobrir que a sobrinha, ilesa e muito viva, acompanhava sua trajetória com os olhos arregalados. Já o pai dela demorou a perceber o óbvio. Ele me arremessou uma cadeira, que quebrou ao acertar a parede quando me desviei dela. Aproveitei para empurrar mesas, arrebentar cadeiras, produzir mais e mais barulho.

– Podes parar com a encenação, Viriato – disse a voz que vinha do alto da escada, nos fundos do estabelecimento. – Eles já partiram.

Virei meu rosto preocupado para Oriana. Ela se expunha demais ao aparecer naquele local, mesmo tendo entrado pelo andar superior. E se...?

– Eles não sentiram minha presença – garantiu.

Oriana desceu rapidamente os degraus e veio até mim, sem reparar nos humanos cada vez mais confusos.

– Vai! – disse, enquanto eu lhe dedicava uma reverência sincera. – Cuidarei de tudo por aqui.

CAPÍTULO 5

Carrasco



QUANDO GAEL DESPERTOU, estava no banco de trás de um carro que atravessava a região da Rua Vinte e Cinco de Março. A movimentação de pessoas entre lojas e barracas de camelôs comprovava que aquele é um dos mais importantes centros de compras do país. Numa das ruas próximas, o carro subiu na calçada, cruzou um enorme portão de ferro, aberto especialmente para ele, e seguiu por alguns metros até parar junto ao jardim do que parecia ser uma pequena cidade dentro de São Paulo! Havia inúmeras construções de dois andares, coladas umas às outras, em ruas estreitas e sinuosas. O som de um mercado ao ar livre, onde vendedores de turbantes e túnicas longas gritavam para atrair os consumidores até suas tendas repletas de mercadorias, fez Gael pensar, por um instante, que estava em algum país árabe...

Amortecido pela dor da surra, ele apenas se deixou levar, puxado de modo truculento pelos dois guerreiros. Aos poucos, deu-se conta de estar em um palácio imenso e suntuoso, de inspiração moura. O trajeto para o primeiro andar revelou luzes refletidas em azulejos coloridos, sombras sob arcos multifoliados e fontes com espelhos de água nos pátios internos da construção. Como poderia haver um lugar assim em pleno centro de São Paulo sem que ninguém reparasse em sua existência?

Com Anuk à frente, o grupo chegou a uma sala ampla, iluminada pelo sol que invadia o terraço e entrava pelas inúmeras janelas. A agitação do bairro soava como um burburinho distante no ambiente de decoração luxuosa. Os

móveis de madeira escura se resumiam a uma gigantesca estante de livros, uma mesa e cadeiras de encosto alto.

– Onde está meu pai? – a garota perguntou a uma serva.

– O senhor Tariq foi avisado e está vindo – a mulher respondeu, olhos no chão.

Afinal um homem alto e moreno, parecendo contrariado, entrou na sala. Três vultos enrolados em capas verdes vieram com ele, mas ficaram atrás, além da porta.

– O que significa isto? – o recém-chegado perguntou.

– O que a ti parece? – disse Anuk, decepcionada. Aquela reação não era exatamente a que esperava encontrar. – Não vês que agora o prisioneiro me pertence? Estou trazendo poder ao nosso clã!

– Quebraste minha palavra.

A frase, dita num tom sombrio, provocou uma pausa difícil. Bufando, Anuk extravasou a frustração desferindo um tapa na orelha de Gael. Depois limpou nas roupas o sangue que escorria pela face do adolescente e que lhe sujara os dedos.

O dono da casa se aproximou e avaliou o prisioneiro durante um minuto.

– Devias trabalhar ao lado de Galaor, não trair a confiança dele – disse, por fim.

– E desde quando aquele estúpido confia em alguém?

– Anuk, não ofendas o marido de tua mãe.

– “Estúpido” é uma palavra gentil – ironizou ela. – Conheces muito bem as palavras que ele utiliza quando se refere a nós!

– Isso não justifica o que...

– Não justifica?! – retrucou ela, estridente. – Galaor destruirá o pacto de paz entre os clãs! Destruirá tudo... *tudo!*

– E se ele esperava um bom motivo para começar uma nova guerra, acabaste de lhe entregar um excelente.

Lágrimas de raiva brotaram nos olhos de Anuk.

– Nada do que faço te agrada, pai! – murmurou ela, sem perder o tom agressivo. – E simplesmente porque não sou a Mirele!

O homem inspirou e não desmentiu a teoria, o que fez aumentar a revolta da filha.

– Devias ter me consultado antes de roubar um prisioneiro que pertence aos brácaros.

– Ele também pertence aos al-gharbios! – gritou Anuk. – Foi por culpa desta aberração que falhou a única tentativa de unir de verdade os clãs!

O pai, enfim, desviou o olhar para a garota. Parecia imensamente cansado. Anuk herdara dele os olhos pequenos, a pele morena, os cabelos negros e os traços do rosto que o distinguiam como alguém de origem árabe. Não usava roupas de guerreiro e sim jeans, camiseta e tênis de marca. Apenas sua postura de líder o revelava como tal.

– Ele não teve culpa por ter nascido. E a tentativa não foi perdida. Além disso, por conta do ocorrido ganhei duas filhas que... – tentou.

– ... que amas mais do que amaste Oriana? – provocou Anuk. Pela expressão paterna de fúria, Gael teve certeza de que a filha mimada passara dos limites. Ela, porém, continuaria a instigá-lo até se dar por satisfeita. – Por isso que Mirele é tua filha preferida, não? Porque te lembra de como Oriana era no passado!

– Cala-te!

– E eu, o que sou para ti? Um estorvo, porque não sou igual a *elas*?

Os guerreiros que prendiam Gael pelos braços mantinham a cabeça baixa diante da situação embaraçosa. Pelo jeito, era uma discussão que se repetia com frequência.

– Já chega! – ordenou o pai, pela primeira vez alterando o volume da voz.

Anuk engoliu o restante da provocação, tudo o que provavelmente ainda tinha a dizer, e forçou um sorriso triste. Sua voz saiu inesperadamente suave.

– Ainda me consideras a filha errada, não é?

O pai não respondeu. Ou fez de conta que não tinha ouvido a pergunta ao reparar no novo recém-chegado: Viriato. Este parou antes de alcançar a porta e se curvou numa reverência, à espera de autorização para entrar. Duas lágrimas escaparam do olhar fuzilante de Anuk, mas ninguém reparou.

Com pressa, ela as enxugou e se antecipou ao pai para ir falar com o carrasco.

– Cumpriste minha ordem? – perguntou, ríspida.

Viriato assentiu. O desespero retornou com força ao coração de Gael. Sua família fora assassinada. Todos mortos... Como Anuk, ele também engoliu o choro. Apenas gemeu baixinho e, sem se importar com mais nada, isolou-se no sofrimento.

SUSTENTEI COM FIRMEZA a máscara da mentira. A garota, desconfiada, vigiava cada reação minha:

– Exijo provas, Viriato!

– O noticiário confirmará minha lealdade, senhora – afirmei, seguro.

Procurei não olhar para Gael, consumido pelo sofrimento mudo que o dobrava sobre o piso. Tariq, o pai de Anuk, surgiu em meu campo de visão.

– E o que dirá o noticiário? – duvidou a garota, erguendo uma sobrancelha.

– Que a explosão de um botijão de gás provocou um incêndio num bar próximo à estação Tietê, matando dois homens e uma mulher. Os bombeiros encontrarão os corpos carbonizados assim que as chamas forem debeladas.

Anuk franziu a testa, ainda sem acreditar, e se retirou do aposento. Não duvidei de sua próxima parada: diante da primeira TV que achasse pelo caminho. Já Tariq mandou que seus guerreiros levassem Gael para um quarto no andar superior do palácio. Permaneci diante da porta, ainda no corredor, pronto para uma nova mentira. E novamente evitei olhar para Gael quando ele passou por mim, arrastado sem qualquer cuidado pelos brutamontes.

Somente então Tariq autorizou minha entrada.

– O menino se parece mais contigo que com a mãe – comentou ele, quando parei à sua frente.

Não consegui disfarçar a surpresa. Abri a boca, mas não articulei nenhum som. Havia estranhos por perto, usando capas verdes. Quem seriam?

– Tendes o mesmo formato de olhos, de rosto – prosseguiu o pai de Anuk.
– O nariz também é o mesmo.

Sorri sem querer, demonstrando o quanto aquelas semelhanças faziam sentido no meio de uma vida sem qualquer significado. A minha.

Tariq acompanhava, interessado, meus pensamentos. As palavras seguintes, porém, roubaram-me a alegria.

– Nós dois amamos demais, Viriato. E tu, mais que ninguém, pagaste um preço exorbitante por isso.

Engoli em seco. Era necessário redirecionar aquele diálogo o mais depressa possível. Falávamos baixo, mas os estranhos poderiam ouvir...

– Gostaria de tua permissão, senhor, para também vigiar a aberração – pedi.
– Falhei em executá-la na primeira vez e esta é...

–... tua última oportunidade de completar o serviço?

– Sim, senhor. Fui incompetente uma vez e não posso mais...

–... falhar?

– Sim, senhor.

Tariq trincou os dentes, furioso.

– *Não mintas para mim, escravo!*

O líder do clã dos al-gharbios tinha o direito de punir com a morte um escravo mentiroso, mesmo que não lhe pertencesse. Preferi correr o risco e não cedi, confrontando a ira que pretendia me subjugar. Havia coisas demais em jogo para se apostar na verdade.

– Tenho tua permissão? – insisti, imaginando se aquelas seriam minhas últimas palavras.

Não foram. Tariq parecia vislumbrar em mim uma mudança que eu mesmo ainda não compreendia. Fingiu ter-me acreditado.

– Faze o que deve ser feito – disse ele, com um meio sorriso, antes de me deixar sozinho na sala e se reunir aos estranhos em suas capas verdes.

O NOTICIÁRIO DA HORA DO ALMOÇO confirmou o que Viriato contara. Incêndio, corpos carbonizados, estava tudo ali. Anuk sentia-se indecisa em confiar no escravo brácaro. E se tudo não passasse de magia? Era tão fácil enganar a visão humana! Se fosse magia... Viriato, apesar de ser escravo, também era guerreiro e dominava encantamentos mais complexos. Isto, porém, não significava nada se comparado ao poder ilusionista de criar vítimas fatais onde elas não existiam...

Anuk apertou os lábios com mais raiva. Era certo que ele contava com uma ajuda poderosa. “Oriana!”, deduziu, quase se ferindo com os dentes. E se Oriana estivesse de volta, Tariq faria de tudo para agradá-la, talvez entregasse o prisioneiro sem obter nenhuma vantagem em troca! O que também significava algo ainda mais doloroso para Anuk: ela jamais teria o apoio do próprio pai. Estava sozinha no mundo.

POUCO DEPOIS DE SER TRANCADO NUM QUARTO, um aposento simples e limpo, com um banheiro anexo, a voz do carrasco, que entrara e se sentara na lateral da cama, ganhou destaque na mente angustiada de Gael.

– Teus ferimentos precisam de curativos – justificou Viriato, enquanto mexia no interior de uma pequena caixa de madeira, separando gaze e alguns medicamentos.

O ódio devolveu a Gael parte de sua força, arrancada pela surra. As garras lhe saltaram dos dedos e ele avançou veloz, sem pensar na dor, em especial na produzida pelas costelas que talvez estivessem quebradas. A caixa de remédios tombou no chão.

Desprevenido, Viriato se defendeu como pôde. Tentou segurar os punhos do garoto, impedir que ele se machucasse ainda mais. Nada. A saída foi empurrá-lo contra o colchão, o que o fez gritar de dor. Enfraquecido, Gael quase perdeu a consciência.

– Se me atacares de novo, quebrarei as costelas restantes uma a uma – ameaçou, cansado. – E arrebentarei teu nariz, se não me deixares fazer os curativos!

NOVAMENTE ENTREGUE À TRISTEZA, Gael não reagiu mais. Permitiu que o outro cuidasse dele, que o entupisse de remédios, que o melecasse com pomadas e o cobrisse com gaze, faixas e esparadrapos. Sentia-se sonolento, sem raciocínio...

Nos dias que se seguiram, Viriato retornou para obrigá-lo a comer, ajudando-o também na hora do banho e nos momentos em que precisava ir até o banheiro.

Quando se sentiu fortalecido, Gael decidiu entender o que estava acontecendo. Pela primeira vez, recusou o prato de comida e, sentado na cama, cravou as pupilas nos olhos do assassino que lhe dedicava uma atenção paternal.

– Odeio você por tudo o que fez contra mim e minha família – disse, com honestidade. – Mas por que cuida de mim? Você está recebendo ordens, não é? De quem? Do dono desta casa? Daquela tal de Anuk?

Viriato preferiu não encarar o garoto.

– Come tua refeição – disse, com seu sotaque estranho.

Quanto mais Gael escutava sua voz, mais tinha certeza de que ele não nascera em Portugal. O guerreiro usava o “tu” e o “vós” numa fala carregada, só que não parecia um português falando. Muito estranho mesmo.

– Quem são vocês? Por que ninguém enxerga como vocês se vestem de verdade?

– Ainda estás em recuperação e não podes ficar sem alimento.

– Por que você me jogou na frente do metrô?

Foi a única pergunta que obrigou o rapaz a fixar sua quase-vítima nos olhos.

– Porque obedeço ordens.

– Ordens de quem? Por que todo mundo quer me matar?

Viriato largou o prato sobre a cama e se colocou em pé. Retirou a espada da bainha e ofereceu o punho para um surpresa Gael.

– Quando estiveres forte o suficiente, irei te ensinar a usar uma espada – avisou ele. – E te treinarei para lutar como um guerreiro.

Gael analisou a arma. Era brilhante, afiada, mortal. Estremeceu.

– Não entendo por que você e os outros usam espadas, como se estivessem num filme de piratas. É muito mais fácil matar alguém com um revólver, não é? Ou um fuzil. Ou uma metralhadora. Ou...

– Em nosso clã não usamos armas de fogo – interrompeu o outro. – São proibidas para nós e para muitos clãs. Existe mais honra, mais arte, numa luta com armas brancas do que com simples disparos. Então... deves aprender a lutar com honra.

– Por quê?

– Para que possas defender tua vida!

– Hum, não.

– Não?!

– Como vou lutar se nem sei contra quem estou lutando?

Uma argumentação bem válida, aliás, que fez Viriato sentar-se outra vez na cama e, distraído, fazer desenhos no ar com a ponta da lâmina.

– Tu perguntaste quem somos nós... Pois somos brasileiros – revelou, novamente surpreendendo Gael. – Conheces a história de Portugal e Espanha?

– Acho que não. Uma parte, só.

– A Península Ibérica foi habitada por vários povos, inclusive os celtas, de quem os brácaros descendem. Com a invasão dos romanos, e depois com a dos visigodos, nossos antepassados fizeram uma escolha: a conexão com a magia.

– Não entendi...

– A única forma de escapar à destruição de nossa cultura foi criar uma espécie de sociedade paralela, protegida por encantamentos. Vários líderes de clãs, através dos séculos, seguiram o exemplo dos seres mágicos e passaram a usar a magia para esconder-se. Foi o que salvou a eles e a nós, seus descendentes. Imagina o estrago que a Inquisição teria feito numa sociedade politeísta e conectada com forças que vêm da Terra...

Politeísta. Gael refletiu sobre o significado da palavra. Aqueles sujeitos acreditavam em vários deuses. Mas outra expressão chamara ainda mais sua atenção.

– Você falou em seres mágicos? Tipo fadas e gnomos? – quis entender, confuso.

– Sim.

– E eles existem de verdade?

– Existem.

Gael capturou uma das batatinhas fritas no prato que antes recusara.

– E tem também coisas escondidas pela magia e que ninguém vê – o garoto continuou, de boca cheia. – Como gente vestida com roupas medievais, um palácio gigante numa das regiões mais movimentadas do país e...

– Coisas que consegues ver porque és um de nós.

– E o que *eu* sou? – O garoto pegou outra batatinha.

– Tens sangue brácaro, como eu.

“Você é meu pai?”, pensou, mas teve medo de perguntar. Não queria saber se o próprio pai tentara matá-lo ainda bebê, se era o assassino que continuava a odiar...

– Os brácaros são um dos clãs antigos que escolheram se conectar à magia – continuou Viriato. – Nossos antepassados moravam no norte de Portugal quando decidiram vir para o Brasil, na época da colonização. Por isso somos tão brasileiros quanto qualquer um que nasceu neste país.

– Mas vocês não falam igual aos brasileiros...

– Porque as tradições são preservadas ao máximo. É verdade que muito já se perdeu. E mesmo a linguagem se modernizou bastante com o tempo. Os brácaros de hoje são bem menos arcaicos que as gerações anteriores.

– Anuk e o pai dela também são brácaros?

– Tariq é um al-gharbio, outro clã que escolheu viver na magia. Anuk e sua irmã são filhas dele com a senhora Shantel, a mais influente mulher do clã brácaro. Mas ela, hoje, é esposa de Galaor.

Gael estremeceu ao ouvir o nome do guerreiro que o atacara no parque. Estava começando a entender algumas das coisas que Anuk dissera. Ela mencionara uma irmã... Recordou o rosto moreno da garota, parecido com o do pai.

– Eles me parecem árabes.

– Brasileiros descendentes de portugueses com ascendência moura. É um clã que veio do sul de Portugal.

– É, a Península Ibérica foi invadida pelos árabes...

– No ano 711. Foram oito séculos de ocupação. E, através da magia, os al-gharbios escaparam das garras da Reconquista.

Silêncio. Havia tantas perguntas, mas...

– Faz mal comer comida fria – disse Viriato.

– Não faz, não.

Um novo silêncio. Gael atacou de vez as batatinhas.

– Brácaros e al-gharbios são inimigos mortais? – quis confirmar, lembrando-se da repreensão que Tariq despejara na filha.

– Eram. Um pacto de paz foi firmado há quase três décadas.

– Se eles têm um pacto... Então o pai de Anuk vai ter de me entregar aos sujeitos que me perseguiram? Os brácaros?

– Sim.

– Mas por quê? – o garoto berrou. – O que eu tenho a ver com tudo isso?!

– És alguém que não devia ter nascido.

– E só por isso querem me matar?

– É por tudo isso que querem te matar.

Gael, de repente, perdeu a vontade de comer. E de continuar com as inúmeras perguntas que não fizera. Tanta perseguição e violência apenas para punir um menino que não devia ter nascido? Agora, por sua culpa, Tiago, João e Carol estavam mortos. Pessoas boas e inocentes que jamais deveriam ter ajudado uma criança-monstro...

As lágrimas vieram num turbilhão. E ele não enxergou mais nada, exceto o assassino ainda a seu lado.

– *Sai daqui!* – gritou para expulsá-lo do quarto. – *Sai já!!!*

Viriato se ergueu, guardou a espada na bainha e retirou-se sem olhar para trás. O garoto afundou o rosto no travesseiro. Acabava de descobrir que o assassino não era a única pessoa que odiava.

NAQUELA NOITE, sonhei com a risada do velho Kían. Muitas vezes ela me machucara mais que os golpes de seu bastão.

– *Levanta-te, criança. Eurico não vai querer ouvir dos teus fracassos.*

Há quanto tempo ocorrera aquela lembrança? Lembro-me de estar caído no chão, todo machucado, mas não de ter fracassado. Tampouco era criança. Tinha dezessete anos e fazia pouquíssimo tempo que recebera permissão do chefe do clã para me aperfeiçoar no uso da espada e na pronúncia das palavras de poder. Era natural não conseguir me defender dos golpes do mestre-de-armas, que tinha décadas de prática e mostrava um prazer especial em me derrubar e castigar-me. E eu sabia que não era um fracassado: já possuía habilidade para vencer metade dos guerreiros sob as ordens de Galaor, embora nenhum deles se dignasse a cruzar espadas com alguém como eu.

Para Kían, porém, que era mais velho que a velhice, eu sempre seria uma criança. E sempre seria derrubado e surrado...

Esqueci o sonho quando acordei, preocupado com Gael. Não demorou para que seu corpo recuperasse rapidamente a saúde. O espírito, entretanto, não o acompanhou. Era pena eu não poder contar-lhe certas verdades, ainda. De qualquer forma, o garoto deixou as perguntas de lado, imerso em grande tristeza, o que me preocupou bastante. Mas aquela situação se tornou secundária numa noite, no final de junho, quando um capitão al-gharbio, Hanef, me procurou com um recado urgente e confidencial.

– Viriato, bem sabes que Tariq arrumou inúmeros entraves diplomáticos para adiar este momento – disse ele. – Mas agora nosso clã não tem mais como impedir que o menino seja entregue aos brácaros.

– Quanto tempo me resta? – perguntei, aflito, apertando o punho da espada, a mesma arma que recebera do próprio Kían no final do treinamento. Pretendia usá-la para treinar Gael, se um dia tivéssemos tempo para isso.

Tempo. Sempre ele. Era como se toda a minha vida até aquele momento tivesse sido uma tentativa de enganar o tempo.

– Galaor chegará daqui a uma hora – avisou Hanef.

CAPÍTULO 6

Esconderijo



Santo André

PIOR QUE PERDER o patrimônio de toda uma vida, só mesmo viver confinado, sem qualquer perspectiva sobre o dia de amanhã. Carol sentia-se tão impotente quanto Tiago e João. Sabia que Gael estava em algum lugar desconhecido, sofrendo muito, acreditando que sua família fora assassinada. E ainda ocorrera o incêndio no bar, na realidade provocado pela misteriosa e calada Oriana. Fora ela quem levava os “humanos” – como se referia aos três – até Santo André, onde os escondera em um prédio no que parecia ser a rua mais tranquila da região do Grande ABC.

Como uma carcereira, Oriana os proibira de sair do apartamento de dois quartos, mobiliado com o essencial. Não havia telefone ou computador e apenas um velho aparelho de TV funcionava como distração.

– Se quereis a liberdade de Gael, deveis obedecer-me – dizia ela, com seu sotaque esquisito.

A princípio grata pela ajuda da estranha, Carol não demorou a se sentir ameaçada. Não gostava da postura intimidante com que Oriana se dirigia a ela. Era como se apenas tolerasse a presença da humana, o que não acontecia com Tiago e João; a anfitriã chegava até a conversar com eles sobre assuntos variados, novelas e futebol.

Se para Carol aquele cativo era insuportável, para João tornara-se tortura. Ele vivia andando de um lado para o outro, como um animal enjaulado. Por amor a Gael, segurava a muito custo a vontade de retomar sua valiosa liberdade. Já Tiago não reagia. De uma hora para outra, perdera o bar, algo por que tanto lutara, que amara e também odiara por anos. Agora estava sem rumo, incapaz de enxergar qualquer futuro.

Então, após muitos dias, o celular de Oriana tocou. Fato inédito, pois o aparelho só era utilizado para solicitar a entrega de refeições. Estavam na sala, assistindo à TV. Oriana foi à cozinha atender a ligação. Carol a seguiu, sorrateira.

– Estarei no ponto de encontro – ouviu-a dizer.

Quem seria do outro lado do telefone? Viriato?

Apressada, Oriana encerrou a conversa e quase tropeçou em Carol na porta da cozinha. Ignorando a humana, explicou aos dois homens:

– Devo sair. Quanto a vós, permaneceréis aqui. E não atendais à porta, de forma alguma! Voltarei no menor tempo possível.

JOÃO FOI O PRIMEIRO a desobedecer à recomendação. Apesar dos protestos de Tiago, não resistiu aos apelos de um bar que havia na esquina, visível da janela da sala.

– Só vou tomar uma cervejinha! – jurou ele, escapulindo pela porta do apartamento.

– Mas tem cerveja na geladeira! – tentou Tiago, agora falando sozinho.

Carol, tão agitada quanto o tio, esperou que o pai entrasse no banho para sair.

Entendia perfeitamente a necessidade de João de respirar ar puro, de fazer algo tão tolo quanto ir até o boteco mais próximo. Ou de dar uma volta na quadra, como ela faria.

Já na rua, enfiou as mãos geladas nos bolsos do casaco. Era a primeira vez, em tantos dias, que sentia a friagem da noite batendo contra seu corpo. Ah, sim, valia a pena cada minuto de liberdade... Poucos, na verdade.

Uma esquina, depois outra. Carol acelerou o passo, sorrindo. Duas esquinas mais tarde e estava outra vez diante do portão do prédio. Antes de entrar, ela olhou para os lados e confirmou o óbvio: o mundo continuava do mesmo jeito.

OCULTO DE QUALQUER OLHAR HUMANO, o Fradinho acompanhou de longe a jovem humana retornar para o esconderijo. Ele coçou, distraído, o

furo em sua mão. Depois, tocou a cabeça descoberta, ruminando seu ódio pela perda do barrete vermelho.

Pelo menos, o pequeno demônio iria se divertir muito com a próxima maldade. E sem ter praticamente trabalho nenhum.

Afinal, os humanos que Galaor procurava não eram assim tão difíceis de encontrar.

CAPÍTULO 7

A moura encantada



São Paulo

— **A**CORDA, GAEL. Precisamos partir.

A voz de Viriato soou como um eco no meio do cochilo. O garoto ergueu as pálpebras, sem ver nada com muita consciência. Com pressa, o outro o obrigou a sentar-se, enquanto lhe entregava um blusão de moletom e luvas de couro. A seguir, ajoelhou-se para lhe colocar as meias e o par de tênis.

— Estamos fugindo? — quis confirmar Gael, ainda sonolento.

— Sim. Galaor vem te buscar. Tariq não pode mais te proteger.

Gael voltou a deitar-se. Espantado, Viriato o ergueu novamente, pelos ombros.

— Não ouviste? Galaor vai te matar!

— E daí?

— O que há contigo? Temos de fugir!

— E vai adiantar alguma coisa?

— Não podes perder a esperança!

Agoniado, Viriato quase o sacudiu.

— Minha família foi assassinada, esqueceu? — justificou o garoto.

— Ela vive. Enganamos teus perseguidores para ganhar tempo.

— E eles não... Você não matou...?

— Não — garantiu o outro, com um sorriso.

Veio primeiro a desconfiança, depois a dúvida. Se eles não haviam morrido... Então Viriato era, mesmo, um aliado. Seu rosto sincero parecia endossar a fala. Relutante, Gael permitiu-se acreditar na esperança. E só um motivo explicaria tudo.

– Você é meu pai? – deixou escapar, certo de ouvir um “sim” como resposta.

Viriato enrubesceu, chocado com a possibilidade.

– Eu jamais poderia ser teu pai! – rebateu, com veemência.

Gael, morto de vergonha, desejou ser invisível. A mágoa logo ocupou o lugar da decepção. Devia ser uma tremenda desonra, para um guerreiro, ter um filho deformado.

– Não entendeste... – disse Viriato, tentando esclarecer o constrangimento.

– O que me chocou foi a ideia do incesto. Tua mãe e eu temos o mesmo pai.

O garoto demorou a entender o óbvio.

– E nós dois somos parecidos com ele – prosseguiu o rapaz, emocionado.

– Com ele quem?

– Teu avô Eurico.

– Então você é meu tio!

– Sou.

Foi uma afirmativa de alguém que se orgulhava em tê-lo como sobrinho. Que valorizava, naquele momento, o fato de haver uma ligação entre ambos.

– Apressa-te – disse o brácaro, disfarçando a emoção enquanto lhe indicava o agasalho e as luvas. – Vou te levar para tua família humana.

OS DOIS ESCAPARAM PARA O CORREDOR, sem encontrar vigilância. Tariq deixara o caminho livre para a fuga. Ao alcançarem o alto de uma escadaria, Viriato estacou, impedindo Gael de pisar os degraus. No andar inferior, Galaor, à frente de um grupo de guerreiros, vinha em sua direção. Chegara quase uma hora antes do previsto.

– Rodoviária de Santo André – cochichou Viriato para Gael, mostrando-lhe que deveria encontrar outra saída. – Agora vai!

O que ele pretendia?! Enfrentar sozinho um bando de assassinos? Não mesmo!

– Você vem comigo! – protestou o adolescente, agarrando o tio pelo manto.

Quase perdendo o equilíbrio, Viriato se viu arrastado para uma corrida afobada até a ponta extrema do corredor. Os guerreiros, com Galaor à frente,

galgavam os degraus numa velocidade ensandecida. De repente, três conhecidos surgiram na rota de fuga e bloquearam a passagem: Anuk e seus dois violentos subordinados.

– Estás roubando meu prisioneiro! – reclamou ela, tirando a espada da bainha.

Viriato, na defensiva, fez o mesmo. Um sinal da garota mandou que seus guarda-costas o atacassem. Por outro lado, Galaor e seus homens chegavam cada vez mais perto. Os fugitivos estavam entre al-gharbios e brácaros...

Num gesto instintivo, as garras saltaram dos dedos de Gael, cortando as pontas das luvas. Ele pulou para atacar um dos guerreiros e impedi-lo de golpear Viriato. As garras rasgaram pele e carne do braço que movia a espada. O outro braço preparou um murro na cara do garoto, mas este, extremamente ágil, esquivou-se a tempo.

As garras atingiram o peito do atacante, provocando mais estragos.

A espada de Galaor, enfim, chocou-se com a de Viriato, que ainda lutava contra o primeiro oponente. Dois contra um, três, quatro, cinco... Viriato seria estraçalhado.

Gael voltou-se para ajudar o tio assim que conseguiu derrubar seu atacante ferido. Deu de frente com a espada de Anuk.

– Vem comigo! – mandou ela.

– Sai da minha frente!

E também contra a garota ele apontou as garras. A ameaça, porém, não surtiu efeito e, em segundos, os dois estavam se engalfinhando. Espantado, Gael descobriu que lidava com uma adversária difícil, que conseguia evitar os cortes da mesma forma que ele escapava de sua espada. Os dois rolaram pelo piso, medindo força e agilidade.

O inevitável, claro, aconteceu. Uma lâmina adversária atravessou o ombro de Viriato. E o sangue se uniu a outros ferimentos que ele não conseguia mais evitar.

– *Parai!* – berrou Galaor, detendo a futura matança. Exausto, Viriato tombou de joelhos, largando a arma agora ensanguentada.

No instante em que uma de suas unhas finalmente riscou o pescoço de Anuk, Gael foi arrancado do chão pelos brácaros. A garota recebeu o mesmo tratamento.

– *Eu mandei parar!* – rugiu Galaor para os adolescentes.

Ainda espumando ódio, Galaor colocou-se diante de um vulnerável Viriato. Apertando com fúria o cabo da espada, ele a ergueu como que para executá-lo. Gael, enlouquecido, tentou se livrar das mãos que o aprisionavam, sem sucesso.

– Galaor não pode matá-lo – sussurrou Anuk, já livre dos guerreiros que a prendiam. – Eles são meio-irmãos.

Estava certa. A espada, após cruzar o vazio, parara ao encostar na pele de Viriato.

– Ele perderá o pouco respeito que conquistou como escravo – acrescentou ela. – O pai, líder dos brácaros, irá condená-lo por traição. E o abandonará à morte humilhante.

Viriato era um escravo?! Gael estremeceu quando aquele que acabara de descobrir também ser seu tio, Galaor, cuspiu na face do meio-irmão. Este não reagiu. Apenas levantou o olhar altivo para o outro que, ultrajado, o esmurrou até que caísse.

A mão suada de Anuk encontrou a palma da mão de Gael, protegida pela luva. Seus dedos se entrelaçaram aos dele, tomando o cuidado de não tocar as garras ainda expostas. Sem entender nada, o garoto a olhou de esguelha. Com a mão livre, ela retirou do decote da blusa um medalhão de ouro...

E tudo ficou para trás.

NA VERDADE, nem tudo ficou para trás. Atordoado, Gael descobriu que não estava mais no palácio. Os pés afundavam na grama de um jardim gigantesco e bem-cuidado. Sobrepondo-se ao cenário, num nível superior, estava o magnífico prédio renascentista do Museu do Ipiranga. Atrás da construção, um bosque ampliava a escuridão da noite.

Ninguém mais o prendia, exceto a psicopata da Anuk. Estavam sozinhos no Parque da Independência, sob a chuva fina e gelada do inverno paulistano.

Com asco da mão que ainda tocava, Gael livrou-se dela e ameaçou a adolescente com as garras.

– De novo? – queixou-se ela, entediada. – Não és nada original!

– Vá buscar o Viriato!

– E para quê? És meu prisioneiro, mas ele, não.

– O cara vai morrer!

– E eu com isso?

Ah, ela ia buscá-lo, por bem ou por mal! E os dois se atracaram pela segunda vez, caindo por cima das azaleias que delimitavam um canteiro de rosas. De dia, era comum escutar o canto de sabiás e assistir ao voo de tico-ticos e pardais, entre outras aves atraídas pelas árvores. Naquele momento, os sons sinistros da noite quebravam o monótono barulho da chuva, sem abafar a luta ruidosa entre os dois adolescentes.

Após destruírem as flores, eles rolaram para perto de um espelho d'água, alimentado pelos pingos dos delicados jatos de um chafariz. Gael provocou mais um corte em Anuk, próximo ao primeiro. Ela gritou, irritada, redobrando sua força na espada que não conseguia usar. Foi quando uma presença assustadora pareceu interpor-se entre eles.

Com um arrepio medonho, o garoto se afastou abruptamente da adversária. Anuk, ao perceber o que acontecia, caiu na gargalhada. Ali ao lado, em pé, com metade do corpo dentro da água, a mais bela das mulheres sorria, encantadora, para Gael.

Hipnotizado, ele não conseguiu piscar. O terror se desfez por completo para ceder espaço a um desejo que ainda não conhecia direito. Devorou com os olhos o corpo estonteante da mulher, imaginando o que a túnica justa e longa escondia, antes de se fixar no rosto de traços inesquecíveis, emoldurado por cabelos negros. Anuk trocou o riso por uma careta emburrada. Não era mais o centro das atenções.

– É uma moura que foi encantada por um antepassado meu – explicou, num resmungo. – Agora é minha escrava!

Empinou o nariz ao exhibir o medalhão, que tirou novamente do decote. Ao avistar o objeto, a moura se curvou, submissa. Seu brilho desapareceu com a

humilhação.

– Eu a desencantei, ganhei o tesouro que ela esconde sob a água e depois a encantei de novo para me obedecer – disse Anuk, ansiosa em exibir o próprio poder.

– E foi ela quem nos trouxe até aqui?

– Ao meu simples comando!

– Se não perdesse tanto tempo alardeando teus feitos... – soou uma voz que vinha de uma das alamedas –... não seria tão rápido e fácil te encontrar.

Amedrontada, Anuk deixou que o medalhão escorregasse de seus dedos. A voz pertencia a uma mulher de beleza suave, cabelos loiros e harmoniosos olhos azuis. Usava um vestido longo, verde-musgo, com a capa escura jogada sobre os ombros e presa por uma joia. Era escoltada por vários guerreiros, demonstrando sua autoridade.

– Anuk, não foi nada ético da tua parte quebrar a confiança que Galaor depositava em ti – repreendeu a jovem.

– O que queres, mãe?

– Conversar. E fazer com que recuperes o bom senso.

Então aquela era Shantel, a esposa de Galaor e mãe de Anuk? Viriato comentara alguma coisa sobre o fato de ela ser a mulher mais influente do clã brácaro.

– Bom senso?! – zombou Anuk, em sua eterna vontade de comprar briga. Empinou o queixo e, em fúria, rumou até os recém-chegados. – Achas que sou ingênuo?

– És uma criança – disse a mãe.

– Não sou burra, isso sim!

Era a chance de Gael. Cauteloso ao máximo, ele se abaixou para capturar o medalhão que caíra sobre a grama. Não tinha a mínima ideia de como desencantar e novamente encantar uma moura para obedecê-lo. E, mesmo que soubesse, escravizar os outros jamais seria uma alternativa.

– Você me ajuda a fugir? – cochichou para a moura. Mãe e filha, concentradas na discussão sobre quem deveria ficar com o prisioneiro, não notaram seus movimentos.

- Podes me libertar?
- E como faço isso?
- Trazes pão sem sal?
- Hum, não.
- E leite?
- Também não.

A moura exibiu um sorriso sedutor. Ainda com parte do corpo na água, ela se aproximou do garoto e lhe tomou as mãos e o medalhão de ouro.

- Pensa para onde desejas ir – sussurrou, quase colando seus lábios aos dele.

Um estremecimento gostoso percorreu Gael de cima a baixo. Não sentiu o momento em que foi levado para dentro da água, o mesmo em que Anuk finalmente percebeu que estavam roubando o prisioneiro, debaixo de seu nariz. Xingou a moura antes de retornar correndo para o espelho d'água, seguida pela mãe e pelos guerreiros.

- Um beijo me libertará... – pediu a moura.

Foi atendida com euforia e prazer. Seus lábios eram deliciosos, excitantes, prometiam o paraíso mais irresistível. E Gael foi desejando cada vez mais, muito mais, enquanto era arrastado para o fundo do espelho, raso apenas para os humanos.

Rapidamente, a água chegou a seus ombros, às orelhas, à nuca e nada de o beijo terminar. Alguém o agarrou pelos cabelos, lutando para puxá-lo de volta à superfície.

A moura, porém, estava em seu elemento e tinha total poder sobre o garoto que a libertava.

- Sem que ninguém pudesse impedi-los, eles afundaram na escuridão.

PARA SUA TOTAL FRUSTRAÇÃO, Gael não alcançou o paraíso. O beijo o abandonou de repente, largando-o sobre um piso gelado e sem vida. E, pior, junto com a mesma pessoa que ainda o agarrava pelos cabelos: Anuk.

- Tens ideia do quanto é raro encontrar no Brasil uma moura encantada? – fuzilou ela, arrancando de propósito alguns fios molhados do prisioneiro ao se separar dele. – Eu te odeio, estúpido!

O garoto tocou o couro cabeludo dolorido, numa careta. Isso queria dizer que tivera sucesso em libertar a moura? Não pôde evitar um sorriso, ainda sentindo o sabor deixado por aqueles lábios ardentes.

– *Eu disse que te odeio!* – rosnou a garota ao vê-lo feliz. Ela fechou os punhos e os usou com toda a força para bater contra seu peito. – Maldito!!!

Gael a segurou pelos pulsos, mas não conseguiu evitar os chutes possantes. Numa dificuldade incrível, ele conseguiu domar o surto da garota, usando o próprio corpo para prendê-la de barriga para baixo contra o piso.

– Quer parar de bancar a louca? – mandou ele. Se continuasse a se debater, Anuk acabaria acertando a cabeça contra o primeiro de uma série de mictórios. – A gente está num banheiro masculino!

O aviso funcionou para acalmá-la. Anuk olhou para cima, confirmando o óbvio.

– E por que estamos aqui? – perguntou.

– Foi meu trato com a moura.

– Tudo isso só para ir ao banheiro? – provocou ela, maldosa. – Se estavas apertado, por que não foste atrás de alguma moita?

Gael segurou a vontade de lhe dar uma resposta malcriada.

– Sua mãe seguiu você até aqui? – quis confirmar.

– Claro que não! Fui a única a pegar carona na tua fuga inútil.

– E os guerreiros?

– O que achas, otário? Ninguém é mais rápido que eu!

Pretensiosa, mimada, autoritária e histérica. Faltava algum adjetivo para descrever alguém tão insuportável?

Nesse minuto, um homem de meia-idade entrou no banheiro. Não gostou nada de encontrar um casal de adolescentes no chão, encharcados, ele por cima dela...

– Mas que sem-vergonhice é essa? – brigou o homem. – Saiam já daqui, vocês dois, que eu vou chamar a polícia!

Antes que ele cumprisse a ameaça, os adolescentes escaparam do local. Passaram pela catraca, despertando o sonolento funcionário que cobrava pelo

uso do banheiro masculino – e do feminino, ao lado –, e tentaram se misturar ao movimento da rodoviária de Santo André.

– Quem viemos encontrar aqui? – disse Anuk. – Aposto como é a Oriana!

– E quem é essa?

O sorriso da garota só aumentou seu ar de deboche:

– Viriato não te falou sobre ela?

– Por que você não some, hein? – retrucou Gael, apontando uma plataforma de embarque, atrás deles. – Pega qualquer um desses ônibus e vê se me esquec...

– Oriana é tua mãe.

A PROVOCAÇÃO PERDEU A GRAÇA com a reação emocionada de Gael. Pálido, ele começou a procurar com os olhos qualquer mulher que pudesse, de alguma forma, identificar como mãe.

Não se sentia pena de uma aberração como ele, abaixo de qualquer ser vivo. Anuk, porém, não conseguiu evitar a porção de piedade que nasceu em seu coração endurecido. O garoto tremia. E não era culpa das roupas molhadas e da madrugada fria. Acabara de avistar uma jovem loira que os observava à distância, parada diante de uma lanchonete. Ao contrário de Anuk, não usava magia para disfarçar suas roupas simplesmente porque se vestia como a maioria dos humanos: jeans, jaqueta, tênis.

Ao reparar que também era observada, a moça veio até os dois adolescentes. Gael esboçou um sorriso tímido, enfiando as mãos nos bolsos da calça para esconder o nervosismo. Com desprezo, Anuk avaliou a outra mulher, a cada passo mais próxima. Oriana não era tão bonita quanto diziam. Aparentava bem ter vinte e nove anos, a mesma idade de Shantel. Esta, sim, parecia ter passado dos vinte há pouquíssimo tempo. Os cabelos de Oriana eram crespos e curtos, um ultraje para as mulheres brácaras e para as algharbias, todas acostumadas, por tradição, a cultivar longas madeixas alisadas com pentes de ouro. Nada, porém, lhe roubava o impacto do olhar azul.

Gael, no entanto, enxergava a mãe perfeita. Impressionado, abriu a boca para dizer algo assim que ela os alcançou, mas Oriana o ignorou para falar apenas com Anuk.

– Onde está Viriato? – cobrou, num tom rude.

O quase sorriso de Gael desapareceu ao sentir que a mãe rejeitava a aberração. E sua tristeza se tornou a tristeza de Anuk, que conhecia muito bem o sentimento de rejeição. A resposta da garota seguiu o padrão de sempre: agredir antes de se machucar.

– Viriato foi promovido – disse, sem esquecer a boa dose de sarcasmo. – Ele se tornou o novo saco de pancadas de Galaor.

A adolescente descobriu tarde demais que brincava com fogo. Oriana a golpeou na altura do peito para lhe cravar uma espécie de broche prateado e perfurante, que penetrou em sua carne para se prender nela como um gancho. Sem conseguir se defender, Anuk se dobrou sobre si mesma, perdendo força velozmente. Sentiu frio, as roupas molhadas coladas à sua pele, o desconforto das botas de salto altíssimo, a certeza de que os humanos agora a enxergavam com suas vestimentas al-gharbias...

O broche sugava toda a magia a que era capaz de se conectar.

– *O que você fez com ela?* – Gael reagiu, tentando arrancá-la do poder de Oriana. Esta o afastou com um empurrão. Depois, desarmou a adolescente e escondeu sua espada sob a própria jaqueta.

A situação começava a atrair o interesse dos humanos na rodoviária. O garoto voltou à carga para defender a garota que odiava. Agarrou a mãe por um antebraço. Os dois eram praticamente da mesma altura.

– Tira essa coisa do peito dela!

– Como podes defendê-la? – questionou Oriana, não se deixando intimidar. – Esqueceste que ela te raptou? E ordenou a Viriato que matasse tua família humana?

– Não esqueci. Mas matar a Anuk também não resolve nada.

– O broche não irá matá-la. Apenas a impede de usar a magia. E somente eu sei como tirá-lo. Se tentares, tu a matarás.

Gael hesitou em acreditar na explicação. O broche pressionava o corpo de Anuk como um objeto de tortura que agora atingia seus ossos. Era difícil suportar a dor.

– Estamos chamando muita atenção – alertou Oriana. – Vamos sair daqui.

- Ela está sangrando.
- E vai sangrar mais se continuar resistindo.
- Tire isso dela!
- Tirarei quando eu a trocar por tua liberdade.

Apesar de seu estado bastante vulnerável, Anuk quase caiu na gargalhada. Se esse era o plano, então Gael não teria qualquer chance de sobreviver. Tanto Shantel, entre os brácaros, quanto Tariq, entre os al-gharbios, fariam qualquer troca para salvar Mirele. Mas para salvar Anuk, a ovelha negra dos dois clãs...

– Vamos ao encontro da tua família humana – propôs Oriana, enfim conquistando um voto de confiança do filho. – Estão em um esconderijo seguro, a meia hora daqui.

CAPÍTULO 8

Pesadelo



Santo André

O FRADINHO DIMINUIU DE TAMANHO para passar pelo buraco da fechadura. Dentro do apartamento, escolheu o quarto da jovem humana, Carol. Ela fora se deitar cedo e agora dormia, encolhida sob o cobertor e tranquila em um sonho doce...

Risonho, o pequeno demônio readquiriu sua altura normal, de quase trinta centímetros, pulou sobre a cama e escalou o corpo da jovem até se deitar sobre seu pescoço, sentindo-lhe a respiração pausada. “Ora, ora... a tola sonha com Viriato!”, descobriu, rindo. Ah, era irresistível transformar tanta doçura em puro terror...

Com satisfação, pressionou a garganta de Carol, automaticamente obrigando-a a muito esforço para respirar. Quanto ao sonho... O tom idílico foi perdendo inocência para ganhar cores sombrias. O clima opressivo cresceu como consequência. Cheia de medo, a humana se sentiu sozinha. Seu corpo começou a transpirar e a se remexer em espasmos. O Fradinho só ficaria feliz quando ela estivesse completamente aterrorizada.

A porta do quarto foi aberta com estrondo, despertando a garota. Ágil, o Fradinho tentou escapular, mas Galaor o prendeu pelo pescoço. Carol gritou, assustada, puxando o cobertor até o nariz, como se este fosse capaz de defendê-la. Com a mão livre, o brácaro a arrancou da cama, jogando-a ao chão.

– Devolve meu barrete! – cobrou o Fradinho, vendo o capuz vermelho preso no cinturão de Galaor. – Achei os humanos para ti, não foi? Cumpri minha parte do trato!

Grosseiro como de costume, Galaor não respondeu e o arremessou contra a parede mais próxima. A criaturinha rolou para o piso feito uma lata de refrigerante vazia. Era assim que o guerreiro tratava a todos. Vassalos e lixo eram sinônimos para ele.

A humana não teve destino muito diferente. Ele a agarrou pelos cabelos, na altura da nuca, e a arrastou até a sala, onde mais guerreiros vigiavam os outros dois humanos, Tiago e João. Ferido e ensanguentado, Viriato mal se aguentava em pé.

– É esta a família humana da aberração, escravo? – perguntou Galaor para ele.

Viriato não titubeou.

– É outra, Galaor. Invadiste a casa errada.

A mentira lhe custou um murro no estômago. Ele só não caiu porque um sofá velho serviu-lhe de apoio.

– Oriana passou as últimas semanas vigiando estes humanos, achando que assim protegia o filho – cuspiu Galaor, irônico. Depois, apontou para o Fradinho que os seguira. – Aquele diabrete, neste momento, é uma fonte muito mais confiável que tu!

Os olhares se fecharam na criaturinha que massageava as costas doloridas. Os humanos tentaram enxergá-la, mas era impossível para eles. Se tivessem acesso à magia, enxergariam o demônio minúsculo, com seu hábito de frade e cara de gente. E ainda seriam capazes de ver os guerreiros como realmente se vestiam, as armas que portavam e a verdadeira ameaça que podiam significar.

Ainda puxando Carol pelos cabelos, Galaor a colocou de pé. O punho livre se ergueu para acertá-la, guiado pela vontade de provocar dor. Viriato, perto demais dos dois, teve velocidade suficiente para se interpor e atacar o meio-irmão. Este largou a presa e, com facilidade, desembaraçou-se do adversário, enchendo-o de chutes.

Quando Viriato pareceu perder a consciência, estendido no chão, Galaor se afastou, agarrando novamente Carol pelos cabelos para saírem do apartamento.

– Levai os prisioneiros – disse a seus subordinados.

O Fradinho escondeu o sorriso e correu para o escravo antes que o tirassem de lá. Fora o único a compreender a manobra. Os olhos semiabertos de Viriato o esperavam.

– Liberta-nos – ele pediu, num sussurro, ao lhe entregar sorrateiramente o barrete que pegara do cinturão de Galaor.

CAROL MAL CONTROLAVA O CHORO. Foi deixada no interior de um carro negro, enquanto o pai e o tio eram colocados em outro, logo atrás. Logo jogaram Viriato à sua esquerda. Um dos homens se sentou à direita e um tomou a direção. Outros dois assumiram o controle do segundo veículo. Galaor e mais três homens permaneceram no prédio. Estariam à espera de Oriana quando ela regressasse ao esconderijo.

Quando os dois carros já rodavam há mais de cinco minutos, Carol criou coragem de fazer uma pergunta ao motorista.

– Para onde vamos? – disse, procurando controlar o medo.

Foi Viriato quem acabou respondendo, pois os capangas, com seus ternos mafiosos e postura agressiva, não se manifestaram.

– Pegaremos um avião para o Rio.

– E o que tem lá?

– A Citânia de Brácaras.

– A cit-o-quê?

– A fortaleza dos brácaros.

– E quem são esses brácaros? Por que estão fazendo isso com a gente?

– Precisam de vós para atrair Gael caso Oriana volte ao apartamento sem ele.

– Oriana foi buscá-lo? – desesperou-se a jovem.

– Foi. E cairá numa armadilha.

A jovem cruzou os braços, aflita. Viriato falara com ela numa voz fraca, como se estivesse muito ferido. Estranho porque, apesar da surra aplicada por Galaor, ele exibia uma aparência ótima. A camisa continuava limpa, o sobretudo sequer tinha uma gota de sangue. Algo estava muito, muito errado. E se...

E se eles não fossem o que aparentavam?

Carol estreitou os olhos para o rapaz, procurando enxergar o que não enxergava. Ele retribuiu o olhar, um tanto confuso. Ver o que não era permitido... Talvez ela só precisasse prestar mais atenção para vislumbrar o invisível...

Rio de Janeiro, doze anos antes

– **S**E A MAGIA ESTÁ EM TODA PARTE. por que os humanos não a enxergam? Kían voltou os olhos para mim. Eu estava ajoelhado diante dele, o torso nu, olhando fixamente para uma poça de água no chão encharcado pela chuva.

– Tu sabes a resposta desde que nasceste, Viriato. Cansaste de percorrer suas cidades de concreto. Eles perderam a conexão quando abandonaram os deuses e a ligação com a Mãe Terra. Depois, o orgulho os cegou.

– Mas é possível a um humano retomar a conexão com a magia, não é?

– Em teoria, sim. Na prática, eles estão por demais ocupados com os bens materiais para buscar o invisível... Agora, concentra-te e volta ao exercício. O espelho de água está diante de ti, e ainda não consegues enxergar além deste tempo e deste espaço. Pronuncia as palavras-de-ver e usa a magia que te cerca. Se conseguires, desta vez, receberás menos castigos à noite...

Santo André, nos dias de hoje

OS SENTIDOS TREINADOS de Viriato perceberam o momento em que a vontade de Carolina rompeu a barreira e se conectou ao mundo que até então lhe fora invisível.

Num estalo, a garota vislumbrou a aparência real do rapaz ao seu lado. O rosto bonito estava irreconhecível por inchaços, cortes e hematomas. Havia

sangue nos fios castanhos da barba e dos cabelos compridos, presos numa trança. Um corte fundo em seu ombro sangrara bastante, sujando o manto e as roupas de guerreiro celta, como as que ela vira em livros de história.

Os olhos arregalados de Carol giraram para o motorista e depois para o capanga à sua direita. Eles também pareciam personagens de filmes épicos, usando elmos, espadas e escudos. Tinham um cálice tatuado na parte esquerda da testa.

Quando o olhar da jovem retornou para o rapaz que vivia em seus sonhos, a cabeça ficou atolada em uma única pergunta. *Quem era aquela gente esquisita?*

– Também somos humanos – cochichou Viriato, para que os outros não o escutassem. Ele percebera sua indagação muda. – Mas humanos conectados à magia. E por isso não nos consideramos mais humanos, entendes?

Com dificuldade, Carol conseguiu piscar. Um toque do rapaz, que segurou sua mão em solidariedade, ajudou a acalmá-la.

– Nada de cochichos aí atrás! – brigou o motorista.

Faltava pouco para deixarem a cidade.

São Paulo, Aeroporto de Congonhas

PERGUNTEI-ME POR QUE Galaor se dava o trabalho de nos despachar de avião para o Rio. Talvez achasse complicado planejar uma viagem rodoviária com quatro prisioneiros. Ou, o que era mais óbvio, temesse algum tipo de interceptação por parte dos al-gharbios. A Via Dutra poderia se tornar um bom local para uma emboscada, caso Tariq resolvesse apoiar a causa de Oriana.

Chegamos ao Aeroporto de Congonhas mais depressa do que eu esperava. Atordoado pela dor, tive dificuldade para sair do carro e me manter em pé. Foi Carol quem me ofereceu apoio, ajudando-me a andar. Tão amedrontados quanto ela, João e Tiago não ousaram nenhuma fuga.

– Se alguém tentar alguma coisa, a garota é a primeira a morrer – ameaçou Hélio, o guerreiro que conduzira o primeiro carro. Sem que os humanos

percebessem, usou magia para que ninguém fosse capaz de enxergar o verdadeiro estado em que se encontravam: vestidos com roupas de dormir, descalços e ostentando rostos assustados.

Eu, com certeza, não tinha condições de tentar mais nada. Resistia ao máximo para não ceder à fraqueza e à vontade de simplesmente apagar. No balcão de uma companhia aérea, Hélio foi arrumar as passagens. Após pagar o valor total em dinheiro, pegou-as sem dedicar nenhum segundo para conferi-las.

– Já vamos embarcar – ele avisou aos companheiros.

Apressaram-nos até a área do check-in, onde um funcionário da companhia aérea, que parecia hipnotizado, conferiu documentos inexistentes e, sorrindo, entregou a cada um de nós um cartão de embarque.

Olhei para as mesinhas e cadeiras junto ao café na área de espera, imaginando se poderia descansar um pouco, mas os guerreiros tinham pressa. Fomos empurrados pelo saguão até a escada rolante que dava nas salas de embarque, e que tinha logo à frente o detector de metais. Fui para uma das filas, com Carol, o pai e o tio, e nem os funcionários nem o aparelho detectaram nada de estranho.

Eu acabava de ver que embarcaríamos pelo portão nove, e ia me dirigindo para lá quando Carolina me apertou o braço e me fez olhar para trás.

Na vez de Hélio passar pelo detector, uma campainha disparara. Imediatamente, o funcionário o impediu de ir em frente. Surpreso, o brácaro sequer teve tempo de perguntar o motivo. Junto com os três guerreiros que vinham atrás, ele foi cercado por policiais.

Puxei a garota e os outros dois para longe dali, enquanto o esbirro de Galaor lançou-me um olhar de ódio ao ser algemado: responsabilizava-me por aquilo, e eu sequer sabia o que estava acontecendo! Até que descobri o responsável a poucos passos de onde estávamos. O Fradinho da mão furada, que se esbarrachava de tanto rir, acenou para mim antes de desaparecer no ar.

– Para o avião, rápido... – pedi aos humanos. Não precisei repetir.

Eu gostava dos elementais e até dos pequenos demônios. Guerreiros como meu meio-irmão os desprezavam, usavam-nos como escravos, mas eu, que partilhava tal status, admirava-os.

Percebemos que o voo já fora chamado, pois as pessoas estavam embarcando no portão nove; entregamos os cartões, atravessamos a ponte de embarque, e estávamos nos instalando nos assentos reservados quando ouvi uma comissária de bordo conversando com outra sobre os perigosos membros de uma facção criminosa que, graças a uma denúncia anônima, estavam sendo presos naquele momento.

– Imagina se aqueles bandidos conseguem entrar no nosso avião... – completou ela, aliviada.

Sorri. De acordo com as normas do clã, os guerreiros eram proibidos de se expor ou lutar em público contra autoridades humanas. Restava-lhes não oferecer resistência e esperar que nosso advogado os livrasse da falsa acusação.

– Precisamos avisar a Oriana – murmurei para Carol antes de lhe passar o número do celular de minha irmã. O meu aparelho fora confiscado por Galaor.

A poltrona do avião nunca me pareceu tão confortável. Entreguei-me a ela e à sonolência que exigia de mim algum tempo sem esforço físico. Carol se sentou à minha direita, e o restante da família dela nas poltronas da frente. Os lugares dos quatro brutamontes brácaros ficaram vazios.

– O que houve com aqueles caras? – Tiago me intimou. – Eles fazem mesmo parte de uma facção criminosa?

– Que tal explicar pra gente tudo o que está acontecendo, hein, malandro? – contribuiu João.

Nem que eu quisesse poderia responder. Tentei falar um “depois eu explico”, mas a frase saiu enrolada demais. Estava prestes a travar no sono no momento em que a voz do comandante se fez ouvir nos alto-falantes, dando as boas-vindas aos passageiros embarcados no trecho de São Paulo a Salvador.

Ouvi a voz estupefata de Tiago murmurar “*Salvador?!*”.

Não me dei o trabalho de conferir o cartão de embarque. Nós estávamos num voo para a Bahia e pronto.

– Mas a gente não ia pro Rio? – perguntou-me Carol.

Sorri, enquanto meu corpo exausto resvalava para o sono. O Fradinho podia ser um excelente *hacker* quando cismava de bagunçar os computadores humanos. E, pelo que eu acabava de descobrir, era melhor ainda na hora de inventar denúncias anônimas.

VIRIATO PARECIA AGORA fraco demais para se manter acordado. Celular... sim, Carol precisava com urgência de um celular! Um sorriso simpático e ligeiramente sedutor foi fundamental para conseguir que um rapaz na fileira do lado lhe emprestasse o aparelho, sob o olhar severo da comissária de bordo.

– Aparelhos celulares devem ser desligados a partir de agora – lembrou ela.

– Só um minutinho! – justificou a jovem.

Com pressa, Carol teclou os números de Oriana. João e Tiago ainda não entendiam o que estava em jogo. Ela sinalizou para que os dois impacientes esperassem um pouco mais por explicações. A ligação caiu na caixa postal.

– Não volte para o apartamento! – disse para a gravação. – Galaor montou uma armadilha para você. E nós quatro estamos fugindo para a Bahia!

Santo André

ORIANA NÃO IDENTIFICOU o número da chamada. Estava prestes a ouvir a mensagem quando sua refém resolveu dar mais trabalho. Mesmo com a dor alucinante que lhe perfurava o peito, Anuk começou a se debater feito doida. O celular escapou das mãos da brácara antes de mergulhar numa poça d'água junto ao meio-fio, diante da porta aberta de seu carro.

– Droga! – resmungou ela.

Um tapa bem dado no rosto da garota foi a solução para deixá-la mais cooperativa. Como ocorrera na rodoviária, Gael veio com tudo para confrontar a mãe.

– Para de machucar a Anuk!

– Se ela me obedecer, posso pensar no assunto – disse Oriana, entre dentes.

Com raiva, empurrou a adolescente para o banco de trás do carro. O garoto a seguiu, a cara amarrada. Nem de longe aquele era o encontro perfeito entre mãe e filho, dois desconhecidos que, a princípio, deveriam ter tudo para se entender bem.

O mau humor de Oriana ficou ainda pior quando ela se abaixou para resgatar o celular da poça d'água. Não o achou em lugar nenhum. O aparelho acabara caindo dentro de um bueiro destampado.

CAPÍTULO 9

Ratoeira



APESAR DE TREMER DE FRIO E DOR, Anuk bancava a durona. O rosto carregado de ódio visava somente Oriana, que estava ao volante. O carro deixou rapidamente as imediações da rodoviária e embalou velocidade. Gael se encolheu, apoiando parte das costas contra a porta. As roupas molhadas aumentavam bastante a sensação de frio. Oriana, pelo espelho retrovisor, parecia vigiar todos os seus movimentos.

– Temos que ajudar o Viriato – reforçou o garoto.

– A prioridade agora é te colocar em segurança – disse a mãe.

– Mas o Viriato...

– Ele não é importante.

– *Não é importante?! Cara, ele salvou minha vida e...*

– Se tu o conhecesses bem, não discordarias de mim.

Gael respirou fundo, preparando o melhor de sua argumentação.

– Olha, Oriana, sei que ele tentou me matar, mas é seu irmão e...

– Viriato é alguém desprezível – cortou ela, para encerrar o assunto. –

Merece toda a punição que vier a receber.

– Mesmo a morte?

– Morrer é pouco para um covarde como ele.

Sentindo-se sufocar pelo próprio senso de justiça, Gael não conseguiu dizer mais nada. Na sua cabeça, ainda tinha dificuldade para entender como um tio paternal que cuidara dele, defendendo-o contra Galaor, e o carrasco-covarde-desprezível, que tentara matá-lo ainda bebê, podiam ser a mesma pessoa.

Ainda sob a mira de Oriana, o garoto virou o rosto para a janela do carro. Viriato não ia morrer por sua culpa. Jurou a si mesmo que faria de tudo para salvá-lo.

ORIANA, ENFIM, ESTACIONOU O CARRO. Do outro lado da rua havia um prédio antigo, de três andares, com a fachada protegida por um alto e pesado portão de ferro.

Ela foi a primeira a sair, abrindo a seguir a porta de trás para arrancar Anuk do carro. Gael, cabisbaixo, apenas acompanhou as duas.

Certo, ele reencontraria sua família, o que era incrível, mas... É, havia um “mas”. As coisas não estavam funcionando como deveriam.

Após atravessarem o portão, os três entraram no prédio. Um lance de escadas à esquerda os deixou no primeiro andar. O apartamento que Oriana usava como esconderijo ficava no segundo.

Uma lâmpada detectou a presença dos três e se acendeu automaticamente, fornecendo um mínimo de luminosidade. O adolescente se apoiou no corrimão do segundo lance de escada e subiu os primeiros degraus. Apesar da penumbra, seus olhos perceberam marcas no corrimão.

– Tem uma mancha de sangue aqui... – alertou, com um calafrio.

Duvidando dele, Oriana se aproximou para investigar o assunto. Vários trechos do corrimão traziam marcas feitas por dedos ensanguentados. Uma delas lembrava toscamente o desenho do cálice usado como tatuagem pelos guerreiros brácaros.

– É um recado para nós! – deduziu Gael, mirando o topo da escada e imaginando o pior. – Galaor esteve aqui... E Viriato marcou o corrimão pra avisar a gente.

– Galaor *ainda está* aqui – corrigiu Anuk.

– É uma armadilha! – disse Oriana, instintivamente pegando o antebraço do filho para levá-lo degraus abaixo.

– Mas... e a minha família? – tentou Gael.

Galaor surgiu no primeiro piso para bloquear a fuga, espada em punho e muita vontade de ver sangue escorrendo pela escada.

– Os humanos agora são meus – sorriu.

A arma rasgou o caminho até o único alvo: a aberração.

NO MESMO SEGUNDO em que a luz automática do primeiro andar se apagou, a espada bateu contra o revestimento de um dos degraus, arrancando lascas. Gael a evitara a tempo, empurrando a mãe para o lado. Ouviu-se som de passos vindo do segundo pavimento, provando que Galaor não agia sozinho. Estavam cercados.

A lâmina continuou à procura do alvo. Mais um movimento, e passou zunindo pelo pescoço do garoto, que perdeu o equilíbrio ao cair sobre os degraus. Oriana ergueu a espada de Anuk, tentando bloquear o terceiro golpe desferido pelo irmão, só que jamais seria uma guerreira. Com facilidade, Galaor jogou a arma que o bloqueara contra a porta de um dos apartamentos e voltou-se novamente para seu alvo preferido. Este fez as unhas saltarem como garras e se preparou para enfrentá-lo.

ANUK BEM QUE QUIS AJUDAR, mas o broche a impedia de usar magia. Os dois guerreiros atrás dela a ultrapassaram, descendo os degraus que os separavam de Gael. Ele não podia enfrentar sozinho três brácaros extremamente ágeis no manejo da espada.

No mesmo instante em que a luz voltou a se acender, Oriana, desesperada, agarrou a garota e colocou-a à sua frente, uma adaga apontada para a garganta dela.

– Irei matá-la se machucares meu filho! – ameaçou, cortando uma lasca de pele para fazê-la sangrar. – Estás me ouvindo, Galaor?

Não estava blefando. Para os clãs, a morte seria sempre um recurso a se considerar. Mesmo conhecendo a resposta do padrasto, Anuk desejou que fosse outra.

– Ninguém sentirá falta dessa coisa ruim – respondeu Galaor, sequer dispensando um olhar para a irmã e a enteada. – E a mãe dela ainda vai te agradecer!

Anuk sentiu uma pontada no estômago e esta não vinha de nenhum golpe. Era uma dor conhecida, que experimentava desde que se entendia por gente. Dor de rejeição, tristeza, revolta. A adolescente reprimiu com firmeza as

lágrimas e usou a velha máscara do ódio para lidar com a vida. Gael era o único que olhava para ela. Oriana ainda apontava a adaga contra seu pescoço, bufando de raiva. Foi quando a luz se apagou pela segunda vez, deixando o ambiente novamente às escuras.

NENHUM HUMANO PARECIA DESCONFIAR da emboscada no primeiro pavimento do prédio. Não ouviam nada, não suspeitavam de nada. Eram felizes sem saber.

Gael não se guiou apenas pelo som das lâminas que se moviam para atacá-lo. Sempre enxergara melhor no escuro que os outros. Podia ver os três vultos que armavam o ataque, enxergava seus menores movimentos... Como um gato, não se deixaria apanhar tão facilmente. No lugar de se defender, preferiu fugir. E não iria pelo caminho mais óbvio, aquele que o levaria até a rua.

Com agilidade felina, Gael escapou da espada de Galaor, esquivou-se da lâmina do segundo guerreiro e pulou por cima da cabeça do terceiro sem se esquecer de apoiar as garras nas costas dele para ganhar mais impulso e velocidade. Quando o coitado gritou de dor, o adolescente já estava na escada, retraindo as unhas para tirar Anuk do poder de Oriana e levá-la para cima.

– Anda logo, Oriana! – bradou ele, retrocedendo para puxar a mãe pelo pulso. Esta, ainda atordoada ao ver sua agilidade, demorava para reagir. – *Anda!!!*

Isso custou a Gael segundos preciosos. Galaor vinha como um alucinado em seu encalço, atropelando os outros guerreiros para chegar antes aos fugitivos.

Passaram pelo segundo andar ainda imerso na escuridão. A lâmpada daquele trecho só se acendeu com a presença de Galaor e dos dois guerreiros, logo atrás deles. Por culpa do broche, Anuk não conseguia ser tão rápida quanto antes, apesar de seu esforço para acompanhar o garoto. Com firmeza, ele a prendia pela cintura, ajudando-a a correr. Também continuava puxando Oriana, lerda demais para seu gosto.

Ainda em vantagem, eles chegaram ao terceiro andar e, a seguir, tomaram um último lance de escada até o apartamento do zelador. Na parede oposta havia um alçapão que fechava uma saída para o telhado, como Gael imaginava. Automaticamente, a luz daquele pavimento se acendeu.

– És um burro mesmo! – criticou Anuk, enquanto ele abria o alçapão. – Se tivesses fugido para a rua, já estarias...

– Silêncio! – exigiu Oriana, impedindo-os de sair. Com pressa, ela cobriu o filho e a garota com o corpo, abraçando-os o mais apertado que podia enquanto os empurrava contra a parede mais próxima.

Gael prendeu a respiração ao perceber que Galaor e os guerreiros os alcançavam.

Estranhamente, ninguém os viu. O irmão de Oriana foi o primeiro a passar pelo alçapão, seguido pelos subordinados. Gael, ainda espremido contra Anuk, não ousava respirar. Aliás, não conseguia nem pensar. Para ele, o minuto interminável trazia o toque do rosto de Anuk contra o dele, o sinuoso corpo feminino colado ao seu, a presença intensa que embotava toda e qualquer manifestação de sua racionalidade...

Uma eficaz sacudidela de Oriana o despejou do mundo dos desejos ao mesmo tempo em que o separou da adolescente. Fazendo sinal para que os dois não abrissem a boca, ela não se opôs a que Gael as liderasse pelos andares inferiores do prédio. Ele era muito mais veloz. A fuga até o térreo foi ainda mais ligeira que a subida até o último piso, com direito a uma única parada para Oriana recuperar a espada de sua refém.

No portão do prédio, outra surpresa desagradável estava à espera: um quarto e feroz guerreiro brácaro.

GALAOR, QUE JÁ TIVERA TEMPO de descobrir que fora enganado, furiosamente retomava o caminho de volta ao térreo. Apenas alguns segundos os separavam. Oriana, então, ignorou qualquer prudência e mais uma vez se conectou à magia. Não a comum, aquela a que todos os clãs tinham acesso, e sim a mais poderosa e, portanto, proibida.

No mesmo instante, o portão se deslocou do lugar, projetando-se sobre o guerreiro para derrubá-lo. Ele se estatelou contra a calçada, as grades de ferro

por cima, batendo a cabeça no meio-fio antes de desmaiar. Gael deixou escapar um “caramba!” impressionado e Anuk fixou nela os olhos de rapina.

– Ai, não, ele cortou os pneus... – lamentou Oriana ao avistar seu carro estacionado do outro lado da rua.

– A gente continua correndo! – decidiu Gael, puxando-a para saltar sobre o portão caído e o guerreiro debaixo dele. Anuk veio junto, enlaçada pelo garoto. Galaor apareceu na porta do prédio com os outros dois guerreiros.

Era ingenuidade acreditar que conseguiriam fugir a pé. Sem alternativa, Oriana estacou o passo, obrigando-os a parar, e se virou para o irmão cada vez mais próximo. Esticou o braço livre para a frente, buscando toda a conexão possível...

– Não permitas que ela faça isso! – avisou Anuk, alarmada, para Gael.

Oriana só sentiu um baque sobre o braço, a perda momentânea de equilíbrio e a certeza de que o próprio filho a acertara. Ele também a prendeu pela cintura e começou a correr, arrastando as duas mulheres com dificuldade.

OS BRAÇOS DE GAEL estouravam de dor, exaustos por usar uma força que não tinham. As pernas perdiam velocidade graças aos dois pesos extras. Os ouvidos captaram uma única palavra de Oriana:

– Nevoeiro... – chamou ela, baixinho.

Do nada, a rua foi tomada por uma neblina intensa, capaz de esconder a presença dos próprios imóveis. Galaor e os guerreiros saíram do campo de visão. Eles também não enxergavam nada. Teriam de se orientar por sons e odores.

Sem saber para onde ir, Gael parou de correr. À sua direita, Oriana tremia, como se morresse de frio. Ele a abraçou, o que pareceu acalmá-la. À sua esquerda, Anuk assumiu a liderança da fuga. O nevoeiro não a impediu de escolher uma direção e continuar esgueirando-se silenciosamente; Gael e Oriana a seguiram.

Alguns minutos depois, encontraram uma van estacionada na rua paralela. A magia liberou o acesso ao seu interior. Oriana assumiu o volante logo depois que os adolescentes entraram e se sentaram no banco da frente.

Mais um toque de magia e o motor da van deu partida sem o auxílio da chave.

–Vá embora, nevoeiro – dispensou a mãe de Gael.

Instantaneamente, o nevoeiro se desfez, revelando que a rua não estava tão deserta quanto imaginavam.

Ao descobri-los, Galaor correu para alcançá-los. Estava sozinho, pois os guerreiros se haviam separado para procurar os furtivos.

Oriana, porém, não tocou o volante. A tremedeira retornou, só que desta vez em forma de convulsão. Assustado, o filho a segurou pelos ombros, tentando evitar que ela se machucasse batendo contra o carro. O tio assassino estava a menos de dez metros.

– Faz alguma coisa! – berrou Anuk, quase estourando os tímpanos do garoto.

E ele fez. Usou as costas num malabarismo nada sutil para segurar a mãe e, com as mãos e os pés livres, esticou-se para assumir o carro. Enlouquecido como de hábito, Galaor arremessou a espada como se ela fosse uma lança. No mesmo segundo, a van saiu velozmente em marcha a ré, com o impacto da lâmina quebrando o vidro frontal antes de se fincar no estofamento do banco dianteiro, entre os dois adolescentes.

Galaor ficou para trás. Ou seria para a frente? Ainda de ré e em alta velocidade, o veículo quase se chocou contra um poste, subiu parcialmente numa calçada, destruiu o canteiro de uma praça e continuou rumando para lugar nenhum.

– Sabes dirigir? – questionou Anuk, mal disfarçando o medo.

– Só sei fazer isso – admitiu o garoto, em pânico, procurando se orientar pelo espelho retrovisor. – Vi num filme...

– Sai de cima de mim! – mandou a voz de Oriana, debatendo-se para afastá-lo.

Rápida, ela reassumiu o domínio do carro, reduziu a velocidade antes de frear e, então, levou-o totalmente sob controle para uma avenida. Gael, enfim, permitiu-se uma pausa. O coração batia desordenado, o suor escorria pelo corpo e o encharcava. Anuk não parecia melhor. O esforço para se

movimentar com o broche opressor lhe exigira muito. Estava exausta, pálida e vulnerável. O temperamento agressivo, no entanto, seguia imperturbável.

– És um completo incompetente – provocou-o. – Improvisas muito mal, sabias?

Gael não lhe deu atenção. Ainda estava preocupado com a mãe.

– O que foi, Oriana?

– Ainda perguntas? – devolveu ela, num tom rude. – Nunca, mas nunca mais me ataques daquela maneira!

– E o que você ia fazer...?

– Preferiste dar ouvidos àquela ali – e indicou Anuk – do que confiar em tua mãe! Nunca mais me impeças de fazer seja lá o que for, ouviste?

– Você está gritando. Não tem como não ouvir.

– *Já para o banco de trás!* – rugiu a mulher. – Os dois!!!

Sem alternativa, os adolescentes contornaram a espada de Galaor, ainda presa no estofamento, e pularam para o banco traseiro, cada um se acomodando numa ponta. Ficaram em silêncio durante algum tempo até que Anuk resolveu falar.

– Ela usou magia proibida quando nos tornou invisíveis para Galaor e os outros. E também quando fez o portão tombar.

Oriana não se deu o trabalho de brigar com a garota. Apenas pisou fundo no acelerador, descontando o mau humor na van roubada.

– Por que essa magia é proibida? – quis saber Gael.

– Porque só pode ser usada por seres mais avançados que nós.

– Tipo... os aliens?

– As fadas, por exemplo.

– Ah, tá. Fadas...

Anuk esticou as pernas sobre o banco, como se comentasse algo trivial.

– Nosso corpo não tem estrutura para suportar a magia proibida. E seu uso, ou abuso contínuo, pode levar à morte.

– Por isso você me pediu para impedi-la?

– Não pedi. Eu *mandei*. E não mandei você impedir sua doce mãezinha porque estava preocupada com ela – continuou Anuk. – Acontece que ela ia

matar Galaor.

Gael estremeceu, mas evitou olhar para Oriana. Como ocorrera antes, ela o vigiava pelo espelho retrovisor.

– Não é que eu goste do meu querido padrasto. Por mim, tanto faz ele morrer ou não.

– Então por que você protegeu ele?

– Uma coisa é sermos fugitivos. Outra bem diferente é sermos assassinos em fuga, ainda mais por matarmos o filho mais velho de Eurico.

Entediada, Anuk tirou do bolso da calça comprida uma barra de cereal. A embalagem, que protegera o alimento contra a água, foi rompida sem pressa.

– Me dá um pedaço – disse Gael.

– Não.

– Só um pedaço, vai!

– Tu que procures tua própria refeição! Esta aqui é minha.

A fome e o frio que voltava a sentir contribuía para que o adolescente desistisse de manter um mínimo de bom humor. Como Oriana, ele também exibiu sua pior carranca para se proteger contra o futuro que o amedrontava.

Rio de Janeiro, doze anos antes

– **É** UM TOLO, VIRIATO! – rugiu Kían, avançando em minha direção.

A dor do bofetão doeria no meu rosto pelo resto da vida.

Era diferente de muitos outros que recebera, e mais dolorosa que a maioria das surras que amargara, pois eu sabia que daquela vez era totalmente merecida. O velho instrutor não teria piedade. Obrigou-me a me ajoelhar nas pedras frias do porão da fortaleza.

– Se Eurico souber que tentaste acessar magia proibida, mandará degolar-te. Já te ensinei tudo o que ele permitiu que um escravo aprendesse. Queres mais? Darás esse desgosto a teu pai, que foi tão generoso contigo?

Eu nada disse, pensando amargamente que não fora por generosidade que Eurico me permitira ser aprendiz de Kían.

– Vais jurar por Cal-leach que nunca mais tentarás invocar magia proibida. E agora, despe-te.

Fiz o juramento pela deusa, enquanto removia as roupas e esperava o castigo. Não gemi nenhuma vez, consciente de que merecia a surra, e talvez mais. Só esperava que a fúria de Kían o impedisse de ler em minha mente que aquela não era a primeira vez que tentava acessar tal forma de magia...

Santo André, nos dias de hoje

TOTALMENTE DOMINADO PELA IRA, Galaor recusava-se a aceitar a fuga da aberração. Colocaria novamente o Fradinho atrás deles e... Seus dedos não encontraram o barrete da criaturinha preso ao seu cinturão. Ao mesmo tempo, seu celular tocou, aumentando ainda mais a pilha de revezes. Era Hélio, avisando que ele e mais dois companheiros estavam retidos na Polícia Federal em Congonhas.

– E Viriato e os humanos? – cobrou Galaor.

A resposta de Hélio condenou o celular à extinção, esmagado contra o primeiro muro do caminho.

– Tenho uma proposta para ti – disse uma voz atrás de Galaor.

Ele se virou, ainda espumando. Fora seguido.

Ergueu as mãos enormes, desejando aniquilar a humanidade inteira. Foi desarmado pela própria ambição.

– Só terás vantagens se negociares comigo – acrescentou Tariq, com o sorriso cínico que só uma das filhas, Anuk, herdara.

CAPÍTULO 10

Poção



Finisterra, quinze anos antes

A PORTA DE MADEIRA MACIÇA, desgastada pela ação do tempo, abria e fechava sem pausas, sob o poder do vento cortante. Era fevereiro e fazia muito frio. Fora da taberna, além das ruas estreitas e suas casas antigas, o horizonte cor de chumbo tocava o mar acinzentado. Finisterra. Fim de mundo. Ou infinito.

– Nem sempre a poção age como desejamos – resmungou a *bruja*.

Ela falava na língua galega e seus olhos intrigantes estudavam meu espírito. Senti medo dela, mas muito mais medo de suas palavras. A paixão, porém, voltou a me cegar. E a promessa era tudo o que valia a pena.

Salvador, nos dias de hoje

– DARÁ CERTO... – murmurei.

– O que vai dar certo, Viriato? – perguntou a voz de Carol.

Estava no avião... O castigo e a visita à *bruja*, na Galiza, integravam o passado. Com esforço, ergui as pálpebras para enfrentar o presente. A dor provocada pelo corte no ombro era a pior entre meus ferimentos.

– Irei levar-vos a um lugar seguro – prometi, a cabeça retomando o raciocínio com lentidão. Eu sangrara demais, daí a extrema fraqueza.

Salvador, Bahia... Seria a segunda vez que eu visitava aquela cidade. Na época, eu mal completara dezessete anos e já tinha destruído as vidas de

Oriana e de Tariq.

– Que lugar seguro é esse? – perguntou Tiago, desconfiado.

– Por quanto tempo vamos continuar fugindo? – intimou João.

A verdade é que eu destruíra muito mais que duas vidas. Pelo menos três delas estavam ali, escutando comigo o piloto anunciar a aterrissagem.

– Um lugar seguro – repeti, procurando me manter alerta.

A vontade de me entregar outra vez ao sono – ou à inconsciência, já não sabia mais – era opressiva. Difícil pensar, difícil fazer escolhas. Senti muito frio, como se a ventania galega também soprasse no interior do avião, torturando-me com meus próprios erros.

– E Gael? – questionaram os dois humanos, quase ao mesmo tempo.

– Ligaste para Oriana? – perguntei a Carol.

– Deixei recado.

Acho que perdi a noção de tempo mais uma vez.

No passado, a porta de madeira continuava a se chocar contra o batente, abrindo e fechando. Monotonia e desespero.

Abri de novo os olhos. Precisava segurar minha mente no presente. A voz tranquila de Carol me avisou que precisávamos desembarcar. Ela me livrou do cinto de segurança e me ajudou a ficar de pé. Agarrei um dos encostos da poltrona, sentindo que o chão desaparecia.

– Você consegue andar? – preocupou-se a jovem.

– Tens mesmo certeza de que desejas a poção? – questionara a *bruja*, em galego.

– Não posso mudar o passado – respondi, no mesmo idioma.

Mas aquela não tinha sido minha resposta há catorze anos. E agora eu falava com três humanos que me fitavam sem entender nada.

– Temos de pegar um táxi – acrescentei, em português.

Não lembro como cheguei ao táxi, numa das saídas do Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães. Sei que o motorista ficou me encarando, assim como a família adotiva de Gael, à espera de que eu revelasse o destino da viagem.

– Largo do Pelourinho.

Era início de madrugada na Salvador do sincretismo religioso e da exuberância de cores, paladares e sorrisos. Uma capital que também sofria por seu passado de escravidão. Talvez por isso eu gostasse de lá. A cidade parecia me compreender.

– Fechai a porta de madeira, por favor – pedi, em galego, aos humanos.

O som do motor do carro era abafado pelo baque rude da madeira contra a madeira, porta contra batente, ambos manipulados pelo vento que forçava sua entrada na taberna sem que a *bruja* se importasse. O frio era mais um tormento. E ele antecedia a morte.

– Perderás teu espírito – ela previra.

– Mas ganharei o que mais desejo! – eu argumentara, com a simplicidade da adolescência.

Minha adolescência ficara para trás havia muito tempo. Pisquei, tentando me localizar. O táxi passava por casarões dos séculos XVII e XVIII, no antigo bairro considerado Patrimônio Mundial da Humanidade. Já estávamos no Pelourinho.

– O dinheiro do taxista... – lembrei, tirando do bolso da calça algumas notas, que entreguei a Carol.

– Não quero teu dinheiro – recusara a *bruja*.

– E como posso te pagar? – eu perguntara, confuso.

– Esquece a poção.

Mas não esqueci. E não pude pagar a *bruja*.

Carol pagou o taxista quando paramos no largo. Saímos do carro e pisamos as pedras irregulares do chão. Havia alguns bares abertos, pessoas circulando e grupos que viravam a noite cantando e dançando axé. Saímos do carro e fomos para um trecho mais deserto. Olhei para a Igreja de Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos e sua fachada de torres com terminações em bulbo. Não conseguia recordar onde era...

Uma negociação de paz com os iorubás. Isto levava Eurico a passar pelo Pelourinho, há catorze anos. E ele fizera questão de me levar, pela primeira vez me tratando com atenção.

– Provaste tua lealdade, Viriato, ao nos livrar da vergonhosa cria de Oriana. Escravos não se tornam guerreiros, mas tu serás uma exceção. Quando voltarmos, Kían irá treinar-te.

A alegria de me sentir um filho de verdade, misturada à covardia e ao remorso. Mais dor e frio.

A porta da taberna da *bruja* fechou-se pela última vez. Restou somente a escuridão. E um escravo que, abandonado pelo vendaval, perdia seu espírito.

Não, minha cabeça precisava ficar no presente. Corri os olhos pelos casarões coloniais ao redor, cada um de uma cor diferente. Onde era, mesmo?

Sem que eu esperasse, a proximidade da morte me desconectou da magia. Cusei a perceber que os humanos agora podiam enxergar minha presença trôpega, os ferimentos e as roupas de guerreiro ensanguentadas. Logo eu começaria a chamar a atenção de outras pessoas no local.

– Como e-ele...? – balbuciou Tiago, impressionado.

João apenas me olhava, boquiaberto.

– Ele esconde o que é através da magia – explicou Carol.

– E o que ele é?

– Brácaro, ora!

– Bra-quem?

A jovem ainda me amparava. Ela prendeu meu queixo entre seus dedos e me impediu de fugir novamente da realidade.

– Para onde agora, Viriato?

– O quilombo...

– Existem quilombos em Salvador?!

– Temos de achar os iorubás.

Próximo à igreja. Mais uma fachada colorida. Precisei de Carol para me locomover até lá. Não bati à porta. Fomos recebidos por um imenso guerreiro, que nos observava de seu posto de vigilância desde a nossa chegada.

– O que quer, brácaro? – rosnou ele.

– Abrigo para estes afrodescendentes.

– Mas eles não dominam a magia. Não podemos recebê-los.

– Se tua gente não oferecer proteção, eles serão mortos por meu clã.

Brácaros perseguindo humanos era uma novidade. E uma novidade inimaginável para quem não conhecesse a situação por inteiro.

Inseguro, o iorubá acabou cedendo. E isso implicava liberar aos humanos a visão de tudo o que era oculto magicamente: sua tradicional vestimenta africana – uma túnica bordada à mão, com cores alegres para valorizar a pele negra – e, principalmente, o portal de acesso ao gigantesco quilombo iorubá, oculto atrás da simples fachada colonial.

João e Tiago engasgaram diante do que lhes parecia impossível existir numa área tão pequena, espremida entre outras duas construções.

Carol foi a única a entender o que aquela decisão me custava.

– Você não vem com a gente, Viriato?

Libertei-me vagarosamente de seus braços. Pensei na previsão da *bruja*, na paixão que me empurrara ao abismo, nas vidas arrasadas por meu egoísmo. Passado e presente se misturavam de novo.

– Não se brinca com magia proibida – lembrara-me a *bruja*.

– Eu sei.

– Por que insistes tanto para que eu te dê a poção?

A escuridão não era mais completa. Meus olhos em busca de claridade encontraram uma janela de vidro nos fundos da taberna, mas distante o suficiente para nos manter sob as sombras. Talvez houvesse esperança. E um futuro. Não consegui esconder a verdade.

– Porque só com a poção posso descobrir como é ser feliz.

VIRIATO SE AFASTOU CAMBALEANTE para o meio da rua. Falava sozinho, delirando, numa língua enrolada que lembrava o português.

– Brácaros não entram no nosso quilombo sem terem negociado a entrada antes, com Akinlana – justificou o iorubá.

– Mas ele vai morrer! – defendeu Carol. – Precisa de ajuda!

Tiago espiou a filha. Não viu mais sua menininha; viu uma mulher apaixonada, que enfrentaria o mundo para salvar o amado. Temendo perdê-la para sempre, ele começou a admitir a muitíssimo remota possibilidade de ter um genro brácaro por perto.

– Olha, iorubá, você ainda não entendeu – disse. – Ele salvou nossas vidas e ainda trouxe a gente até aqui em vez de ir procurar um pronto-socorro. Além disso...

Carol gritou, desesperada, e voou até Viriato, que acabara de tombar no chão. João foi atrás e, após uma rápida verificação, transmitiu o informe, aliviado:

– Ele ainda está vivo!

– Como eu estava dizendo... – prosseguiu Tiago, impondo sutilmente ao iorubá sua inquestionável autoridade de pai. – O brácaro ali é da família. E não é você que vai separar uma família, não é mesmo?

CAPÍTULO 11

Vale do Rio Cubatão



Cubatão

A VAN DESCEU UM TRECHO da Rodovia Anchieta, em direção à Baixada Santista. Em algum trecho que Gael não soube precisar, tomou um caminho de terra. Após um bom tempo seguindo por um trajeto sacolejante, Oriana parou o veículo e mandou os adolescentes descerem. Iam embrenhar-se pela espessa vegetação da Mata Atlântica, opressiva graças à névoa intensa da madrugada.

– Aonde vamos agora? – preocupou-se o garoto.

– Procurar teu pai – foi a resposta de Oriana.

Gael, surpreso e também angustiado, voltou-se para Anuk. Tinha certeza de que a mãe não lhe daria mais nenhuma explicação.

A garota acabava de tirar o par de botas e o jogava dentro da van.

– Melhor ficar descalça – comentou ela, distraída. – Impossível andar aqui de salto fino sem usar magia.

– Você sabe quem é o meu...?

Não conseguiu pronunciar a palavra. Sempre evitara pensar na existência de um pai e de uma mãe, no que costumava ser uma boa estratégia para lidar com a rejeição.

– Teu pai é um índio.

Índio?! Ah, só podia ser brincadeira!

– Mas eu não tenho nada de índio!

Um sorrisinho zombeteiro acompanhou o olhar da garota, dirigido para as mãos cobertas pelas luvas.

– Isso é o que pensas, aberração.

Oriana, que prestava atenção na conversa, deu outra ordem, acelerando os dois molengas para acompanhá-la por uma trilha apertada entre a vegetação.

– Onde estamos? – perguntou Gael para Anuk.

– Parque Estadual da Serra do Mar.

– Vale do Rio Cubatão – especificou Oriana.

Quando Gael estava na quinta série, a escola trouxera sua turma para fazer uma trilha ecológica no Núcleo Itutinga-Pilões, em Cubatão. Um passeio que lembrava ter sido muito divertido, à beira do Rio Pilões. Vira de perto alguns tucanos, um gambá que assustara as meninas da classe e uma porção de bromélias, orquídeas e palmitos-juçara. Um monitor explicara que aquela região de nascentes garantia o abastecimento de água para milhões de habitantes nas cidades próximas. Também pertencia a uma das florestas tropicais mais ameaçadas do mundo, com parte de sua flora e fauna na lista das espécies em extinção.

De qualquer forma, a lembrança agradável do passeio não serviu para dourar as dificuldades da nova visita àquele trecho da Serra do Mar. O terreno era acidentado, inclinando-se para baixo conforme aumentavam seus desafios. A neblina gelada, além das raízes e dos galhos baixos das árvores, impedia o garoto de se locomover direito. A cada punhado de passos, ou ele trombava em algum tronco ou ganhava arranhões pelo corpo ou evitava cair de nariz na terra. Ou tudo ao mesmo tempo. E mais um pouco.

Anuk, atrás dele, não se saía melhor. Dependente da magia para resolver as questões do dia a dia, mostrava-se urbana demais para alguém que se autointitulava guerreira. Volta e meia apoiava-se em Gael para não perder o equilíbrio. Oriana, à frente, interrompia a descida várias vezes, tentando orientar-se.

A luminosidade crescente do novo dia aos poucos dissipou a névoa, permitindo uma visão geral do vale. Acima de suas cabeças, existia um horizonte serrano, com imponentes blocos de rocha cobertos por vegetação. Escarpas que contemplavam do alto a estreita e extensa planície formada pelo Rio Cubatão e seus afluentes.

Mais para a esquerda desse corredor ecológico, Gael divisou, impressionado, a civilização que convivia com a natureza selvagem, ocupando as ilhas de São Vicente e de Santo Amaro, e também algumas áreas do continente, tendo como fundo a imensidão azul do Oceano Atlântico. Havia ainda o movimentado Porto de Santos, o poderoso polo industrial de Cubatão, o histórico Caminho do Mar e, rumo ao planalto, as pilastras da Rodovia dos Imigrantes que subiam, majestosas, espetadas nos rochedos enquanto suportavam o tráfego de veículos que dividia com a Rodovia Anchieta. Junto às duas estradas, os chamados bairros-cota avançavam dia após dia sobre a mata nativa nas encostas da Serra do Mar, espalhando degradação ambiental apenas porque sua população pobre não encontrava outra alternativa de sobrevivência.

Foi por volta de meio-dia que os três fugitivos alcançaram a margem do Rio Cubatão. Mataram a sede e, após um rápido descanso, prosseguiram para oeste, na direção da área continental de São Vicente. A impressão assustadora deixada pela neblina já não dizia muito, pelo menos para Gael. Apesar do cansaço e da fome, começava a gostar cada vez mais dos sons dos pássaros e do sol que aquecia o ambiente úmido da mata. Ao passar sob uma árvore, olhou para cima e, feliz, encontrou um sonolento bicho-preguiça agarrado em um dos troncos. Quase uma hora depois, avistou um tamanduá que, curioso, analisava a presença humana em seu território. Perto do rio, apanhando sol sobre as pedras, havia alguns lagartos.

– Deve ter cobra também – pensou em voz alta.

Anuk girou para ele o rosto apreensivo, mas continuou mantendo a fachada de guerreira cheia de coragem, acostumada a todo tipo de situação perigosa.

– Basta tomares cuidado onde pisas – disse Oriana. – Cobras não fazem nada desde que não se sintam ameaçadas.

– Li que acharam aqui uma pedra com gravuras rupestres – disse o garoto, percebendo tarde demais que puxava conversa com uma mãe com a qual não gostava de falar.

Já arrependido, mordeu os lábios e se voltou para Anuk, como se conversasse com ela. Oriana, porém, segurou a caminhada e fez sinal para que

se dessem uma folga. Claro que os adolescentes desabaram no chão. A adulta se sentou diante do filho.

– Há alguns sambaquis em Cubatão – disse. – Sabes o que é?

– São montes de conchas, esqueletos, restos de comida e outras coisas deixadas pelo homem pré-histórico.

– Gostas de arqueologia?

– É que tive que fazer um trabalho sobre isso pra escola.

– E tiras notas boas?

– Ficam sempre na média – ele respondeu, dando de ombros.

– E já ficaste de recuperação?

– Em Matemática, algumas vezes.

– Deves ter herdado isso de mim. Sou péssima em Matemática.

Pela primeira vez, os dois trocaram um sorriso.

– Sabias que sou esteticista? Trabalho em um salão de beleza em Curitiba. Faço depilação, massagem facial e corporal... E também sou manicure.

Anuk bocejou de modo escandaloso, mostrando o quanto o diálogo a entediava.

– Trabalho no bar dos meus tios – contou Gael.

– E o que fazes lá?

– Lavo a louça, atendo clientes. E preparo o churrasquinho do final do dia.

Soava estranho relembrar situações que pareciam tão distantes no meio de um lugar tão selvagem. Com amargura, o garoto soube que nada mais seria como antes.

– Oriana, meu pai é mesmo um índio?

A mãe também sabia que nada mais seria como antes.

– Não um índio comum e sim um índio ligado à magia – confirmou ela.

– Tipo um pajé?

– Erraste feio! – riu Anuk. – E então? Esse papinho ridículo vai prosseguir até que horas?

– Por quê? – irritou-se Oriana. – Tens algum compromisso?

– Que tal estarmos às dezenove horas de volta à civilização?

– Pois tu podes ir sem mim!

A adulta se levantou, o que indicava o fim do descanso.

– Temos de chegar às ruínas antes que anoiteça – explicou.

– É onde vamos encontrar meu pai? – arriscou Gael.

– É ele que nos encontra.

– Como assim?

– Ela quer dizer que não sabe onde encontrá-lo – provocou Anuk. – E que, se ele não quiser nos encontrar, azar o nosso!

– Ele *vai* nos encontrar – reforçou Oriana.

Para o filho, não pareceu que ela tivesse muita certeza do que afirmava. Ele não se moveu, indeciso entre segui-la ou tomar o caminho de volta, o que a adolescente o incentivava a escolher. Ela também não saía do lugar.

Não precisava muito para despertar o temperamento odioso de Oriana. De modo brucutu, ela prendeu Anuk pelos cabelos na altura da nuca e a obrigou a se erguer.

– Andando, já! – ordenou, zangada.

A garota endireitou os ombros, empinando o queixo antes de obedecer. Gael acabou sem escolha.

– Você não é diferente de Galaor – disse para a mãe, com desprezo, tomando a dianteira de um caminho que desconhecia.

ANOITECIA MAIS CEDO NO INVERNO, o que trouxe o nevoeiro antes do que Oriana previa. Foi sorte encontrarem logo as ruínas, em um ponto acima da planície. Pertenciam a um engenho de cana-de-açúcar que funcionara nos séculos XVII e XVIII, um claro exemplo do fracasso em se ocupar, no passado, aquele corredor ecológico. Até os jesuítas, antes de serem expulsos do Brasil Colônia, tinham possuído glebas na área, com o objetivo de cobrar pedágio sobre pessoas, mercadorias e embarcações que utilizassem os rios que a atravessavam. Existira inclusive uma vila, Itutinga, que sumira do mapa ao perder importância para outra mais próspera e mais bem-localizada: Cubatão. Hoje, o vale, espremido cada vez mais pelas cidades ao seu redor, dava sinais de sucumbir sob o avanço predatório da civilização.

Exausta, suja e bastante irritada, Oriana mandou que os adolescentes achassem algum canto para dormir. Tinham se alimentado de algumas

bananas, o que tapeara a fome. As ruínas, deterioradas pela ação do tempo, não apresentavam qualquer conforto, ainda mais sob a chuva fininha e ininterrupta que começara uma hora antes.

Oriana esqueceu a prudência e utilizou magia para acender uma pequena fogueira que os aquecesse. O medo materno era de que Gael adoecesse. O filho já pegara muita friagem na véspera, com as roupas molhadas que tinham secado em seu corpo.

Tremendo de frio, ele se sentou defronte à fogueira e colado a Anuk, com as costas contra uma pedra. E ainda a abraçou para ajudá-la a lidar com a baixa temperatura da noite. Oriana detestava aquela cumplicidade entre eles. Sem mencionar a péssima influência de uma garota com fama de perversa, egoísta e traiçoeira.

Sentou-se perto dos dois, aos pés da fogueira, vigilante aos sons que vinham da mata. Não pretendia dormir.

GAEL OLHOU DE ESGUELHA para a mãe, que resolvera se acomodar perto demais para seu gosto. Com carinho, continuou protegendo Anuk em seus braços. Ela tremia mais que ele. O broche maquiavélico em seu peito a fazia sangrar novamente, uma prova de que a garota tentara se conectar à magia para se fortalecer. Seu aspecto dava pena: imunda, cheia de arranhões e hematomas. O garoto duvidava de que ela já tivesse passado por qualquer experiência parecida. Ele, apesar de tudo, gostava cada vez mais de estar ali, em contato com a natureza. “Talvez eu seja mesmo filho de índio”, sorriu.

– Por que sorriste? – quis saber Anuk.

– Só bobeira.

A garota se aconchegou ainda mais. Carente, frágil, cansada, enfim, nada que quisesse admitir para si mesma.

– O nome do teu pai é Rudá – contou.

Gael abriu outro sorriso.

– Estavas pensando nele – disse a garota.

– Nem!

– Não mintas!

– Tá, pensei nele.

– Tariq ia casar com Oriana – começou Anuk após molhar os lábios ressecados com a língua. – Estavam prometidos um ao outro desde crianças, desde que a última briga entre brácaros e al-gharbios terminou com um acordo político.

Um olhar dissimulado de Gael, bastante discreto, confirmou que a mãe não se movia, fitando as chamas tímidas da fogueira. O jeito era incentivar Anuk a falar.

– O que aconteceu?

– No jantar de casamento, Galaor, como sempre, quis se exhibir, trazendo como presente um índio que caçara lá no Amazonas.

– Rudá...

– O próprio.

– E aí?

– Oriana fugiu com o índio e Tariq passou a noite de núpcias com Shantel, a prima de Oriana.

Desta vez, o adolescente encarou a mãe. Ela permanecia imóvel, sem reação.

– O casamento foi anulado, e nós nascemos nove meses depois – continuou Anuk. – Tu como filho de Oriana e Rudá. E Mirele e eu geradas por Shantel.

– Eu não sabia que você e sua irmã eram gêmeas.

– Infelizmente, somos – resmungou ela, com uma careta. – Quando nascemos, fomos separadas. Eu, como a mais velha, fiquei com meu pai, e Mirele continuou com minha mãe. Quanto a ti...

– Me jogaram na frente do metrô.

– E terias morrido se Viriato não fosse tão incompetente.

Imensamente triste, Gael apoiou uma das bochechas contra a testa de Anuk. A única coisa que desejava era ter de volta a ignorância sobre suas origens.

– Curioso... – comentou a adolescente.

– Hum?

– Nós três.

- Você, eu e a Mirele?
- Somos três partes separadas do que deveria ser uma única criança.
- O filho de Oriana e Tariq.
- Sim.
- E qual parte você é?
- A pior de todas, com certeza! – sorriu ela, divertida.
- A gêmea má?
- Ainda duvidas?
- Não mesmo! – ele também sorriu.
- Mirele é a boazinha, aquela que todos amam e de quem sentem orgulho.
- E eu?

Anuk ergueu para ele o olhar escuro que sabia muito bem ser cruel e arrogante.

- És meu prisioneiro, esqueceste?
- Não sou prisioneiro de ninguém.
- Fui eu quem caçou primeiro a aberração!
- É só o que eu sou, não é?
- Por quê? Achas que podes ser mais alguma coisa?

Os braços masculinos perderam a vontade de abraçá-la e se afastaram.

Para escapar de Oriana, que voltara a vigiá-lo, e da expressão vitoriosa de Anuk e seu prazer doentio em magoar as pessoas, ele cerrou as pálpebras.

– Óbvio que a terceira parte é a aberração – disse a adolescente, repetindo o que ia na mente do garoto. – Ah, não! Vais mesmo chorar por causa disso?

A pergunta veio em tom de zombaria. Uma lágrima escorria pela face de Gael.

- Choras como uma menina! – menosprezou ela.
- Chega! – sibilou Oriana.
- Que moral tens para me proibir de alguma coisa?
- Não te darei satisfação sobre meus atos. Agora cala-te ou te arranco a língua!

Gael abriu os olhos, secou a lágrima com a manga do blusão e decidiu sentar-se perto de outra pedra, afastado das duas mulheres. Furiosa por ser

abandonada, Anuk só parou de provocá-lo quando Oriana ergueu a mão e lhe deu um tapa no rosto. Desta vez, o garoto não defendeu nem culpou ninguém. Abraçou os joelhos com força e procurou dormir. O dia seguinte seria tão cansativo quanto o que passara.

DIZEM QUE A ÚLTIMA HORA que antecede o nascer do sol é a mais escura. E também a mais sinistra. Gael acordou sobressaltado. Havia uma quarta presença entre as ruínas do engenho.

– Não olhes para ela! – implorou Oriana.

Mas o garoto olhou. Viu a mãe e a adolescente, as duas que amava e também odiava, de joelhos e com os olhos fechados, encolhidas uma contra a outra. Viu o que parecia ser um cervo imenso, orgulhoso e sobrenatural, de pelos brancos translúcidos e olhos de fogo, que vagava ao redor, analisando-as.

– Por favor, acredites... – disse Oriana para a criatura. – Viemos em paz.

O argumento não surtiu efeito. A criatura indicou a fogueira e suas chamas que ainda ardiam, apesar da chuva fina.

– Perós mágicos são os piores – disse ela com uma voz estranha, como assobios ensurdecedores, em palavras que não pertenciam a nenhum idioma, mas que podiam ser compreendidas por qualquer um. – Dominaram nossas praias, expulsaram nossa magia para o interior...

Perós... Não era assim que os índios chamavam os portugueses na época da colonização?

Um golpe invisível atingiu primeiro Oriana. Outro foi destinado a Anuk. As duas gemeram baixinho antes que a surra implacável começasse de verdade. Gael correu para a fogueira, de onde tirou alguns gravetos em chamas. Nada ameaçador, na verdade, mas era a única arma ao seu alcance.

– Larga elas! – disse, lutando para não ser contaminado pelo horror profundo que a criatura inspirava.

Vieram golpes e mais golpes, ágeis, sem pausas, inacreditáveis, para as duas mulheres. Parecia que seriam surradas até a morte.

– Para! – gritou o garoto, apontando os gravetos contra o focinho da criatura.

– Poupei sua vida, mestiço de índio. Ou você também quer apanhar?
Cada vez mais aterrorizadas, Oriana e Anuk deixaram de emitir qualquer som.

–Vá embora! – insistiu Gael.

Os olhos da criatura lançavam faíscas, o que intimidou o garoto. O pânico também ameaçava paralisá-lo.

–Você é apenas um filhote com medo – constatou ela.

– E você, quem é?

– Sou Anhangá.

Que droga não ter prestado atenção nas aulas sobre folclore! Mas *aquilo* não era faz de conta nem item de pesquisa escolar. Estava diante de um mito assustadoramente real, que o fitava, prestes a assá-lo em labaredas.

– Por que você está batendo nelas?

– Perós só trazem morte e destruição.

Anhangá parecia se referir ao homem branco de modo geral, independentemente de nacionalidades. Gael desarmou o ataque. Com esforço, buscou algum exemplo que endossasse a afirmação.

Claro, aquele espírito errante das matas tinha excelentes motivos para defender seu habitat.

– Nem todos os perós são ruins – argumentou o garoto. – Olha só: você está numa área de preservação ambiental. E ela só existe porque alguns perós conquistaram isso. Pode haver esperança, entende?

Os golpes cessaram, libertando as duas mulheres para a inconsciência. Anhangá tinha outra vítima. Suas patas dianteiras derrubaram Gael, espremendo-o contra a terra enlameada pela chuva.

–Veja! – ordenou a criatura.

Imagens chocantes se apossaram da mente do adolescente. Chacinas contra tribos indígenas. Violência indescritível, torturas, sofrimento, servidão. Sangue índio e sêmen do explorador europeu determinando gerações de mestiços sem identidade, desvinculados da natureza. Florestas devastadas sem piedade, animais mortos, exploração de recursos em nome da ambição desenfreada.

Era o passado daquele mundo que seria conhecido como Brasil. E ainda tinha traços no presente...

Gael, com os sentidos aguçados ao extremo, não pôde impedir uma segunda enxurrada de imagens. Anhangá agora lhe mostrava o futuro da civilização que se impusera sobre a que fora assimilada. Um futuro em escala mundial: árido pelo excesso de calor, poluído, sem vida de qualquer espécie. Era o resultado final do processo de autoaniquilação empreendido pela raça humana.

Esgotada, a mente de Gael provocou uma convulsão. Seu corpo se debateu sob as patas de Anhangá até que a reação o libertasse para o vazio.

ANUK FOI A PRIMEIRA A DESPERTAR. Moída pelas pancadas de Anhangá, ela mal conseguiu se sentar. A cerva tinha ido embora.

– Ai, não! – disse a garota, aflita, ao descobrir Gael, estendido no chão, quase a dois metros de distância.

Arrastou-se até ele e checkou seu estado. Estava vivo, mas com a respiração muito débil. Não havia sinal de surra nenhuma... Até onde sabia, divindades indígenas gostavam de abalar as mentes que ousavam confrontá-las. Mas o que fora feito para...?

“Excesso de magia!”, apostou, ainda mais aflita. A criatura sobrecarregara Gael com uma dosagem de magia superior à que ele poderia suportar. Algo tão perigoso que os clãs rotulavam seu uso como proibido.

– Não morras, imbecil! – brigou a adolescente, derramando lágrimas enquanto se deitava ao lado dele e o prendia contra si, com medo de perdê-lo.

ORIANA FOI DESPERTADA pelos pontapés de Anuk. Amanhecera havia algumas horas, como comprovava a forte claridade que inundava as ruínas. E parara de chover.

– Age como mãe! – esbravejava a adolescente. – Teu filho precisa de ti!

A adulta se mexeu com dificuldade, o que provocou uma nova remessa de chutes. Ergueu o corpo bastante dolorido e demorou a se dar conta do que

estava acontecendo. Anuk, numa rara demonstração de generosidade, a colocou a par do que Gael sofrera.

– Não és tu que evocas magia proibida? Pois trata de salvar teu filho!

Oriana se aproximou do garoto, observando os sinais da overdose de magia. Gael estava pálido como um cadáver, os olhos fixos em nada, os dentes trincados e o corpo tenso, incapaz de se mexer. Antes de entrar nesse estado, era certo que ele começara a tremer, perdendo o autocontrole, e daí tivera uma convulsão.

A jaqueta de Anuk, dobrada como travesseiro, impedia que a cabeça dele afundasse na lama.

– Não há nada que eu possa fazer – admitiu Oriana.

A tensão que ela acumulava havia semanas se uniu ao desespero de perder um filho que mal pudera conhecer. O choro foi a consequência inevitável, tornando impossível ostentar uma postura fria para lidar com tanto sofrimento.

– Manteiga derretida! – disse Anuk, chateada, empurrando-a para tomar seu lugar ao lado de Gael. – Hum... Se o corpo dele está intoxicado de magia, o que se pode fazer para desintoxicá-lo?

Se magia era o poder de tornar possível o impossível... Então era preciso trazer Gael de volta ao que ele considerava possível!

– O que é real para ele? – disse Anuk, falando sozinha.

Oriana se inclinara, ainda sentada, entregue ao choro compulsivo. A garota continuou listando possibilidades e descartando todas, até que uma palavra se recusou a ser jogada fora. Sim, havia o “agora”. Se Gael sentisse a intensidade do momento presente, talvez voltasse. Mas... como provocar isso?

“O toque... Ele tem de sentir que está *aqui*”.

Anuk não tinha nenhuma habilidade quando o assunto era carinho. Ternura jamais existira em sua rotina. Como era mesmo que as pessoas costumavam fazer?

Com cuidado, debruçou-se sobre o garoto, unindo a parte de cima de seu corpo à dele. O broche afundou mais em sua carne, mas ela não se importou.

Face com face, lábios e lábios tão próximos, olhos ansiosos em busca de esperança nos olhos vidrados. Haveria a transmissão natural de calor de um organismo pulsante para outro, paralisado?

– Gael? – sussurrou.

Ele necessitava de mais incentivo. Os dedos quentes de Anuk contornaram os traços de seu rosto, pressionando a pele gelada. Mesmo sem saber se aquilo era carinho, a garota insistiu no toque. Seu hálito se misturava ao dele. Que gosto teriam os lábios que gostava de ver repuxados quando brigavam com ela?

– Fica comigo...

Levou uma eternidade para a respiração do adolescente se normalizar, para sua pele reassumir a cor, os dentes relaxarem e o corpo reencontrar o equilíbrio natural. As pálpebras foram as últimas a piscar. No instante em que Gael, enfim, contemplou Anuk em seu campo de visão, o coração dela bateu de maneira desordenada. O dele também.

– És devagar mesmo, hein? – queixou-se a garota, recompondo-se de imediato. – Meus braços ficaram amortecidos! Estou há horas nessa posição, sabias?

A NOITE ENCONTROU OS TRÊS FUGITIVOS no mesmo lugar. Gael recusou as frutas que Oriana lhe trouxera e permaneceu muito quieto em seu canto, encostado à mesma pedra onde adormecera na véspera. Não conseguiu pegar no sono.

A mãe, que descartara a utilização de magia para acender a fogueira, estava por perto, igualmente insone. Já Anuk dormiu com a cabeça apoiada no colo de Gael, tranquila como um anjinho satisfeito com a boa ação do dia.

As imagens disparadas por Anhangá ainda torturavam a mente do garoto. Ontem, massacres. Amanhã, extinção. Sempre morte, sempre. Mas a criatura não lhe mostrara a vida, a solidariedade, o amor. Como a sensação maravilhosa de despertar sob a atenção total de Anuk. Ela lutara, de verdade, para mudar o futuro. E conseguira.

– O passado acabou – murmurou Gael. – Mas o futuro começa no presente e a gente muda o presente, se quiser.

Oriana o escutara. Por segundos sua mão hesitante acariciou os cabelos dele, mais tempo do que durou o toque em si. Constrangida, ela recuou, sem dizer nada.

Talvez o passado que perdera como mãe pudesse ser recuperado, de algum modo. Cheio de esperança, Gael gastou minutos preciosos escolhendo o que lhe dizer. Quando ia abrir a boca, seus olhos captaram o novo perigo que se ocultava na escuridão. Uma onça-negra, a mais rara de todas, armava o bote para atacá-los.

ATERORIZADO, GAEL CUTUCOU O OMBRO DE ANUK até que ela acordasse. Enquanto isso, a onça, feroz, mostrava os dentes afiados e nervosos, liberando baba e respiração no ambiente frio. Anuk prendeu a mão do garoto para interromper o chamado. Já estava de olhos bem abertos, muito ciente do recém-chegado e seu currículo de maior felino da América, macho carnívoro, robusto, um metro de altura, quase dois de comprimento e uns noventa quilos de voracidade em sua essência mais apavorante.

– Sou eu... Oriana – disse a adulta, erguendo-se lentamente.

A mãe, então, conhecia onças famintas? “Bom, não duvido de mais nada”, conformou-se o filho.

A fera foi chegando mais e mais perto. Os olhos de pupilas escurecidas, dourados e raivosos, focalizavam apenas Gael. Este engoliu saliva. Anuk, ainda com a cabeça apoiada em seu colo, achou melhor não se mexer. Oriana, em pé, *idem*.

A mandíbula enorme parou a milímetros do adolescente, como se absorvesse seu medo. A onça já escolhera a ceia da meia-noite.

Agindo de maneira irracional, a *refeição* se levantou abruptamente, derrubando Anuk e soltando a mão que ela ainda prendia.

– Gael, não... – disse a mãe, procurando acalmá-lo.

Guiado pelo instinto de preservação, ele foi se afastando, com a onça a segui-lo devagar. As mulheres ficariam em segurança, mas ele não. Deu um passo, deu outro.

– Gael... – tentou novamente Oriana.

Ele não ouviu. Não pensou, não verificou estratégias. Apenas reagiu, virando-se para correr e escapar da fera que o perseguiria para estraçalhá-lo.

TENTOU CHAMAR PELO FILHO mais uma vez. Sabia que o animal o detectara como um macho onça e, portanto, rival em seu território. Mesmo sem dominar direito a espada de Anuk, Oriana a empunhou com firmeza e, como a garota já se adiantara a fazer, saiu como louca atrás deles.

GAEL TROPEÇOU NA VEGETAÇÃO, alucinado, bateu contra árvores e caiu barranco abaixo, rolando como uma bola em alta velocidade até acabar na margem do rio. Jogou-se na água sem prever que a onça também sabia nadar.

Após cruzar o rio, Gael se viu encurralado pela fera, preso entre pedras na margem oposta. Seu pânico contrastava com a placidez do céu e sua lua quase cheia, que levava luz àquele trecho descampado da mata.

De repente, um grito ecoou pela noite. Anuk! Ela não gritaria por bobagem...

Criando coragem de enfrentar seu adversário, Gael fez suas garras saltarem dos dedos e o surpreendeu ao rasgar-lhe a testa, quase atingindo um de seus olhos, antes de afundar na água para passar por baixo dele. A onça demorou milésimos de segundos para recuperar o ritmo da caçada, o que deu ao garoto tempo de alcançar terra firme e disparar atrás de Anuk. Ela estava em perigo. E isso era tudo o que importava.

ANUK XINGOU O ESCURO, xingou-se por ser tão burra em se arriscar atrás de um prisioneiro idiota, xingou o mundo por simplesmente existir e atrapalhar sua vida. Graças à penumbra, não vira o barranco e agora estava pendurada numa rocha a metros do chão, sujeita a uma queda livre, sem nada para detê-la. Ah, sim, também xingou o broche que lhe negava a magia.

As mãos suadas, agarradas a um galho, fizeram-na escorregar alguns centímetros. Ia morrer se não obtivesse ajuda para sair dali.

– *Gael!* – berrou, possessa. – *Anda logo!!!*

O GAROTO CONTINUOU CORRENDO, desta vez prestando mais atenção aos obstáculos do caminho. Anuk o chamava – algo que só faria se fosse

obrigada, ou seja, o perigo era mesmo sério. A onça ainda o perseguia, o que transformava tudo numa cena surreal. Hilária até, se ele não fosse um dos personagens.

– Rudá, não! – gritou Oriana, aparecendo logo adiante, à sua frente. Ela... ela estava *falando com a onça?! – Gael é teu filho!*

No mesmo segundo, o garoto interrompeu a corrida, derrapando e voltando-se automaticamente para a onça que tinha o nome de seu pai.

“Aquele animal... *ele é que é meu pai!*”

A fera não demonstrou nenhum cuidado paternal. Saltou sobre o filho, tombando-o como faria com uma presa a ser abatida. Seus dentes, porém, não arrancaram nenhum pedaço de Gael. Este foi mantido imóvel sob o poder de suas garras.

– Ele é teu filho – repetiu Oriana, aproximando-se com cautela. – Por favor, Rudá, não o machuques...

Uma onça?! Caramba, como ele podia ser filho de um bicho desses?

Os olhos da fera examinaram-no demoradamente. Então, movendo o focinho com nobreza, ela retrocedeu, equilibrando-se sobre as patas traseiras. Boquiaberto, Gael ergueu as costas e se apoiou nos cotovelos para acompanhar a transformação. O pelo negro e brilhante se dissolveu, a mandíbula perdeu agressividade e os dentes receberam lábios para cobri-los. A cauda sumiu, o que acentuou o aspecto humano do índio-onça. Rudá tinha olhos castanho-dourados, cabelos negros e escorridos, raspados na altura das orelhas triangulares, e pele morena, avermelhada pelo sol. Era alto, musculoso e estava nu. A coluna de nós salientes o deixava um tanto encurvado. E as mãos em formato de patas, sem pelo e de dedos longos, exibiam as garras retráteis. Um homem de charme felino, intrigante e bastante másculo, atraente a ponto de fazer Oriana largar a própria festa de casamento para fugir com ele.

Gael sorriu feito bobo, apesar da cara fechada do pai, arranhada por suas garras. Nunca fora uma aberração. Era apenas o filho de uma brácara e de um índio-onça. A coisa mais normal do mundo...

– Anuk! – lembrou, num estalo. – Esqueci dela!

E outra vez o garoto se levantou para sair correndo, atrás do terceiro grito que o chamava, vindo de algum ponto do alto do barranco.

– AQUI! – Anuk esgoelou-se para orientar o garoto. Ele estava por perto, chamando-a para facilitar sua localização.

As mãos da adolescente escorregaram mais um pouco. Seus pés descalços tentavam se prender à rocha revestida de limo.

– Vais demorar muito? – irritou-se. – Estou caindo!

Só sossegou no instante em que Gael apareceu à beira do barranco, esticando-se para puxá-la pelos braços. O garoto podia ser ágil, mas não era muito forte. Foi grande sua dificuldade de arrastá-la para cima, apesar do esforço que ela fazia para escalar a rocha.

Assim que se viu em segurança nos braços que a apertavam, felizes por tê-la salvo, Anuk preparou os punhos. O estômago do adolescente foi o alvo de duas pancadas bem dadas, o que o deixou bem longe rapidinho.

– Isto é por demorares tanto! – retrucou ela.

Mais calma, colocou-se de pé, arrumando os fios rebeldes do cabelo. Foi quando notou que Oriana vinha até eles, acompanhada por um índio-onça pelado.

– Agora que reunimos tua família... – disse a garota, dirigindo-se a Gael, que massageava a barriga dolorida –... que tal regressarmos à civilização? Este passeio ecológico já perdeu a graça!

CAPÍTULO 12

Quilombo dos Iorubás



Salvador

ACHO QUE NUNCA DORMI TANTO NA VIDA. E ainda havia uma noção de segurança que eu não experimentava desde a infância. Medicamentos amorteciam a dor em meu corpo e provocavam ainda mais sono. Sei que ergui pálpebras pesadas, tentei me mexer na cama, ouvi a voz de Carol falando comigo, mas não acordei realmente. Tive sonhos também, e pesadelos misturados a lembranças que, se pudesse, apagaria sem arrependimento. Os rostos de Eurico, Oriana, Galaor povoavam minha memória... e Shantel. Com ela vinham imagens torturantes: a *bruja*, a poção, o metrô, Kían, os espelhos de água, a magia...

Aos poucos, tudo foi clareando em minha cabeça. Numa manhã que enchia de luz o quarto simples, com apenas uma cama e um guarda-roupa antigos, consegui ficar desperto por mais tempo. Agradei mentalmente a Cal-leach por salvar minha vida e olhei para a jovem humana que fizera isso acontecer.

– Obrigado – eu disse, numa voz que saiu abafada.

Minha boca estava inchada, metade do rosto e um dos olhos também. Eu tinha levado pontos no queixo, na testa, no ombro e em outras partes do corpo. Meu braço esquerdo recebia soro.

Carol sorriu, meiga e ainda mais linda.

– Muitos estragos? – perguntei.

– Você precisou passar por um cirurgião plástico e também recebeu transfusão de sangue. Além de poções das ervas que os mãos-de-ofá trouxeram.

– Fui internado?!

O quarto simples, com suas paredes azuis, não parecia pertencer a um ambiente hospitalar.

– É o hospital do quilombo. Nossa, isso aqui é uma cidade dentro da cidade de verdade! E ninguém nem desconfia que existe. Muito louco!

Do que me lembrava de minha primeira visita, o Quilombo dos Iorubás refletia vários aspectos da África, do rústico ao moderno, de acordo com as necessidades de seus habitantes. Tinham cirurgiões plásticos, porém tinham ainda os mãos-de-ofá, entendidos em ervas. A cultura predominante sofrera um processo semelhante ao que ocorrera com os outros clãs. Sua identidade se modificara com a influência de outras raças, o uso da tecnologia e a própria ação do tempo.

Os quilombolas eram, portanto, essencialmente brasileiros.

A história do quilombo mostrava bem a coragem daquela gente. Três séculos antes, o povo iorubá-nagô desafiara a presença dos escravagistas e reunira uma magia gigantesca para criar um refúgio em plena área do Pelourinho, local público onde os escravos eram torturados. Com o tempo, o quilombo passara a receber fugitivos de outras etnias africanas, desde que fossem capazes de sustentar a magia exigida para se manter a comunidade. Essas etnias formaram os mocambos, com administração e chefia próprias, dentro do quilombo. Oculta da curiosidade humana, existia uma verdadeira cidade secreta, como Carol definira.

– Sou prisioneiro de Akinlana?

Ela assentiu. Akinlana era o rei iorubá escolhido por seu povo e pelos chefes dos mocambos para governar o quilombo.

– Tem um guerreiro aí fora vigiando você – acrescentou.

Uma vigilância que, para mim, servia apenas como formalidade. Além de não ter condições físicas de investir numa fuga, eu me sentia muito mais protegido em território inimigo do que com minha própria gente.

– Conseguiu falar com Oriana?

– Tentei várias vezes, mas só deu caixa postal. Ela não atende o celular. Viriato, você acha que a cilada de Galaor funcionou e que...?

Ela não concluiu a pergunta. Lágrimas de preocupação enchiam seus olhos negros. Menti para tranquilizá-la.

– Se tivesse acontecido alguma coisa a Gael, já estaríamos sabendo.

– Mesmo?

– Sim.

Torci para que as marcas de sangue que deixara no corrimão do prédio tivessem alertado o garoto. Como mestiço de jaguara, ele possuía uma visão muito superior à nossa. Um recado como aquele não passaria despercebido.

– Você tem sangue tipo A positivo, sabia? – disse Carol, como se adivinhasse parte do que ia na minha mente. – É o mesmo tipo que o meu.

Ela voltara a sorrir. Uma expressão travessa brincava em seu rosto.

– Tu... Tu doaste teu sangue para mim?

– Foi.

Eu não soube o que dizer. Senti-me estranho, como se não fosse mais o mesmo. Havia sangue humano circulando em minhas veias. E não um sangue qualquer, mas pertencente à jovem que criara Gael, a criança que eu arremessara para a morte. E não uma criança qualquer, mas um sobrinho com meu sangue, alguém que jamais devia ter nascido e que só nascera porque eu interferira no destino.

De modo confuso, aquela ligação entre nós me trouxe um sentido novo. Se eu não era mais o mesmo... Então poderia ser o que desejasse!

– Tu me deste vida – murmurei, sentindo que adormecia novamente. Um sono leve, feliz, embalado pela esperança.

ESFORÇEI-ME AO MÁXIMO para acelerar minha recuperação. Os recados deixados por Carol no celular de Oriana continuavam sem retorno, o que me deixava preocupado e certo de que devia sair do quilombo para procurá-la. Minhas tentativas de enxergar a ela e a Gael em espelhos de água foram

infrutíferas. Eu me sentia fraco demais para praticar qualquer tipo de magia.

Além disso, estava acostumado com minha solidão. E viver preso a uma cama me exigia uma dependência inesperada em relação à humana, algo com que eu não sabia como lidar. O que também era contraditório. A cada dia eu gostava mais de sua presença ao meu lado. Sentiria falta de tanta dedicação quando esta não fosse mais necessária.

Uma tarde, decidi, sem que Carol soubesse, que era hora de tomar banho sozinho. Encontrei uma toalha e roupas limpas no guarda-roupa e lentamente saí do quarto. O guerreiro que me vigiava acompanhou com o olhar minha ida insegura até o banheiro, metros adiante.

Após entrar, retirei o camisolão de paciente e os curativos, para verificar a quantas andava a cicatrização dos ferimentos. Medicina e magia eram realmente uma excelente combinação. Eu estava quase curado!

Sem pressa, larguei-me sob a água morna do chuveiro, desistindo de pensar. Esqueci a passagem do tempo. Quando desliguei o chuveiro e resolvi me enxugar, descobri meu reflexo no espelho do pequeno armário pendurado acima da torneira da pia. Ali estava o escravo-guerreiro, filho de Eurico e meio-irmão de Galaor e Oriana. O bastardo covarde e egoísta que precisava assumir de vez sua culpa por tanto sofrimento.

Havia uma tesoura dentro do armário. Um objeto com mais poder do que eu jamais imaginara. Com ele, comecei a apagar minha imagem de brácaro, cortando os cabelos longos para deixá-los radicalmente curtos. Satisfeito, joguei na lixeira os fios abundantes que sujavam a pia. A lâmina e o creme de barbear foram os instrumentos seguintes. Raspei barba e bigode e só então analisei o resultado. O rosto limpo me mostrava que eu estava no caminho certo. Agora, quanto ao corte... Ri sozinho, como não ria há sei lá quanto tempo.

– Viriato? – chamou Carol, batendo à porta. – Está tudo bem aí?

Enrolei a toalha na cintura antes de responder. Tinha certeza de que ela entraria no banheiro para verificar o que estava acontecendo.

– Está tudo bem, não te preocupes.

Claro que ela abriu a porta.

– *O que você fez com seu cabelo?* – perguntou, horrorizada.

Por que mulheres se preocupam tanto com aparência? Os fios iam crescer. Qualquer corte, por mais terrível que fosse, acabaria se consertando sozinho.

Dei de ombros e caí na risada outra vez. O ar furioso de Carol era hilário.

– Vou ajudar você a se vestir e depois corro atrás de uma cabeleireira – ela avisou, mãos na cintura. – Alguém precisa dar um jeito nessa devastação capilar!

AMELHOR CABELEIREIRA DO QUILOMBO merecia a fama. Em minutos acertou o corte desengonçado feito por Viriato, dando-lhe uma aparência irreverente e jovem, apesar dos fios brancos que se misturavam aos castanhos. Carol aprovou o resultado, mesmo porque a mudança radical revelara o lado brincalhão de um rapaz sempre sombrio.

Quando ela tentou pagar pelo serviço, recebeu um bem-humorado “não” e uma justificativa.

– Não é todo dia que se vê um brácaro querendo virar humano – disse a cabeleireira, divertida, antes de deixar o quarto.

– É isso mesmo? – quis confirmar Carol, ao ficar sozinha com Viriato. – Você quer se tornar humano?

– Seria me tornar algo melhor do que sou.

Carol se sentou à sua direita na cama, muito perto mesmo. Saboreou os olhos azuis que não desgrudavam dela.

– Por que você é escravo?

– Nasci nessa condição.

– Sua mãe é escrava?

– Era. Ela morreu há vinte e quatro anos.

– Nossa, você devia ser muito pequeno... E quem criou você?

– Eu me criei – sorriu ele, estranhando a pergunta. – Já se é grande o suficiente quando se tem sete anos.

A jovem não conseguia imaginar como podiam permitir que uma criança crescesse sem um adulto por perto. Aqueles brácaros eram selvagens.

– E por que sua mãe era escrava?

– Ela nasceu assim. E mãe dela, a avó, a bisavó e todas as mulheres antes dela.

– Por que apenas mulheres?

– Homens escravos são proibidos de ter filhos.

– Que absurdo!

– Escravos, tanto homens quanto mulheres, não podem constituir família. É a lei do clã. Uma forma de evitar o crescimento da população escrava e, naturalmente, inibir o poder que ela poderia ganhar.

– E por que seus antepassados são escravos? Digo, deve ter tido um primeiro que era livre, não?

O olhar de Viriato permanecia admirando a garota. Para total felicidade dela.

– Sou descendente de prisioneiros de guerra. Ahn... romanos, acho.

– Da Roma Antiga?

– Sim.

Os lábios de Viriato se tornaram deliciosamente próximos. De repente, eles se afastaram. O rapaz reassumia sua eterna postura preocupada.

– Ligaste hoje para Oriana?

– Duas vezes. E nenhum retorno.

Ele girou o rosto para a janela e respirou fundo, cansado. Lá fora, o final de tarde cobria de tons alaranjados as construções térreas de alvenaria, todas pintadas com cores vivas e alegres, rodeadas pela selva africana que existia apenas no plano da magia. O hospital se localizava no primeiro mocambo, o dos iorubás.

– Sabes qual era a função da minha mãe? – perguntou o rapaz, como se tirasse a questão do nada. – Servir de passatempo aos guerreiros do clã. Eurico só tem certeza de que sou filho dele porque nos parecemos fisicamente. Muito.

Carol o abraçou com carinho. Não queria que notasse o quanto estava chocada.

– Mesmo assim... Minha origem não justifica o que fiz. Nada justifica, entendes?

– E o que você fez? Tentou matar o Gael, certo? Até meu pai e meu tio já perdoaram você por isso.

– Perdoaram-me? – surpreendeu-se ele, novamente fitando a garota.

– Você está ajudando a gente agora. E protegeu o Gael.

– Ele é meu sobrinho.

– É, ficamos sabendo. O Gael é muito mais parecido com você do que com a Oriana, sabia?

– Ele se parece com o avô.

– Sabe, primeiro, achamos que você fosse o pai dele, mas aí o rei Akinlana nos contou que a Oriana fugiu com um índio-onça na noite do casamento dela. Pelo que ele falou, foi um escândalo enorme na época e, por mais que os brácaros tentassem abafar a história, ela caiu na boca dos povos mágicos.

O rapaz não disse mais nada. Parecia travar uma batalha interna sobre o que era certo ou errado. Carol achou melhor afastar aquela onda de melancolia.

– Se você quer virar humano, tem de parar com essa história de tu, vós, ti e tal.

Conseguiu um novo sorriso como *feedback*.

– Experimenta usar o “você”.

– Difícil.

– Não é não. Tenta, vai!

Viriato ensaiou um “você acha” que saiu um “você achas”. Tentou corrigir, emendou com outras frases que misturavam segunda e terceira pessoas do singular e acabou se enrolando todo, uma situação engraçada que fez os dois rirem muito.

– Desisto! Vocês, humanos, falam de modo muito complicado.

– Você acertou a concordância!

– Acertei, é?

– Direitinho!

Feliz, Viriato se levantou, puxando a jovem pela mão.

– Vamos andar um pouco – convidou ele.

– Mas você deve estar cansado e...

– Nunca me senti tão bem. Vem... venha!

OS QUILOMBOLAS não pareceram se importar com a presença de um brácaro entre eles. Trataram-me com respeito e até simpatia, o que era uma surpresa diante da animosidade histórica que envolvia os dois grupos. Talvez porque agora eu também fosse um fugitivo, como seus antepassados. E um fugitivo que se arriscava para proteger a vida de três afrodescendentes.

Apoiei-me no braço esquerdo de Carol, sem vontade de sentir cansaço. Andamos devagar, seguidos de longe pelo guerreiro que me vigiava, perambulando pelas ruas acolhedoras daquele lugar mágico. Paramos para observar a confecção de cestos de vime, realizada por uma família de pai, mãe e cinco filhos. Mais adiante, garotos jogavam futebol num campo improvisado entre as casas e a mata. Era como passear por uma tranquila cidade brasileira, mas entremeada por texturas africanas.

O quilombo era uma cidade autossustentável, vivendo da agricultura, da caça e da pesca. Alguns de seus habitantes estudavam e trabalhavam no mundo dos humanos, interagindo sem que estes desconfiassem de nada. Havia ainda um restrito e secreto comércio com o mundo exterior no que se referia à arte iorubá. Interrompi novamente o passo para conhecer o trabalho realizado nas cerâmicas dispostas em várias prateleiras, na frente de uma das residências. Várias traziam ziguezagues, linhas onduladas e espirais contínuas e infinitas, uma variedade geométrica espantosa. Comentei com Carol que algumas peças alcançavam preços ótimos no mercado.

– Você entende de arte?

– Entendo de números – sorri.

– Sem querer ofender, mas... guerreiros entendem de números? Pensei que vocês só guerreassem.

Achei engraçado aquele raciocínio.

– Guerreiros cuidam da segurança do clã – expliquei. – Mas eu não sou exatamente um guerreiro. Nasci escravo. Só recebi treinamento em armas por uma permissão especial.

– Você... hum... trabalha?

– Nos últimos anos fui responsável pela parte contábil dos negócios de Eurico. Trabalho árduo e muito cansativo, bem adequado a um escravo.

– Você é contador? – espantou-se a jovem.

– Com MBA na área e tudo o mais.

– E Galaor?

– Ele prefere gastar dinheiro.

O filho mais velho de Eurico herdara do pai a ambição sem limites, a pose de líder, o gênio truculento e o apetite insaciável por mulheres bonitas. Só não contava com talento para administrar os negócios da família.

– Tenho o técnico em Enfermagem, mas ainda não trabalho na área – disse a jovem. – Gostaria de fazer faculdade, só que custa caro e nós não...

– Tu... você ganharia uma bolsa de estudos.

– Eu já ganhei uma bolsa de cem por cento quando fiz o curso técnico e...

Carol era mais esperta do que imaginei. Eu devia ter evitado o assunto.

– Como pode saber que eu ganharia a bolsa? – ela agora me encarava.

– És uma jovem inteligente, com notas ótimas no colégio.

– *Como você sabe disso?*

Preferi examinar mais de perto uma prateleira e sua remessa de potes de cerâmica com figuras zoomorfas, cobras, lagartos, tartarugas. Junto à janela, vi uma grande tigela de cerâmica com água. O líquido formava um espelho...

Rio de Janeiro, doze anos antes

O LUAR BRILHOU NA SUPERFÍCIE DAS ÁGUAS. Meus olhos se abriram mais. Estava entrando no mundo que a água descortinava, ampliando a conexão. Ainda ouvia a voz de Kían, mas ela parecia vir de longe, muito longe.

– A magia – ele dizia – está em todo lugar, mas precisamos nos ligar a ela. Nós herdamos dos celtas a capacidade de fazer isso: está no sangue brácaro, érin, galês, como está no sangue de outros povos mágicos do mundo, como os al-gharbios, indígenas, helens, shintos, afros.

Eu podia sentir a parcela de meu sangue brácaro forçando a vidência. Mas a visão no espelho de água não era nítida, ainda... Ele continuava falando.

– Além da capacidade natural, que exercemos por nossa *vontade*, precisamos de mais elementos para acessar a magia. O mais importante é a *palavra*. Palavras-de-poder e palavras-de-ver devem ser aprendidas: a palavra pronunciada tem força sobre matéria e espírito. E há os *objetos*. Varas, joias, amuletos, búzios, vodus, mandalas. Eles não têm poder em si: servem para direcionar a vontade mágica e concentrar o poder das palavras. Entendeste?

Minha voz respondeu a Kían como se também estivesse muito longe.

– Sim. A vontade mantém a conexão, a palavra gera o poder de acordo com o que pronuncia, e o objeto é o catalisador, que concentra a força em um determinado ponto. Aqui, o catalisador é o espelho de água.

– Então... – a voz do mestre-de-armas desaparecia. – Usa o que aprendeste, aciona a vontade e as palavras, e conseguirás ver através do espelho.

E eu vi... Vi imagens, naquele dia. Mas não entendi o que elas queriam dizer. Pois vira a mim mesmo num lugar que à época não consegui definir. Uma cidade tranquila que vagamente me lembrava de um local a que Eurico me levara; uma casa caiada, uma prateleira cheia de peças de artesanato e uma mulher negra tão bela que fazia meu coração se apertar. Ela tocava meu braço...

Salvador, nos dias de hoje

AJOELHADO DIANTE DO ESPELHO D'ÁGUA DE KÍAN, doze anos antes, eu vira a mim mesmo no quilombo dos iorubás, com Carol a meu lado! Aquele dia devia ter algum significado especial em minha vida, se a magia o escolhera para me mostrar na visão. Acordei de repente, afastando-me das cerâmicas.

– O que você sabe sobre minha família? – cobrou Carol, segurando meu braço com firmeza demais.

Naquele momento, surpreendendo a mim mesmo, eu não menti.

– Tudo – confessei.

– Você nos vigia?

– À distância, desde que adotaram Gael.

Carol me obrigaria a contar o que faltava.

– Não é estranho que tanto eu quanto o Gael... que a gente sempre ganhe bolsa de estudos nas melhores escolas? E não é mais estranho ainda que, desde que o Gael foi morar com a gente, meu tio tenha parado de aparecer com dívidas de jogo pro meu pai pagar?

Voltei a olhar para ela, desejando acalmá-la. Sua voz ganhara um tom estridente, o que começava a chamar a atenção de quem passava por nós. Em especial do guerreiro que nos vigiava de longe.

– Viriato, você desviou dinheiro do clã para...?

Pousei suavemente meu dedo indicador sobre os lábios femininos.

– Não fale tão alto – pedi, apreensivo.

Carol cedeu, adiando a bronca para outra oportunidade.

– Por que fez isso? – sibilou. – É errado roubar!

Não respondi. Meu dedo contornou o desenho perfeito de sua boca. A vontade de beijá-la me torturava...

Uma vez eu me deixara guiar pela paixão. E não pretendia repetir os erros do passado. Afastei-me, prudente.

– Gael aprendeu a ver a vida pelos teus olhos, Carol. Ele segue teus valores. Foste mesmo uma mãe para ele.

– É como você me vê? – ela indagou, decepcionada. – Uma figura materna?

Para mim, era impossível não desejar a garota sensual de seios fartos, cintura fina, quadris redondos e pernas que...

– Sim – respondi, embaraçado.

Outra mentira. Às vezes, mentir é tão necessário quanto respirar. Meu rosto estava vermelho, mas ela não reparou. Eu a magoara para valer.

Dignamente, ela continuou sendo meu apoio durante o retorno até o quarto do hospital, onde me deixou sem pronunciar mais nenhuma palavra.

TIAGO NÃO GOSTOU nem um pouco de descobrir os olhos inchados da filha logo que amanheceu. Ela chorara a noite inteira. E o culpado só podia ser o rapaz brácaro de quem Carol cuidava noite e dia, fazia mais de uma semana. João seguiu a mesma linha de raciocínio. Os irmãos, sentados à mesa da cozinha, trocaram um olhar de puro entendimento. Ambos buscaram os olhos de Nan, que estava lhes servindo o café.

A mulher sorriu para a jovem e lhe empurrou a tapioca que acabara de preparar. Naqueles poucos dias, tornara-se praticamente um membro da família; Akinlana, o rei iorubá, lhe pedira para hospedar os fugitivos em sua casa enquanto durasse a estada deles no quilombo. Ela vivia sozinha após a morte do marido e a partida do filho, e logo se afeiçoara aos três.

A rotina de Carol até ali tinha sido viver enfiada no hospital. Mal parava na casa clara e impecável de Nan. João, despreocupado e falante, já fizera amizade com muitos quilombolas, o que lhe garantia entrada certa nos mais variados eventos sociais. Até mesmo Akinlana parecia seu amigo de longa data. Na véspera, o rei o convidara para uma caçada em homenagem a Oxóssi. Ele mal podia esperar chegar o dia.

Tiago preferia ficar em seu canto, sofrendo com a falta de notícias de Gael. Não que o quilombo não fosse interessante, como o melhor das férias que ele nunca pudera tirar. É que simplesmente não podia ser feliz enquanto o filho corresse perigo.

Isso o aproximara de Nan. Ela também tinha um filho adolescente, e se preocupava com ele, que agora morava num quilombo oculto no Vale do Ribeira, em São Paulo – contrapartida mágica das reais comunidades quilombolas da região. Ambos tinham se habituado a trocar confidências e ela até lhe contara a história do clã.

Naquela manhã, Carol mordiscou a tapioca e mal tocou no café, pensativa. Não tinha pressa e nenhuma vontade de sair da mesa da cozinha. Parecia sem rumo.

Tiago enviou um olhar suplicante a Nan, que sorriu como a dizer que deixasse a menina em paz. João resmungava entre os dentes que Viriato ia se arrepender por ter magoado sua sobrinha. Tentando extrair alguma animação do ambiente, revelou:

– Hoje à noite tem festa no quilombo.

– Outra? – retrucou Tiago.

Nan riu com gosto. O hóspede não conseguia entender que eles tinham muitos orixás para reverenciar. E orixás gostam de festa, cantoria, dança, muita comida.

– Ei, Carol, por que você não chama seu paciente para acompanhar a gente? – João provocou para descobrir a extensão do problema.

Era grave. A jovem arregalou os olhos, com cara de vítima, e abandonou a cozinha num silêncio fúnebre. Os dois irmãos se entreolharam de novo.

– E aí, quem fala com o cara? Você ou eu?

– Eu falo – respondeu Tiago. – A filha é minha!

O SOM DE BATUQUE e alegria atraiu o brácaro como um ímã. Mas ele não se envolveu no clima festivo, assistindo de longe ao círculo que os quilombolas armavam na rua para cantar, bater seus tambores de tamanhos diferentes e mostrar uma luta parecida com a capoeira, que chamavam de roda de batucada. As mulheres, com suas cangas e tecidos de tons fortes amarrados como vestimenta, serviam a refeição à base de raízes, farinha, banana, pimenta e azeite de dendê. A noite de lua cheia iluminava tanto aquele trecho do quilombo que algumas lâmpadas nas portas das casas nem foram acesas.

A certa distância, Tiago o observava. Viriato não conseguia desviar sua atenção de Carol, que estava próxima à roda, ajudando uma mãe a cuidar de duas crianças pequenas. Era hora de colocar aquele espertinho no lugar dele!

Tiago deixou seu lugar ao lado do irmão, que batia um papo animado com o rei iorubá e um chefe banto, e saiu discretamente na direção do brácaro. Ele estava encostado numa árvore, amuado como um cachorro na sarjeta. A

aparência abatida, ainda se recuperando da surra, e o visual simples – rosto sem barba, cabelos curtos, camiseta, bermuda e chinelos de dedo – ajudaram a amolecer a fúria do pai ciumento.

Viriato estava sofrendo muito mais que Carol.

– Você está melhor? – perguntou Tiago, sem ideia de como dar início à bronca homérica no moleque que fizera sua filhinha chorar.

Tenso, ele se limitou a um educado “sim”. Na festa, um jovem bonito afastara Carol das crianças para ensiná-la a dançar ao som dos batuques. O olhar de Viriato, preso à garota, não escondia a expectativa pela resposta. Estava morrendo de ciúme. O que só piorou quando ela, de mãos dadas com o bonito, fez seu corpo seguir harmoniosamente o ritmo frenético.

– Por que você magoou minha filha, hein? – intimou Tiago.

O brácaro, enfim, se voltou para ele.

– Era o que devia ser feito.

– E desde quando se deve machucar o coração de uma menina que ama você?

– Ela... ela me ama?!

Tiago se segurou para não sacudi-lo. Ele não sabia? Como podia ser tão burro?

Nesse instante, um dos guerreiros veio até eles com uma ordem de Akinlana. O rei chamava o brácaro para se juntar à festa.

CAROL ME AMAVA... Eu sentira a atração óbvia que havia entre nós, mas me negara a acreditar que ela pudesse realmente nutrir amor por mim. Jamais devia ter permitido que a situação chegasse àquele ponto. Fiz uma reverência a Akinlana e ao chefe banto e me sentei na esteira no lugar que o rei indicou, à sua esquerda. João estava à direita e Tiago se acomodou a meu lado. Carol continuava a se mover, sedutora, para o rapaz que a cobiçava. Eu tinha ganas de expulsá-lo do quilombo a pontapés, mas

não saí do lugar. Baixei a cabeça, fazendo de conta que estava a quilômetros dali, de preferência em outro planeta.

– Me lembro de você quando Eurico veio aqui – disse Akinlana, obrigando-me a encarar a realidade.

– Faz tempo – murmurei, sem vontade de conversar.

– Você é o filho bastardo dele, não é?

– Sou.

– Você era um adolescente naquela época. E desobedeceu seu pai para ir jogar bola com meus filhos.

Quando percebi, estava novamente olhando para Carol. O homem com quem ela dançava cochichou ao seu ouvido algo que a fez rir.

– Lembro que Eurico castigou você com uma surra de cinturão na frente de todos nós – prosseguiu o rei.

– Sou escravo – justifiquei.

Tiago e João observavam, com pena de mim, o que me fez sentir mais ainda minha inferioridade diante deles. Ser digno de piedade era para os fracos, dizia Eurico.

– Você sabe o que se comenta sobre a vida privada de seu pai, não?

– São boatos – menti.

– Irônico. Eurico, chamado o Pacificador por promover a paz entre seus inimigos, criou os filhos legítimos com pancadas. Pelo que vi, também os ilegítimos.

– Aquela foi a primeira e última surra que levei de Eurico. E foi merecida.

Era verdade. Sua atitude em relação ao único bastardo costumava ser de indiferença, até que lhe prestei *aquele* serviço. Já meus meio-irmãos tinham apanhado muito na infância. A mãe deles morrera ainda muito nova.

– Os brácaros são guerreiros, mas não possuem natureza violenta. Eurico é uma exceção – analisou Akinlana após se servir de uma caneca de bebida. – E, pelo que eu soube, Galaor é igual ao pai. Mas sem talento para ser um pacificador, o que é preocupante para seu próprio clã e para todos os grupos que vivem na magia.

Não endosseí aquela opinião, que também era a minha. Sabia que Galaor era a única liderança disponível para assumir o lugar de Eurico.

– É verdade que seu pai está muito doente e não durará muito?

Assenti, com tristeza.

– Ninguém deseja uma guerra, Viriato.

Carol finalmente me vira. Parou de dançar e esboçou um sorriso para mim, ignorando a atenção do outro homem. Estava belíssima num vestido branco. As trancinhas em estilo afro caíam-lhe sobre os ombros, realçando seu rosto meigo e os olhos negros que destruía minha vontade de ignorá-la. Apenas naquele momento compreendi que o que eu sentia não era apenas desejo. Eu também a amava.

Devo ter demonstrado meu sentimento pela humana, pois João sorriu para mim; Tiago parecia estar num velório, arrasado por perder a filha para um sujeito qualquer, e o rei iorubá me olhava como se acabasse de me conhecer.

– Ninguém deseja uma guerra – repetiu Akinlana. – E uma segunda opção poderia receber apoio total da grande maioria dos clãs, inclusive o meu.

Uma segunda opção? Mas quem...?

– O novo líder brácaro deve ter coração, para aceitar as diferenças como peças integrantes de um todo – completou ele. – Deve ser alguém que saiba amar.

Ele se referia a... *a mim?*!

– Estás enganado, senhor! – reagi, constrangido, fitando-o para descobrir se eu era vítima de algum tipo de zombaria. O rei, no entanto, falava sério.

– Seu clã não tem poder sobre os três humanos que protegemos, mas pode reivindicar a devolução de seu escravo – lamentou ele. – É o costume.

Como Tariq fizera, Akinlana conseguira ganhar tempo, enrolando Galaor com a burocracia das negociações. Para meu meio-irmão, não fora difícil deduzir o local onde eu me escondera com os humanos, após descobrir que seus subordinados haviam sido presos tentando embarcar para Salvador e não para o Rio, como eles acreditavam antes de realmente ler o destino impresso nas passagens de avião.

– Galaor deve chegar em um ou dois dias – avisou Akinlana.

NO DIA SEGUINTE, logo cedo, guerreiros de Akinlana foram buscar João para acompanhá-los na caçada. Ele lá se foi, feliz da vida, segurando muito sem jeito a lança curta que recebera e ajeitando a faca de caça no cinturão.

Tiago o viu sair, e ficou na porta admirando a figura do irmão ao longe, vestido numa túnica iorubá colorida. Não pôde impedir-se de sorrir.

– Ele mudou muito desde que vocês chegaram, eu sei – disse Nan.

Tiago olhou a bela mulher que preparava tapiocas, a pele negra contrastando com o vestido e os colares que usava. Como ela conseguia ler tão bem sua mente?

– É como se o João tivesse sido sempre um peixe fora d'água, e de repente tivesse descoberto o mar... Eu fui o homem responsável da família, cuidando das coisas sérias, enquanto ele era o alegre, o irresponsável, o divertido. Agora ele parece estar em casa, enquanto eu virei o peixe fora d'água! Não encontro o meu lugar.

Nan colocou mais uma tapioca quentinha no prato. Ele não esperou que ela o chamasse; voltou para a mesa e se serviu, cobrindo a refeição com manteiga. Aquilo era delicioso, e era visível a felicidade que Nan demonstrava por ele apreciar sua comida.

– O lugar da gente – disse ela suavemente, enquanto se sentava para tomar café também – pode não ser um lugar de chão, Tiago. Pode ser só um lugar de coração. Onde mora o coração da gente, é que a gente mora.

O pai de Carolina não conseguiu impedir suas mãos de procurar as mãos macias de Nan. A sabedoria daquela mulher era um bálsamo para as suas agonias. Mas a iorubá não deixou a mão sob a dele por muito tempo. Levantou-se de repente.

– Venha tomar café, Carol – disse ela, olhando o corredor que levava aos quartos.

Tiago, embaraçadíssimo, evitou o olhar da filha, que adentrava a cozinha. Ficou imaginando se ela vira seu gesto. Enfiou a cara na xícara.

A jovem parecia mais serena naquele dia. O pai lembrou os olhares que ela e Viriato haviam trocado na noite anterior, durante a festa. Até Akinlana notara... Mas o brácaro ainda estava fraco e pedira licença para se retirar, logo após o rei dar notícias de seu clã. Com um baque no estômago, Tiago deixou de pensar na pele macia de Nan, refletindo que Carol ainda não sabia da novidade. Pensou em contar a ela que Galaor estava chegando para levar o escravo, mas lhe faltou coragem. Ela ia sofrer mais ainda.

– Cadê o tio? – indagou a jovem, já sentada à mesa.

– Foi caçar com o rei – esclareceu a dona da casa. – Os homens ficam ansiosos por essas caçadas, mas eles só conversam e cantam em honra a Oxóssi, pegam umas pacas muito magras, raramente um porco do mato. Quando o sol baixar estarão de volta.

– Vai ao hospital hoje, filha? – perguntou, enfim, o pai.

Ela pareceu embaraçada. Engoliu um pouco da tapioca e se levantou.

– Agora não. Vou a outro mocambo visitar a filha do chefe banto. Ontem eu soube que ela teve bebê estes dias. Quando voltar, quem sabe eu apareça por lá.

E saiu, como se quisesse evitar falar sobre Viriato. Tiago suspirou.

– O que vai ser de nós, Nan? O que devemos fazer? Akinlana terá de entregar o rapaz aos guerreiros brácaros, e a minha filha vai ter o coração partido de novo.

Desta vez a mulher iorubá tomou a iniciativa de pegar na mão dele.

– Venha comigo.

– Para onde?

– Vamos consultar o Ifá. Quando a gente não sabe o que fazer, é sempre bom perguntar aos orixás.

PARA A PRÓPRIA SURPRESA, Tiago estava achando aquilo natural. Se alguém lhe dissesse que ele teria de fugir de um clã de gente mágica e se esconder num quilombo africano... que andaria de mãos dadas com uma mulher de beleza perturbadora e consultaria um babalaô com a naturalidade de quem

consulta o dentista para saber se tem cáries... teria rido do maluco que tivesse dito tais sandices.

E, no entanto, ali estava ele, sentado na esteira da casa branca de Oloú, ainda apertando a mão de Nan contra a sua, olhando curioso para o objeto que o homem tinha colocado no chão entre eles. Era um pequeno tabuleiro de madeira com as bordas esculpidas. O babalaô, um senhor de ar bondoso e cabelos crespos tismados de branco, estava derramando suavemente um tipo de areia fina sobre a superfície do que chamara *Opon Ifá*.

Nan lhe explicara que o babalaô era sacerdote de Ifá, o orixá da adivinhação. O pai de Carol não era muito versado nas tradições dos cultos afro-brasileiros. Sua vida sacrificada não lhe permitira tempo para estudar, ainda mais pesquisar sobre raízes culturais, como Carol – a garota adorava ler sobre mitos e lendas, fossem africanos, gregos ou chineses. Ela teria adorado estar ali, mas era bom que não estivesse; pois foi sobre o destino dela e do filho adotivo que Tiago perguntou ao homem.

Oloú resmungava enquanto derramava a areia, e depois correu o dedo sobre ela, fazendo desenhos no tabuleiro. Quando falou, sua voz estava mudada, o que causou um estremecimento no hóspede de Nan. Esta, com a suavidade de sempre, perguntou:

– É muito ruim, meu pai?

O homem continuava com os olhos fixos no *Opon Ifá*. Sorriu.

– Ruim tudo parece, porque tem sofrimento, mas nem sempre o sofrimento é ruim. Tenho pena de quem mexer com a menina, ela tem a proteção de Oiá! Vai sofrer, porque entregou o coração, mas ela tem tanta força que não vai se deixar derrubar nem por sangue nem por morte... Já o menino é difícil de ver, porque não tá mais dentro deste mundo.

O coração de Tiago deu um salto.

– Está dizendo que meu filho morreu?!

O babalaô voltou a cabeça para o lado e analisou o tabuleiro de outro ângulo.

– Morreu não, tá muito vivo e de coração forte, apesar de tanta gente querer a cabeça dele. É que não consigo ler futuro de onça, e agora ele faz

mais parte do mundo dos jaguara que dos outros. Já é complicado fazer parte de dois mundos, e ele é parte de três... Ifá não consegue saber o que vai ser dele, não.

Em seguida ele baixou os olhos para as mãos de Tiago e Nan, entrelaçadas sobre a esteira em que se assentavam. Tímida, ela recolheu a mão, enquanto ele se sentia enrubescer e agradecia aos céus porque a pele negra não denunciaria seu rubor.

Mas Oloú não prestou atenção a nenhum dos dois. Remexeu numa cesta de vime trançado que havia ao lado, cheia de badulaques, à procura de algo.

– Ontem à noite – disse –, voltei pra casa depois da festa, e pensei que vi uma coisa brilhando na cesta onde eu guardo os patuás. Não achei nada brilhando, mas dei com um otá quebrado no meio... e fiquei cismado. Por que ele se quebrou? Agora eu sei.

Nan pareceu preocupada com aquilo. Arregalou os olhos assustados.

O babalaô estendeu um pedaço de pedra para cada um deles.

Tiago pegou um, mas ela relutou em alcançar o seu. O homem sorriu.

– Filha, a pedra é de Oiá, e se quebrou no meio é porque ela sabia que duas pessoas iam vir aqui, e iam precisar de proteção. Levem. E não larguem dela.

O sacerdote desmanchou os desenhos que fizera no tabuleiro decorado e se levantou. Olhou para o homem à sua frente com bondade.

– Não se preocupe com o irmão. Um batismo de sangue impressiona, mas é bom.

Sem dizer mais nada, foi para os fundos da casa branca. Tiago se ergueu e ajudou Nan a levantar-se. Estava mais confuso do que quando chegara ali... Os dois saíram para a rua e ele não conseguia tirar os olhos da pedra vermelha. Tinha o tamanho e a forma de um meio ovo, achatado e com um furinho no lado arredondado.

– Deixe ver a sua – pediu.

Com um suspiro, a mulher juntou as duas metades. Formavam uma oval perfeita, chata e tão lisa que brilhava como se fosse de cobre polido. A quebradura ficava bem na metade, num corte reto; e cada lado da oval ostentava parte do que, juntas, formaria um furo.

A perturbação que ela parecia sentir desde que vira a pedra se refletiu nele.

– Nan, era bom você me explicar o que querem dizer as coisas que ele disse, e isto aqui...

FOI A CAMINHO DA CASA DELA que as explicações vieram.

– Oloú usou o *Opon Ifá* para ver o futuro e responder às suas perguntas sobre o que vai acontecer com Carol e Gael. Pelo que eu entendi das respostas do Ifá, Carolina vai sofrer por que entregou o coração, mas vai superar porque é forte, e além disso é protegida por Oiá. Você ouviu. Ai de quem mexe com os protegidos de Oiá!

– Quem é Oiá?

– É o nome iorubá para Iansã, a rainha do vento, do raio, da tempestade. Isto – indicou a pedra – é um *otá*, uma pedra de rio consagrada a Oiá. Vermelho é a cor dela. Se ela se quebrou, e ele deu metade pra cada um de nós, é que iremos ficar longe. Mas o *otá* vai nos unir.

Uma dor inesperada tomou o peito de Tiago, ao ouvir aquilo. Era burrice, seu lado racional dizia. Fazia o quê, pouco mais de uma semana que conhecera Nan? E já sofria só ao pensar em ficar longe dela? Tratou de voltar a mente para Gael.

– E o meu filho? O que ele quis dizer com aquela história de que o Gael não está mais neste mundo, e faz parte de três mundos?!

Ela sacudiu a cabeça, como quem não tem certeza. Pegou duas das tiras de couro que tinha ao pescoço, entre os vários colares de contas coloridas, e desatou os nós para enfiar as metades do *otá*, uma em cada tira.

– Ele tem sangue brácaro, mas foi criado por humanos. São dois mundos. O terceiro ele disse que é o mundo dos jaguara, e desse o Ifá não entende.

Nan havia acabado de prender os pedaços das pedras vermelhas nas tiras. Colocou uma ao pescoço e deu a outra a Tiago. “É como se fosse um ritual”, ele pensou, com amargura. “Vamos nos separar e o *otá* vai nos unir... Mas como? Por quê?”

Ia formular aquelas perguntas em voz alta, e ainda discutir o que Oloú quisera dizer com aquela história do irmão e um batismo de sangue, quando ouviu o clamor.

No instante seguinte, a rua principal do quilombo virou uma praça de guerra.

CAROL, QUE VINHA DO MOCAMBO DOS BANTO, deu um grito ao ver todo aquele sangue.

Correu para a comitiva que vinha da estrada da mata, pois reconhecera João entre os três homens que eram carregados em macas improvisadas.

Akinlana era cercado por seus guarda-costas, e atrás dele havia uma verdadeira multidão de guerreiros, entre os quais estavam os feridos. A jovem alcançou o grupo quando eles pararam diante de casa que servia de hospital e alguns médicos e mãos-de-ofá surgiram para ajudar. Começou a aparecer gente de todos os lados do mocambo.

– Tio! – ela gritou. Mas não pôde entrar. Apenas o rei e seus homens tiveram acesso ao hospital. Dois guerreiros barraram sua entrada e a de outros curiosos. – Foi o meu tio que chegou carregado! Preciso saber o que aconteceu com ele!

Um dos guerreiros que trouxera as macas a ouviu e foi falar com ela.

– João está vivo – contou o rapaz –, e em melhor estado que os outros dois. Um deles, acho que já chegou morto. Foi um porco do mato acuado que fez o estrago...

A moça percebeu que Tiago e Nan vinham correndo em sua direção. Também tinham visto os homens serem trazidos para lá.

– Filha, o que aconteceu com o João? – o irmão se desesperava.

– Não sei direito, disseram que um porco do mato atacou quando estavam caçando, e que o tio está vivo, mas parece que um dos homens morreu e...

Nan, sem qualquer alarde, esgueirou-se para dentro da casa e os guardas não a impediram. Carol abraçou o pai e estava quase rompendo em choro quando viu, pelo canto do olho, que Viriato estava por perto, conversando com Akinlana.

Correu para ele e se espantou com a tristeza em seu olhar.

– Meu tio! Como ele está? Ele...

O rapaz brácaro sorriu para tranquilizá-la. Foi o rei iorubá quem respondeu.

– Está sendo atendido e os ferimentos não são mortais. O animal atacou de repente, com as presas afiadas, e feriu um dos meus homens. Seu tio viu e deu o alarme. Quando o bicho ia arremeter para o meu lado, ele avançou com a lança e me protegeu. O porco do mato pegou ele no meio do caminho e ainda feriu outro guerreiro, e aí foi morto. João é um homem de coragem.

– Mas e-ele vai ficar bom? – disparou Tiago, gaguejando e sem conseguir tirar a expressão *batismo de sangue* da mente.

Akinlana o fitou, sério.

– Tem a minha palavra de que vai ficar tão bom quanto antes. Ou melhor.

O clamor estava diminuindo e muita gente já se afastava dali, agora que tudo parecia explicado. Carol teve ímpetos de largar o pai e abraçar Viriato, mas então notou que ele olhava para longe, para a rua que dava na entrada do quilombo.

Akinlana seguiu o olhar dele e, após um suspiro, afastou-se, de novo cercado por seus guerreiros. O brácaro foi atrás deles. Pararam a certa distância de um grupo de homens que acabara de chegar.

Carolina estremeceu quando reconheceu os dois capangas. Acompanhavam seu chefe: Galaor. Apesar de estarem cercados por um batalhão de guerreiros iorubás, eles sorriam.

NÃO DEU UM MINUTO e Galaor, seguido por Hélio e um segundo guerreiro, Tarcísio, estava a menos de cinco metros de distância. Era a segunda vez que meu meio-irmão chegava antes da hora para me surpreender.

Curvei a cabeça para Akinlana, agradeci sua hospitalidade e, evitando olhar para Carol, fui até os brácaros. Mal dei alguns passos. Galaor não desperdiçaria uma oportunidade de me humilhar e, como bônus, exibir seu poderio diante daqueles que considerava inimigos.

Sem pressa, ele me esmurrou na altura do estômago, dobrando-me para que eu caísse a seus pés. O solado imundo de sua bota afundou a lateral do meu rosto contra a terra e assim permaneceu para que eu fosse seu capacho. O silêncio agora era absoluto.

– Saudações, Akinlana! – cumprimentou Galaor, ciente de que era temido e odiado, exatamente o efeito que desejava provocar entre os quilombolas.

O rei estava cansado pela caçada e sujo de pó e sangue, mas a hospitalidade era lei entre seu povo, mesmo que às vezes ela fosse devida a quem desprezava.

– Saudações, filho de Eurico. Se me acompanhar à minha casa para repousar da viagem, terei prazer em recebê-lo com comida e bebida.

O brácaro olhou ao redor, percebendo os grupos de gente a observá-lo, os caçadores ainda armados, os animais caçados pendurados em varas e as macas improvisadas, sujas de sangue, jogadas na entrada do hospital. Respondeu:

– Perdoa-me por não aceitar tua hospitalidade hoje. Temos pressa.

Do meu estreito campo de visão, só pude ver Carol. Ela chorava. Talvez pelo tio ferido, talvez por mim.

E seu desespero cresceu ainda mais depois que viu que meu celular, roubado por Galaor e agora preso no cinturão dele, começou a tocar.

– Peço que me desculpes por um momento – disse o brácaro ao rei iorubá. E sorriu, satisfeito, ao atender a ligação. – Ah, era contigo mesmo que eu queria falar, aberração.

CAPÍTULO 13

Pais e filhos



Cubatão

RUDÁ SE REVELOU ALGUÉM SURPREENDENTE. Gael achava que o índio-onça pertencia a alguma tribo feroz. Ou, então, que vivia isolado em uma caverna e só saía de lá para atacar viajantes perdidos na mata. Não era uma coisa nem outra.

Claro que o pai morava afastado da cidade. Mas, em vez de apresentar um comportamento antissocial, era gentil e atencioso. E tinha uma esposa índia, uma filha de seis anos, outra de três, e um filho com um ano e meio. Todos dividindo uma construção de madeira circular, coberta por fibras vegetais. Um local espaçoso, com suas redes e simplicidade, escondido na mata fechada.

– É uma oca – definiu Anuk, com o ar esnobe de quem exigia muito mais conforto.

Gael, emocionado, admirou os irmãos menores que corriam para receber o pai. Este se agachou para abraçá-los e, a seguir, apresentou sua família.

– Juci – disse, indicando a esposa. Mostrou as filhas. – Ori e Ana. O menino é Cauã.

Oriana sorriu para as meninas que tinham, cada uma, um pedaço de seu nome. Uma forma, pensou Gael, feliz, que o pai encontrara para sempre se lembrar de sua namorada brácara.

– Vocês precisam de banho e de roupas limpas – verificou Juci, simpática.

– Tem chuveiro aqui? – duvidou Anuk.

– O rio passa perto.

– Banho gelado de rio, é?

A cara feia virou carranca. Com desprezo, a garota acabou aceitando uma toalha e um dos vestidos de Juci. Ao menos a família indígena não andava nua. Rudá colocou um short. Já as meninas usavam vestidinhos folgados, de estampas coloridas, o mesmo modelo adotado pela mãe. O único sem roupa alguma, apesar do frio, era o menor, que adorou ficar no colo do meio-irmão. Cauã também tinha as mãos em formato de patas felinas, as orelhas triangulares e a coluna de pontos salientes.

– Só os machos viram onça quando são adultos – explicou Rudá, acompanhando com interesse as reações do filho mais velho. Ori e Ana, que rodeavam Oriana para conhecê-la, possuíam mãozinhas comuns e orelhas arredondadas.

– Eu também... hum... é... vou me transformar em... você sabe.

– Talvez não. Você também é brácaro.

Isso significava cinquenta por cento de chance de a mutação nunca ocorrer. O adolescente respirou mais aliviado, o que decepcionou bastante o pai.

– Não é que eu não queira – tentou consertar Gael. – É que minha vida já está muito complicada e eu não consigo me imaginar como...

– Onça.

– É. Desculpe.

– Aberração, tu vens ou não tomar um *delicioso e refrescante* banho de rio com o clima de dez graus lá fora? – gritou Anuk, na entrada da oca.

– Depois. Agora estou conversando com meu pai.

Ainda mais emburrada, a garota desapareceu de vista. Oriana acariciou os cabelos negros e lisos das meninas e, após receber as roupas emprestadas de Juci, avisou que também ia se lavar. Ela esboçou um sorriso para pai e filho, um tanto constrangida, e saiu da oca.

– Você devia ter orgulho e não vergonha de ser jaguara – disse Rudá.

– Esse é o nome da sua tribo?

– É. Os jaguara vivem no Amazonas.

– E por que você mora na Baixada Santista?

– Hoje minha vida é aqui.

O índio dirigiu um olhar carinhoso para a esposa. Juci estava agachada, começando a preparar uma mistura de mandioca e farinha que seria servida no almoço.

– Ela também é jaguara?

– Juci é tupinambá.

– Ainda existem esses índios? Pensei que os colonizadores tivessem matado todos.

Gael mordeu a língua. A última frase soara estúpida demais e ele não queria chatear ninguém, ainda mais sua anfitriã.

– A magia esconde o que olhos comuns não querem ver – disse Rudá. – Você já devia saber.

– Essa casa... Também está protegida pela magia?

– Está. Algumas tribos escaparam da dominação dos perós. Vivem nas matas e a magia protege elas.

Estranho como tudo estava relacionado. Brácaros, al-gharbios e tupinambás tinham escapado de perseguições e da morte certa através da conexão com a magia. Segundo Viriato, havia ainda muitos outros clãs na mesma situação pelo mundo.

– O que faz a magia acontecer? – perguntou o garoto.

– Ela só acontece.

– Ela não pode simplesmente acontecer. Para tudo há uma explicação, uma origem. Como o *big bang*, entende?

Mas a concepção indígena do mundo não englobava as teorias científicas que Gael aprendera na escola.

– A natureza dá para nós a magia – explicou Rudá, com a sabedoria dos antepassados. – Primeiro tem a vontade da gente de se ligar com a força da natureza. Tem a pedra, a água, a madeira, o fogo, que juntam essa força pra gente usar. E tem a fala da gente, que liberta a magia. Daí, acontece.

Com um calafrio, o filho pensou nas imagens terríveis que Anhangá lhe passara e que ainda povoavam sua cabeça. Um medo doloroso nasceu em seu coração.

– Você está doente? – disse o pai, apreensivo.

– Deve ser fome – disse Juci, separando uma porção de comida para ele.

Também era fome. Com medo de que Cauã caísse de seu colo, Gael o entregou ao pai e, ainda tonto, perguntou se ele teria alguma roupa sobrando. Também ia tomar banho. Carol lhe daria uma bronca se o visse almoçando naquele estado.

AQUELA VIDA OCIOSA estava dando nojo em Anuk. Foram dias de total perda de tempo, com Oriana aprendendo a fazer pintura de dedo nas bochechas das indiazinhas risonhas ou ajudando Juci a cuidar da pequena roça aos fundos da oca ou invejando a amizade cada vez mais sólida entre Gael e o pai. Já o adolescente alternava momentos de melado convívio familiar com outros em que se isolava no canto mais silencioso, sofrendo ora pela possibilidade de Viriato e seus humanos preferidos já estarem mortos, ora pela possibilidade de os quatro estarem vivos, mas sendo cruelmente torturados por Galaor.

Cansada de tanta indefinição, de tomar banhos gélidos no rio e de ter mandioca invariavelmente no cardápio, Anuk resolveu atormentar seu eterno prisioneiro. Ele tirava um plácido cochilo numa das redes da oca, logo após o almoço. Numa jogada calculada, a garota se largou com tudo em cima dele, fazendo a rede afundar antes de virar. Os dois rolaram para o chão, ela rindo com o susto do garoto sonolento.

– Que droga, Anuk! Por que você vive aprontando essas coisas idiotas?

– Não tenho culpa se não consegues me segurar.

Gael saiu de cima dela, se pôs em pé e puxou a rede para se sentar.

– E eu? – reivindicou a garota. – Não me ajudas a levantar?

– Se vira!

Obviamente, Anuk odiou a resposta. E adorou também, pois a usou como desculpa para bater nele, chamar sua atenção e tê-lo apenas para si. Como esperava, Gael a dominou para prendê-la contra a rede. Juntinhos, os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Anuk aproveitou para se aquecer em seus braços. Além de ridículo, o vestido de florzinhas cor-de-rosa que Juci lhe emprestara era ideal apenas para o verão. Será que aqueles índios nunca sentiam frio?

- Sabias que Viriato tem celular? – a garota insinuou.
- Tem?!
- E eu sei o número.

APÓS A REFEIÇÃO DA NOITE, Oriana brincou com as meninas, penteou seus cabelos para enfeitá-los com flores e, por último, recordou uma lenda indígena para contar na hora em que pôs as duas para dormir. Juci amamentava o filho junto à fogueira, fora da casa. Anuk, com sua insuportável pose de ente superior, cochichava com Gael enquanto dividiam uma rede. Oriana deduziu que tramavam contra ela. Aborrecida, saiu para deixá-los a sós. Não era o que queriam? Quanto mais longe ficasse, não seria melhor?

Nem sempre Rudá se transformava em onça e ia caçar madrugada afora. Naquela noite, ele se sentou ao lado da esposa, em frente à fogueira.

- Teu filho não confia em mim – queixou-se Oriana, unindo-se a eles.

Compreensiva, Juci se levantou, carregando o bebê quase adormecido para a oca. Aquela conversa pertencia apenas aos pais de Gael.

- Você precisa de paciência – disse Rudá.

– Ele não vê que estou me sacrificando para mantê-lo vivo... – murmurou Oriana, chorando. – Gael prefere aquela... aquela...

- Por que você disputa ele com a namorada? Você é a mãe!

- Namorada, não! Que Cal-leach nos livre de uma desgraça dessas!

Rudá remexeu as chamas com um graveto.

- Você fala igual à sua gente.

Ela secou as lágrimas com os dedos, engolindo o choro para lidar com o assunto inevitável. O ex-amante se referia ao passado.

– Teu português melhorou muito – elogiou ela, tentando distraí-lo. A família de Rudá conversava entre si em algum idioma indígena, mas utilizava a língua portuguesa para falar com os hóspedes. – Quem te ensinou? Juci?

– Você salvou minha vida e fugiu comigo. Por um mês ficamos juntos. Fiz esta casa para você não dormir debaixo das estrelas. Mas você chorava, sempre chorava. Por que foi embora sem falar nada?

A verdade apenas magoaria o índio-onça. E ele já sofrera muito ao perder o direito de morar com o próprio povo por ter se envolvido com uma peró

mágica.

– Rudá, eu tinha de enfrentar sozinha minha família.

– Você sabia que esperava meu filho?

– Sim, eu já estava grávida.

– E por que não contou? Eu lutava por vocês dois!

– E Galaor te mataria.

– O filho também é meu. Vou defender ele da fúria da sua gente.

– Não é tão simples. Agora tens tua família para proteger. A cidade é território dos clãs e não dos índios. És muito corajoso, mas não terias chance alguma fora daqui. Serias caçado sem trégua e tua cabeça de onça acabaria enfeitando a sala de meu pai!

Rudá, para extravasar a frustração e a raiva, jogou um punhado de terra no fogo. Oriana se sentiu culpada por envolvê-lo em seus problemas, por levar Gael até ele.

– Não vou permitir que nada de ruim aconteça a ti e à tua família – ela garantiu.

– E o que vai fazer agora? Ficar escondida? Fugir para sempre?

– Se for preciso, é o que farei. Juro-te que só machucarão nosso filho se me matarem antes!

– Mas a gente não pode fugir pra sempre – disse a voz de Gael atrás deles.

Oriana se sobressaltou. Quanto da conversa ele escutara?

– Ainda tem a minha família e o Viriato. Nem sei se estão vivos ou mortos.

Rudá chamou o filho para se sentar com eles, apesar da vontade materna de despachá-lo de volta à rede. Anuk o acompanhava.

– Não há alternativas – decretou Oriana.

– E se a gente fosse conversar com o Eurico? – sugeriu Gael.

– Ele te mata!

– Só porque sou mestiço?

– Ele te mata porque és mestiço! Não entendes que a miscigenação é proibida aos brácaros?

– E por que é proibida?

A mãe bufou, sem paciência. Anuk, que adorava se exhibir fornecendo explicações, preferiu se calar.

– Porque perós mágicos acham que índios não são pessoas – disse Rudá. – Há muito tempo, a magia deles roubou o lugar da nossa magia. Tivemos que fugir, viver escondidos na mata.

– É, Anhangá me contou.

– Ela falou com você? – preocupou-se o pai.

– Não foi bem uma conversa. Olha, a Anuk me disse que posso pedir uma audiência com o Eurico.

Oriana se agitou. Sempre aquela intrometida!

– E ela te avisou sobre os riscos que corres? – disse. – Dentro da Citânia, Eurico tem o direito de mandar te matar antes que abras a boca.

– Prefiro arriscar do que viver assim.

– Não.

– Você não pode me proibir! Viriato me explicou que, pelos costumes dos brácaros, sou adulto.

– Sou tua mãe.

– Uma mãe não abandona o filho como você fez. E não larga meu pai e deixa ele sem saber que eu existo!

Então o adolescente ouvira tudo. Bem, talvez fosse a hora de ele conhecer ao menos um pouco de tudo o que ela tivera de amargar.

– Tu foste arrancado de mim no instante em que nasceste – murmurou. – Nunca pude te pegar no colo. Por ordem de Eurico, me trancaram no quarto da Citânia durante um mês.

Gael não esperava o desabafo. Anuk ergueu uma sobrancelha, cética.

– Fiquei desesperada quando me avisaram de tua suposta morte – disse a mãe, num turbilhão de palavras que a feriam. – Rompi com minha família, com o clã. Fugi. Abandonei a magia e fui morar entre os humanos. Quando soube que estavas vivo, que não tinhas morrido, larguei tudo o que tinha conquistado nos últimos anos. Vim para cuidar de ti, para te proteger. Não sou tua inimiga!

Gael engoliu em seco. Era fácil julgar, quando não se conhecia todos os fatos.

– Desculpa – admitiu, infeliz. – Eu não sabia.

– Ela ainda não contou o motivo de ter abandonado teu pai – lembrou Anuk, maliciosamente prestativa.

– Isso deves perguntar a Viriato – disse Oriana, rancorosa.

O filho, que abaixara a cabeça, voltou a encará-la.

– Mas ele pode estar morto e... – disse.

– Ele vive, assim como tua família adotiva. Posso sentir. Galaor vai usá-los como isca para te atrair e te chantagear.

– Neste caso, viver fugindo também não resolve nada.

– Adiará a morte deles. E a tua.

– E que tipo de vida eles terão, hein? Vão mofar em algum calabouço do mal?

– Na Citânia de Brácará, as celas são úmidas e infestadas de ratos – contou Anuk, exibindo um rostinho inocente. – É costume usar o pelourinho e os açoites. E não é sempre que os guerreiros se lembram de alimentar os prisioneiros, coitadinhos...

O que Anuk ganharia forçando Gael a pedir uma audiência com Eurico? Desconfiada de suas reais intenções, Oriana tentou encontrar a melhor estratégia para cortar de vez aquela influência maléfica.

– Gira o broche duas vezes para a esquerda e tu a libertarás – disse ela ao filho.

Estava cansada de ser vista como vilã. Pelo menos, não haveria mais motivo para a outra continuar se fazendo de vítima.

A DECISÃO PEGOU O GAROTO DE SURPRESA. Talvez a mãe não fosse mesmo má pessoa, afinal. Ela sofrera muito vivendo entre os brácaros, o que explicava seu jeito arisco e sempre desconfiado. A julgar pelo que Viriato contara, a vida na tal Citânia não devia ser fácil. Acreditando no ato de boa vontade de Oriana, ele se voltou, ansioso, para Anuk.

– Não sabes mais para que lado é a esquerda? – ela provocou, percebendo que o garoto hesitava em libertá-la.

– Promete que não vai atacar a Oriana?

A expressão dura no rosto da mãe pareceu relaxar um pouco diante da preocupação do filho.

– Desde que ela não me ataque – respondeu a adolescente.

– E a minha família?

– A real ou a adotiva?

– As duas.

– Não vou caçar nenhum indiozinho inocente por aí.

– Prometa!

– Prometido.

Com muito cuidado, o garoto deu o primeiro giro no objeto de tortura. Assim que estivesse livre, Anuk não ficaria mais vulnerável, não precisaria mais dele... Voltaria a tratá-lo como antes: como uma aberração, humilhando-o sempre que fosse possível.

Num impulso, Gael se inclinou e beijou os lábios tão próximos, impedindo-a de protestar. Nunca mais teria uma oportunidade dessas.

Agora com pressa, ele deu a última volta no broche e o desprendeu do corpo da adolescente, entregando o objeto para a mãe furiosa, que o esganaria se pudesse.

– És um covarde! – xingou Anuk. – Duvido que tenhas coragem de repetir esse beijo sem graça agora que posso me conectar à magia!

Beijo sem graça ou não, Gael não titubeou. Puxou Anuk pela cintura e repetiu o carinho, desta vez mostrando o quanto aprendera sobre o assunto com a moura encantada. Sentiu os modos agressivos da garota se desmanchando em seus braços e a intensidade do amor-ódio que crescia deliciosamente para envolvê-los por completo. Anuk se pendurou em seu pescoço, desejando que o beijo fosse interminável.

– Chega! – comandou Oriana, num tom cortante.

Não adiantou. Somente quando o beijo terminou sozinho é que os dois se afastaram. Anuk se ergueu, empinou ainda mais o nariz e, com uma irritante postura vitoriosa, fez sua primeira exigência.

– Devolve minha espada, brácara incompetente! Tu não sabes mesmo usá-la...

– Está guardada perto da minha rede – rosnou Oriana. – Basta ir pegar.

Rudá apenas balançou a cabeça, pesaroso. Assim que a garota sumiu dentro da oca, a adulta iniciou o contra-ataque.

– Ela é traiçoeira, Gael.

– E quer me manipular, eu sei.

– Se sabes, então por que...?

– Não confio nela.

Era o lado ódio da relação falando. Seria muito mais simples se Anuk não fosse a gêmea má. Porém, se não fosse, Gael não se sentiria tão atraído por ela.

Não havia mais motivo para continuar aquela conversa em família. A mãe não mudaria uma proibição que ele quebraria de qualquer forma. Ficar fugindo para sempre não era vida. E ele pretendia mudar seu futuro muito mais depressa do que seus pais poderiam prever.

O PLANO ERA SAIR DE MADRUGADA, um pouco antes de o sol nascer, quando todos ainda estivessem dormindo. Sem fazer barulho, os dois adolescentes vestiram as mesmas roupas com que haviam chegado ao vale, já devidamente limpas, e escapuliram para longe da oca, tomando a direção do rio. Lá, pegaram a canoa que Rudá guardava junto à vegetação. Uma viagem fluvial até a cidade mais próxima seria rápida e confortável.

Quando Gael ia subir na canoa, após ajudar Anuk a embarcar, descobriu que os remos estavam em poder de uma terceira pessoa, plantada na margem do rio em sua obstinada vigília sobre o filho.

– Caramba, mãe, dá um tempo! – protestou Gael.

Estava tão nervoso que não se deu conta de como a chamara. Uma palavra tão simples, mas que Oriana aguardava ansiosamente que ele pronunciasse.

– Quero um lugar nesta canoa – disse ela, após morder os lábios para esconder um sorriso franco e expansivo. – Precisarás de ajuda para negociar com Eurico.

OS TRÊS JÁ TINHAM AVANÇADO boa parte do rio quando Oriana indicou-lhes um trajeto mais curto até a área continental de São Vicente. De barco, fariam um percurso muito mais acessível do que a caminhada cansativa que ela impusera aos adolescentes dias antes. Anuk repetiu o adjetivo de sempre, “brácara incompetente”, mas não insistiu na provocação. Estava se comportando direitinho, sem se conectar à magia, mais por medo que por cautela. Ninguém queria chamar novamente a atenção de Anhangá.

Era final de tarde. Gael pulou na água e puxou a canoa até o raso para que as mulheres desembarcassem. Depois, prendeu-a em alguns galhos e olhou para trás. Sem poder explicar o porquê, sentia que Rudá os seguira para protegê-los a distância na viagem de retorno à civilização. Mesmo não sabendo em que ponto da mata podia localizá-lo, o garoto acenou para ele. Teve certeza de que o pai também se despedia.

– Um dia eu volto, pai – prometeu.

O TRAJETO A PÉ terminou em um bairro de periferia, não muito distante da Rodovia Padre Manoel da Nóbrega. A tarde caía.

– Tenho de comprar um novo aparelho de celular – disse Oriana, tirando a carteira do bolso da calça comprida para contar o dinheiro. Conferiu seus dois cartões de crédito e um talão de cheque, que se molhara na aventura mas que já estava seco e parecia intacto. Olhou ao redor, ciente de que não encontraria lojas abertas àquela hora.

Gael não podia esperar até a manhã seguinte. Correu para o primeiro telefone público que viu pela frente. Anuk, atrás dele, estalou os dedos para que a ligação se completasse sem a necessidade de cartões telefônicos.

O garoto inspirou fazendo barulho, enquanto ouvia os toques seguidos da chamada. A ligação foi atendida, mas seu interlocutor não se manifestou. Nem era necessário. Gael sabia com quem lidava.

– Galaor?

– *Ah...* – respondeu ele. – *Era contigo mesmo que eu queria falar, aberração.*

Apertando as mãos sem notar, Oriana se aproximou do orelhão. Gael, porém, evitou seu olhar aflito.

– Coincidência, não é? – ironizou ele. – Eu também queria falar com você.

CAPÍTULO 14

Trato



Salvador

A CONTRAGOSTO, Galaor admitiu para si mesmo que a aberração tinha coragem. Nem o mais valente dos guerreiros brácaros utilizaria com ele aquele tom irônico.

– Que tal um trato? – disse, impondo ainda mais pressão no pé para afundar o rosto de Viriato contra a lama. – Tua cabeça pela vida do escravo?

Os quilombolas acompanhavam cada detalhe da cena, a atenção concentrada em Galaor no limite máximo. Exatamente como ele desejava.

– *A única pessoa que pode condenar o Viriato à morte é o Eurico* – retrucou Gael, bem-informado demais para o gosto do guerreiro.

– Mas posso te garantir que ele sofrerá muito até lá.

Para Galaor, um bom espetáculo deveria ter sangue. Exibicionista, retirou a bota de cima do escravo e, deixando o celular próximo a ele, começou a chutá-lo para que a aberração escutasse o som dos ataques e os consequentes e abafados gemidos de dor.

– Pare, por favor! – disse alguém, saindo do meio da multidão para correr até Viriato.

Era a jovem humana que criara Gael. Como era mesmo o nome dela?

Fingindo clemência, o guerreiro se afastou para que ela amparasse a vítima. O resultado foi melhor do que esperava. Do outro lado da ligação, o garoto escutara o pedido desesperado.

Galaor recolocou o celular junto ao ouvido. Estranhava a aflição de Viriato, caído a seus pés, com o perigo que o meio-irmão representava para a humana. E se...?

Riu alto. Então o escravo estava apaixonado por ela? Isto explicava por que tosara os cabelos, tirara a barba e se vestia como humano. Que situação patética!

Gael estava mudo. Apenas a respiração hesitante traía seu medo pelo que podia acontecer a Viriato e à sua família humana.

– O que querias mesmo falar comigo, aberração?

– *Uma trégua de 48 horas.*

– E o que eu ganho?

– *Minha cabeça.*

– Numa bandeja?

– *Se eu achar uma bandeja aqui, pode ser.*

– Ainda não vi qual é a vantagem de...

– *Daqui a 48 horas eu encontro você. Desde que não machuque o Viriato nem a minha família, entendeu?*

– E onde seria esse ponto de encontro?

– *Na Citânia de Bracara.*

Então era isso? O garoto planejava solicitar uma audiência com Eurico, o que não deixava de ser interessante. Galaor teria a oportunidade de executá-lo na frente de todo o clã. E, com certeza, de fazer o mesmo com Viriato após a autorização paterna. A aberração lhe proporcionaria um merecido e duplo momento de triunfo.

– *E aí, o que diz?*

– Tens 24 horas – decretou Galaor antes de desligar o aparelho. Aquela negociação tola já o cansara.

Carolina se ajoelhou ao lado de Viriato, que se sentou com dificuldade. Junto ao iorubá, o pai dela não piscava, apavorado. Nan saíra da casa do hospital e se reunira a eles, fitando a cena com olhos tristes. Akinlana apenas observava; suas leis o impediam de interferir. Galaor vislumbrou mais uma forma de sair lucrando. Voltou-se para Carol.

– Se partires conosco, humana – ofereceu –, terás minha palavra de que Viriato não será torturado.

– Não! – reagiu o escravo, confrontando-o.

Era nítido que a garota cederia. Mesmo assim, Galaor achou melhor incentivá-la a decidir. Seu punho direito acertou com violência a face do escravo, tirando-lhe sangue.

– Pare! – implorou Carol. – Eu vou com vocês.

TIAGO JAMAIS PERMITIRIA que a filha fosse sozinha com aqueles selvagens. Quando começou a andar na direção dela, Akinlana tentou detê-lo.

– Não posso proteger vocês se saírem do quilombo – avisou.

– Agradeço por tudo, senhor, mas tenho de cuidar dos meus filhos.

O rei pôs a mão no ombro dele, com um sorriso discreto.

– Trataremos de seu irmão. Ele vai ficar bom, eu prometo. E quando vocês voltarem, faremos uma festa em sua homenagem. Que Olorun os proteja.

Tiago lançou apenas um olhar para Nan, uma pergunta muda.

– Acabo de ver João – ela contou. – Está consciente e xingando todo mundo. Vá... E quando quiser falar comigo, tem um jeito. Não esqueça. Oiá vai ajudar.

Ela tocou a pedra de Iansã, em seu peito. A pedra pareceu brilhar em vermelho.

O pai de Gael e Carol fez o mesmo. Apertou sua metade do *otá* e, sem dizer mais nada, foi reunir-se à filha, que ajudava Viriato a levantar-se da lama.

GAEL PENDUROU O TELEFONE no gancho, sem comentar nada do que Galaor lhe dissera. Oriana admirou a força de vontade do filho, o jeito extrovertido e, principalmente, a coragem para lidar com o perigo. Sorriu consigo mesma. Ele nem completara quinze anos, o que ocorreria em 21 de dezembro; não recebera treinamento e nada sabia sobre acessar a magia. Mas tinha a coragem dos brácaros e a agilidade dos jaguara... E ainda algo mais, uma qualidade indefinida que ela não conseguia distinguir.

– Quanto tempo aquele estúpido nos deu? – perguntou Anuk.

O garoto ainda fitava o telefone. Os olhos vermelhos se destacavam no rosto muito sério, cheio de raiva contida.

– Um dia – murmurou. – Essa audiência tem de acontecer amanhã à noite de qualquer jeito.

GALAOR TINHA PRESSA. Fomos levados imediatamente até o aeroporto de Salvador e embarcados no primeiro voo para o Rio de Janeiro. Dessa vez, nada interferiu com a magia. No avião, ele se sentou entre mim e Carol, deixando a vigilância sobre Tiago a cargo de dois guerreiros, algumas fileiras atrás.

– Já contaste para a humana o quanto é íntima tua amizade com minha *adorada* esposa Shantel? – rosnou Galaor.

Desviei o olhar para o encosto da poltrona à minha frente. Carol, provavelmente magoada com o que descobria daquela maneira, baixou a cabeça. Ele escondia a informação de que seu casamento existia somente na aparência. Casara-se com a prima por imposição de Eurico, após o nascimento das gêmeas, filhas de Tariq. Além disso, não era segredo para ninguém que, desde que Anuk e Mirele atingiram, em dezembro último, a idade de casar – catorze anos entre as mulheres brácaras –, ele as espreitava, aguardando a melhor oportunidade de tomar uma delas como amante apenas para humilhar Shantel.

Uma possibilidade concreta que causava desprezo em Anuk e apavorava Mirele. Mas enfurecia o pai, Tariq. O al-gharbio o conhecia bem demais. Todos sabíamos que Galaor estava fora de controle há muito, uma situação que pioraria ainda mais quando ele ocupasse o lugar de Eurico.

– E a humana já sabe o quanto Shantel fez por ti? – insistiu ele, ainda jogando Carol contra mim. – O quanto ela intercedeu por ti, junto ao meu pai, para que pudesses estudar e viajar...? Para onde foste mesmo daquela vez? Galiza, não foi?

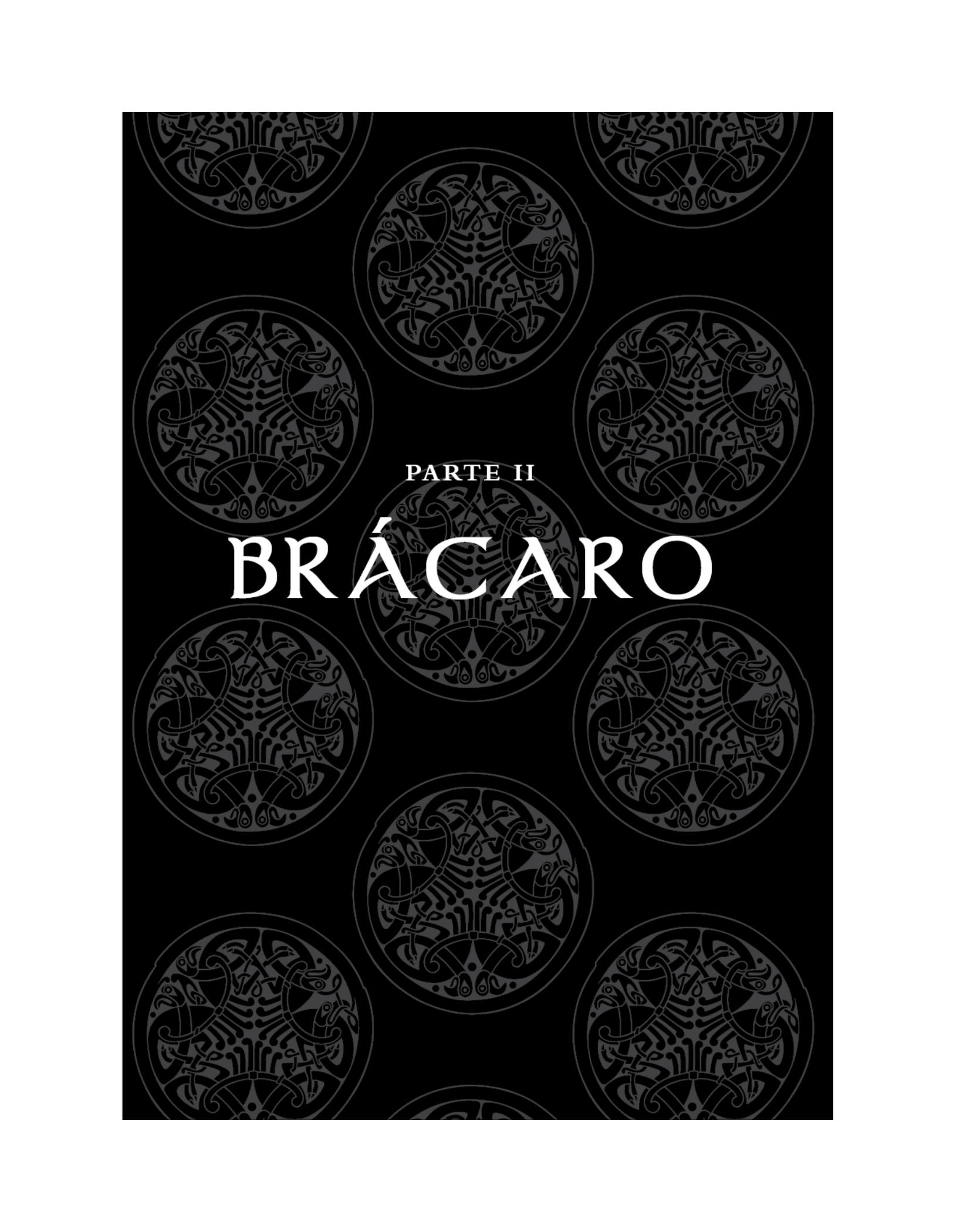
Galaor não dizia nenhuma mentira, e sim fatos que eu não devia mais esconder. Busquei em vão os olhos de Carol.

– Sou mais desprezível do que imaginas – afirmei. Amargo, refleti que ela jamais me perdoaria quando conhecesse a verdade inteira.

– Do que estás falando, escravo? – meu meio-irmão inquiriu, fechando as sobrancelhas de curiosidade.

Mas não lhe entreguei minha culpa, nem inventei justificativas, engolindo saliva e a tentadora vontade de mentir.

O tempo da omissão agora pertencia ao passado.



PARTE II

BRÁCARO

CAPÍTULO 1

Passado



Rio de Janeiro, quinze anos antes

ORIANA NÃO SABIA qual vestido escolher. Tentou um azul, que combinava com a cor de seus olhos, mas desistiu ao ver que o decote revelava as marcas roxas em seu pescoço, resultado da surra aplicada pelo pai na antevéspera. Havia hematomas por todo o corpo.

Belmira, a escrava que cuidava dela desde a morte da mãe, suspirou ruidosamente. Era só o que se podia fazer diante da brutalidade de Eurico. Oriana, porém, mostrava-se conformada com aquela rotina. Já estava com 14 anos e nunca adulto algum interferira para defendê-la ou para impedir que Galaor também apanhasse sempre que o pai deles estava de mau humor – o que ocorria com frequência.

– Vou colocar o vestido pérola – escolheu.

O modelo, de gola alta e mangas compridas, seria perfeito, apesar da manhã abafada. Era 21 de março e, à noite, Oriana finalmente se casaria com Tariq. Nada poderia estragar sua alegria.

O excesso de empolgação mal permitiu que Belmira a ajudasse a vestir-se. A adolescente escapuliu do pente de ouro, que poderia dar um jeito em seus cabelos longos e rebeldes, e saiu do quarto já respirando liberdade. Parou numa das janelas do corredor para contemplar o mundo lá fora: a visão da Baía de Guanabara, ampliada por um céu muito claro e pelo mar que ondulava em tons variados de azul e verde, revelava-se ainda mais impressionante. De um mirante da Citânia de Brácara se podia avistar até o Corcovado e o Parque Nacional da Tijuca. Sem dúvida, uma das vantagens daquela fortaleza, construída estrategicamente no Rio de Janeiro pelos primeiros brácaros a chegarem ao Brasil, no século XVII. E, como todos os

lugares protegidos pela magia, a Citânia era invisível aos olhos humanos. Oriana sorriu. Não era estranho viver em uma fortaleza que reproduzia ao máximo as antigas construções celtas do norte de Portugal, mas com direito à eletricidade, água encanada, a telefones e TVs?

– Outra vez descabelada? – brincou Viriato, indo ao seu encontro. Prático como sempre, reuniu os fios rebeldes da meia-irmã para ajeitá-los numa trança improvisada.

Feliz em revê-lo, Oriana se pendurou em seu pescoço para lhe dar um beijo estalado na bochecha. Ele era alto para seus quase dezesseis anos, apesar de ser bem mais baixo que o imenso Galaor, que completaria vinte na semana seguinte.

– Quando retornaste da Galiza?

– Cheguei há pouco, senhora. E te trouxe um presente.

Do bolso da calça, o adolescente tirou algumas pedrinhas que depositou nas mãos ansiosas da garota. Boquiaberta, ela mal acreditou que agora teria suas próprias pedras adivinhatórias. Para uma aprendiz de magia, aquele era o melhor dos presentes.

– Aposto como trouxeste outras iguais para Shantel – provocou Oriana.

Como previa, Viriato corou de vergonha. Todo mundo sabia que o escravo era apaixonado pela sobrinha órfã de Eurico, uma adolescente linda, simpática, extrovertida e autoconfiante, nada parecida com a prima que construía uma muralha em torno de si mesma para se manter sã diante de um mundo ao qual não se adaptava.

– Sim, eu trouxe, mas foi tolice – confessou Viriato, sem graça. – Ela não precisa dessas coisas.

Altamente intuitiva, Shantel demonstrara logo cedo seu talento para magia. Apesar de ter a mesma idade da prima, era uma aluna avançada e não demoraria a se tornar uma druidesa. Um orgulho para Eurico, que lhe dedicava amor paternal e fazia todas as suas vontades, como permitir que Viriato viajasse sozinho até a Galiza para lhe comprar objetos ritualísticos. Ele jamais batera na sobrinha, como fazia com os filhos... Oriana procurou não

pensar no quanto a invejava. E, para piorar, o único irmão que gostava dela tinha de se apaixonar justo pela garota perfeita!

Viriato uniu as sobrancelhas de preocupação, indicando a gola alta do vestido inadequado para o dia quente.

– Senhora, devias esconder-te quando Eurico está de mau humor – recomendou.

Era o que colocava em prática para evitar que a irmã apanhasse do pai: ocultava-a atrás de tapeçarias e em tocas secretas que ele mesmo esburacava nas paredes mais distantes da casa imensa. Sempre fizera isso, desde que ela se entendia por gente. Já Galaor nunca aceitara sua ajuda. Considerava covardia fugir daquela forma.

–Viriato...

– Que é?

– Tu te lembras da minha mãe?

A pergunta o fez morder os lábios, pensativo. Lucília morrera quando Oriana tinha apenas um ano. Ninguém sabia exatamente de quê.

– És parecida com ela, senhora – garantiu ele, com um sorriso. – E sei que ela se sentiria muito feliz com teu casamento.

Não ficava bem uma senhora de alta linhagem como Oriana abraçar um escravo bastardo e insignificante, mas a garota preferiu quebrar as regras. Compreensivo, Viriato retribuiu o carinho, beijando-lhe a testa. Ele sempre fora a única pessoa que a entendia de verdade. Bom, agora havia também Tariq, um noivo que ela recebera ao nascer e que, contra toda expectativa, ganhara seu coração quando os dois haviam se conhecido alguns meses atrás, durante uma visita ao clã al-gharbio. O adolescente, apenas um ano mais velho, também se apaixonara. Desde então, os dois trocavam cartas e telefonemas, encurtando a distância entre Rio e São Paulo.

– Promete-me que tudo dará certo hoje à noite – pediu ela, com um mau pressentimento.

Viriato não fez nenhuma promessa. Apenas continuou a abraçá-la, como se a protegesse de perigos invisíveis. Foi quando um terceiro abraço os rodeou.

Era Shantel.

RECUEI, ESTABANADO, ao sentir o toque da garota que adorava em silêncio. Tropecei nos pés, acabei por perder o equilíbrio e quase caí para trás. Shantel riu, estendendo a mão para me ajudar. Oriana, no entanto, foi mais rápida e endireitou-me ao me puxar pela túnica.

– Perdoai-me por vos assustar – disse Shantel. – É que eu também queria participar deste momento especial.

– Pois era um momento particular! – retrucou Oriana, com seus modos grosseiros.

Amuada, a prima se afastou, deixando-nos a sós. Minha meia-irmã merecia a fama de desajustada. Seu comportamento antissocial era notório.

– E tu, cachorrinho? – cobrou, espumando, no tom possessivo que utilizava quando o assunto dizia respeito a mim ou a Tariq. – Não irás atrás dela abanando o rabo?

Fiz uma reverência e me retirei, apressado, antes que Oriana começasse a me ofender de verdade. Não pretendia encontrar Shantel e sim acompanhar os preparativos para o banquete de casamento, logo à noite. A adolescente, porém, estava à minha espera na porta da cozinha. Procurei disfarçar, sem sucesso, a deliciosa perturbação que ela provocava em mim. Uma sensação que ganhou mais e mais intensidade quando ela me puxou pela mão, levou-me até um aposento vazio, sem que ninguém nos visse, e trancou a porta para nos dar privacidade.

– Como foi na Galiza? – perguntou, cravando-me os olhos. – Falaste com a *bruja*?

TARIQ E SUA COMITIVA chegaram pontualmente para a cerimônia que seria realizada no salão principal, o aposento mais importante da casa de um líder como Eurico. Todos os brácaros já ocupavam seus assentos na mesa estreita que circundava a estrutura do cômodo. Eurico se levantou de seu trono, a cadeira mais alta e mais bem-localizada, para receber os recém-chegados. Os al-gharbios o cumprimentaram com reverências educadas, mas que não lhes

roubavam a postura orgulhosa. A presença do jovem, que assumira a liderança de seu clã após a morte do pai, fez algumas jovens suspirarem. Era um tipo elegante, bonito, atraente. Eu admirava Tariq por sua sagacidade, o raciocínio ágil e a visão de futuro que prometiam mudanças benéficas para ambos os clãs. O casamento não significava apenas uma aliança política. Era sinônimo de tempos de paz.

Oriana entrou no salão naquele instante, recebendo aplausos entusiasmados. Estava belíssima em um vestido rosa, com os cabelos presos no alto da cabeça e um colar de rubis que lhe escondia as marcas roxas ao redor do pescoço. Orgulhei-me de minha irmã caçula. Ela não era mais uma criancinha.

Eurico a recebeu com um sorriso satisfeito. Uniu as mãos dos noivos para oficializar a união. Tariq só enxergava Oriana. E ela estava radiante.

Senti o olhar de Shantel, do outro lado do salão. Automaticamente, desliguei-me da cerimônia. Minha mão direita, em meu bolso, apertou com ansiedade o vidrinho da poção que recebera da *bruja*.

Ela esperava que eu fizesse o que pedira – ou ordenara. Contudo, eu estava decidido a não cumprir minha parte do trato. Se tudo desse certo, finalmente conheceria a felicidade que meu coração tanto cobiçava.

CAPÍTULO 2

Citânia de Brácara



Rio de Janeiro, nos dias de hoje

A PRIMEIRA VELA ACESA. Respeito.
Mais uma vela. Desejo.
Mais uma chama. Sangue.

A druidesa se deitou de bruços diante do enorme pilar de granito, coberto com placas de ouro e prata. Ao seu redor, doze pilares menores. Menires submissos ao venerado. Como a submissão da mulher que o adorava.

Ela soube antes, como sempre sabia. O êxito de Galaor significaria sua derrocada. Mas, ainda que os planos dele fossem frustrados, ela também poderia perecer. Vitória ou fracasso, ambos os desfechos tinham o potencial de arruinar sua vida. Ou não...

Tudo, no fundo, dependia apenas dela.

E a virada a ser tecida lhe traria muito mais que poder.

VOLTAR AO RIO COMO PRISIONEIRO me fez ver a cidade maravilhosa com olhos de despedida. Chegamos ao Galeão no início da madrugada. Uma demora na liberação da pista e da ponte de desembarque, porém, atrasou nossa saída do aeroporto. Clareava quando, finalmente, nos instalamos nos carros que nos levariam para casa... A casa onde nascera mas que não me pertencia, na qual eu sempre fora menos que um animal doméstico. Aonde ia agora para morrer.

A escuridão se entregava à luz e revivia a magia do nascer do sol. Admirei pela última vez o clima cativante do Morro Santa Teresa, o bairro que atravessávamos. Os casarões antigos de inspiração francesa, os bondes, as ruas e as ladeiras tortuosas, com seus paralelepípedos, a vegetação que proporcionava sombra para um repouso do sol escaldante. Carol, malgrado seu, apreciava com olhos ávidos a paisagem carioca, que somente conhecia pela televisão.

Num largo que parecia não ter mudado desde a vinda de D. João ao Brasil, os carros que levavam a mim e aos humanos avançaram pela garagem aberta de uma das casas, a fachada que ocultava um portal ostensivamente vigiado. Segundos depois, atravessamos a primeira das três muralhas ao redor da Citânia de Brácara. Estávamos agora em território oculto pela magia.

Quando, enfim, alcançamos as ruas de terra da fortaleza e os carros frearam, Galaor nos obrigou a um desfile humilhante até a casa de Eurico, a maior e mais importante entre as habitações de planta circular, todas construídas em pedra.

Entre meu povo, fui tratado como um verme. A rua estava apinhada de gente, todos cientes de que meu querido meio-irmão voltava vitorioso da caçada a um traidor do clã. Recebi cusparadas no rosto, insultos e olhares de desprezo. Em relação aos humanos, liberados para enxergarem a magia, havia somente desconfiança pela presença em um local onde jamais deveriam pisar. Arrastado na frente do cortejo, eu evitava fitar qualquer um dos dois.

Assim que entramos na casa de Eurico, Shantel surgiu para conversar com o marido. Avaliou, espantada, minha aparência, antes de me dedicar um sentimento de piedade que eu não merecia. O ciúme de Galaor, naturalmente, dava-lhe vontade de surrá-la. Mas o guerreiro a temia demais para ousar machucá-la.

- O que farás com os humanos? – perguntou ela, analisando Carol e Tiago.
- São meus prisioneiros – ruminou Galaor.
- Caçar humanos abre uma perspectiva que tu, como futuro líder, não deves permitir. Quero-os para mim.

Shantel estava certa. Os riscos de caçadas como aquela acabariam expondo demais os grupos que sobreviviam na magia, seguros enquanto os humanos

não descobrissem sua existência. E Galaor sabia disso.

– Que fiquem contigo, então! – cedeu ele, rancoroso.

Descontou sua frustração em mim, arrastando-me com violência pelo corredor. No fundo da construção, uma escada nos levaria às celas, no subsolo.

Virei a cabeça para trás em tempo de assistir à cena que era obrigado a abandonar. Shantel, com ares de anfitriã, sorria para Carol e falava com Tiago.

– Acompanhai-me – disse. – É melhor que descanseis agora.

– O que vai acontecer com ele? E conosco? – Tiago inquiriu, tímido.

Um guerreiro estava pronto para golpear o humano por ter-se dirigido à senhora, mas ela lançou-lhe um olhar que o impediu de agir. Calma, dirigiu-se aos dois.

– Será julgado por traição. Quanto a vós, sois meus hóspedes e nada deveis temer. Lembrai-vos apenas de não dirigir a palavra aos senhores brácaros sem permissão... Apenas para evitar as reações da guarda – e, aos guerreiros que olhavam abismados aquela permissão sem precedentes, ordenou: – Levai-os aos aposentos de hóspedes.

CADA HUMANO, como convidado de Shantel, recebeu um quarto para descansar. No de Carol, ela descobriu alguns vestidos velhos em um baú, junto ao leito. Estavam limpos e cheiravam a lavanda. Poderia tomar um banho e...

– Oh, senhora, não! – disse Belmira, uma escrava idosa e manca, que abria as janelas para arejar o aposento. – Esses trapos não te cairão bem!

Sem que a humana pudesse impedi-la, saiu para voltar alguns minutos depois, trazendo um belíssimo vestido na cor pérola, com gola alta e mangas compridas.

– Depois que a senhora Oriana partiu, guardei todos os seus vestidos – explicou Belmira, com uma ponta de tristeza. – Tenho certeza de que ela não se importaria de te emprestar um deles.

– Melhor não, obrigada – agradeceu Carol, polidamente, imaginando a carranca da outra se a visse usando suas roupas.

– Tua pele é tão negra e maravilhosa... O tom claro deste vestido te fará ainda mais bela! – Belmira assegurou, impressionada com a primeira afrodescendente que conhecia em sua longa existência como escrava. Mas via que a outra hesitava. – Tens receio de aborrecer Oriana, é isso?

– Bom, eu...

– Então é verdade o que cochicham por aí – disse Belmira, emocionada e muito feliz. – A senhora está para chegar!

Carol apenas confirmou com um movimento de cabeça. Se Gael prometera vir ao encontro de Galaor, era certo que Oriana o acompanharia.

– Não te enganes com seu gênio difícil – continuou a escrava. – Oriana é uma criança que sofreu muito.

– Ela não gosta de mim.

– Ela te disse isso?

– Não. É que...

– Fizeste algo contra ela?

– Claro que não!

– És inimiga dela?

– De jeito nenhum!

– Oriana tem preocupações muito mais importantes que um vestido. Usa-o, senhora. Ele parece que foi feito para ti.

Carol tentou recusar a gentileza, mas a idosa foi inflexível em sua missão de agradá-la. Também não ajudou muito a tentação de se transformar em uma princesa... Enfim, a vaidade venceu. A jovem tomou um banho demorado, envolveu-se num perfume delicioso, vestiu o traje tirado dos contos de fadas e, para finalizar, sentou-se em um banco diante do espelho, para que Belmira enfeitasse com flores minúsculas as várias trancinhas que tinham sido feitas pela cabeleireira do quilombo.

– Muitos guerreiros olharão para ti hoje – disse ela, com uma piscadela.

A jovem forçou um sorriso gentil. Sua angústia a impedia de se sentir realmente bem. Gael estava a caminho da Citânia, provavelmente para ser

executado; era óbvio que Viriato seria condenado à morte; ela e o pai eram prisioneiros dos brácaros...

– Estás preocupada com Viriato – arriscou Belmira.

E, sem esperar a confirmação, desandou a falar:

– Ele é um bom menino. Quando algum escravo precisava de ajuda, era a ele que procurávamos. Estava numa posição melhor que a nossa, pois também é guerreiro. Pôde estudar, sair da Citânia, usa a tecnologia moderna que mal sabemos como funciona. E digo-te uma coisa, senhora. É Viriato quem administra tudo aqui. Quando se ausenta, como aconteceu nas últimas semanas, esta casa vira um caos.

Um parecer positivo sobre alguém tão misterioso deixou Carol menos tensa, o que incentivou a outra mulher a prosseguir.

– Podes imaginar nosso espanto quando soubemos que ele não tinha executado a aberração e, pior, protegia a criatura do clã! Nosso tranquilo e quieto Viriato, cometendo traição? Foi uma facada nas costas de todos, escravos e homens livres.

A última informação fez Carol se empertigar.

– Essa “criatura” de que a senhora fala é um garoto muito especial – defendeu. – Eu o criei como se fosse meu filho.

– Um garoto?! – repetiu Belmira, incrédula.

– E, pelo que Viriato me disse, é com o avô que Gael se parece fisicamente.

– Não é possível! – disse a escrava, chocada. – Eu vi quando *aquilo* nasceu.

Um... um monstrinho peludo, horroroso...

– Havia uma criança debaixo daquele pelo todo e vocês nem perceberam.

Belmira balançou a cabeça, pesarosa.

– Então, essa... esse garoto é o único neto de Eurico. Que ironia...

– Galaor não tem filhos?

– Nenhum. E olha que sempre aparece uma mulher diferente em seu leito.

Carol pensou que tal ironia devia ser castigo para uma gente tão arrogante. Belmira ajeitou de novo o cabelo da jovem, disfarçando a ansiedade. Parecia planejar uma travessura.

– É costume que todo prisioneiro, antes de morrer, receba a visita de uma mulher – contou, com ar cúmplice. – Não gostarias de falar com Viriato?

CAPÍTULO 3

Encontros



Salvador

A O ACORDAR, João sentia dores por todo o corpo. Uma enfermeira o fizera, mais cedo, beber um chá preparado com ervas recomendadas pelos mãos-de-ofá. Tivera muita sorte. Os ferimentos não eram graves.

O que o deixava angustiado eram as preocupações. Onde estariam Carolina e Tiago? Antes de ele praticamente desmaiar após o primeiro atendimento, Nan havia dito que os brácaros os tinham levado, junto com Viriato. Mas para onde? Com que propósito? E também se agoniava a respeito de Gael. O que lhe teria acontecido, e a Oriana?

Olhando ao redor do quarto simples, que há bem pouco tempo abrigara Viriato, ele viu Nan junto à janela. A iorubá percebeu que acordara.

– Como se sente? – perguntou, solícita.

– Como se tivesse sido atacado por um porco selvagem – sorriu ele.

– Não se aflija por Tiago e Carol – disse ela, vendo a inquietação em seus olhos. – Ainda não tive notícias, mas o coração me diz que estão a salvo.

João a viu apertar uma pedra brilhante que trazia pendurada ao pescoço, entre os vários colares. Ia perguntar o que era aquilo quando a porta se abriu e um iorubá entrou.

– Akinlana está aqui.

Nan fez um aceno afirmativo e, com uma breve reverência, saiu do quarto. O rei adentrou o cômodo e foi falar com João.

Este se sentiu tímido pela primeira vez na vida. Talvez seu temperamento extrovertido estivesse inibido pela medicação. Ou talvez ele simplesmente

não estivesse acostumado a receber a visita de reis cuja vida tinha acabado de salvar.

– Os médicos me dizem que logo você receberá alta – disse Akinlana, solene. – Enquanto isso, tem alguma coisa que eu possa fazer? Sou seu devedor, João.

Um sorriso triste pairou nos lábios do irmão de Tiago. Se algo parecido tivesse acontecido há alguns meses, ele se apressaria a tirar vantagem da situação. Sempre soubera se aproveitar dos fatos para obter dinheiro, crédito, contatos. Naquele momento, porém, só lhe importava a família. O irmão, a sobrinha e o sobrinho adotivo... até Viriato. Nan achava que estavam bem, mas como ela poderia saber?

Fitou o chefe dos iorubás sem saber exatamente o que dizer.

– Eu sempre... eu nunca... – começou, e logo engasgou.

– Sei que gostaria que eu impedisse seu irmão e sua sobrinha de irem – o chefe do quilombo o perscrutou com o rosto sério. – Eu também não gosto da ideia de estarem com o filho de Eurico. Ele planeja matar o meio-irmão, e sua família vai sofrer com isso.

Uma sensação de impotência atingiu João. Considerava Viriato um grande safado, mas – talvez por isso mesmo – havia aprendido a gostar dele.

– Infelizmente, os clãs que vivem na magia dependem da paz que o chefe brácaro negociou. É uma paz precária, porém necessária. Se fôssemos contra Galaor agora, seria uma declaração de guerra... E uma guerra envolvendo povos mágicos afetaria a nós e aos humanos de uma forma terrível. Não posso atacar os brácaros para salvar sua família, nem mesmo para salvar gente da minha raça.

A decepção do outro o fez sorrir de leve.

– Não desanime. Não vou ficar parado enquanto aqueles arrogantes atacam gente inocente. Já mandei mensagens a vários clãs. Se houver uma forma de resolver este impasse em paz, vou tentar.

O tio de Carol, desarmado diante do olhar penetrante de Akinlana, custou a falar.

– Passei minha vida dando *jeitinhos* – murmurou. – Nunca fui de trabalhar ou encarar as encrencas de frente. Sempre procurei o caminho fácil pra resolver as coisas... mas aqui... Estou preso neste lugar, e pra viver aqui eu vou ter de mudar, não vou?

– Preso, não. Assim que sarar, tem liberdade de ir para onde quiser – o rei disse, um tanto surpreso. – Quanto a mudar, acho que começou bem. Se jogar na frente de um bicho selvagem para salvar a vida de um chefe de clã foi um começo muito bom... Um verdadeiro batismo de sangue.

O iorubá saiu, deixando o humano com muito em que pensar. Especialmente naquela expressão. *Batismo de sangue*.

HAVIA NO CENTRO DO MOCAMBO um poço de pedra, remanescente dos tempos idos. Na maioria das casas havia água encanada, porém o poço era reverenciado por ter sido construído pelos antigos, e ainda fornecia água límpida e fresca.

Nan andou até ele, querendo experimentar algo. Ouvira certas frases nos delírios de Viriato, quando ele ainda estava febril no hospital, que lhe tinham dado algumas ideias. Queria saber notícias de Tiago, e sua intuição lhe dizia para tentar aquilo.

Puxou a caçamba que subiu com água do poço, e derramou um pouco numa espécie de pia de pedra esculpida que havia em suas bordas. A água se aquietou no recipiente rústico e refletiu o brilho do sol poente daquele final de tarde.

Instintivamente, soube o que fazer. Com a mão esquerda, tomou a pedra de Oiá e a apertou. Sentiu o calor do *otá*, que começou a brilhar entre seus dedos. Então, a mulher se inclinou sobre o espelho d'água que se formara e percorreu sobre ele, de leve, os dedos da mão direita.

A água tremelicou e assumiu a cor vermelha da pedra de Iansã. Ou era apenas a cor do pôr do sol que se refletia ali? Nan tinha dúvidas, mas não deixou que elas se intrometessem. Fitou o espelho d'água com fé no orixá de quem esperava proteção.

“Mostre-me Tiago”, pediu. “Mostre-me Carol. Mostre-me Viriato.”

O orixá, ou sabe-se lá que força mágica se manifestava naquele momento, lhe mostrou o que pedira em ordem inversa.

Viu o rosto de Viriato, triste e ainda sujo da lama contra a qual as botas do meio-irmão o haviam prensado. Estava confinado numa cela. Viu Carolina quase a reluzir, num vestido de princesa e com uma mulher branca a lhe entrelaçar pequenas flores nos cabelos. Sentiu a força de Oiá a cercá-la, protetora, o que sossegou seu coração. Por fim, viu Tiago. Ele estava confinado também, mas não na cela escura como a que cercava o rapaz brácaro. Encontrava-se num aposento grande, num banheiro moderno, parecia ter acabado de fazer a barba. E olhava para a água que enchia a pia diante dele... olhava, abismado... pois podia vê-la tão bem quanto ela o via!

Rio de Janeiro

TIAGO NÃO ACREDITAVA EM SEUS OLHOS. Desde que o haviam trancado no quarto, tinha tomado banho e feito a barba, apesar do medo. Imaginara que deveria estar apresentável quando encontrasse a gente que mandava naquela tal citânia. Mas não tirara a pedra vermelha do corpo; e, de repente, quando ela pendeu sobre a pia cheia de água e a tocou, ele quase teve um *troço* – pois acabara de ver o rosto de Nan a fitá-lo!

Não se afastou. Pegou o *otá* com a mão esquerda e se curvou para ver melhor. Não podia duvidar do reflexo em movimento na água dentro da pia...

– É você, Nan? É você mesmo?

A voz dela veio de longe, falando dentro de sua cabeça.

– *Sim, sou eu. Tentei encontrar você com um espelho de água e deu certo! Acho que podemos nos falar desse jeito, enquanto tivermos a pedra de Oiá...*

– Como está o João?

– *Está ótimo. Preocupado com vocês.*

– Estamos bem, nada aconteceu por enquanto. Só não vejo nenhuma forma de escaparmos daqui. É uma fortaleza com três muralhas, cheia de guardas armados. Estão dizendo que vão condenar o Viriato à morte. Até agora, nem sinal do Gael.

O rosto dela estava sumindo, como se fosse feito de tinta negra a se diluir n'água.

– *Coragem, Tiago. Akinlana vai nos ajudar. E meu coração está junto do seu.*

Ele quis responder, retribuir, mas a voz lhe sumiu na garganta. O rosto dela desaparecera, e ele não conseguia imaginar o que fizera para merecer uma mulher daquelas.

Enxugou as lágrimas que brotaram e deixou a água escoar pelo ralo da pia. Olhando-se no espelho do banheiro, tratou de assumir um ar mais confiante.

“Carol precisa de mim. Gael precisa de mim. Tá, sou só um dono de bar, e passei a maior parte da vida servindo estranhos no balcão. Mas esse povo mexeu com os meus filhos, e se quiserem machucar qualquer um dos dois, vão ter de passar por cima do meu cadáver!”

Infelizmente, ele sabia que não poderia fazer nada por Viriato. Tudo indicava que o homem que sua filha amava não iria sobreviver àquela encrenca.

A CELA NÃO ERA DESCONFORTÁVEL como eu esperava. Uma única janela com grades até permitia que o sol diminuísse a umidade e o cheiro de mofo. Havia uma cama de pedra, onde me sentei. Na grossa porta de madeira, havia uma pequena abertura na parte superior, para os olhos dos carcereiros. Durante um bom tempo, contudo, ninguém me observou. Apenas no final da tarde percebi que me vigiavam, provavelmente avaliando a hostilidade que eu poderia oferecer. Minha inércia apenas comprovou que a visita não lhes causaria problemas.

Ela entrou no local, deslumbrante como sempre, projetando a fascinação que me consumia desde a adolescência. Ou talvez até antes, não me lembro. Sempre sonhara com ela, desejava seu toque, seu perfume, seu coração.

Shantel desfiou com os dedos uma mecha de seus cabelos loiros e compridos. Eu costumava amar aquele gesto corriqueiro, tão tolo e sensual. Os passos suaves vieram até mim, movimentando o corpo perfeito, delineado

pelo vestido justo até os quadris. Uma abertura sutil na saia longa permitia vislumbrar as pernas magníficas. O sorriso de Shantel criava covinhas em sua face rosada. Os olhos navegavam entre o azul-claro e o escuro.

Não permiti que me beijasse. Evitei seu toque, seu perfume, seu coração.

– O que há contigo? – estranhou ela.

– Senhora, eu gostaria de ficar sozinho – pedi.

Talvez um dia, se eu sobrevivesse às próximas horas... Talvez eu pudesse enumerar todos os motivos para romper com Shantel. Mas, agora, só conseguia sentir a culpa pela paixão doentia que custara um preço alto demais.

Shantel acomodou-se em meu colo, obrigando-me a apoiar as costas contra a parede. Suas mãos deslizaram por meu rosto, pescoço, ombros, tórax...

– Ainda não me recuperei da surra – eu disse, para justificar a indiferença. – Meus ferimentos doem.

– Eles parecem cicatrizados para mim.

– Perdoa-me, não tenho condições físicas de atender ao teu desejo.

A mentira não foi convincente. Dedos ávidos tocaram meu abdômen, mas não puderam descer além dele. Eu segurei seu pulso com firmeza.

– É a humana, não é? – disse ela, entre dentes.

– Que humana?

– Não te faças de tolo!

Ultrajada, Shantel se afastou de mim. Sua respiração vibrava de ódio.

– Cortaste os cabelos para agradá-la... – acusou. – Foi por ela também que resolveste trair teu clã e proteger a aberração?

Temí por Carol. Seria ela a pagar por minha consciência.

– Estás enganada. Eu te pertencço por inteiro e a mais ninguém. É que vou morrer, senhora. A proximidade da morte me dá o que pensar.

Não a convenci. Shantel foi até a porta, mas, ao espiar pelo vão, desistiu de sair. Um sorrisinho perverso brincava em seus lábios.

AS CONSTRUÇÕES CIRCULARES da Citânia possuíam paredes de pedra bruta e eram compostas de três pavimentos, incluindo o subsolo. A eletricidade alimentava as luminárias em formato de archotes. Na residência de Eurico, tapeçarias e móveis antigos e pesados, de madeira maciça, se espalhavam pelos aposentos e corredores. O cobre, o ouro e a prata estavam presentes nos objetos de decoração, espelhos, candelabros, cálices e pratos. O ambiente emanava luxo e requinte, além de muita rigidez.

Ao descer com Belmira a escadaria para o subsolo, Carol descobriu o quanto o pavimento destoava da área nobre da casa. Era imundo, irrespirável e mal-iluminado.

Foi o carcereiro que impediu o avanço das mulheres.

– Nossa hóspede veio falar com Viriato – disse a escrava.

– Ele já tem companhia – retrucou o carcereiro. – E tu sabes quem.

“Shantel”, deduziu Carol, magoada. Como pudera ser tão ingênua a ponto de acreditar que o rapaz estaria sozinho, sofrendo, abandonado numa cela escura?

Sem motivo para continuar naquele lugar, a humana deu meia-volta e, com passos ligeiros, retornou ao piso superior.

SHANTEL NÃO INSISTIU MAIS. Após algum tempo, abriu a porta da cela e foi embora, deixando-me ainda mais inquieto. O que ela acabava de aprontar?

Deitei-me na cama de pedra, fixando a atenção no céu que logo ia escurecer. Pedi desesperadamente à deusa-mãe que protegesse Carol. A perigosa inveja de Shantel jamais permitiria que outra mulher recebesse mais atenção que ela.

COMO SE PEDIA UMA AUDIÊNCIA com o todo-poderoso Eurico? Oriana explicou que outros grupos mágicos enviavam emissários para apresentar a solicitação com dias de antecedência, um tempo que Gael obviamente não tinha.

O carro que a mãe alugara em Praia Grande parou no estacionamento de um shopping, já na cidade do Rio de Janeiro, antes de seguir para a Citânia. Em poucas horas, o prazo concedido por Galaor ia expirar.

– É óbvio que tua presença é aguardada – disse Oriana, conferindo se havia alguma mensagem no novo aparelho de celular. Ela finalmente ouvira todos os inúmeros recados de Carol, agora inúteis. – Vamos comer alguma coisa.

– Eu preciso de um banho e de roupas novas! – reivindicou Anuk. – Não posso aparecer na frente do clã inteiro com esta aparência de quem andou perdida na selva!

Oriana assentiu.

– Devemos mostrar poder diante daquela gente – acrescentou.

As duas estavam de acordo em alguma coisa?! Gael olhou para uma e depois para outra. Elas saíram do carro, tomando a direção da passagem que as levaria para as lojas. Gael ficou um pouco para trás, sem vontade nenhuma de fazer compras. Preferia que a audiência ocorresse naquele instante, que tudo fosse resolvido de uma vez. A espera fazia seu estômago doer. Sentia fome, mas não tinha vontade de comer. Queria ter dormido durante a viagem, mas, apesar do sono e do cansaço, não conseguira. Nunca pensara antes, para valer, na morte. E agora ela não saía de sua cabeça.

Tinha apenas algumas horas de vida.

Uma agonia intensa o fez parar, ainda entre os carros do estacionamento. Jamais se preocupara com o futuro, e talvez devesse ter se preocupado, feito planos, investido em sonhos. Nem mesmo respondera à pergunta de sempre: “o que você vai ser quando crescer?”. Sempre tocara sua existência de modo tranquilo, vivenciando um dia de cada vez. Nunca encarara, para valer, o fato de que era uma aberração. Agora, nem aberração era mais. Devia enfrentar o fato de ser um mestiço de brácaro e índio, alguém que não devia ter nascido, pelo menos com Rudá como pai.

– O que eu sou? – disse, sacudindo a cabeça, sem ter ninguém para escutá-lo. As mulheres estavam a metros de distância e decidiam as lojas a serem visitadas.

Com raiva de si mesmo, concluiu que aquela não era hora para crises existenciais.

– Tu só podes ser o Gael – disse a voz de Anuk.

O adolescente se voltou para a esquerda, de onde viera a voz. Viu uma Anuk com expressão risonha e olhos sem mágoa do mundo, usando um vestido curto de alcinhas, amarelo-claro e com detalhes em renda, e um par de sandálias de tiras. Atrás dela, dois guerreiros carregavam sacolas de lojas de grife. Dois dos capangas de Galaor.

Confuso, Gael olhou para a Anuk que conhecia, logo adiante, parando com Oriana junto à passagem ao perceber que ele não as acompanhava. O rosto dela ganhou fúria ao avistar a sócia. Ou melhor, a irmã gêmea.

– Você é a Mirele... – disse o garoto, recuando ao se lembrar do perigo que os guerreiros representavam.

– Sou sim! Ah, e não precisas temer minha escolta. Hélio e Tarcísio recebem ordens de Galaor, e ele te deu uma trégua, não foi?

Os dois adultos, nada interessados em persegui-lo, assistiam à conversa sem interferir, segurando placidamente as compras de Mirele. Oriana refez o caminho de volta a passos acelerados. Já Anuk continuava no mesmo lugar, sombria.

– Eu ia embora, mas posso tomar um lanche contigo – convidou-se a gêmea boazinha. – Falam tanto de ti que... perdoa-me a curiosidade... queria muito te conhecer!

A mãe os alcançava naquele segundo. Avaliou a segurança do filho, exibiu a carranca de sempre ao receber um sorriso franco de Mirele e, mesmo desconfiada, acabou aceitando a nova companhia.

Tarcísio pegou todas as sacolas e foi até o carro para guardá-las. Hélio, a postos, acompanhou-os até a passagem, rumo às lojas. Anuk sumira.

GAEL ERA UM AMOR. Tinha uma conversa inteligente e sabia ser ele mesmo, o que Mirele considerava algo raro. Bonito na medida certa, não se escondia

na timidez e tampouco se desvalorizava por ser diferente. Ele escolheu roupas em promoção – uma camiseta folgada e jeans –, evitando que a mãe gastasse uma fortuna. A garota só não gostou muito quando o adolescente pediu sua opinião sobre o que comprar para Anuk.

– Somos gêmeas, só que nunca fomos unidas – justificou Mirele. – Nem imagino do que ela possa gostar!

Estavam numa loja de roupas femininas, esperando que Oriana, no provador, vestisse as peças que adquirira. O guerreiro, no corredor, observava as pessoas que circulavam pelo shopping naquele final de tarde.

– É, a Anuk me contou que vocês duas cresceram separadas – disse Gael. – Você com sua mãe e ela com o pai.

– Ela te falou isso?

– E não foi?

– Mais ou menos – corrigiu a garota. – Na verdade deveria ter sido assim, mas acabamos as duas ficando mais com nosso pai, porque Shantel nunca tinha tempo para crianças. Claro que todos os anos tínhamos de passar uns meses na Citânia. O problema é que, como Anuk se comporta feito uma selvagem, ninguém suporta viver com ela por muito tempo... Então, neste último ano, nossa mãe quis se livrar do incômodo, então a despachou para Tariq em período integral e exigiu que ele me enviasse para cá.

Mirele percebeu que Gael demonstrava tristeza ao ouvir aquilo, uma reação que ela não entendia. Como alguém podia gostar de Anuk? Mirele morria de medo da irmã, sempre era insultada nas ocasiões em que se encontravam. E concordava com a opinião unânime entre brácaros e al-gharbios: a gêmea má era uma praga que jamais deveria ter nascido.

– Acho que ela vai gostar dessas roupas – apostou Gael, tirando de uma arara uma minissaia preta e uma blusa cinza com estampa de caveirinhas. – Só fica faltando a bota de salto fino.

COM TANTO SHOPPING NO RIO, aquela insossa da Mirele tinha de aparecer justo naquele? De longe, Anuk acompanhou a sessão de compras, o jeito atencioso demais com que a irmã tratava Gael, o sorriso simpático que ele lhe dedicava, o lanche rápido na área de alimentação... Controlando-se ao

máximo para ser educada, Anuk passou por Hélio, parado em pé junto a uma doceria, e dirigiu-se para a mesa que a irmã, a aberração e a mãe dele ocupavam. Tanto Gael quanto Oriana já usavam suas roupas e calçados novos, o que lhes dava uma aparência limpa e civilizada. Só Anuk ainda parecia um bicho do mato.

– Comprastes alguma coisa para mim? – intimou.

– Taí – disse Gael, indicando com o queixo duas sacolas sobre uma das cadeiras.

E não disse mais nada, não sorriu para ela, não se importou. Tudo porque ela era a gêmea errada.

– Preciso ir ao toalete – disse Mirele, levantando-se da mesa.

– Ótimo, vamos juntas! – aproveitou Anuk, pegando as sacolas.

A irmã quis desistir, mas a outra a impediu, puxando-a pelo braço. Amedrontada, Mirele se deixou levar até o banheiro feminino, ao final do corredor.

– Não vou arrancar teu fígado – garantiu Anuk, após entrarem no local sempre movimentado. – Não *agora*. Aqui há testemunhas demais.

Mirele se encolheu contra a pia mais próxima. A irmã, então, reparou no reflexo das duas no amplo espelho que ia de uma ponta a outra da parede. Eram exatamente iguais! Apenas o jeito de ser de cada uma mostrava suas individualidades.

– É muito fácil ser quem tu és – murmurou Anuk, ressentida. – Todos te adoram!

– Estás enganada.

– Não me digas! Qual parte é a mais difícil? Ter o amor incondicional de Tariq ou suportar as bajulações de todos os súditos da Citânia?

A gêmea boazinha endireitou os ombros antes de fitar a outra através do espelho.

– A parte mais difícil é viver naquele lugar horrível – confessou. – Tu deverias ser feliz morando com nosso pai, mas nem valorizas isso.

As duas permaneceram um minuto em silêncio, utilizando seus reflexos para um confronto que, estranhamente, perdeu a intensidade. Ambas tinham

lágrimas nas faces.

– Vamos trocar de lugar? – propôs Mirele.

Anuk quis rir. Shantel jamais concordaria em destrocar as filhas.

– Não queres saber como é ser eu por um dia? – insistiu a irmã.

– Passar-me por ti?!

– E eu por ti.

– Não dará certo – desprezou Anuk. – Nunca conseguirás ser como eu!

– Ah é? Pois eu duvido que consigas ser como eu!

– Isso é fácil. Qualquer um pode imitar essa tua cara de paisagem!

– Não desejas mesmo saber como é... hum... como disseste mesmo? Ter o amor incondicional de nosso pai?

A irmã hesitou. A proposta não era tão desagradável... Imitar o jeito de se comportar de Mirele, a postura, a forma de conversar. Seria, no mínimo, divertido.

– Posso ser uma Mirele melhor que tu mesma – esnobou Anuk. A outra gêmea franziu o nariz, em dúvida. – Como ficamos? Temos ou não um trato?

GAEL NOTOU QUE ANUK parecia outra ao retornar do banheiro. As roupas que ele escolhera combinavam com ela. A maquiagem valorizava os olhos escuros, contornados pelo lápis preto, e os lábios no tom vermelho vivo. Simplesmente perfeita!

Já Mirele, com seu visual de boa menina, trazia um quê de diferente. Mostrava-se mais desafiadora, mais enigmática... Gael repreendeu a súbita atração que o fazia querer olhar apenas para ela. Não era certo para com Anuk.

– Devemos ir agora – disse Oriana, deixando a mesa.

O guerreiro se aproximou para acompanhá-los. Gael se levantou e pegou Anuk pela mão, entrelaçando seus dedos com carinho nos dela. Ela retribuiu o toque, ansiosa. A reação de Mirele foi de ódio contido, o que deixou o garoto surpreso. Não imaginava que ela se comportasse como a irmã...

EM SEU DESAFIADOR PAPEL DE MIRELE, Anuk manteve heroicamente a fachada de gêmea boazinha. Ajeitou as alças do vestido e conferiu no reflexo

de uma vitrine os cabelos presos por um arco branco, o batom rosa que mal aparecia e os olhos ao natural, sem sequer um pouco de lápis para lhes marcar o contorno... Ai, que coisa sem tempero!

No estacionamento, seguiu, comportada, para o carro dos guerreiros, separando-se de Gael e da vontade de trucidar a irmã que agora o acompanhava, agarrada nele! Junto com Oriana, eles foram para o outro veículo. O trajeto, no entanto, seria o mesmo, para um mesmo destino: a Citânia de Bracara.

Anuk se acomodou no banco de trás do carro negro. Pelo vidro, acompanhou com tristeza a partida de Gael. Queria estar ao lado dele quando a audiência começasse.

CAPÍTULO 4

Banquete



Rio de Janeiro, quinze anos antes

A REFEIÇÃO ERA FARTA, a distribuição do vinho idem. Eurico queria do bom e do melhor para o casamento da filha. Shantel me lançou um novo olhar, cobrando-me com urgência o que deveria ser feito. Tariq e Oriana, completamente felizes, riam e conversavam como se não houvesse mais ninguém no salão lotado. A animação mantinha o ambiente leve. Bardos tocavam seus alaúdes, amigos e inimigos confraternizavam. Nada se parecia com a realidade com que eu sempre convivera.

Num dos corredores entre a cozinha e o salão de jantar, no vaivém de escravos conduzindo bandejas, interrompi Belmira, que levava canecas de vinho, e me ofereci para servi-las. Agradecida, ela voltou à cozinha. Escolhi rapidamente uma caneca e derramei nela o conteúdo do vidro com a poção.

Quando retornei ao salão, caminhando até os noivos, vi o rosto de Shantel, iluminado pela ansiedade. Ela acreditava que eu vertera a poção na taça destinada a Tariq. A ser oferecida no momento certo...

Esbocei um sorriso discreto, garantindo que cumpria minha parte. Contornei a imensa cadeira que Eurico ocupava e me aproximei dos noivos, à sua direita. Shantel, ao lado de Tariq, tocou meu braço.

Aquele era o momento certo. Ela atraiu a atenção dele e entabulou conversa, assegurando-se de que ele não tirasse os olhos dela, enquanto Oriana respondia às perguntas de um convidado próximo.

Fui servindo quem estava na mesa até que a bandeja ficasse vazia. Coloquei-me atrás do grupo para observar se meu plano funcionaria. Shantel não percebera que eu dera *a ela* o vinho com a poção. Bastava-me chamá-la de repente, ela fitaria meus olhos... E a magia aconteceria.

A prima de Oriana suspendeu sua taça para um novo brinde aos noivos, um dentre os vários que alegravam a noite. Tariq ainda a fitava. As pessoas próximas reagiram automaticamente ao convite. Canecas erguidas, o movimento de levá-las à boca...

Do nada, um tumulto na porta do salão alterou a sequência dos acontecimentos.

Um rugido feroz ecoou como trovão, apavorando mulheres, crianças e, secretamente, os bravos guerreiros ali reunidos. Triunfante, o jovem Galaor entrou no local à frente de uma carroça, puxada por quatro escravos. Sobre ela, uma jaula aprisionava uma enorme onça negra. O animal rugiu mais uma vez. Acuado, agressivo e ferido numa das patas.

Oriana gritou de medo. Tariq largou sua bebida para abraçá-la. E o vinho de sua caneca tombou, espalhando-se sobre a mesa e provocando resmungos de quem era atingido pelo líquido vermelho. Transtornada, Shantel se voltou para mim. Para ela, a poção se perdera...

Procurei me mostrar arrasado com o fracasso de seu plano. No fundo, agradei à deusa pelo imprevisto. Agora era só esperar que Shantel bebesse seu vinho e garantir que eu fosse o primeiro homem para quem ela olharia...

– Este é um legítimo jaguara! – exibiu-se Galaor, parando na frente do pai. Na jaula, a onça se jogava contra as grades. – Meu presente para os noivos!

Um índio-onça? Aquela tribo lendária existia de verdade? O feito de bravura, naturalmente, conquistou vários admiradores. Galaor, envaidecido, enumerou todos os riscos de uma caçada como aquela, em plena floresta amazônica. Ao final de seu discurso, foi aclamado como o melhor dentre os guerreiros brácaros, um posto em que a bajulação já o colocara havia tempos.

– Esta onça não é tão perigosa assim – desdenhou Eurico, quando a ovação diminuiu e seu filho mais velho ainda recolhia os elogios. – Enfrentei animais

muito mais perigosos quanto tinha metade da tua idade.

Estremeci. Shantel olhava, intrigada, para a caneca que eu lhe servira. Eu imaginara que, em meio a toda aquela comoção, sua intuição de praticante de magia não funcionasse. Mas a jovem acabava de descobrir que eu desviara para ela a poção que deveria servir a Tariq. Olhou-me com raiva, o que me deu certeza de que me arrependeria pela ousadia de interferir em seus planos.

Enquanto isso, o confronto entre pai e filho continuava.

– Até onde sei, jamais caçaste um jaguara – disse Galaor, revoltado.

– Porque não caço gatinhos – retrucou Eurico, fazendo um sinal para que os escravos retirassem a jaula do meio do salão.

Tariq acompanhava a cena sem dizer nada. Sua mão livre procurou algo para beber, encontrando a caneca que Shantel, solícita, lhe entregou, enquanto chamava a atenção dele com um sussurro.

– Não... – murmurei, correndo para impedi-lo.

Acabei trombando em Belmira, que trazia uma travessa enorme. A bandeja foi ao chão, a escrava também, escorreguei na comida e bati violentamente com o queixo no piso de pedra. Alguns riram, outros nos ajudaram a ficar em pé. Galaor e Eurico sequer deram atenção ao incidente, mais entretidos em medir forças.

Quando olhei novamente para a mesa, Tariq já tinha bebido um gole do vinho enfeitiçado. Um sorriso em seus lábios denunciava a cobiça por Shantel, a primeira mulher que vira à sua frente.

– Viriato, estás sangrando – Belmira me alertou, assustada.

Toquei o maxilar inferior, sentindo uma dor absurda. O sangue sujou meus dedos.

– Não é nada – tentei dizer, mas as palavras não saíram. O tombo me afetara a articulação, talvez eu tivesse trincado a mandíbula, algo assim.

Uma onda de espanto e fascinação tomou conta da plateia que continuava a acompanhar o diálogo entre Eurico e o filho mais velho. Na jaula, a onça parara de lutar contra as grades para iniciar uma metamorfose surpreendente. O corpo felino perdeu os pelos, dando ao aspecto animal características cada

vez mais humanas. Quando o processo se completou, havia ali dentro um índio jovem e viril, desafiando corajosamente a plateia com as garras que brotavam de suas mãos felinas. Ninguém ousava falar. Mesmo para um povo acostumado com a magia, aquela transformação era extraordinária.

Na mesa, os assentos de Tariq e Shantel estavam vazios. Meu coração parou quando vi que a prima, antes de sumir com o noivo, tivera o cuidado de entregar sua própria taça à noiva. Cambaleei até Oriana, com Belmira tentando me deter, alegando que eu precisava de cuidados urgentes. Tentei falar, mas minha mandíbula não me obedecia. Caí de novo, tonto pela dor. Não consegui avisar minha meia-irmã sobre o perigo, evitar que destruísse sua vida...

Oriana não reparou em mim ou nas pessoas que me acudiram e me arrastaram dali para receber socorro. Nem se dera conta de que o noivo sumira.

Ela apenas segurava a caneca de Shantel, agora vazia, com as duas mãos, os cotovelos sobre a mesa. Uma expressão absorta ignorava tudo e todos para centralizar no índio-onça a luxúria despertada pela poção do amor.

CAPÍTULO 5

Hora da verdade



Rio de Janeiro, nos dias de hoje

ACITÂNIA DE BRÁCARA era exatamente o que Gael esperava encontrar: uma vila celta, tirada de algum momento da Antiguidade para se esconder no mundo atual, sem, no entanto, evitar a contaminação da modernidade. Em seu trajeto a pé até a casa de Eurico, após deixarem o carro num terreno próximo à terceira muralha, o adolescente avistou guerreiros, vestidos a caráter, falando ao celular. E reparou nos archotes alimentados pela energia elétrica para que ninguém ficasse no escuro naquela noite sem estrelas, lua ou qualquer sopro de esperança.

Oriana caminhava ao lado do filho, que continuava de mãos dadas com aquela que acreditava ser Anuk. A suposta Mirele e os dois guerreiros os seguiam. Ao pararem às portas do grande salão de Eurico, Gael estacou. O medo, enfim, tivera sucesso em imobilizar suas pernas. Curiosamente, Anuk não o xingou ou agrediu para incentivá-lo a prosseguir. Sorriu, tentando tranquilizá-lo. Atrás deles, Mirele se remexia, como se lutasse consigo mesma para não interferir.

– Droga... – murmurou o garoto, sem nada melhor para dizer.

O toque dos dedos frios de Oriana em seu braço foi uma tentativa de lhe passar segurança. Mas a mãe tremia, nervosa demais para se controlar. Gael apertou com carinho a mão dela contra a sua.

Enfrentariam juntos os próprios medos.

– Vem – disse o garoto, com um sorriso. – Está na hora da gente entrar.

LADEADO POR DOIS GUERREIROS, atravessei o corredor das celas até os primeiros degraus da escadaria para o piso superior. Enfim, eu fora chamado para a audiência com Eurico.

Para meu espanto, Shantel surgiu neste momento e, apressada, desceu os degraus para vencer rapidamente a distância que nos separava. Ela me abraçou pela cintura, e se uniu a mim com uma paixão que não disfarçou diante dos guardas.

– Tu me pertences! – sussurrou, seus lábios tocando os meus para um beijo que não permiti nascer.

Naquela hora havia nela uma falta de controle sobre si mesma, o que desesperava aquela mulher nascida para manipular mentes e corações, para ser venerada e temida. Não reagi, simplesmente porque não sabia como. Seria possível que ela sentisse amor real por mim? Ou estava tão acostumada a me possuir que não queria abrir mão do escravo?

– Não quero que morras.

Shantel tocou meu rosto com suavidade e depois se afastou para erguer minha mão esquerda até a altura de seu coração. Tirou de dentro do corpete do vestido uma adaga, que usou para fazer um corte em meu pulso e, a seguir, em seu pulso direito. Imediatamente, o sangue jorrou de nossas veias, misturando-se como se fluíssem de um único ser vivo.

Os dois guerreiros, amedrontados, recuaram. E seu medo se transformou em pavor quando a mais poderosa das druidesas evocou um feitiço. Suas palavras soaram como uma mistura do gaélico irlandês com o idioma celta-ibérico, enquanto ela prendia nossos pulsos com um lenço branco que logo se encharcou de sangue.

Senti-me zozzo, fraco... O excesso de sangue saturou o lenço, pingando sobre os degraus para formar uma poça que deslizaria até meus pés.

As palavras da druidesa giravam à nossa volta, isolando-nos dos guerreiros, do corredor, das celas, da escadaria, do piso superior, do salão onde Eurico me condenaria à morte...

Ela tentava me salvar?

“Não”, resisti, fechando meus olhos. A imagem de Gael nasceu embaçada em minha mente. Tornou-se mais forte quando o amor me trouxe o sorriso de Carol... Pensei em Oriana, a irmã que eu não podia abandonar novamente. Pensei em Tariq e nos dois humanos, Tiago e João. Pensei em mim mesmo, no quanto eu mudara nas últimas semanas.

O sangue que me abandonava não era apenas meu, era de Carol. Eu recebera uma transfusão que me devolvia a humanidade.

– Não! – afirmei com convicção, erguendo as pálpebras para fixar Shantel.

No mesmo instante, as palavras mágicas cessaram e o sangue interrompeu seu fluxo. Puxei o braço preso no lenço, libertando-o sem qualquer dificuldade. O corte no pulso desaparecera.

Eu não disse mais nada. Apenas contornei Shantel para subir o restante dos degraus, quebrando o círculo invisível que nos protegia. Os dois guerreiros, espiando a vermelhidão sinistra que marcava a escadaria, não se mexiam. Eu teria de ir sozinho até a audiência. Até minha execução.

– Estás enganado – ainda ouvi Shantel, que segurava a adaga e o lenço ensanguentados. – Nem a morte pode nos separar.

AS CONVERSAS DIMINUÍRAM BRUSCAMENTE quando Gael entrou no salão lotado. Oriana se empertigou, fazendo de conta que não havia ninguém no local. Já o garoto observou todos os rostos que o encaravam, mais curiosos que agressivos. Os brácaros estavam em pé, formando grupinhos aqui e ali, e foram abrindo passagem para os recém-chegados até que estes pararam diante de uma enorme cadeira, muito antiga, disposta sobre uma plataforma. O trono que o poderoso Eurico assumiria, tão logo aparecesse no salão.

Após o silêncio opressivo, vieram os cochichos da plateia interessada em fazer comentários sobre a famosa aberração que agora podiam espiar ao vivo e em cores. Cochichos que aumentaram de intensidade quando a outra

celebridade do momento entrou no salão, vindo de uma porta lateral, e se pôs ao lado da plataforma.

Viriato estava muito abatido. A camiseta e a bermuda folgadas evidenciavam que emagrecera bastante. Na verdade, destacavam o que, para os brácaros, era inadmissível: um membro de seu povo dispensara o visual de guerreiro para se apresentar como alguém comum, um humano. Para ele, os olhares foram de indignação.

Gael sorriu para o tio, mas este sequer o olhou. Manteve a cabeça baixa, consciente da reação coletiva de repulsa que sua presença causava.

Novo silêncio, desta vez solene, anunciou a entrada de Galaor e do pai. Este vinha numa cadeira de rodas, conduzida por uma jovem escrava. Oriana se comoveu ao rever naquela situação um homenzarrão que já fora o mais forte de todos os guerreiros. Eurico era pele e ossos, aparentava bem mais que sua idade real, consumido por uma doença que o fazia minguar dolorosamente. Encurvado, a cabeça pendendo para a esquerda, ele sumia dentro de suas roupas de guerreiro. Uma tímida penugem rodeava de modo espaçado sua nuca, ocupando o lugar do que antes fora uma vasta cabeleira.

Quando a cadeira de rodas passou por Gael, ele notou marcas pontilhadas que formavam um círculo imperfeito no alto do crânio do líder brácaro. Este sofrera recentemente alguma cirurgia no lado direito do cérebro, o que parecia explicar a imobilidade da parte esquerda de seu corpo. Imaginou se algum tumor fora extraído.

Com dificuldade, a jovem escrava transferiu Eurico para o trono. Apesar de estar magro, ele era alto, possuía ossos pesados, e a imobilidade parcial lhe conferia mais peso. Galaor, que usava roupas de gala e uma pesada capa negra, presa por um broche de ouro, posicionou-se à direita do pai, dirigindo a Gael uma expressão feroz.

Mas o adolescente estava ansioso demais para se importar com a ameaça. Aquela era a primeira vez que fazia contato visual com o avô que mandara executá-lo, um momento que o emocionava e também o deixava imensamente triste.

Surpreso, não enxergou vida além dos olhos claros de Eurico. Ali só existiam ódio e amargura.

VIO ROSTO ENDURECIDO DE MEU PAI. A presença do único neto, aquele que seria seu herdeiro natural, não lhe evocava qualquer sentimento. Com as costas da mão, enxuguei as lágrimas que deslizavam até meus lábios, xingando a mim mesmo por demonstrar meus sentimentos.

Os dois humanos foram trazidos naquele instante ao salão, o que desviou por completo a mente de Gael. Ele largou as mãos de Oriana e da gêmea para correr até a família adotiva, uma felicidade imensa que não pôde conter. Carol o abraçou primeiro, recebendo o abraço de Tiago sobre eles.

Sorri. Era como observar um conjunto pulsante, com seus laços de amor, solidariedade, ternura. E coragem. Formavam um elo que Eurico não conseguira formar com os próprios filhos.

Olhei novamente para meu pai. Ele jamais entenderia de verdade o que unia seu neto e os humanos.

– Aberração! – intimou ele, com sua voz enfraquecida.

Precisou repetir o chamado algumas vezes até que Gael, fungando, retornasse para perto da plataforma. Mas não sem antes perguntar pelo tio, que soube pelo pai adotivo ter ficado no quilombo. Os humanos acompanharam o garoto, endossando o apoio que a mãe, Anuk e até Mirele já lhe transmitiam. Carol, agora quase a meu lado, preferiu me ignorar. Estava belíssima em um vestido que pertencera a Oriana.

– Onde está Shantel? – cobrou Eurico.

Galaor fez uma careta ao notar a ausência da esposa. Depois, mandou Anuk ir procurar a mãe. A adolescente, apesar da vontade de permanecer perto de Gael, acabou obedecendo, numa docilidade que me surpreendeu. Um segundo mais tarde e Mirele já ocupava a vaga deixada pela irmã.

– Não pretendo ficar esperando pela druidesa – disse Eurico, bastante contrariado. Seu olhar avaliava Gael friamente.

Dei um passo à frente, tentando atrair sua atenção. Consegui.

– Senhor, peço tua permissão para contar tudo o que realmente aconteceu – pedi, sem que minha voz vacilasse. Ao menos diante da morte eu demonstraria que ainda era um brácaro, que a coragem de nossa raça também existia dentro de mim.

Estava pronto para revelar a verdade a todos.

CAPÍTULO 6

Ritual



COMPORTAR-SE COMO ANUK era muito mais difícil do que Mirele podia imaginar. Bem que ela tentou ser desobediente e disparar contra Galaor alguma tirada sarcástica, mas acabou dando de ombros e seguindo a ordem para ir atrás de Shantel. Passou pelos guardas numa das portas do salão e saiu para o corredor. Com exceção da mãe, todo mundo parecia estar na audiência de Eurico. A garota não viu absolutamente ninguém pelo caminho, o que lhe provocou um calafrio.

Shantel não estava em nenhum de seus aposentos particulares. A próxima parada era o templo, um lugar que dava em Mirele ainda mais calafrios.

Trêmula, ela parou diante da enorme porta dupla, trabalhada com espirais em relevo sobre a madeira. Era difícil engolir o medo de entrar...

– Anuk teria coragem! – lembrou, acionando a maçaneta num impulso.

As dobradiças rangeram, um som que ecoou de modo sinistro. Mesmo tremendo, a adolescente se forçou a dar um passo de cada vez. O ambiente era amplo, envolto na escuridão... Mas ela percebeu que o templo fora modificado. Três velas ardiam sobre uma grande mesa de pedra. No centro do recinto, havia pequenos menires circundando outro, maior, coberto de ouro e prata. Shantel, em pé diante da mesa, virou-se para a filha.

O que Anuk diria num momento como aquele? Seria grosseira, certo?

– Tu vais ou não pra audiência? – atacou, imitando a postura arrogante da irmã. Ah, sim, faltava uma dose de ironia. – Galaor está ansioso por tua companhia.

Shantel fechou as sobrancelhas. “Fiz igual a Anuk”, comemorou um pensamento de Mirele. “E quem disse que eu não ia conseguir, hein, hein?”

Foi apenas quando estava próxima demais para escapar que a garota viu o sangue nas mãos da adulta e em parte de seu vestido. Uma adaga e um lenço, também ensanguentados, estavam dispostos como oferendas junto ao menir principal.

– Vieste na hora certa, Anuk – disse a mãe, prendendo-a firmemente pelo braço. – Eu estava mesmo pensando em ti.

COMPORTAR-SE COMO MIRELE era muito mais difícil do que Anuk podia imaginar. Bem que ela tentou exibir um rostinho angelical para Eurico e Galaor, mas acabou centrando neles um olhar furioso, incompatível com a personagem melosa que deveria interpretar.

Por sorte, nenhum dos dois reparou em sua péssima atuação como a gêmea boazinha. O foco de interesse geral estava em Viriato, o escravo que Anuk odiava. Não que ele tivesse feito qualquer coisa para atingi-la. Pelo contrário, sempre a tratara com respeito. Ajudava-a a fugir à vigilância da mãe para treinar esgrima com o mestre-de-armas. E se mantinha por perto para evitar que Galaor ficasse a sós com qualquer uma das gêmeas, quando elas entraram na puberdade. Ainda a ensinara a apontar a lâmina afiada da espada para a garganta do padrasto quando este se aproximava demais...

O ódio contra Viriato tinha outro motivo. O escravo era o único ser vivo a quem Shantel dedicava algum tipo de amor, algo que nem mesmo as filhas puderam obter. Isso machucava Anuk. E lhe dava razão para humilhá-lo sempre que podia.

Estranhamente, no momento em que deveria estar feliz por vê-lo em desgraça, Anuk só conseguia pensar no quanto ele cuidara dela, protegendo-a não apenas da cobiça de Galaor, mas também da truculência de Eurico e, claro, do ostensivo desprezo materno. Talvez Shantel o amasse porque parecia ser o único, entre eles, a ter coração.

Viriato pigarreou discretamente, procurando clarear a voz que nasceu inaudível. Ia começar seu depoimento quando um novo espectador surgiu no salão.

O CORAÇÃO DE ORIANA DISPAROU. Tariq deixou para trás os dois guerreiros al-gharbios que o acompanhavam e venceu rapidamente a distância até a plataforma, saudou Eurico com uma reverência orgulhosa e se posicionou ao lado da ex-noiva.

– O que fazes aqui, Tariq? – irritou-se o líder brácaro. – Não foste convidado para esta audiência.

A idade adulta amadurecera o encanto do adolescente que Oriana conhecera havia tanto tempo. Tariq estava ainda mais bonito do que se lembrava, mais seguro de si, mais tudo que ela admirava.

– Desejo apenas confirmar minha teoria – respondeu ele, enigmático, evitando alardear que sempre estava muito bem-informado sobre tudo que se passava na Citânia.

– Que teoria? – disse Galaor.

– De que certa viagem à Galiza está relacionada com a noite do meu fracassado casamento.

Viriato perdeu a pouca cor que restava em sua face. Retrocedeu um passo, quase perdendo a coragem que o guiara até ali. A meia-irmã trincou os dentes para não xingá-lo de covarde. Se ele voltasse atrás e não admitisse diante de todos aquilo que lhe confessara quando a procurara em Curitiba...

– Creio, Eurico, que teu bastardo pode nos contar melhor esta história – disse Tariq, mordaz. – Não é mesmo, Viriato?

NÃO, EU NÃO IA DESISTIR. Mais uma vez pigarreei, procurando ganhar tempo para resgatar minha coragem. Todos me olhavam, e apenas uma pessoa me dava força para prosseguir: Gael. Era o único que acreditava que eu podia ser inocente.

Mas eu não era.

Comecei falando da viagem à Galiza, quando procurei a *bruja* querendo a poção do amor, que usaria para seduzir Shantel.

– Magia proibida... – murmurou Eurico. – *Como ousaste trazer uma poção dessas para minha casa?*

Omiti a culpa de Shantel. Disse apenas que a taça que eu destinara a ela acabou sem querer nas mãos dos noivos.

Também não contei que, logo após se saber grávida, Shantel me fez seu amante, exigindo em troca o silêncio sobre a poção, algo que o meu próprio medo de ser punido já havia provocado. A mulher que eu adorava marcou sua posse sobre mim, ao ceder de boa vontade o prazer que eu tentara obter através da magia...

E me tornou duplamente escravo.

Oriana respirou fundo. Sua reputação de jovem honrada seria enfim restituída. Alguns brácaros já começavam a enxergá-la com outros olhos.

– Tive medo de ser castigado... – prossegui. – E deixei que a vida de Oriana fosse aniquilada. Vi seu desespero e não fiz absolutamente nada. Não impedi que o amor entre Tariq e ela fosse soterrado pela traição mútua.

O casamento fora anulado um mês após Oriana libertar Rudá e fugir com ele, o tempo que durara o efeito da poção que também tinha unido Tariq e Shantel. Os guerreiros somente haviam encontrado minha irmã tempos depois, vivendo escondida entre os humanos, e a levado contra a vontade para a Citânia. Ela ostentava uma gravidez tão avançada quanto a da prima.

Sua desgraça, ironicamente, aumentara ainda mais a influência de Shantel sobre Eurico. A sobrinha preferida, mais amada do que a filha, dera à luz rodeada por parteiras e médicos, enquanto Oriana tivera sua criança nos aposentos dos escravos, assistida apenas por Belmira.

Por ordem de Eurico, minha irmã sequer pudera ver o filho. E, por sugestão de Shantel, ele me fora entregue, dias após seu nascimento, para ser executado o mais longe possível da Citânia, para que a vergonha de Oriana fosse ocultada.

– Ninguém pode lutar contra o poder da poção do amor – disse Galaor, pela primeira vez, em muitos anos, demonstrando compaixão pela irmã. – Ela foi uma vítima. Quanto a ti... – a vontade de me trucidar se tornou mais

que evidente – ... tu és um... Ah, não existem palavras para definir o ato repugnante que...

Concordei. Eu não merecia nem uma gota de misericórdia.

– Dizes, então, que Shantel e eu bebemos por acidente o conteúdo da taça – retomou Tariq, desconfiado.

– Ela não iria contigo para o leito se não fosse pela poção – menti, repetindo a mentira que também contara a Oriana.

No final das contas, eu sempre protegeria Shantel.

Após o nascimento das crianças, ela consolidara sua posição como druidesa, tornara-se conselheira de Eurico e forçara o tio a propor o casamento dela com seu herdeiro. Galaor obedecera, apesar de saber bem que ela não lhe seria fiel.

Com amargura, me dei conta de que eu jamais provara a felicidade.

– Não há mais nada que queiras confessar? – instigou Tariq.

Claro que havia. Tudo aquilo me torturava, mas a pior das culpas estava no ato que praticara por ordem de meu pai. Deusa, o que eu fizera?

Arremessara uma criança à morte.

E vagara protegido em meu próprio universo, sem sentir, sem pensar, sem lembrar. Agora, porém, sentia-me sufocar com o choro que brotava por dentro. Lágrimas não vertidas que se misturavam ao sangue de Carol em minhas veias...

– A criança sobreviveu à execução, mas eu não contei a ninguém. Menti para o clã, deixei que Oriana pensasse que o filho estava morto. O senhor Eurico me tornou guerreiro porque achou que... Ele confiou em mim, acreditou nas minhas mentiras. E eu recebi benefícios que nenhum escravo jamais conseguira antes.

Ajoelhei-me diante de meu pai. Não me importava em morrer ali: eu morrera muito antes.

– Traí tua confiança, senhor... – disse, submisso à vontade de Eurico. – E estou pronto para receber minha execução. Só peço que poupes a vida de Gael. Ele nunca foi uma aberração. Tem a coragem de um brácaro... *Tem o teu sangue!*

Eurico sequer pestanejou.

Não mudaria a sentença que dera há catorze anos.

– Mereço a pior das mortes, senhor – insisti. – Mas o menino... Ele não tem culpa de ter nascido, de ser uma das consequências dos meus erros. É inocente!

– Já falaste demais! – rosnou Galaor, avançando em minha direção.

Com um murro em minhas costas, ele me dobrou sobre o piso, obrigando-me a deitar a cabeça sobre a plataforma.

– E então, pai? – cobrou, após retirar a espada da bainha. – Já posso degolar este imprestável?

Salvador

E RA NOITE FECHADA quando os visitantes começaram a chegar ao quilombo. Os primeiros foram membros de outros clãs africanos, mas logo uma enorme delegação de índios avançava pelo mocambo principal. Pelos adornos, via-se que pertenciam a diversas etnias.

Akinlana sorriu e foi abraçar o chefe indígena que comandava todos os grupos, um kamayurá alto e moreno, de cabelos negros muito longos.

– Bem-vindo, Iwati, velho amigo. Chegaram antes do que eu imaginava.

– Deixamos o Xingu faz sete dias. Quando teu mensageiro nos alcançou, estávamos a caminho. Os pajés nos avisaram que devíamos nos preparar para a guerra.

O rei iorubá o levou para sua casa, enquanto os guerreiros a seu serviço ajudavam os demais recém-chegados a se instalar.

– Ainda não estamos em pé de guerra. Eu quero justamente evitar um confronto com os brácaros, se for possível. O que mais seus pajés disseram?

– Viram em sonhos o pedido de ajuda de nosso irmão Rudá, dos jaguara. Ele pôs em alerta todas as tribos escondidas na magia. Acha que os perós vão matar seu filho.

Aquilo fez Akinlana pensar. Conhecia Rudá, um guerreiro que deixara a tribo dos homens-onça na Amazônia para viver no sudeste, com os tupinambás, pois tomara como amante a filha do líder brácaro. Uma desonra para índios que continuavam a alimentar séculos de temor e ressentimento em relação ao colonizador português.

Akinlana deixou Iwati aos cuidados dos familiares e foi receber outro clã que chegava. Surpreso, viu entrar no recinto uma delegação de al-gharbios. Estranhou, porém, não ver o líder entre eles. Um homem que não conhecia veio encontrá-lo e fez uma reverência.

– Saudações, líder iorubá. Sou Hanef, e vim ao seu encontro por ordem do chefe de nosso clã. Tariq teve de ir à Citânia de Brácaro. A situação lá se agravou, e ele me pediu que explicasse aos clãs o que está acontecendo.

O rei assentiu. Explicações seriam bem-vindas.

Lembrou ainda que a situação afetava os humanos que abrigara, e mandou um parente ir buscar João. “É bom ter aqui alguém que represente os povos que vivem fora da magia”, refletiu.

Quando todos os líderes já estavam sentados em círculo no salão da casa, tendo comido e bebido, Nan apareceu, amparando João. Ele parecia um pouco melhor.

Akinlana ia iniciar a reunião. Ergueu a mão direita, pedindo silêncio, porém os dois guerreiros de guarda na porta lhe fizeram sinal de que esperasse. Ele aguardou, enquanto os iorubás introduziam na casa mais duas pessoas. Os desconhecidos curvaram-se, cumprimentando todos os presentes. Usavam longas capas verdes, com capuzes que lhes ocultavam os rostos.

Um frêmito percorreu a assembléia, e todos os líderes retribuíram a saudação. O rei notou que apenas os al-gharbios não pareciam surpresos diante dos dois. Ele mesmo sabia quem era aquela gente, mas jamais esperara vê-los ali.

Rio de Janeiro

UM AR GÉLIDO SE IMISCUÍA na atmosfera do templo.

Uma tremenda dor nasceu nos dedinhos dos pés de Mirele e percorreu todo o seu corpo, até a nuca. A gêmea boazinha tentou gritar, dizer à mãe que não era Anuk, mas algo invisível a sufocava, como se arrancasse suas entranhas pela garganta.

Shantel a deitara junto da adaga e do lenço cheios de sangue, recitando sem parar uma ladainha ininteligível em língua antiga.

Estava pronta para iniciar a etapa seguinte de um ritual que recebia mais uma oferenda.

– EI, ESPERA AÍ! – interferiu Gael, num salto, colocando-se na frente de Galaor. – O cara falou a verdade e a punição dele é a mesma que se não tivesse falado?

Galaor não fez nada além de rosnar baixinho. Estava impedido de tomar qualquer atitude que não fosse expressa por Eurico.

– Olha, tudo bem se vocês não gostam de mim – continuou o garoto. – Mas se não fosse pelo erro do Viriato, eu não teria nascido. E nem a Anuk e a Mirele!

O avô não movia nenhum músculo da face, nada alterava a carranca de ódio inigualável. Gael se voltou para Oriana. Pálida, ela alternava o olhar entre a espada nas mãos do irmão e o filho imprudente que poderia ser atingido pelo mesmo golpe que mataria o tio.

– Mãe, diz pra eles... Você está arrependida de me ter como filho?

Apesar do visível temor pela segurança do garoto, ela sorriu para apoiá-lo.

– O passado... é o passado – ela respondeu. – Tenho orgulho de ser mãe de Gael.

– E você, Tariq? Você mesmo disse que ama suas filhas. Elas não foram o lado bom de toda essa confusão que meu tio arrumou?

– Amo Anuk e Mirele mais que tudo na vida – disse calmamente o líder algharbio, reservando para a gêmea um olhar paternal. Sem saber como lidar com aquilo, a garota baixou a cabeça. Parecia confusa. E emocionada.

– Viu só, Eurico? O Viriato errou, mas, caramba! Por que você não manda ele fazer algum trabalho comunitário e pronto? É óbvio pra todo mundo que

ele está sofrendo com a própria culpa. Uma coisa que perdão nenhum pode aliviar... Para que castigar o coitado ainda mais?

– Dizes tolices, aberração – resmungou Eurico.

O rumo da conversa o entediava. A cabeça de Gael, sem dúvida alguma, integraria sua próxima ordem para degola. O garoto suspirou, sem mais nenhum argumento inspirado para apresentar. Se nada surtia efeito, a solução era se antecipar ao inevitável.

Com toda a calma possível, Gael puxou o antebraço de Galaor e encostou a lâmina da espada em seu próprio pescoço. Morrer no lugar de quem, indiretamente, lhe dera vida, soava como um ato justo no meio de tanta intolerância.

– Querem me matar? – disse, encarando o outro tio bem nos olhos. – Não tem problema, desde que vocês poupem a vida do Viriato.

– NÃO! – GRITOU ORIANA, desesperada.

Tariq a segurou antes que também se pusesse no caminho da espada. Tiago precisou ser detido pelos guerreiros mais próximos ao trono para não se jogar sobre Galaor. Carol soluçou. Viriato tentou fazer-se ouvir, implorando pela vida do sobrinho.

Sua voz foi abafada pelo burburinho que percorreu o salão, para cessar no segundo em que Galaor, pela primeira vez na vida, hesitou em matar alguém. Aturdido, o herdeiro se voltou para o pai. A expressão no rosto de Eurico continuava imperturbável.

Anuk se esqueceu de fingir que era Mirele, que provavelmente se debulharia em choro, e ficou firme, admirando ainda mais o garoto mestiço. A única forma de conquistar o respeito do clã era agir exatamente como ele estava agindo. Provando que também era brácaro. E dos mais nobres. Nenhum guerreiro ali presente teria a audácia de confrontar Galaor e, de quebra, oferecer o próprio pescoço para salvar outro.

– Executa logo essa aberração – ordenou Eurico, indiferente. – Ela fala demais.

FALTAVA POUCO... O feitiço dominava por completo a druidesa, como deveria ser. Palavras disparavam conexões, fermentavam o desconhecido. Produziam o efeito que cobijava. Linhas esverdeadas de magia começavam a circular no ambiente.

O sopro de vida iria alimentá-lo. Sopro arrancado das entranhas da filha que uma mãe sacrificava. Para Shantel, Anuk jamais faria falta.

Havia sangue, havia vida... Faltava apenas a carne.

Uma última oferenda para que *ele* ressurgisse.

SEM PODER EVITAR, Galaor sentiu-se dividido entre a admiração e a honra por abater alguém tão corajoso. Ele mataria um jovem guerreiro, não um animalzinho acuado, escondido atrás da saia da mãe.

Solene, jogou para trás a capa negra e ergueu o braço com a espada para cumprir a ordem do pai.

Guardas afastaram as pessoas próximas. A falsa Mirele, Oriana, Tariq, Tiago e Carol foram arrastados para longe. Num semicírculo, diante do líder brácaro havia agora apenas seus dois filhos e o neto.

Viriato, ainda prostrado no chão, mal parecia respirar.

E Gael permanecia à espera da morte, sem desviar os olhos de seu carrasco. Este imprimiu mais força ao punho da arma. O olhar do garoto parecia camuflar um espírito superior... “Ele não tem medo”, gritava o raciocínio de Galaor.

Como não tivera medo ao confrontá-lo por telefone, de vir a uma audiência mesmo sabendo que sua vida estava em perigo. Galaor não lidava com um monstrinho a ser eliminado por uma questão de honra.

Aquela criança era o filho de Oriana... *Tinha seu sangue!*

Um menino que não desperdiçara anos e mais anos tentando conquistar o amor do pai simplesmente porque a família adotiva o amava de verdade. Que crescera distante de surras covardes, de humilhações diante do clã, de cobranças absurdas para ser alguém que jamais poderia ser.

Gael tivera a sorte de crescer longe de Eurico.

Num gesto cansado, Galaor devolveu a espada à bainha. E, apesar da estupefação geral, inclusive da própria vítima, afastou-se da plataforma para

sair do salão. O povo abriu espaço para deixá-lo passar.

– Galaor!!! – gritou o pai, possesso.

Ainda na metade do caminho, o guerreiro interrompeu o passo e se voltou para quem o chamava. O esforço em elevar a voz provocava em Eurico um acesso de tosse.

– Estás morrendo, pai – disse Galaor. – E mesmo assim queres matar teu único neto?

– Eu... eu te dei uma ordem... – murmurou o outro, com dificuldade.

– Não tens mais poder sobre mim. Cansei de fazer tudo para te agradar! Tornei-me igual a ti para que tivesses orgulho de mim, mas de nada adiantou. Pois olha bem para teu neto: é o único que terás. Devias ter orgulho por ser avô de alguém tão nobre.

– *Cala-te!*

– Se não, o que farás? Pretendes me moer de pancadas como fazias quando Oriana e eu éramos crianças? Sabes, lembro-me bem de uma surra em especial...

Nem mesmo a presença de sua gente no local o intimidaria a revelar a mágoa sem qualquer reserva. A irmã o fitava de modo compreensivo, e compreensão era algo que o guerreiro não recebia há tempo demais. O meio-irmão, já em pé, olhava-o com respeito.

– Eu tinha oito anos e estava com caxumba – disse ele, apontando o dedo indicador para o pai, que finalmente parava de tossir. – Mas isto não te impediu de usar o cinturão em mim. E eu piorei, piorei muito. Foi graças àquela doença maldita que me tornei estéril... Nunca pude te dar um neto, gerar meu próprio herdeiro. *Por tua culpa!*

Eurico recuperara a face odiosa para lidar com a rebeldia do filho.

– Eu te dei uma ordem – repetiu, secamente.

Um líder brácaro jamais poderia ser questionado ou desobedecido. Galaor, porém, não via mais sentido em manter uma relação paternal que só o destruía por dentro. Preferiu desacatar abertamente a autoridade que não respeitava mais, retomando a caminhada em direção à porta principal.

– Ei! – chamou alguém, correndo atrás dele. Era Gael.

O outro parou apenas no corredor exterior, que estava deserto.

– Só queria dizer que... – prosseguiu o sobrinho, quando o alcançou. Não sabia como se expressar. – Obrigado. Se você quiser ser meu tio, da minha parte tudo bem.

O guerreiro franziu a testa.

– Já sou teu tio – resmungou.

– É.

Nenhum dos dois tinha ideia do que dizer naquele momento.

– Ele ainda está decidido a te matar – Galaor murmurou, afinal. – E tem dezenas de guerreiros para cumprir a ordem que eu recusei.

– Eu sei... – foi a resposta do garoto. – Mas preciso voltar pra lá.

– Sim.

– Então... ahn... tchau!

O guerreiro olhou, mais admirado ainda, o filho de Oriana andar resolutamente de volta ao salão, onde o esperavam a execração pública e a morte. Imaginou se ele mesmo teria essa coragem, no lugar do adolescente.

Quando Gael ia atravessar as enormes portas de madeira, porém, elas se fecharam sozinhas, com estrondo. Uma força invisível o empurrou de modo violento para o corredor.

No mesmo minuto, todas as luzes existentes na Citânia de Brácara se apagaram.

Aquilo cheirava a magia proibida.

“Shantel!”, deduziu Galaor, furioso.

AS PORTAS DO SALÃO foram trancadas magicamente, prendendo todos os presentes no local. A escuridão nos isolou ainda mais do restante do mundo. E, pelo menos para mim, trouxe uma sensação angustiante que me cobriu como uma mortalha gelada. Senti as correntes de magia circulando. Algo muito forte, que jamais sentira! Ergui o corpo, lutando para me libertar...

Quando dei por mim, não estava mais na audiência. O mesmo feitiço poderoso que fechara o salão acabava de me arrastar para outro lugar.

À minha frente, a superfície em ouro e prata do menir principal refletia a luminosidade das três únicas velas do ambiente cercado pelas trevas. Brilhos mais fracos, linhas tênues de magia esverdeada, tocavam com veneração os doze pilares menores ao nosso redor, movendo-se ao sabor das chamas. Reconheci o templo, apesar de tudo ali estar diferente.

Anuk, caída no chão a meus pés, parecia em estado vegetativo. Um tom branco dominava sua pele, conferindo-lhe o aspecto do mármore. Ela vivia, mas não vivia.

Vi marcas de sangue sobre o piso... *Meu sangue.*

– Estava esperando por ti, Viriato – disse Shantel. – És minha última oferenda.

CAPÍTULO 7

O novo líder



A O PERCEBER que caía de costas, Gael usou os cotovelos para não bater a cabeça no chão. Tudo ficara escuro de repente.

– Também tem apagão aqui, é? – reclamou, achando que algum brácaro grosseiro lhe fechara a porta no nariz.

– Uma magia poderosa trancou a todos no salão – disse Galaor.

– Sério?

– Estamos sob ataque.

Gael se voltou para o corredor que levava ao interior do casarão e da fortaleza e fitou as grandes janelas que lá havia; mas não vinha nenhum ruído do exterior. Um ataque? E agora o tio, no escuro, apalpava as portas, como se... o ataque viesse lá de dentro?!

– Não é um ataque normal, garoto. Enfrentar guerreiros armados é uma coisa, lutar contra forças invisíveis é outra. Esta entrada foi selada por magia.

Ainda no chão, o filho de Oriana tocou também o imenso batente de madeira. Uma sensibilidade que ele não sabia possuir o fez perceber o uso de um encantamento. Estreitou os olhos e sua visão se ampliou. Não sabia disso, mas suas pupilas aumentaram de tamanho, ocupando toda a íris. Na escuridão que tomava o corredor, seus olhos de onça viram os vestígios de energia mágica circulando em torno das portas.

Viram também Galaor bufar de raiva.

– Grave assim, é?

- Muito. E parece que nenhuma outra magia funciona.
- Mas que covarde idiota faria uma coisa des...?
- Minha adorável esposa.
- A sua...? Hum, tá.

Sentindo-se todo dolorido, o adolescente se levantou. Mal se equilibrou sobre as duas pernas e o novo tio o segurou pelo ombro para arrastá-lo pelo corredor.

– Como filhote de índio-onça, enxergas melhor do que eu nessa escuridão – justificou ele. – Serás meu guia. Temos de encontrar passagens que não estejam seladas pela magia... Pelo menos até chegarmos ao templo. Shantel só pode estar lá.

O SALÃO RECUPEROU PARCIALMENTE AS LUZES, aliviando um pouco o medo dos brácaros. O restante da Citânia, no entanto, permanecia sem qualquer iluminação. Anuk foi a primeira a perceber quem lutava contra a magia que os aprisionava: Oriana. Ela parecia em transe, as mãos abertas e os dedos esticados ao máximo, os braços caídos ao lado do corpo. Usava magia proibida para lidar com magia proibida. Uma tentativa frágil, na prática, pois acendera apenas três archotes de um total de dez. Não estava dando certo.

Anuk achou melhor não xingá-la de incompetente. Estragaria seu papel de gêmea boazinha.

– O Viriato sumiu! – constatou Carol, assustada.

Tiago examinava o ponto onde o brácaro estivera.

– Mas como ele pôde...?

– A magia o tirou daqui – explicou Tariq –, e contra a vontade dele.

Apreensivo, ele se aproximara de Oriana, preparado para ampará-la se fosse necessário. “Ela ficou feia e velha, e ele ainda a ama?”, pensou Anuk. Num estalo, lembrou-se de que Mirele não amarraria a cara e tampouco sentiria ciúme da paixonite do pai. Era melhor desviar sua atenção para assuntos mais imediatos.

– Quem achas que está fazendo isso conosco, senhor? – perguntou ao avô, imitando a vozinha melosa da irmã. Claro que sabia quem estava por trás

daquele ataque, mas não custava nada testar os conhecimentos da liderança do clã.

O velho, porém, não se dignou a responder. A carranca piorara no último minuto.

– Deve ser a druidesa Shantel – arriscou um dos dois guerreiros que haviam entrado pouco depois de Viriato.

– Explica-te! – rugiu o velho.

O homem narrou, em detalhes, o incidente na escadaria do calabouço, e como o escravo repudiara o feitiço evocado pela druidesa.

Tariq fechou as sobrancelhas; não esperava por aquilo. Os presentes, naturalmente, ficaram com mais medo ao ouvir a história. Muitos tentavam abrir as portas ou as janelas, mas suas tentativas eram inúteis. Já Anuk quase assobiou, impressionada. Viriato enfrentando Shantel? Que novidade!

E havia uma última descoberta. A adolescente viu Carol sorrir, satisfeita. E ela só sorria se... “Ah, quer dizer que minha mãe levou um pontapé?”, deduziu a garota, divertida. Viriato estava se saindo melhor do que imaginava!

Bom, se houvesse mais alguma novidade, a gêmea má não pretendia ficar para descobrir, ainda mais sabendo que Gael estava lá fora e tendo como companhia um novo tio nada confiável. “Ingênuo do jeito que ele é, deve estar acreditando que aquela praga do Galaor virou agora o melhor amigo do mocinho da história!”

Faltava apenas uma oportunidade para escapulir. Por sorte, não demorou para Oriana se sentir fraca e quase desfalecer nos braços de quem? Tariq, lógico! Com a ajuda de Tiago, ele a amparou; os dois a levaram para se sentar na plataforma do pai.

Carol também foi acudi-la. E, com a atenção centralizada na nova queridinha do clã, surgiu a chance de Anuk se esconder atrás das tapeçarias, ao fundo do salão.

Desde criança ela conhecia os buracos que Viriato escavara nas paredes da casa, anos antes, para esconder Oriana da fúria paterna. Em geral, eram bons esconderijos, cobertos com pedras soltas. Alguns funcionavam como saída de

emergência para outro aposento. A adolescente lembrava-se de ter descoberto um daqueles ali perto...

Salvador

QUANDO OS DOIS DESCONHECIDOS de capa verde se assentaram no círculo, Akinlana afinal ergueu o braço. Os murmúrios que a presença dos recém-chegados havia disparado cessaram. E o rei iorubá levantou-se para falar.

– Todos são bem-vindos ao quilombo. Sei que há tempos não reunimos tantos chefes de clã... talvez desde que meu pai participou das negociações de paz, há trinta anos. Mas temos agora uma situação perigosa, que pode levar à guerra.

Narrou a chegada do filho bastardo de Eurico, trazendo humanos ameaçados pelos brácaros. Então deu a palavra a João, que se levantou com dificuldade, precisando do apoio de Nan; com a voz trêmula, o tio de Gael contou sobre o salvamento do garoto e sua criação por eles, o ataque e sua fuga até ali.

Nessa altura, Iwati, do clã kamayurá, narrou as recentes notícias de que o filho de Rudá e Oriana, o jovem que descobriam ter sobrevivido à execução e que fora criado pelos humanos, teria ido para a Citânia.

Foi o que bastou para que Hanef, o capitão al-gharbio, pedisse a palavra.

– Nosso líder, Tariq, confirmaria o que foi dito. Neste momento ele está na fortaleza brácaro: foi avisado de que Eurico receberia em audiência aquele que chamam aberração, e iria condenar Viriato à morte por ter falhado em executar o filho de Oriana.

Egeu, o chefe do clã helen, ergueu-se. De ascendência grega, ele parecia saído de um templo olímpico. Comentou:

– Eurico tem direito de executar seu bastardo, embora não o neto, pois ele é meio jaguara. Mas nenhum clã mágico jamais agrediu humanos... Tal ação dos brácaros abre um precedente perigoso. Como vamos lidar com isso?

A discussão se generalizou, com todos os líderes dando palpites. Nan observava em silêncio, seus olhos sempre voltando às figuras embuçadas em

verde. Algo naquelas pessoas a atraía. Talvez por isso tenha sido a primeira a notar...

Um trovão distante soou, e naquele mesmo segundo um dos desconhecidos pareceu desfalecer, com um gemido súbito. O outro acudiu o companheiro, e todos os olhos se voltaram para eles quando o capuz do primeiro caiu para trás.

Surpresos, viram que era uma mulher, de idade indefinida, com cabelos ruivos e feições perfeitas, bela a ponto de causar espanto. Como muitos ali presentes, possuía uma tatuagem num dos lados da testa. A dela, porém, reluzia... era a figura de um *triskle*, o símbolo formado por três espirais entrelaçadas.

Aquele era o símbolo do clã dos érin.

A REAÇÃO FOI UNÂNIME. Apenas João, que não sabia nada sobre aquilo, permaneceu sentado. Os demais se levantaram em sinal de respeito. Os algharbios se curvaram numa reverência profunda.

Os érin constituíam o clã mais antigo e poderoso a se recolher à magia. Os clãs de origem europeia lhes rendiam uma espécie de vassalagem, embora os érin nunca se imiscuissem nos negócios alheios, permanecendo isolados em sua cidadela na Irlanda – ficava próxima a um local que os humanos conheciam como Colinas de Tara.

Akinlana rodeou o círculo e se aproximou da mulher pálida e ofegante. Os clãs afros e indígenas não eram seus vassalos, porém tinham grande apreço por aquele povo.

– Saudações, senhora Cáitlin. Está se sentindo mal? Precisa de algo?

Ela se recuperou um pouco e levantou-se, com a ajuda do outro érin.

– Agradeço-te, Akinlana. Estou bem. Viemos aqui apenas como observadores, por isso não tínhamos nos revelado. Mas as coisas mudaram.

O companheiro que a amparava disse:

– A Senhora está conectada à magia de todos os clãs. Há semanas, três de nós viemos para estas terras, com ordens de colher informações sobre interferências nas camadas de magia. Mas agora algo maior que o uso de

magia proibida aconteceu. E afetou minha senhora, uma druidesa de alta estirpe.

Hanef inclinou-se diante da mulher érin.

– Eles estiveram por um tempo entre nós. Um dos observadores acompanhou Tariq à Citânia. Talvez vós consigais comunicar-vos com eles...

Cáitlin levou a mão ao *triskle* tatuado em seu rosto.

– Conseguiríamos, se a quebra não fosse tão severa. Só o que consigo perceber é que alguém pôs em ação um encantamento súbito e rompeu as barreiras invisíveis que separam os vários mundos. Isso causa perturbação em todas as correntes mágicas.

O rei iorubá fechou o sobrecenho, zangado.

– E anula todos os tratados que existem entre os clãs. É uma declaração de guerra! Precisamos saber mais. Vou convocar os babalaôs, e peço também a ajuda dos pajés e xamãs que acompanharam as delegações. Devemos descobrir o que acontece na Citânia e restabelecer as correntes de magia rompidas.

Nan se sentou de novo junto a João. Enquanto os praticantes de magia de todos os clãs tentavam se organizar no salão, ela sentia, intrigada, o *otá* brilhar em seu peito.

Estremeceu ao ouvir novo trovão soando ao longe. As correntes mágicas podiam estar rompidas, mas a força de Oiá parecia intacta.

Rio de Janeiro

GAEL NÃO ESTAVA GOSTANDO nem um pouco de sua nova função de cão-guia. Mesmo assim, concordou em orientar o tio, evitando que tomassem corredores bloqueados ou que encontrassem becos sem saída no labirinto que era o trajeto até o templo. Não foi fácil escapar às barreiras de energias semi-invisíveis que circulavam por toda a fortaleza. Mas finalmente saíram em uma passagem secundária e foram parar no andar em que uma longa série de aposentos precedia o local de adoração daquela casa.

– Não importa o que vejas – cochichou Galaor quando chegaram a uma porta dupla, que estava entreaberta. – Não quero que saias do meu lado,

compreendido?

– Tá.

Entraram no templo, tomando o máximo cuidado para não provocar nenhum ruído, e se esconderam atrás de uma das pilastras. A escuridão no local era menos profunda. E Gael a viu, caída no chão.

– Anuk...

Desesperado, o adolescente ignorou as instruções do tio e não se importou com mais nada. Correu até uma mesa de pedra, mal-iluminada por três velas. Abaixou-se para verificar se ela respirava... Não estava morta. O que a deixara tão branca e paralisada, igual a uma estátua de mármore? Só podia ser algum feitiço macabro.

– Você acha que a Shantel faria isso com a própria filha? – perguntou ao sentir que alguém se aproximava por trás. Só podia ser Galaor.

Mas não era.

AINDA ATRÁS DA PILASTRA, Galaor não ousou interferir. Apesar de ser o melhor dos guerreiros, não podia fazer nada contra a mais poderosa das magias.

GAEL GIROU A CABEÇA, achando que falava com o tio. Então engasgou.

– Viriato?!

Mal o reconheceu. Ele voltara a vestir trajes de guerreiro, o que acentuava certa arrogância que nunca tivera. O abatimento dos últimos dias dera lugar a uma aparência forte e saudável. Mas a grande diferença estava em seus olhos, totalmente vermelhos.

Como sangue.

– Estás falando com o venerado Crom Cruach – explicou Shantel, saindo da obscuridade para se unir a ele.

Só pelo nome, não devia ser coisa boa. Gael levantou-se para encará-los.

– O que você fez com meu tio? Por que ele está desse jeito esquisito?

Shantel chegou mais perto do garoto. Ele a vira apenas de longe, nos jardins do Museu do Ipiranga, e somente agora percebia que era uma mulher fascinante, dona de uma beleza tão extraordinária que lhe permitia o luxo de

usar um mínimo de maquiagem. A pele macia e perfumada denunciava que se lavara e trocara de roupa recentemente. E o que dizer, então, do corpo? Sedução pura em um sofisticado vestido negro. As gêmeas haviam herdado algo de sua beleza, mas nem mesmo Anuk em seu pior momento ostentava aquela frieza. O olhar de Shantel era gelado.

– A aberração deve morrer, meu senhor – aconselhou ela, suavemente, mascarando a vontade de dar uma ordem direta ao tal venerado. – E deve morrer *agora*.

ORIANA ABRIU OS OLHOS, descobrindo o colo em que apoiava a cabeça. Um tremor delicioso percorreu-lhe o corpo e seu coração bateu mais rápido.

– Como te sentes? – perguntou Tariq. Ele ocupava todo o seu campo de visão. Ou talvez ela só conseguisse enxergar a ele, e a mais ninguém no salão.

A mãe de Gael não conseguiu responder. Pela primeira vez, em muitos anos, pôde dar-se o luxo de ser frágil, de pedir ajuda. Ela apenas se aninhou contra o peito masculino, desejando que Tariq jamais a abandonasse.

– Desculpa estragar o clima aí de vocês, mas... – disse Tiago, após cutucar o ombro do líder al-gharbio – ... acho que a sua outra filha também sumiu.

VIRIATO, OU MELHOR, Crom Cruach, estendeu o braço à frente, apontando-o para Gael. O que iria fazer? Transformá-lo em fumaça ou algo assim?

Pelo ar de crueldade da criatura, seria algo muito pior. Os olhos vermelhos vibraram de êxtase, revelando um inesgotável prazer no derramamento de sangue, quando as narinas do garoto começaram a sangrar, depois seus ouvidos... Uma dor nasceu em seu coração para dominá-lo de modo lento e brutal.

Gael não podia fugir. Caiu de joelhos.

AINDA EM SEU ESCONDERIJO, Galaor engoliu em seco. Shantel evocara, para ocupar o corpo de Viriato, ninguém menos que o temido deus celta Crom Cruach, reverenciado, na Antiguidade, como o patrono dos cultos sangrentos.

Uma reputação que provava merecer naquele exato momento.

“ELE ESTÁ ME IMPLODINDO...”, disse o raciocínio de Gael, que ainda resistia bravamente à devastação interna.

– Deixa-o em paz! – brigou Mirele, ao entrar correndo no templo, espada em posição de ataque.

“ATACAR AGORA É SUICÍDIO”, pensou Galaor, lamentando antecipadamente a morte da gêmea. “A menina vai morrer...”

SHANTEL SE VOLTOU PARA MIRELE. Desde quando ela sabia manejar uma arma?

A fúria de Crom abandonou a aberração para se concentrar na recém-chegada que o ameaçava.

– Não a mates, eu peço – implorou a mãe.

Anuk podia ser descartável – uma inimiga a menos com quem lidar –, mas a outra filha era fácil de manipular, ainda tinha utilidade; planejava para ela algum casamento que lhe desse vantagens políticas.

A divindade considerou a solicitação de sua druidesa. Dirigiu somente um golpe invisível contra a falsa Mirele, jogando-a contra a parede mais próxima.

Já Gael acabara de tombar sobre o piso.

– Onde estão meus súditos? – disse Crom, numa voz que somava as vozes de todas as vítimas que subjugara através dos tempos.

Era a primeira vez que se dirigia à mulher que o trouxera de volta ao plano físico. Emocionada, Shantel se curvou em reverência. Esperara anos por aquilo.

– Aguardam-te no grande salão, meu senhor.

Salvador

A MADRUGADA SE APROXIMAVA, mas nenhum deles deixara a casa do chefe iorubá.

Por mais que tentassem, os praticantes de magia dos clãs não conseguiam penetrar mentalmente a barreira tecida em torno da fortaleza carioca.

Oloú, parecendo esgotado, curvou-se diante de seu rei.

– A cidadela dos brácaros está fechada. Usaram magia antiga, poderosa.

Um a um, os babalaôs, magos, pajés ou sacerdotes confirmaram sua impotência em obter algo. Até que o chefe kamayurá Iwati veio falar com Akinlana.

– Nosso pajé sonhou, e no sonho conseguiu ver alguma coisa.

Um índio extremamente idoso se aproximou e revelou:

– Tudo foi fechado, como se tivesse um véu cobrindo. Só enxerguei um altar com doze postes em volta, e um maior no meio. Perto desse tinha uma faca, um pano manchado de sangue e um corpo caído de mulher... de moça. Vi sangue, muito sangue.

Cáitlin, que parecia ter-se recuperado da fraqueza, franziu a testa.

– Doze pilares menores? E um maior no meio?

O índio assentiu. O outro emissário dos érin trocou com ela um olhar alarmado, mas se calou. Akinlana percebeu e a abordou.

– A senhora é autoridade em magia celta. Não há nada que possamos fazer?

Ela suspirou, depois de pensar um pouco.

– Tudo indica que usaram a fórmula ancestral de invocar um deus para tomar um novo corpo. O sangue e os doze pilares que ele viu sugerem uma figura muito antiga e perigosa... Precisamos realmente de mais informações. Só que nem mesmo os érin podem penetrar esse tipo de barreira.

– O pajé de Iwati chegou o mais perto possível – disse Oloú, desanimando a todos. – Estamos lidando com deuses... Nenhuma criatura com sangue mágico tem poder para confrontá-los.

Foi então que Nan ousou interromper a conversa dos chefes e xamãs.

– Desculpem, eu não entendo muito dessas coisas – disse, humilde –, mas... se o povo dos clãs não pode fazer nada, quem sabe alguém com sangue humano possa?

Todos olharam para ela e viram, em seu peito, o brilho intenso da metade da pedra vermelha de Oiá.

Como a reforçar as palavras de Nan, trovões soaram lá fora e reverberaram na grande sala. Nem todos compreenderam o que aquilo significava, mas Oloú sorriu.

Iansã iria ajudar.

Rio de Janeiro

O TRIUNFO SONHADO POR SHANTEL finalmente estava ao seu alcance.

Senhora plena de todos os poderes, ela entrou no salão, acompanhando a mais cruel das divindades celtas. Ninguém poderia impedi-la de ter o que desejasse. E o que mais desejava era submissão absoluta e adoração eterna.

Crom e a druidesa avançaram até o trono de Eurico sem encontrar qualquer resistência. O velho ergueu o queixo, tolamente acreditando que ainda possuía alguma autoridade para detê-los.

– Sai do meu lugar – ordenou o deus.

Não esperou que o líder brácaro o obedecesse. Com um gesto, fez com que fosse arremessado para longe do trono. A jovem escrava que cuidava dele gritou, fugindo para se esconder entre o povo. E Eurico permaneceu jogado num canto como um objeto sem utilidade, gemendo de dor e humilhação, até que Oriana e Tariq fossem ampará-lo. Apavorada, Carol não conseguia entender o que acontecera a Viriato.

Os brácaros mais velhos perceberam estar na presença de um deus ancestral e se curvaram diante do peso da tradição. Os jovens se agitaram, inconformados. Os guerreiros hesitavam, procurando seus capitães. Deveriam atacar Shantel, a druidesa mais poderosa da cidadela? Quanto aos dois algharbios que acompanhavam Tariq, só se manifestariam se ele ordenasse. Procuraram aproximar-se do local em que ele e Oriana tentavam devolver o pai dela à cadeira de rodas.

Sem pressa, Crom subiu na plataforma e se acomodou no trono. Shantel ergueu a voz e, solene, apresentou-o ao clã.

– Este é nosso novo e amado senhor – disse, com o olhar brilhante admirando a divindade que jamais se contentaria em chefiar um único e insignificante clã. – O venerado deus Crom Cruach é o futuro líder de todos os povos mágicos que iremos subjugar.

CAPÍTULO 8

Nova ordem



AÇÃO SEGUINTE DE CROM foi garantir a obediência dos novos súditos. Shantel chamou alguns dos capitães, cuja dedicação assegurara fazia algum tempo. Eles logo se apresentaram e foram confirmados como comandantes dos vários contingentes que cuidavam da segurança da Citânia. Hélio e Tarcísio estavam entre os primeiros que se ajoelharam diante da druidesa; não pareciam nem um pouco perturbados por trocar, de um minuto para outro, a lealdade a Galaor pela submissão à esposa dele. Ela se apressou a dar-lhes ordens específicas, de que nem mesmo Crom desconfiava. A primeira delas foi de que recolhessem todos os celulares, computadores ou qualquer outro item tecnológico que permitisse a comunicação com o mundo exterior. Somente pessoal de confiança teria autorização para utilizá-los.

Naturalmente, havia no recinto muitos guerreiros que não se conformavam com a queda de Eurico; esses teriam se rebelado, se pudessem. Bastou, porém, uma curta demonstração de poder para que pensassem duas vezes antes de desafiar o novo líder.

Bem na hora em que Carol e Tiago, apavorados, se dirigiam para junto da cadeira de rodas em que Oriana conseguira recolocar o pai desfalecido, quase foram atropelados por um homem muito velho, que atravessava o salão em fúria.

O sujeito parou diante do trono e desembainhou a espada, brandindo-a. Hélio deteve a lâmina dele com a sua; num instante, o velho foi desarmado e

cercado. Crom, que falava com Shantel sobre a disposição dos guerreiros nas três muralhas da cidadela, não se perturbou com a cena e fitou o atacante de lado, como se fita um verme.

– Ousas ameaçar-me? – trovejou.

– Nenhum brácaro te aceitará como líder, *Cenncroithi!* – rugiu o homem, usando o antigo nome celta. – Volta para o inferno de onde vieste!

Crom riu, parecendo divertir-se muito.

Oriana dirigiu-se para o meio do salão, pronta a defender o guerreiro idoso. Tariq estava falando com os dois al-gharbios e não teve como impedi-la. Mas Carol a deteve:

– O que você acha que pode fazer?

Percebendo que a humana estava certa, Oriana estacou. Sabia do que aquele deus era capaz, e doía-lhe não poder defender alguém que era a própria alma da Citânia.

– Aquele homem é Kían – revelou. – O mais antigo de nossos mestres-de-armas. Ele foi... – sentiu as lágrimas brotarem –... instrutor de Galaor, Viriato e muitos outros guerreiros.

O velho mestre não se importou por estar desarmado; fitava o rosto de seu ex-discípulo, agora tomado pelo olhar vermelho do deus. Parecia apostar que ainda havia, ali, algum traço do bastardo de Eurico.

Crom, entretanto, sequer hesitou. A um gesto seu, as narinas de Kían começaram a sangrar e a dor insuportável o atingiu por inteiro. Mais sangue brotou de seus olhos, ouvidos e poros, matando-o lentamente diante de todos os guerreiros que ensinara. E sem que ninguém, a não ser a mãe de Gael, fizesse um gesto para salvá-lo.

Shantel assistia à execução, impassível, enquanto sua prima chorava e Carol continuava a detê-la. Tiago segurava, a muito custo, a vontade de vomitar diante de tanto sangue e Tariq voltava com pressa para junto deles.

Quando o al-gharbio de novo abraçou Oriana, o corpo sem vida do velho mestre-de-armas jazia próximo à plataforma. Sufocando o choro, Carol foi obrigada a aceitar que aquela criatura abominável destruía Viriato. Este jamais permitiria que torturassem sua gente como Crom acabara de fazer.

– Tirei isso daqui – ordenou o deus, erguendo os olhos rubros do cadáver e vistoriando a multidão. – Se mais alguém deseja desafiar-me, estou esperando!

Apenas o silêncio respondeu, logo rompido pelos passos das pessoas que começaram a sair para obedecer aos comandos recém-recebidos. Uma nova ordem entrara em ação. E todos agora sabiam muito bem qual seria o destino de quem a desafiasse.

Ao ver o salão esvaziar-se, a druidesa sorriu. Havia escolhido bem a quem invocar. Em segundos, o deus exterminara qualquer resquício de livre-arbítrio ostensivo ou de rebeldia do clã. Pelo terror, subjugara todos no salão. Ou quase todos.

Shantel deteve os olhos no grupo mais próximo. Eurico mal respirava na cadeira de rodas, Oriana era amparada por Tariq, que tinha dois de seus guardas ao lado; o humano consolava a filha.

– E quanto a eles, meu senhor? – cobrou. – Não irás matá-los?

A cruel divindade voltou a atenção para o grupo.

– Quero que Eurico apodreça numa cela. Que viva para ver como farei desta fortaleza uma potência. Os al-gharbios lhe farão companhia. A mulher também. Mais tarde resolverei qual destino lhes darei.

– Mas Oriana é uma ameaça! – insistiu Shantel, ofegante em sua frustração.
– Devemos acabar com ela já!

– Não há qualquer magia brácará que possa me atingir, tu te asseguraste disso com o ritual – respondeu ele, sinalizando a alguns guerreiros para que desarmassem e levassem os prisioneiros. – Quanto aos humanos...

– Se me permitires, meu senhor, eu cuido da humana – ofereceu a druidesa, buscando uma adaga no corpete do vestido. Fez menção de avançar sobre Carol.

– Não – ordenou Crom.

– Eu te peço apenas isso, senhor, que...

– Quero-a como minha escrava pessoal.

Crom não admitiria recusas às suas vontades. Engolindo ar, Shantel abaixou a cabeça, submissa. Conformou-se, pensando que teria tempo para acabar

com a moça depois. Enquanto isso, ela sentiria o gosto da escravidão.

– Mas tua lealdade deve ser recompensada. – O deus a fitou, magnânimo. – Concedo-te um dos outros prisioneiros. Escolhe quem desejares para te servir.

Oriana, já sendo conduzida por dois guerreiros, viu com agonia o sorriso gelado da prima, que fixava a cobiça em Tariq. A um sinal dela, o líder algharbio foi empurrado por Tarcísio para fora do salão, por uma porta secundária que levava ao segundo andar, onde ficavam os aposentos dos senhores da Citânia. Ele não resistiu; apenas trocou um olhar significativo com seus dois acompanhantes.

Tiago ainda tentou proteger a filha, mas um dos guardas a obrigou a postar-se diante do deus. O pai foi levado junto com os outros para os fundos do salão. De lá, desceriam às celas no subsolo.

– Agora que temos a cidadela sob controle, druidesa, providencia a mobilização do exército. Desejo ampliar meus domínios – ordenou Crom, levantando-se do trono.

Depois, dirigiu o rosto impassível e seus assustadores olhos vermelhos para Carol, que se encolhia, amedrontada.

– Tu vens comigo, humana.

QUANDO TIAGO FOI ARRASTADO PARA AS CELAS, já fazia algum tempo que sentia a pedra vermelha brilhar em seu peito. Mas somente pôde tê-la nas mãos depois que o carcereiro aferrolhou a porta da cela escura e malcheirosa. Haviam-no trancafiado junto com Eurico, Oriana e os dois homens de Tariq.

Teve de fazer muito esforço para não desabar, apavorado ao imaginar sua filha nas mãos daquela *coisa*. Oriana tentava, com ajuda dos outros prisioneiros, acomodar o pai, que parecia em choque, num leito de pedra. A única luz vinha de uma janela gradeada no alto; não havia lua, mas um brilho baço das nuvens no céu projetava alguma claridade no local.

Tiago procurou um canto da cela escura, voltou-se para a parede e segurou o *otá*. Imediatamente sentiu um grande alívio, como se recebesse o toque das mãos de Nan em seu rosto. Podia perceber a voz dela, em algum ponto de

sua cabeça, tentando dizer-lhe algo. Mas não conseguia se sintonizar... Faltava alguma coisa.

Um dos guardas al-gharbios veio até ele e tocou seu ombro.

– Posso ajudar-te – disse o homem, prestativo.

Ele abaixara o capuz de seu longo manto, e o pai de Carol viu que era muito diferente dos outros dois. Tanto o que abraçara Oriana, e fora levado, como o que o acompanhara à cela eram morenos e tinham olhos negros. Já aquele sujeito possuía cabelos de um tom ruivo alourado, e olhos claros que reluziam como safiras.

Deveria confiar nele? Relutou, ocultando a pedra.

– Como te chamas?

– Tiago.

– Chamo-me Finnath. Não sou al-gharbio, embora esteja vestido como um e tenha vindo com Tariq e Kassib – o outro homem acenou com a cabeça. – Sou érin.

Oriana ouvira a explicação. Deixando Eurico com o guerreiro moreno, aproximou-se.

Ao trocar um olhar com o érin, curvou-se, respeitosa. Tiago não estava entendendo mais nada. Já fora estranho ver a orgulhosa mãe de Gael perder as forças e buscar o apoio de Tariq no salão. Agora se inclinava diante daquele sujeito?

– Será melhor para todos se minha identidade continuar oculta – pediu ele, voltando a colocar o capuz. – Precisamos unir nossas forças para sair desta situação.

– Sim, senhor – disse Oriana, ainda de cabeça baixa. – É difícil acreditar que alguém de seu clã não possa desfazer a magia proibida que Shantel invocou.

Finnath sorriu para ela, que enrubesceu até as orelhas.

– E tu entendes um pouco de magia proibida, não é? – depois de uma pausa, ele continuou. – Tranquiliza-te, filha, não foi para punir tuas... transgressões... que o líder de meu clã nos enviou para este lado do mundo. Eu e Cáitlin viemos apenas para observar.

Ao ouvir mais aquele nome, a mãe de Gael perdeu o rubor e se fez pálida.

– A... a senhora Cáitlin também veio?

– Sim. Ela e mais um dos nossos foram com uma delegação de Tariq à reunião dos clãs na Bahia. Infelizmente, com o que aconteceu aqui, não posso me comunicar com ela. Tua prima deve ter planejado muito bem esse ritual, para ter fechado a Citânia dessa forma, trazido Crom Cruach a este plano, e ainda enfraquecido nossa magia.

– Tu me viste tentar combatê-la... e falhar – a brácara suspirou. – Mas os érin são o clã mais poderoso de todos! Se não podem vencer Shantel, ninguém poderá.

Finnath voltou a colocar a mão no ombro de Tiago, que ainda mantinha a pedra brilhante oculta nas mãos.

– Talvez. Porém temos uma ajuda inesperada, aqui. Se o povo dos clãs não pode fazer nada, quem sabe alguém com sangue humano consiga?

CAPÍTULO 9

Fuga



GALAOR SÓ OUSOU largar seu esconderijo atrás da pilastra quando teve certeza de que Shantel e Crom não voltariam tão cedo ao templo. Primeiro, foi até a garota que julgava ser Mirele. Um pouco tonta, ela se sentava sobre o piso, massageando as costas doloridas.

– Ficaste maluca? – disparou o guerreiro. – Desde quando se enfrenta Crom Cruach com uma espada que tu nem sabes como usar?

– Era o deus sanguinário? – duvidou ela. – Aquilo tomou o corpo do Viriato?

Galaor nem teve tempo de responder. Ao avistar Gael caído próximo à outra irmã, a adolescente se erguera numa rapidez impressionante para voar até ele.

O guerreiro pensou que era uma pena o garoto ter morrido. Justamente agora que ele resolvera se comportar como um bom tio e...

Para sua surpresa, Mirele o estava ajudando a sentar-se. E, exceto pelo sangue que o sujava e um cansaço óbvio, ele parecia ótimo. O guerreiro ergueu uma sobrancelha e se aproximou dos adolescentes.

– O que fizeste para impedi-lo? – perguntava a menina, sem entender como ele sobrevivera.

– O cara simplesmente parou de me atacar no último minuto – disse ele, fazendo uma careta ao tocar a boca e reparar que suas gengivas também tinham sangrado.

– Foi porque eu apareci na hora.

– Não. Acho que ele pode muito bem atacar dois ao mesmo tempo.

– Crom Cruach sendo piedoso? Pelo que sei das lendas sobre ele, é impossível!

– Não foi ele que desistiu de me exterminar, Mirele.

– Como assim? – perguntou Galaor.

– Foi o Viriato que o impediu de me matar.

– GAEL, SINTO MUITO por te dizer isso... – começou Anuk, escolhendo palavras que Mirele usaria –... mas Viriato não existe mais. Se ainda restou alguma coisa dele naquele corpo, está sob o domínio total de Crom.

Ele não procurou argumentos para defender seu ponto de vista. Preferiu apenas continuar mantendo a esperança de que o tio ainda pudesse ser salvo.

– E ela, como fica? – disse, referindo-se à gêmea que acreditava ser Anuk. Pesaroso, ele acariciou o rosto feminino, demonstrando extremo carinho.

A Anuk verdadeira precisou morder os lábios para não revelar sua identidade. Ele tinha de fazer aquilo justo agora, ainda mais com a garota errada?

– Só se pode usar magia proibida contra magia proibida – disse Galaor, que andava de um lado para outro do templo, agoniado. – Não há ninguém que possa lutar contra um deus. É o fim do clã brácaro.

– Pior. Será o fim para todos que vivem na magia – previu a garota.

O adulto estreitou os olhos antes de entender o óbvio. Crom não era do tipo que se limitaria a dominar apenas um clã.

– Oh, deusa... – murmurou ele, arrasado.

– É isso! – disse Gael, subitamente inspirado.

– Isso o quê?

– Quando você falou que “ninguém” pode lutar contra o Crom, se referiu a um druida ou um pajé ou uma bruxa ou alguém assim, certo?

– Sim, mas...

– O único que pode combater um deus é outro deus.

– E onde achas que encontraremos outro deus celta? – retrucou Anuk, quase escapando à personagem Mirele. – Tens, por acaso, algum catálogo do disque-deuses?

O adolescente não prestou atenção à pergunta. Tinha um plano. E se despedia da gêmea enfeitada com um beijo nos lábios. Não poderia carregá-la na fuga que planejava.

– Me perdoa por te deixar aqui – disse, num sussurro. Lágrimas nublavam sua visão. – Prometo que volto para te salvar.

DOÍA MUITO PARA GAEL abandonar sua família naquela situação. Mas, se ficasse, não teria como enfrentar Crom. A solução era buscar ajuda fora das muralhas da Citânia.

Acompanhado por Galaor e aquela que acreditava ser Mirele, o garoto escapou para o exterior da casa de Eurico. A eletricidade voltava aos poucos a iluminar a vila, o que os obrigou a andar pelas sombras. Grupos de guerreiros saíam da audiência, e seus capitães iam a toda pressa dar notícias da nova ordem aos que estavam de guarda. Contudo, o avançado da hora e o tamanho da fortaleza faziam com que o contingente demorasse um pouco até estar inteiramente sob o comando de Crom Cruach.

Na terceira muralha, Galaor encontrou entre os vigias alguns em quem sabia que poderia confiar. Enquanto falava com eles, a suposta Mirele, prática, arrastou Gael para uma casa próxima, direto para uma torneira no meio do jardim. Ele precisava lavar o rosto sujo de sangue para não chamar a atenção onde quer que fosse. A água veio com fartura e o ajudou a retirar o sangue do rosto, das orelhas, das mãos e do pescoço. As manchas só não saíam da camiseta. Teria de trocá-la.

Logo o guerreiro os chamava. Acobertados pelos vigias, atravessaram a muralha interna e seguiram para as outras duas. Quando, afinal, transpuseram a última, o filho de Eurico enviou para algum lugar meia dúzia de homens que concordaram, sem grande hesitação, em desafiar a nova liderança. A notícia da queda de Eurico e da execução de Kían já chegara a eles...

Afinal, estavam fora dos domínios brácaros; mas sabiam muito bem que sua fuga seria descoberta em pouco tempo. Tinham de ir para algum lugar seguro.

– Se conseguiste manter aqueles vigias do nosso lado – disse a garota, irritada com o que vira, confrontando o padrasto –, por que eles não nos

acompanham? Em vez de ficarem para nos guardar, tu os mandaste para longe!

– Mandei-os para avisar sobre o que aconteceu aos outros clãs. Especialmente os al-gharbios, eles precisam saber que Tariq foi feito prisioneiro. E não há sentido em proteger a Citânia contra algum ataque se o pior inimigo já está lá dentro.

– E por que mandar os caras se você pode avisar pelo celular? – perguntou Gael.

Galaor inspirou muito ar. Não tinha paciência para ensinar os procedimentos diplomáticos usuais. Além disso, estava mais preocupado em percorrer rapidamente as ruazinhas do mundo dos humanos.

– Demonstro respeito e confiança quando envio meus mensageiros – resumiu ele. – Agora, boca fechada! E tratai de acelerar vosso passo lerdo.

CAROL ATRAVESSA OS CORREDORES da casa de Eurico com a sensação de que caminhava para a morte. Não ousava desobedecer a Crom, embora estivessem quase sozinhos após deixarem o salão: apenas um guarda indicava o caminho.

Seguiram por vários corredores até chegarem a um aposento luxuoso no segundo andar, que devia pertencer a Galaor. Uma ordem a despachou para o leito de peles, onde ela se sentou, apertando os cotovelos para não mostrar o quanto tremia.

O próprio reflexo em um grande espelho preso à parede, próximo à cama, atraiu a divindade. Crom Cruach fitou sua imagem, analisando o quanto o agradava e desagradava. Não parecia muito satisfeito com o corpo de Viriato.

– Ele não é alto – disse, com sua voz de muitas vozes. O escravo não tinha mais que um metro e setenta de altura. – Deveria possuir mais músculos. E apresenta uma beleza comum demais. Mas o corpo é jovem, ágil e flexível, responde de imediato ao que desejo neste momento. E este corpo deseja a ti, escrava.

Carol procurou alguma coisa que pudesse usar para se defender. Havia apenas almofadas e travesseiros ao seu alcance.

Crom se aproximou para sentar-se ao lado dela. Os olhos vermelhos e aterrorizantes transbordavam volúpia.

– Pareces deliciosa – disse, deslizando dois dedos pelo rosto feminino. – É por isso que ele te adora tanto?

– Ele?

– O dono anterior deste corpo que ocupo. Ele luta desesperadamente para que eu não te machuque.

Viriato ainda vivia, aprisionado em algum lugar dentro daquele corpo? Carol escondeu a vontade de pular de alegria, apesar de as mãos do sujeito agora percorrerem seu corpo.

– E... o senhor vai... me machucar?

– Também não desejas este corpo? Não anseias pelo que ele pode te dar?

– O senhor não é o Viriato.

– Mas tu serás minha.

– Não quero nada com o senhor!

– Então terei de te machucar – disse ele, apertando os braços da jovem. – Isso será interessante. Tua dor fará com que ele se fortaleça para me combater.

Carol sentiu esperança. Havia uma chance de derrotar aquele monstro! E se sua dor desse forças ao homem que amava, ela a suportaria sem se queixar.

– Não te animes, escrava. A cada minuto ele morre um pouco dentro de mim. Sua morte acontecerá mais rápido do que imaginas.

Não se dependesse de Carol. E ela lutaria até o fim.

– Eu amo você, Viriato – disse, encontrando coragem de enfrentar os olhos vermelhos.

A reação de Crom foi de fúria. Ele a esbofeteou, jogando-a ao chão. Depois puxou a gola e as mangas do vestido, rasgando-as e revelando mais do corpo de Carol. Sorriu com crueldade e desejo. Farejou o aroma da humana nos retalhos de cetim que arrancara e jogou-os longe, pronto para atacá-la. E, bem naquela hora, algo o impediu.

Com um rugido, segurou a testa com as pontas dos dedos, como se sentisse uma dor de cabeça infernal. Mesmo assim, reagiu e voltou ao ataque. Agarrou

a moça pelas trancinhas e puxou o rosto dela para junto do seu, tentando dominá-la.

– Eu amo... Viriato... – gemeu ela, em agonia.

Uma segunda bofetada a arremessou para longe. O deus soltou um novo rugido, desta vez apertando a cabeça com toda a força. Ela viu sangue em uma de suas narinas.

– Some daqui! – gritou.

Carol não esperou uma segunda ordem para escapar correndo do quarto.

VÁRIOS ASSUNTOS ocupavam a mente de Shantel. Hélio e Tarcísio a tinham informado que Galaor sumira depois que deixara o salão recusando-se a cumprir as ordens do pai. Ao menos a aberração tivera o fim merecido.

Já a garota que pensava ser Mirele poderia estar ferida, após ser arremessada contra a parede por Crom. Não que lhe restasse qualquer preocupação maternal: apenas a queria incólume, pois tinha mais planos para pôr em prática, e eles incluíam a filha.

Outra coisa que a preocupava era saber dos prisioneiros. Tariq fora levado aos aposentos da druidesa e estava confinado sob a vigilância de Tarcísio, porém ela não tivera tempo de conferir se Oriana e os outros haviam sido devidamente trancafiados. Lamentava que Crom deixasse a prima viver: ela sempre poderia tentar algum truque.

Contudo, Shantel sabia que cumprir as ordens de Crom Cruach tinha precedência sobre qualquer de suas inquietações. Ele não teria escrúpulos em livrar-se dela com a mesma facilidade com que se livrara do mestre-de-arms que ousara desafia-lo.

A druidesa foi diretamente para o alojamento principal dos guerreiros. A caminho, despachou emissários para verificar aqueles assuntos. O principal agora era se assegurar de que todos os guerreiros brácaros fossem colocados sob o comando direto do novo líder.

Madrugada ou não, a notícia da instauração da nova ordem, bem como a da morte de Kían, espalhara-se pela Citânia feito fogo devorando mato seco. Ao entrar no alojamento, Shantel esperava contar com a lealdade dos capitães

que já cooptara e com a disciplina militar dos guerreiros brácaros, acostumados a obedecer.

O que ela não esperava era encontrar registros de tamanho contingente, nem um arsenal tão equipado. A despeito dos últimos trinta anos de paz, Eurico, o Pacificador, parecia estar se preparando secretamente para a guerra.

O instinto da druidesa captou, de imediato, quais comandantes não estavam satisfeitos em ter de obedecer às ordens de um deus quase esquecido. A maioria, entretanto, havia jurado fidelidade a Crom e manteria a disciplina do exército.

“É inevitável que apareçam dissidentes”, ela pensou, cínica, ao examinar os números e a disposição das tropas de guerreiros que lhe eram apresentados. Era óbvio que Crom logo exigiria prisioneiros para os sacrifícios que apreciava e, assim que a prima e os outros fossem executados, precisariam obter mais vítimas. Que melhor lugar para obtê-las do que entre os inconformados e os rebeldes?

Em uma hora, iria amanhecer. Ao deixar o alojamento dos guerreiros, certa de que seu senhor ficaria satisfeito, ela foi alcançada pelo primeiro dos emissários que enviara.

– Senhora – disse ele –, os prisioneiros estão seguros nas celas. Os dois algharbios e o humano fazem companhia a Eurico e Oriana.

– Excelente. Mesmo assim, manda reforçar a guarda. Minha prima é cheia de ideias. Não quero que fuja.

Outro brácaro se aproximava, apressado. Ela o interpelou.

– E então? Encontrei meu querido esposo?

– Ninguém sabe notícias de Galaor, senhora – informou o guarda. – Parece ter evaporado. Assim como alguns vigias da terceira muralha.

A druidesa franziu as sobrancelhas. Então ele escapara e levara alguns homens consigo. Também já devia saber sobre Crom, apesar de ter saído do salão antes de ela fazer a entrada triunfal. Era de se esperar. Mas a *adorada* esposa tinha meios de encontrá-lo...

– Vais fazer o seguinte – ordenou ela. – Segue até a sala de oferendas do templo, antes da nave. Na prateleira do fundo da sala, encontrarás uma caixa

pequena, de madeira negra entalhada; leva-a a Hélio. Ele saberá o que fazer.

Tendo cuidado disso, Shantel adentrou a casa que fora de seu tio, e que agora era sua; foi conferir o antigo quarto de Galaor, no momento ocupado por Crom.

Deu com o poderoso deus profundamente adormecido sobre a cama de peles; havia descoberto a reserva de destilados de seu marido e esvaziara várias garrafas. Havia cascos vazios por toda parte, e ela encontrou ainda, no chão, pedaços do vestido que a humana usara. Imaginou que ele tivesse se divertido com a garota até se cansar...

Então o terceiro emissário veio encontrá-la quando saiu para o corredor.

– Minha filha está bem? – perguntou-lhe.

– Druidesa, no recinto do templo só vimos a senhora Anuk, profundamente adormecida. Não há sinal de sua outra filha... nem da aberração.

– *Como?* – ela gritou. – Eu vi Crom atacar a criatura. Ela sangrou até a morte!

O brácaro se afastou, não desejando pagar pela má notícia.

– Pode ter sangrado, senhora, o sangue ainda está lá. Mas o corpo, não.

Seria possível que aquele monstrinho tivesse sobrevivido? Ou teriam tirado o cadáver do local? Era de se esperar que Anuk se aliasse ao filho de Oriana para desafiá-la. Mas Mirele?... Shantel amaldiçoou o coração mole da filha mais nova. Ela convivera por tempo demais com Tariq.

Ao pensar no al-gharbio, sua frente se desanuviou. Estava ansiosa para confrontá-lo.

– Convoca trinta guerreiros – ordenou ao guarda – e manda-os vasculhar a Citânia inteira, se for preciso. Quero saber se Mirele removeu o corpo da aberração ou se a criatura sobreviveu. Espero notícias assim que a manhã romper.

O homem curvou-se e saiu. Ela seguiu o corredor por alguns metros e logo viu Tarcísio a postos, junto de mais dois guerreiros.

– E meu novo escravo? – perguntou aos guardas.

– O prisioneiro não nos ofereceu resistência, senhora – respondeu Tarcísio.

– Muito bem. Podeis ir-vos.

E enquanto os guerreiros se afastavam, Shantel, com um sorriso deliciado, entrou em seu aposento.

APÓS SAIR DO QUARTO DE CROM, Carol não sabia para onde ir. Aquela casa era um verdadeiro labirinto, e ela precisava urgentemente de um lugar para se esconder. Acabou encontrando um nicho no corredor, que ficava meio oculto atrás de uma coluna.

Encolheu-se lá, tentando fazer-se mais apresentável. A parte de cima do vestido cor de pérola estava arruinada, e uma das mangas fora arrancada. Apesar do pavor que ainda sentia, que fazia suas mãos tremerem, a jovem rasgou a manga restante e a amarrou sobre o corpete rompido, improvisando uma cobertura para seus seios expostos.

Estava lá, sem coragem de se mover, quando ouviu passos, e percebeu a cruel prima de Oriana passando; ela seguiu até o final do corredor e parou após a primeira curva. Com medo até de respirar, Carol ouviu o diálogo que se seguiu.

- E meu novo escravo?
- O prisioneiro não nos ofereceu resistência, senhora.
- Muito bem. Podeis ir-vos.

A filha de Tiago se manteve imóvel enquanto os brácaros deixavam a porta que estiveram guardando e percorriam o corredor na direção oposta à que a druidesa tomara. Esperou mais alguns minutos e, quando tudo parecia silencioso, deixou o esconderijo.

Durante algum tempo, não encontrou ninguém. Entrou por um corredor secundário, iluminado por uma janelinha alta, que denunciava a claridade do amanhecer. Seu coração quase parou quando, no fundo desse corredor, uma porta se abriu, entrou uma forte luz, e um vulto enorme emergiu!

Carol estacou e não conseguiu impedir-se de soltar um gemido de susto. Mas quando olhou melhor, acostumando-se com a luz que vinha da porta aberta, viu que o vulto não passava de uma mulher carregando um imenso cesto de roupas.

- Por Cal-leach, filha, que susto me deste! O que fazes aqui?...

Era Belmira, a escrava que a vestira antes da audiência. Carol tentou responder, mas não conseguiu. Seu coração ainda batia alucinado, e não sabia se conseguiria explicar o que ocorrera no quarto.

A velha mulher pousou o cesto e conferiu o hematoma no rosto da moça, as trancinhas desalinhadas, o vestido rasgado. Pegou uma manta entre as roupas que carregava, com a qual envolveu a cabeça e os ombros da humana.

– Vem comigo – disse, bondosa. – Precisas de um chá bem forte.

E a levou através da porta, que dava num pátio já iluminado pelo sol nascente. Carol, que tinha agora só os olhos descobertos, seguiu-a docilmente, passando por entre escravos que iniciavam o trabalho do dia.

Atravessaram aposentos de pedra cheios de cestos de víveres, tinas de água quente fumegante, barris de vinho, e uma cozinha imensa em que o fogo ardia em vários fornos. O cheiro bom de pão sendo assado invadiu suas narinas e a fez chorar, lembrando-se do pão quentinho que costumava comer todas as manhãs antes que o pai abrisse o bar.

“Como foi...?”, ela pensou, entre lágrimas, enquanto seguia Belmira pelos subterrâneos do casarão de Eurico. “Como foi que a minha vida de repente deixou de existir? Como foi que uma técnica em enfermagem que morava perto da estação Tietê veio parar numa espécie de feudo medieval cheio de guerreiros e quase foi atacada por um deus antigo?”

Afinal, a escrava parou num corredor sem saída. Puxou algumas vassouras encostadas na parede. Surgiu diante delas uma portinha de madeira gasta, com um metro de altura. A porta foi empurrada e revelou uma escadaria; ambas se inclinaram para passar pela abertura e, após descerem os degraus, foram parar num largo salão de pedra, iluminado por archotes de verdade, não as imitações elétricas que Carol vira antes.

Havia pessoas no local: algumas deitadas em camas improvisadas nos cantos, outras junto a uma lareira acesa no canto mais distante do salão; via-se um caldeirão no fogo e, em lajes achatadas junto às brasas, também se assava pão.

Mas o que chamou a atenção da jovem foi uma grande mesa de pedra, no lado mais escuro do salão, coberta por um tecido fino e bordado. Percebeu algo sob o tecido... Recuou, quando se deu conta do que era aquilo.

Era um cadáver. Diante da mesa, três guerreiros, ajoelhados, tendo à sua frente as espadas, prestavam algum tipo de homenagem. Belmira gentilmente levou a moça para longe dali e a fez sentar-se próximo à lareira.

– Aquele... aquele é...

– É Kían, o mestre-de-armas. Conseguimos trazer o corpo para cá esta madrugada. Será velado e terá um funeral decente nas catacumbas. Os brácaros que vês não aceitam a nova ordem na Citânia.

Carol olhou em volta de novo, desta vez compreendendo.

– Este lugar... é um refúgio. Uma espécie de resistência contra Shantel e Crom.

Belmira sorriu com os poucos dentes que lhe restavam.

– E nem a druidesa nem os capitães da guarda têm a menor ideia de que ele existe. Estarás segura aqui, filha.

O BAIRRO DE SANTA TERESA estava quase deserto àquela hora da madrugada. Galaor se resignara a fugir a pé até encontrar aberta uma locadora de veículos. Não podia utilizar os carros da família, que seriam facilmente identificados numa perseguição.

Dissera aos dois adolescentes que ia conseguir aliados.

– E os aliados vão nos ajudar a derrotar o tal Crom? – quis saber Gael.

– Ainda não entendeste, aberração, que absolutamente *nada* pode enfrentar um deus? – disse o guerreiro.

Anuk quis xingar o padraço por ainda chamar Gael de aberração. Duas coisas a fizeram calar-se, porém: o fato de que Mirele jamais xingava alguém e a lembrança de que ela o chamara assim, como forma de humilhá-lo, durante um bom tempo.

O garoto não parecia se importar nem um pouco com aquilo. Estava pensando.

– Ahn... Aqui no Rio tem uma floresta, não é?

– Floresta? Tem o Parque Nacional da Tijuca, onde fica o Corcovado. É pra lá que queres ir? – disse Anuk, empurrando-o sem muita sutileza. Galaor já retomara a caminhada e seguia à frente deles. – O parque é enorme, mas não é um lugar assim tão seguro para...

Ela parou de andar, finalmente entendendo o que ele quisera dizer quando ainda estavam na cidadela. *O único que pode combater um deus é outro deus.*

– É isso, não é, seu maluco? Queres entrar numa floresta para pedir ajuda a *Anhangá!*

– Foi a primeira divindade que conheci – justificou Gael, dando de ombros. – Acho que pode nos ajudar e...

– Loucura! Aquela criatura quase nos... quase vos matou! A Anuk me contou tudo o que ocorreu no Vale do Rio Quilombo – justificou ela, rapidamente.

– Acho que Anhangá não vai gostar dessa história do Crom querer dominar o mundo. Se ela não me matou daquela vez, não vai me matar agora. Vamos para a Tijuca.

– Mas é perigoso! – ela gemeu. – Eu... A Anuk por pouco não conseguiu te salvar!

Gael fitou-a, estranhando a explosão. Quanto mais tempo passava com a garota, mais tinha certeza de que seu temperamento era similar ao de Anuk, o que o confundia. Ele ia fazer alguma pergunta quando o tio, que ouvira parte da conversa, os interrompeu.

– Na próxima esquina tem uma locadora que funciona vinte e quatro horas. Ficai aqui enquanto alugo um carro para sairmos da cidade. O melhor é evitar os aeroportos do Rio. Se formos pela rodovia até Cabo Frio, no aeroporto de lá embarcaremos em alguma conexão para Salvador. E que história é essa de se enfiarem na mata? Ireis comigo para o Quilombo dos Iorubás. Akinlana é um aliado poderoso.

– Mas ele não é um deus – disse Gael. – Prefiro o meu plano. Como sou mestiço, transito no mundo indígena... Tenho de tentar.

Anuk ficou pensativa. Em poucas semanas aquele garoto sem qualquer treinamento havia sobrevivido a ameaças insólitas: um tio violento, guarda-costas al-gharbios, guerreiros brácaros, a incompetência de Oriana como mãe, uma vingativa deusa indígena, uma onça negra, uma sentença de morte e um deus celta sedento por sangue.

Tinha sobrevivido até a ela própria...

– É, pode dar certo – admitiu, com um sorriso enigmático.

– Os dois ficaram doidos? – berrou Galaor. – Vamos para Salvador!

– Sem chance – declarou Anuk. – Tu vais conversar com o tal Akinlana... e Gael e eu vamos para a floresta, procurar outros aliados.

O guerreiro bufou, tendo plena consciência de que não possuía qualquer autoridade sobre os adolescentes. Pisando duro, entrou na tal locadora.

Em pouco tempo saiu de lá com um veículo inesperado, um sedã branco discreto, que mal acomodava sua figura gigantesca. Era provavelmente o carro que menos combinava com um guerreiro brácaro. Mas Anuk não fez nenhuma observação sarcástica.

– Se você for mesmo pro quilombo – Gael lembrou, antes que se separassem –, diz pro meu tio que eu estou bem.

Vendo que Galaor ia protestar sobre não ser nenhum menino de recados, a garota o interrompeu, estendendo a mão:

– Ah, tens algum dinheiro para nos dar? Minha bolsa ficou em casa.

Com mais um bufo, ele tirou do bolso algumas notas e escolheu um dos cartões de crédito para lhe entregar.

– E nada de comprinhas no shopping! – resmungou.

A garota engoliu uma resposta malcriada antes de revelar um sorriso adorável.

– Já fiz compras hoje – respondeu, na costumeira vozinha irritante de Mirele. – Quero dizer, ontem... Já vai amanhecer.

De fato, o céu ameaçava clarear; Galaor ia tentar de novo convencê-los a irem com ele, quando os três ouviram pneus cantar e o ronco de motores potentes a pouca distância. O irmão de Oriana abriu a porta e ordenou, com urgência na voz e os sentidos em alerta máximo.

– Entrai, depressa! Shantel descobriu nossa pista e mandou guerreiros atrás de nós.

Anuk saltou para o banco de trás e Gael mal teve tempo de afivelar o cinto de segurança no da frente; o tio pisou no acelerador e o carro disparou pelas ruas.

CAPÍTULO 10

Perseguição



— **O** QUE TENS DE FAZER — explicou Finnath — é deixar tudo o que perturba tua mente superficial e buscar a consciência profunda. O objeto da deusa iorubá terá mais força.

Tiago, acabrunhado, suspirou para o érin.

— Quando eu estava no quarto, funcionou — disse. — Olhei a pia cheia de água e vi o rosto de Nan. Ela falou comigo, disse que podíamos nos comunicar desse jeito. Mas naquela hora eu não sabia que minha menina iria parar nas mãos daquele...

Oriana se aproximou. Trazia um jarro desembeijado de cerâmica enegrecida, que encontrara jogado na cela. Havia um pouco de água dentro dele.

— Tua filha não é mais criança — disse. — É uma mulher, e tem personalidade forte. Confia nela, Carol vai ficar bem.

Finnath tomou o jarro e derramou um pouco da água sobre uma das pedras no chão irregular. Formou-se uma poça na concavidade. Escassa luz vinha da janela gradeada, mas era suficiente para fazer a superfície do líquido brilhar.

— Agora, Tiago — continuou o érin —, tenta contatar os iorubás.

O pai de Carol ajoelhou-se e fixou o olhar no espelho de água. Viu o próprio rosto, agoniado. Com a mão esquerda apertou o *otá*, que continuava reluzindo em vermelho. E passou os dedos da mão direita de leve sobre a poça...

A imagem que se formou desta vez era bem mais clara. Ele imaginou se isso acontecia porque Oriana e Finnath, gente de magia, tinham colocado as mãos em seus ombros para ampliar a conexão. De qualquer forma, ali estava Nan. A seu lado havia duas pessoas: o babalaô Oloú e uma mulher ruiva. Mais gente de magia.

– Nan, diga se está me vendo e ouvindo – Tiago pediu.

– *Claramente* – respondeu a iorubá. – *Vejo que você encontrou o senhor érin.*

– Sim, estou preso numa cela com ele, Oriana e o pai dela. Tem também um outro guerreiro, que é... hum...

– Al-gharbio – a mãe de Gael completou.

– Isso! E o chefe deles, o Tariq, está preso em outro lugar. Tem muita coisa esquisita acontecendo.

– *Conte o que viu, Tiago. Akinlana reuniu os chefes de clãs aqui, e eles vão tentar ajudar. Mas precisam de mais informações.*

– Certo. Então... vamos lá.

E ele narrou todos os sinistros acontecimentos daquela noite. Do outro lado da conexão, Nan transmitia a história, palavra por palavra, aos representantes dos clãs.

TARIQ NÃO SE VOLTOU ao ouvir o ruído da porta. Estava em pé diante da janela, na saleta que antecedia o quarto da druidesa. Olhava serenamente para o céu que clareava.

Shantel o observou por alguns segundos. A atração que sentia por Tariq sempre estivera misturada ao ódio que nutria por Oriana. Quando, há quinze anos, manipulara Viriato para lhe trazer a poção da *bruja*, o desejo de possuir o al-gharbio na verdade não se devia a qualquer tipo de afeição, mas à simples vontade de impedir que a prima o tivesse.

Haviam passado um mês juntos, enquanto a poção fizera efeito. Após aquele período, ele a deixara sem recriminações, mas também sem carinho. Durante a gravidez e a primeira infância das gêmeas, tratara-a bem e se assegurara de que ela e as meninas tivessem de tudo. Nos últimos anos, porém, passara a encará-la com frieza. Agora ela o faria pagar por isso. Pela segunda vez, conseguira arrancá-lo dos braços de Oriana...

Despreendeu o manto que usava, deixando-o cair ao chão, e chutou para longe os sapatos. Guardou a adaga num cofre eletrônico na parede.

Andou pelo cômodo, fazendo o sarcasmo tingir suas palavras.

– És meu escravo agora, Tariq. Deves recepcionar tua senhora.

Ele não se voltou para olhá-la. Continuava a fitar a janela. Calmo, respondeu:

– Sou líder de um clã. Posso ser prisioneiro de guerra, jamais teu escravo.

Ela se sentou em uma poltrona confortável, bem à frente dele. Sorriu, ao fitar os braços fortes, o rosto másculo, os longos cabelos negros. Seria tão divertido quebrar-lhe o orgulho, vê-lo a seus pés, acabar com aquele ar de superioridade.

– Tu te acostumarás. Posso mandar açoitar-te, expor o grande líder dos algharbios no pelourinho da Citânia para que todos os brácaros vejam.

Ele permaneceu impassível.

– Isso não me tornaria teu servo, apenas tua vítima.

– Posso usar magia para te obrigar a me obedecer, jogar-se aos meus pés, dar-me todo o prazer que eu desejar. Tenho poder para isso, Tariq. Não duvides.

– Isso não me faria amar-te, druidesa.

– Achas que quero teu amor? – ela gargalhou. – Neste momento possuo teu corpo, não preciso de teu espírito.

Ainda a resistência orgulhosa nos olhos do pai das gêmeas.

– Não penses que acreditei em tudo que Viriato confessou – disse ele. – A poção da *bruja* foi tua ideia, não foi? Ele apenas te serviu de instrumento. Mas eu não te servirei!

Shantel começou a abrir o corpete do vestido. O estoicismo dele só a fazia desejá-lo mais. Jogou a carta que sabia ser invencível.

– Ah, sim, tu me servirás, e por tua própria vontade. Sabes... Mande trancafiar Oriana numa cela dos subterrâneos. Caso não desças desse teu pedestal de orgulho, vou ordenar que a tragam. Ela te substituirá no pelourinho. O que achas disso?

O al-gharbio empalideceu. Shantel podia ver a luta sendo travada dentro dele. Como guerreiro, ele suportaria qualquer tortura e não capitularia diante de ameaças. Mas ela sabia que Tariq ainda amava sua prima, vira isso claramente quando entrara no salão de Eurico. Esse era seu ponto fraco. Líder ou não, ele faria qualquer coisa para salvar Oriana.

Lentamente, ele a fitou. Sabia que a druidesa não fazia ameaças vãs.

– O que queres de mim? – murmurou, vencido, baixando a cabeça numa reverência.

Ela terminou de abrir o corpete.

– És meu escravo agora – repetiu. – Deves recepcionar tua senhora.

O CARRINHO BRANCO que Galaor alugara disparou por ruas secundárias; ele evitava entrar em avenidas, sabendo que os dois enormes SUVs negros que vislumbrava pelo espelho retrovisor não estavam para brincadeiras.

A única esperança de escapar aos potentes veículos era justamente entrar por ruelas adequadas à passagem de um carro menor, mas que apresentariam dificuldades aos maiores. Além do mais, os perseguidores esperariam que os fugitivos buscassem o acesso aos aeroportos, e Galaor não ia em direção ao Santos Dumont, nem ao Galeão. Já que os teimosos adolescentes queriam se enfiar na floresta da Tijuca, fazia sua vontade e os levaria para lá...

– Não dá para sacolejar menos, não? – choramingou Anuk, balançando-se no banco de trás, imitando um tom que Mirele usaria.

– Cala a boca e faz algo de útil – respondeu o padrasto, mal-humorado e atento à perseguição. – Se sabes usar a magia, podes ajudar a disfarçar a aparência desta porcaria de carro... Mesmo tão cedo há humanos nas ruas. Se chamarmos a atenção da polícia deles, as coisas podem se complicar mais ainda.

Criar ilusões era magia complexa, porém a garota se lembrava de certas palavras que ouvira a mãe pronunciar. E sabia que o pai de Gael era um índio transmorfo: talvez o filho tivesse herdado alguma energia de transformação que ela pudesse catalisar.

Não seria um encantamento simples como a telecinésia. Até o momento em que Shantel trancara a magia na Citânia, qualquer brácaro era capaz de

mover certa quantidade de matéria com a mente, e todos usavam esse poder para coisas prosaicas – acender fogo, abrir e fechar portas com um estalo de dedos. Agora, dentro da fortaleza brácara, até isso seria impossível... Mas eles já estavam bem longe de lá.

Apreciando o desafio, ela estendeu a mão ao filho de Oriana, que se mantinha num silêncio fatigado desde que haviam entrado no carro. Ele tomou a mão na sua com uma indagação nos olhos.

– Estás vendo essa vermelhidão na tua roupa? – ela explicou, tocando as manchas de sangue na camiseta dele. – Concentra-te nisso.

– No sangue? – Gael entendia cada vez menos.

– Não, tolo – ela teve de se esforçar para usar um xingamento mais ameno do que costumava usar. – No vermelho. Pensa em *vermelho*.

Cansado demais para discutir, ele fez o que ela pedia. No mesmo instante, percebeu que a garota estava concentrando ondas de magia ao redor de ambos. Fechou os olhos e deixou a mente flutuar naquela ideia. Uma cor...

Ouviu-a pronunciar palavras em uma língua estranha – e, de alguma forma, sabia o que ela estava dizendo! Estava ordenando algo à matéria que os cercava. Exigindo que o que era branco se tornasse vermelho...

Galaor quase pisou no freio quando se deu conta do que estava acontecendo. Assim que deixaram o túnel Rebouças, a lataria do carro mudara de cor! E aquela ilusão não enganaria apenas os olhos humanos. Até ele estava vendo a transformação!

A garota soltou a mão de Gael, que parecia prestes a desmaiar.

– O que é que tu tens?

– Nada... estou bem... – balbuciou ele.

O tio deu uma olhada de lado para o garoto.

– Está esgotado – concluiu. – Perdeu muito sangue no templo, e não está acostumado a usar magia. O que tu fizeste foi bem complicado... Estou impressionado, Mirele. Esperaria um feitiço desse nível de Anuk, nunca de ti.

– Posso fazer qualquer coisa que minha irmã faz – resmungou ela, amuada, com medo de que Gael tivesse pensado naquilo também.

Porém ele fechara os olhos, parecendo exausto demais para notar a observação do tio, que a essa altura fazia o sedã vermelho enveredar pela rua do Jardim Botânico.

Anuk já podia divisar o Morro da Tijuca à sua esquerda.

DEPOIS QUE O CARRO DOS FUGITIVOS, sob a vigilância atenta de Hélio, atravessara o Catete e Laranjeiras, o primeiro dos SUVs entrou atrás dele pelo túnel Rebouças.

Só que, quando os perseguidores deixaram o túnel, não viram mais a presa.

O motorista brácaro fitou a rua à frente sem saber para onde seguir. Olhou para Hélio, que o mandou estacionar no primeiro local viável. Nenhum sedã branco deixara o túnel! Agora não era possível saber se Galaor ia para a Zona Sul, pretendia contornar a lagoa Rodrigo de Freitas, seguiria para Copacabana ou retornaria ao Centro.

– Devem ter usado magia – resmungou um dos guerreiros no banco traseiro. – O que farás? Vais avisar à druidesa que os perdemos?

– Nada disso – disse Hélio. – Ela nos esfolaria vivos... Não vos preocupeis, eu sei como encontrar a pista de novo.

E pegou, ao lado do banco do carro, uma maleta. De dentro dela, tirou uma pequena caixa de madeira negra entalhada. Abriu-a, com um sorriso. Em minutos, saberia exatamente para onde ir.

NAQUELA MANHÃ, os comandantes que ainda não haviam recebido ordens do novo líder da Citânia estavam à espera no ex-gabinete de Eurico. Shantel mandou o guerreiro que lhe trouxera esse aviso dizer-lhes que esperassem: iria buscar Crom Cruach.

A druidesa dormira pouco, mas se sentia exultante. Tudo continuava às mil maravilhas. Ao deixar o toalete, desta vez vestida mais sobriamente – com roupas de couro trazendo as insígnias dos brácaros, inclusive a taça estilizada –, viu Tariq de novo em pé diante da grande janela. Congratulou-se consigo mesma: o orgulhoso al-gharbio perdia sua pose de líder. Ela havia mandado sumirem com suas roupas, e agora ele era obrigado a usar as vestes simples dos escravos da Citânia.

– Tomarei a primeira refeição com o venerado Crom – disse a ele, casualmente. – Tu podes ir às cozinhas ou aos alojamentos dos escravos, se tiveres fome.

Ele lhe respondeu com certa ironia.

– Não vais confinar-me nestes aposentos?

– Não será necessário – retrucou ela, olhando-se num espelho da parede e ajeitando os cabelos. – Meus guardas te vigiarão, por isso tens liberdade de circular, desde que não saias da casa nem entres nas salas particulares de Eurico. Entendeste?

– Sim – respondeu ele, entre os dentes.

Shantel riu. Como a atitude de obediência lhe era custosa!

– Podes fazer melhor que isso, Tariq – insistiu, cruel.

Ele precisou de muita força de vontade para inclinar-se respeitosamente.

– Sim, minha senhora.

A druidesa saiu ainda rindo e bateu a porta atrás de si. Estava adorando aquilo.

ENCONTROU CROM AINDA ADORMECIDO. Preparou-lhe um banho, separou roupas de gala que tinham sido do marido e mandou um escravo retirar as garrafas vazias. Logo dois servos traziam um farto café da manhã. Ele acordou com os ruídos, os olhos vermelhos reluzindo sinistramente.

– Hoje é um bom dia para guerrear – disse. Levantou-se e foi conferir a paisagem pela janela.

Daquele quarto via-se o pátio principal da Citânia, com a movimentação normal do povo, dos escravos e dos guerreiros. O céu estava azul e o sol brilhava, embora um vento frio soprasse e uma névoa cobrisse o horizonte além da fortaleza.

– Teus comandantes aguardam no gabinete, meu senhor – informou ela, servindo-lhe café numa enorme xícara. – Tens fome? Assim que te alimentares, podes banhar-te e vestir roupas dignas de teu poder. A guerra que desejas está prestes a começar...

Crom desprezou o café e atacou as carnes e os pães. Shantel comeu algumas frutas e esperou que ele terminasse. Duas escravas já estavam a postos

para banhá-lo, tremendo de pavor. O que a fez lembrar-se de algo.

– A humana... O que fizeste com ela, meu senhor? Mandaste alguém vigiá-la?

Crom franziu as sobrancelhas e respondeu, sem deixar de mastigar.

– Mandei-a embora. Se quiseres, podes sacrificá-la, ela não me agrada mais.

Foi a vez de a druidesa franzir a testa. Sabia perfeitamente que não lhe cabia questionar um deus, mas aquilo era preocupante. Se ele simplesmente mandara a jovem sair, ela poderia estar em qualquer lugar! Deixando Crom aos cuidados das servas, convocou dois guerreiros no corredor e mandou irem em busca de Carol. Seria um prazer executá-la... assim que a encontrasse.

Depois, acompanhou Crom Cruach no encontro com os comandantes, ainda imaginando onde estaria a humana. Mas não estava realmente preocupada. Ninguém escapava das três muralhas da Citânia.

CAPÍTULO 11

Amanhecer



FOI UMA NOITE TERRÍVEL para os prisioneiros. Eurico estava semiconsciente, não parecendo ter noção de nada. Oriana não conseguiu dormir e Tiago teve um sono agitado, deitado no chão de pedra suavizado apenas por um pouco de palha. Desejara sonhar com Nan, porém a pedra de Oiá não parecia ter o poder de lhe proporcionar bons sonhos; após comunicar-se com o quilombo e ouvir a promessa de que Akinlana tomaria providências junto aos clãs, ele vira a pedra perder o brilho.

Os guerreiros, tanto o érin quanto Kassib, o al-gharbio, velaram até o amanhecer, imperturbáveis. E foram eles que recepcionaram a escrava que veio lhes trazer alimentos quando o sol já se mostrava pelo vão da janelinha gradeada.

Oriana levantou-se, ajeitando as roupas amarfanhadas e tentando recuperar um pouco da dignidade perdida. Ser jogada numa cela na própria casa de seu pai era algo que não esperava ter de suportar. Quando viu a recém-chegada, então, sua resolução de manter-se forte quase desmontou. Reconheceu a escrava que a criara.

Belmira deixou no chão a cesta que trouxera, com pães, frutas e um jarro de água. Sentiu o coração apertado ao ver a que estado estava reduzida sua senhora. Mas sabia que não podia dar-se a qualquer efusão; os vigias espiavam pela abertura da porta.

Tiago se levantou e foi pegar uma fruta, enquanto os dois outros continuavam imóveis, enrolados em seus mantos cinzentos. A velha escrava

ajudou Oriana a levantar o pai para tentar fazê-lo tomar um pouco de água. Conversaram em voz baixa.

– Minha senhora, estou tão feliz em ver-te de novo... – começou a mulher.

– Eu também estaria feliz em te ver, minha boa Belmira, se não estivesse nesta situação humilhante – foi a resposta amarga da mãe de Gael.

– Não te preocupes tanto, senhora. Tua prima pode manipular os guerreiros, mas não manda nas consciências. Muitos brácaros são fiéis ao senhor Eurico. A resistência está sendo organizada.

O ex-líder pareceu entender o que ela dissera; entreabriu os olhos e tomou um pouco da água que lhe ofereciam. Depois voltou a deitar-se, de novo alheio ao exterior.

– Que Cal-leach nos ajude – murmurou Oriana, mais animada. – Tu sabes dizer o que foi feito de Tariq e da jovem humana, Carol?

– Sim, senhora. A humana escapou de Crom e está em segurança, escondida nos subterrâneos. Já Tariq foi feito servo pessoal da senhora Shantel. Acabo de vê-lo na cozinha tomando uma refeição junto com outros escravos. Pelo que me disseram, ele pode circular pela casa, mas não pode sair. Todas as saídas estão fortemente vigiadas.

Kassib ouviu aquilo e rosnou de raiva. Oriana deixou escapar uma lágrima por Tariq. Um orgulhoso chefe de clã, sujeito à escravidão! Pelo menos a irmã de criação de Gael estava a salvo. Agradecendo à deusa, ajeitou o pai na cama de pedra; sua frente estava quente, febril. Precisava fazer alguma coisa por Eurico, precisava falar com Tariq, mas como sair dali? Com exceção da magia do amuleto de Tiago, nenhum encantamento conhecido funcionava; e a pedra vermelha não os ajudaria a escapar da cela. Que feitiço a prima fizera, exatamente? Se pudesse dar uma espiada no templo...

Antes de se afastar, Belmira lhe entregou um manto fino, que trouxera escondido.

– Creio que posso dar um jeito de saíres daqui por uma hora, ao menos, senhora – disse. – Só não tenho tempo de explicar tudo agora. Terás de confiar em mim.

A mãe de Gael tomou suas mãos calejadas com carinho. Ia dizer algo, mas...

– Vais ficar a manhã toda aí? – reclamou um dos vigias, abrindo a porta.

– Já estou saindo! – respondeu a mulher, ríspida, deixando a cela. – Pensas que eu gosto de me enfiar neste buraco fedorento? Cumpro ordens, assim como tu. E, para piorar, o velho está doente. É melhor mandares pedir permissão à druidesa para que eu traga remédios, senão vai acabar morrendo. Que eu saiba, ela quer os prisioneiros vivos!

O brácaro resmungou um pouco até decidir-se. Afinal, um dos guardas foi enviado ao encontro de Shantel com o recado. Mesmo caído em desgraça, Eurico fora líder da Citânia por décadas. Ninguém ali ia querer se responsabilizar por sua morte em cativo.

Oriana ouviu os ferrolhos da grossa porta cerrarem-se; envolveu-se no manto e foi confabular com os homens. Queria contar a Tiago que Carol estava salva. E havia adivinhado qual o plano de Belmira.

GALAOR PAROU por meros segundos numa rua próxima à entrada do Jardim Botânico. Dali, planejava retornar ao Centro e à Avenida Brasil, para pegar o acesso à ponte Rio-Niterói. Anuk saltou para fora do carro e puxou Gael, que bocejava.

– Tu sabes o número do meu celular, Mirele – disse o padrasto. – Cuida-te...

E arrancou pela avenida, sem um segundo olhar aos dois jovens. Conhecia bem demais os poderes de Shantel para duvidar de que logo teria de novo os SUVs da Citânia em seu encalço.

ANUK FEZ UMA CARETA e atravessou a rua, entrando por uma viela ao lado. Gael a seguiu, cismado. Pensara que iriam direto para o parque.

– Aonde você vai, Mirele? A gente não ia...

– Sim, vamos entrar no jardim. Só que já é de manhã, tem gente nas ruas, e tu tens de trocar essa camiseta suja de sangue. Além disso, precisamos de comida e água. E de um celular... A anta do Galaor sabe muito bem que eu saí sem bolsa.

Andaram um pouco até que ela viu duas pessoas abrindo as portas de ferro de uma modesta loja de roupas. Ali ela não conseguiria um celular, mas teria de servir, mesmo porque era o único estabelecimento aberto por perto, com exceção de um boteco na esquina. Tinha na mão o cartão de Galaor e o dinheiro que ele lhe dera.

– Espera aqui.

Desenvolta, entrou no bar e voltou em dez minutos, com uma sacola que entregou a Gael. Ele imediatamente pescou um pacote de bolachas, abriu-o e começou a comer.

– Você não quer? – ofereceu.

– Mais tarde. Agora preciso comprar umas roupas. Vê se não somes!

Gael não tinha intenção de sumir. Encostou-se numa parede e detonou metade do pacote de biscoitos enquanto a suposta Mirele ia até a tal loja. Na sacola havia ainda sanduíches embrulhados, garrafinhas de água, barras de proteína, mais biscoitos e chocolates. Sentiu-se tentado a comer os chocolates, mas achou melhor esperar pela garota.

Ela retornou com outra sacola. Quando o alcançou, deu-lhe uma camiseta branca. O garoto sentiu alívio ao se livrar da outra. A calça jeans e as luvas que usava haviam recebido alguns respingos de sangue; mas, como eram escuras, não aparecia tanto. Enquanto ele trocava de camisa, ela vestiu uma blusa de moletom bege sobre o vestido de alcinhas e os braços gelados. O sol nascera; contudo, a manhã continuava fria.

Anuk comprara também um par de tênis, meias, mais camisetas e uma calça de moletom da mesma cor. Além de uma mochila de lona, na qual enfiaram todas as compras, inclusive a comida. Ele colocou a mochila nas costas.

– Não vai vestir a calça e os tênis?

– Depois – foi a resposta mal-humorada da gêmea. – Quando não tiver ninguém olhando. Só tinha roupa vagabunda naquela droga de loja. E não há nenhum lugar aberto que venda celulares. Vamos ter de ficar sem isso, por enquanto.

Saiu, andando de volta à avenida. Gael foi atrás dela, pensando que teria adorado ter um celular com máquina fotográfica. Seria a primeira vez que

visitaria o Jardim Botânico.

O local estava fechado: a placa dizia que o horário de funcionamento era das 8 às 17 horas. E, pelos cálculos de Gael, deviam ser pouco mais de sete horas. Aquilo, porém, não iria barrar a garota. Ela estalou os dedos e o portão de ferro se abriu o suficiente para deixá-los passar. Os funcionários que os viram não pareceram se importar.

– E agora? – perguntou ele, parado na avenida ladeada pelas imensas palmeiras imperiais, que iam dar numa fonte. Aquilo era a coisa mais linda que já vira: podia imaginar Dom Pedro II e a imperatriz Teresa Cristina andando por ali... “Acho que as palmeiras eram mais baixinhas no tempo deles”, pensou, com um sorriso.

– Tu querias ir para o Parque da Tijuca, não querias? – Anuk apontou para a esquerda. – Ele fica bem atrás do Jardim Botânico. O mais fácil é irmos por aqui; no fim desta avenida tem um lago e, mais para cima, um museu. Depois do museu é praticamente mata. Lá para trás tem algumas ruas e favelas, mas ninguém vai prestar atenção na gente.

Ela já tomara o caminho que dava no lago. Gael olhava avidamente os detalhes do jardim. Era lindo e cheio de esculturas, construções do tempo do Império, árvores centenárias. De certo ponto ele viu, lá no alto, o Cristo Redentor. Parecia bem pequeno...

O lago que a gêmea citara estava cheio de vitórias-régias; quanto ao museu, que se chamava Casa dos Pilões, possuía típica arquitetura colonial. Ele teve saudades de seu caderno de relatórios do colégio. Sua professora de História ia delirar se descrevesse o que estava vendo... Bem, na verdade ela suspeitaria de que ele usava drogas se contasse que havia fugido de uma fortaleza celta-ibérica onde as pessoas viviam como num feudo da Idade Média. Exceto pelos celulares e pela energia elétrica. Ah, sim, e pela magia...

Deram a volta no museu e entraram por uma trilha que ia na direção desejada, o Morro da Tijuca. Anuk olhou de esguelha o filho de Oriana; ele parecia um turista feliz numa excursão. E ela não aguentava mais fazer-se de gêmea boazinha. Quando visse Mirele de novo, iria socá-la. Fora dela a ideia ridícula de trocarem de lugar, não fora? Xingou a irmã estúpida e a aberração

imbecil que a convencera a se enfiar de novo no meio do mato. Então lembrou-se da última vez que vira a irmã – semimorta no templo. Estremeceu, pensando que a mãe usara a energia vital de Mirele para trazer Crom à vida porque pensara tratar-se dela, Anuk. Se as gêmeas não tivessem trocado as roupas, seria *ela* a jazer entre a vida e a morte na Citânia...

Já a recordação do beijo que Gael dera na irmã fez seu humor piorar ainda mais.

“E aqui estamos nós de novo num passeio ecológico insuportável”, pensou, indecisa entre xingar a sandália de tiras que não protegia seus dedinhos contra a terra ou o sol que não esquentava de jeito nenhum.

– Acho que podemos descansar um pouco – disse Gael, sentando-se junto a uma árvore. – E você devia trocar de roupa de uma vez.

Afinal, estavam no inverno. O sol sumira e nuvens cinzentas agora cobriam boa parte do azul do céu. A manhã chegara ao fim.

Ela resmungou. Não estava nem um pouco ansiosa para colocar aquelas roupas horrorosas, e até ali não haviam encontrado um local abrigado que servisse como provador.

– Aquela árvore vai servir – disse, mexendo na mochila. Pegou uma camiseta, o moletom, as meias e os tênis. – Tu vais olhar para outro lado, ouviste? Se eu perceber que estás espiando, esgano-te!

Gael sorriu.

– Tem hora que você parece a Anuk falando.

Ela mordeu os lábios. Sempre se esquecia da intragável docilidade da irmã.

– Vais olhar para lá ou não? – retrucou, chorosa. – Por favor, Gael...

Ainda sentado, ele obedeceu. Voltou-se para o lado oposto, e a garota tratou de ir para trás da tal árvore. Tirou o agasalho e o vestido, enfiando as roupas baratas o mais depressa que pôde. Voltou para junto dele ainda sem amarrar os cordões dos tênis.

Gael voltou-se e conferiu o resultado: enfiada num conjunto de moletom esportivo de cor bege, a adolescente parecia um garoto pronto a treinar futebol ou vôlei.

Ela se sentou ao seu lado. Sentia um vazio no estômago. Sem uma palavra, tomou a mochila que ele descera das costas e encontrou os sanduíches. Pegou um e deu uma mordida. Gael não esperou convite e se serviu de um também.

Após detonar o sanduíche e tomar água, ela se sentiu menos irritada. Olhou ao redor, na dúvida se ainda estariam no terreno do Jardim Botânico ou se já haviam penetrado a área da Floresta da Tijuca. Não estava certa de que o plano dele funcionaria e ainda sentia a dor das chicotadas que tomara da tal deusa indígena...

– Como se faz pra atrair um deus da floresta? – indagou ele, após um gole de água.

– Da outra vez a Oriana atraiu Anhangá sem querer, usando magia para acender uma fogueira – lembrou a garota.

– A Anuk te contou isso também?

– Foi.

A pergunta de Gael não parecia conter qualquer ponta de desconfiança.

– Posso acender uma fogueira da mesma forma, se quiseres – ofereceu ela, sentindo-se mais segura. – Combustão é magia simples.

– Legal!

O garoto se afastou para juntar alguns gravetos, que amontoou a seus pés.

– Manda ver! – incentivou.

– Mas não sei se já entramos na floresta. Podemos ainda estar em terreno urbano. Deuses indígenas não aparecem em terreno urbano.

– Bom, a gente tem que tentar, não tem? Se Anhangá não aparecer, entramos mais no mato e tentamos de novo.

Um estalar de dedos depois e os gravetos ardiam placidamente, oferecendo um pouco de calor para combater o frio. Gael voltou a se sentar e Anuk se aconchegou a ele. Não demorou a encontrar os lábios que a esperavam...

Como ele beijava bem! Anuk começava a se viciar na sensação maravilhosa de se sentir amada... “Ei, espera aí!”, alertou-a um pensamento. “Ele pensa que está beijando a Mirele! Quer dizer... está traindo a Anuk! *Me traindo!*”

De modo abrupto, ela se desligou dos lábios masculinos e o empurrou.

– Estás traindo a Anuk! – repetiu em voz alta.

– Estou mesmo?

Anuk prendeu a respiração. Será que ele descobrira que...?

– Desculpa, Mirele. É que vocês duas são tão parecidas que eu... só me confundi.

Gael abraçou os próprios joelhos e ficou olhando para as chamas da fogueira. Anuk voltou a sentir frio, apesar de agora estar agasalhada.

– Como podes amar aquela grossa da Anuk? – perguntou, com raiva de si mesma. Estragara um beijo delicioso porque ele a traía... beijando-a!

O garoto voltou a encará-la. O brilho das chamas destacava o dourado-escuro de seus olhos.

– Eu a amo e a odeio. E por odiá-la é que eu a amo mais.

– Você seria mais feliz com alguém como a... como eu.

Os lábios gostosos se aproximaram de novo. Anuk, ansiosa, colocou sua boca a milímetros do futuro beijo.

– Você é linda, cheia de qualidades... – sussurrou Gael.

– Sou?

– É.

Ela chegou mais perto.

– Mas não é a Anuk. Me desculpa, tá?

E o adolescente girou o rosto novamente na direção da fogueira.

A garota quase explodiu de tanta indignação. Ele a dispensava!

Não. Na verdade, dispensava Mirele. Mas isto não a impedia de se sentir rejeitada!

– Tem alguém se aproximando – avisou Gael, largando os joelhos para se levantar. – E acho que não é Anhangá.

A garota se ergueu. Também sentia uma presença próxima. À sua frente, ao redor da fogueira, a mata estava sendo tomada por uma espécie de neblina baixa. E ela vivera tempo suficiente no Rio de Janeiro para saber que aquele tipo de neblina não surgiria quase no nível do mar. Aquilo não era normal. *Era magia.*

Olhou para Gael. O garoto puxara os cabelos atrás das orelhas felinas para ouvir melhor. Seus dedos sob as luvas estavam esticados, prontos a distender as garras. E as pupilas, em seus olhos, cresceram como as pupilas de um gato. Um grande gato...

Foi então que Gael rosnou e Anuk se sentiu desfalecer.

Ainda não eram oito horas da manhã, mas a escuridão desceu sobre eles.

CAPÍTULO 12

Em pé de guerra



SHANTEL OBSERVAVA CROM LIDAR com os comandantes da guarnição. Falavam a linguagem universal da guerra. Apesar de ser recém-chegado ao Brasil, o deus celta conhecia os ancestrais dos clãs mágicos que viviam por perto. E aquele era seu elemento: matar, comandar. Debruçado sobre vários mapas, ele detalhava ofensivas.

A druidesa acabara de ser abordada por um dos guardas das celas, que a avisara de que Eurico piorara. Mais uma vez, ela teve de colocar os desígnios de Crom à frente dos seus: desejava a morte do tio, porém seu senhor pretendia que ele vivesse. Ordenou ao homem que mandasse escravos entendidos em medicamentos para tratar do velho. Além disso, cuidar do pai manteria Oriana ocupada, não lhe dando tempo de pensar em fugas.

Deu uma olhada no mapa sobre a mesa. Ele apontava algumas das fortificações ocultas espalhadas pelo território brasileiro. As maiores eram a dos brácaros no Rio, dos al-gharbios em São Paulo e dos iorubás na Bahia. Mas havia clãs menores, como os helens, isolados em Vila Velha, no Espírito Santo; os indígenas, liderados pelos kamayurás no Xingu e os jaguaras no Amazonas; e não podiam desprezar os shintos, de origem oriental, instalados no Vale do Paraíba, a meio caminho entre Rio e São Paulo. Apesar de reduzidos em número, estes eram temidos pela perícia que seus samurais demonstravam na luta.

– Para atacar os clãs – disse um dos comandantes a Crom –, teremos de levar em conta os elementais. Eles podem se aliar a algum clã e interferir.

Éolos, sílfides e dríades são tradicionalmente amigos dos helens, e os igpupiaras apoiam os indígenas.

– Se forem como os *faerie* da Irlanda, sua magia é básica e são fáceis de escravizar – comentou o deus. – Há rituais para lidar com eles. Enquanto isso, preparai um destacamento para ir a São Paulo. Tomaremos a fortaleza dos al-gharbios primeiro...

Nessa altura, um novo emissário veio à procura de Shantel. A druidesa o viu curvar-se com o rosto pálido. Sinal de más notícias.

– Senhora, procuramos há horas, mas ninguém encontrou o menor sinal da moça humana. Não pode ter deixado a Citânia, porque após a fuga de Galaor colocamos vigias de confiança nas três muralhas. Também não localizamos a senhora Mirele. Tentaríamos uma busca mágica, mas acontece que, desde ontem, nossa magia...

– Não funciona dentro das muralhas, eu sei – ela mordeu o lábio inferior, furiosa por sua própria estratégia voltar-se contra ela. Através dos pilares, concentrara todas as forças mágicas em Crom, e agora nenhum dos encantamentos básicos era possível. – Continuai procurando, vasculhai os alojamentos dos escravos. Não admitirei falhas!

A palidez do brácaro aumentou ao ouvir as últimas palavras da druidesa. Não queria pensar nas implicações de falhar diante da nova ordem que comandava o clã.

Salvador

JOÃO NÃO AGUENTOU MAIS ficar no hospital do quilombo. Naquela manhã mesmo voltou para a casa de Nan. Estava praticamente curado, graças aos médicos e, claro, à magia dos mãos-de-ofá. Esperava que Akinlana fosse vê-lo ainda naquele dia, mas na hora do almoço Nan informou que o rei iorubá havia saído em viagem logo cedo.

– Pra onde ele foi? – indagou João, perplexo. – Até esta madrugada estava reunido com todos aqueles chefes.

– Foi convocar guerreiros pelos mocambos – ela explicou. – Depois do que o Tiago contou, os clãs se decidiram pela guerra. Vão se unir para combater os

brácaros.

– Todos mesmo? Os africanos, os índios, todos?

– A decisão foi de todo mundo. E aceita pelos érin. A senhora Cáitlin mandou o guerreiro que estava com ela de volta pra Irlanda. Até o clã celta mais antigo vai se envolver. E faz séculos que eles não se envolvem com nada fora da ilha deles...

O humano ficou um tempo em silêncio, ruminando a informação. O coração se apertava quando pensava que Tiago, Carol e Gael estavam na terra dos tais brácaros. O que seria deles, presos no meio de uma guerra daquelas?!

Ele tomou uma colherada da sopa que Nan acabara de lhe servir. Era suculenta e o fazia sentir-se melhor. Quando terminou, estava com a mente bem menos confusa. Levantou-se, animado.

– Bom, tenho muito que fazer. Quero que você me leve pra falar com os comandantes dos guerreiros de Akinlana. Se eles vão sair para a guerra, eu vou junto. E tenho pouco tempo pra me preparar. Quanto antes começar, melhor!

Rio de Janeiro

ERA HORA DO ALMOÇO, mas ninguém entregou comida aos prisioneiros, além da que Belmira trouxera pela manhã. Kassib dividiu igualmente o que restava entre eles, separando mais frutas para Eurico e Oriana. O ex-chefe brácaro, porém, mal ingeriu o que a filha lhe deu; e ela estava tão preocupada com o estado do pai que quase não se alimentou. Sua mente fervilhava de pensamentos descontraídos.

Tiago veio tirá-la da cama de pedra e instou para que comesse algo.

– Você não vai ajudar seu pai se ficar doente também – disse-lhe. – Tem que se manter forte. Pense no Gael: ele deve estar preocupado com a gente, e procurando ajuda. Quando sairmos daqui, não vamos querer decepcionar nosso filho, não é?

Ela sorriu ao pensar no adolescente. O pouco tempo que passara com ele a fizera amá-lo profundamente, não apenas por ser filho dela e de Rudá, mas principalmente pelo caráter que demonstrara. Apesar do medo do que

poderia lhe acontecer, ela nunca sentira tanto orgulho na vida quanto ao vê-lo oferecer o próprio pescoço para salvar Viriato. O tio que o jogara para a morte... Com um suspiro, pegou a fruta que o humano lhe oferecia.

– Não imaginas como isso é difícil para mim. Passei décadas odiando Eurico, e agora ele está aqui, doente, dependendo dos meus cuidados... É uma sensação estranha. Eu o odeio por tudo que ele fez, por ter mandado matar Gael. Mas ainda é meu pai.

Estavam nessa conversa quando ouviram os ferrolhos da porta. Viram Belmira entrar, trazendo uma cesta e enrolada numa manta esfarrapada.

– Trouxe os remédios do velho – resmungou ela, enquanto o guarda segurava a porta. – Mas não vou me demorar! Vê se apareces logo quando eu chamar. Este lugar vai feder mais ainda quando eu aplicar os unguentos!

O brácaro resmungou de volta, e Oriana notou que desta vez ele não ficou vigiando pela abertura gradeada na porta. O érin, respondendo a um gesto seu, foi colocar-se diante da abertura. E Belmira, sem perder tempo, desvencilhou-se do manto. Trazia um vestido igual ao seu para Oriana.

– Aqui está, senhora. E só terás de mancar como eu. Também ajuda se resmungares o tempo todo, eles estão acostumados às minhas reclamações...

Em poucos minutos a velha escrava estava sentada na cama de Eurico, envolta no manto fino que trouxera horas antes para Oriana, enquanto esta, curvada, vestida como ela e enrolada nos farrapos, ia bater na porta. Belmira exclamou:

– Abre logo, que estou com pressa! O infeliz inchou e ainda vou ter de preparar um chá de ervas contra inchaço, era só o que me faltava...

Um guarda espiou pela abertura e logo a porta se abria. Oriana saiu mancando, sem parar de resmungar, imitando a voz da escrava.

– Daqui a uma hora eu volto com o chá. Não se tem mesmo sossego nesta casa, além de todo o trabalho na cozinha ainda tenho de preparar chás para os doentes...

Os guerreiros aferrolharam a porta de novo e a deixaram passar. Oriana manteve o andar claudicante e os resmungos até terminar de subir as escadarias de pedra que iam dar no pátio. Ali, parou e encostou-se na parede,

o coração disparado. Havia conseguido! Mas tinha apenas uma hora de liberdade. O que faria primeiro?

Seu coração a levaria para os aposentos de Shantel, onde poderia encontrar Tariq. Sabia, porém, que lá haveria guardas; além disso, o mais urgente era investigar que tipo de encantamento a prima pusera em ação. O melhor local era o templo.

Sem deixar de mancar, e sempre se lembrando de resmungar como Belmira, ela enveredou pelos corredores que serviam aos escravos. Conhecia-os bem, desde os tempos em que Viriato a escondia das surras do pai. Havia um quarto no primeiro andar...

Em minutos chegaria ao templo pela entrada dos fundos.

EM QUALQUER CORREDOR ou pátio que percorresse, Tariq via guardas a serviço da druidesa. Não apenas eles o mantinham vigiado e dentro do perímetro da casa, mas pareciam também ter sido instruídos a humilhá-lo sempre que possível.

Quando se dirigia às salas que costumavam ser usadas por Eurico, planejando tentar ouvir o que Crom tramava com os comandantes brácaros, ouviu um guarda bradar:

– Aonde vais, escravo?

– Vou encontrar Shantel – respondeu, fitando o homem nos olhos.

A bofetada que tomou o pegou de surpresa. Arremessado contra a parede às suas costas, ele ia revidar, porém sentiu a espada do guerreiro em seu pescoço.

– Não te dirijas à senhora druidesa como tua igual! E deves respeito à guarda da Citânia, escravo. Eu perguntei aonde vais!

O al-gharbio tratou de engolir a revolta. Se queria viver para escapar dali, tinha de se conformar à situação. Agir como um servo. Baixou o olhar.

– Vou ao encontro de minha senhora.

O outro afastou a espada. Sorriu com escárnio.

– A senhora não quer ser incomodada. E não tens permissão de entrar nesta parte da casa.

Mantendo a cabeça baixa, ele lembrou ter ouvido um grupo de guerreiros, na cozinha, queixando-se das ordens para procurar por Mirele e Gael. Aparentemente, os dois haviam escapado... Precisava saber se isso era verdade.

– Queria ao menos ver minhas filhas. Podes dizer-me onde estão elas?

O guerreiro devolveu a espada à bainha.

– Não sei da senhora Mirele, mas a senhora Anuk está no templo. Poderás vê-la. E, quem sabe, rezar por teu povo... não vai sobrar muito dele, depois que o nobre Crom Cruach passar por São Paulo!

Tariq voltou pelo corredor, após forçar-se a fazer nova curvatura ao guerreiro. O esforço que aquilo lhe custava era tremendo. Enquanto procurava um caminho, de preferência sem trombar com mais guardas, pensava que sempre tratara os próprios servos com frieza e severidade. Nunca lhe ocorrera que um dia também teria de ser subserviente. Sorriu de leve; tinha de admitir que, talvez, merecesse ser humilhado... Jurou que, se voltasse à sua casa, a situação mudaria. Muito.

Seu clã, porém, não merecia qualquer tipo de humilhação. Tinha de achar uma forma de escapar e ir defendê-lo. Se ao menos não tivesse enviado seu segundo em comando, Hanef, para o quilombo com a senhora érin... Deixara a fortaleza sem uma liderança forte. Mas como poderia ter imaginado que a situação tomaria tal rumo? Era preciso mandar uma mensagem aos iorubás. Akinlana se mobilizaria contra os brácaros.

Afinal, depois de perambular um pouco, ele encontrou o rumo para a entrada principal do templo, uma porta dupla trabalhada com espirais em relevo sobre a madeira.

Maricá

NITERÓI FORA ULTRAPASSADA com rapidez pelo carro vermelho, que após deixar a longa ponte voltara a ter cor branca. Pensando que a magia de Mirele até que durara bastante, Galaor acelerou o máximo que o carrinho lhe permitia e seguiu a toda pressa até atingir o acesso à rodovia RJ 106. Somente então relaxou e diminuiu a velocidade.

Em poucas horas estaria no aeroporto de Cabo Frio. Aí seria questão de devolver o carro à filial da locadora e comprar uma passagem para a Bahia.

Assim que entrou no município de Maricá, ele se sentiu seguro o bastante para parar em um posto de beira de estrada. Ia abastecer e tomar um lanche.

Foi quando saiu da lanchonete que ele se deu conta do erro que cometera. Os dois SUVs negros estavam parados bem atrás do sedã branco, e seus ocupantes – sete guerreiros sob o comando de Hélio – o esperavam em um semicírculo, as espadas desembainhadas e as vestes brácaras ocultas dos olhos humanos.

O filho de Eurico avaliou a situação, à procura de alternativas. Acabou concluindo que seria inútil resistir. A magia que poderia usar para confundir os perseguidores seria facilmente contrabalançada por oito guerreiros. Além disso, Hélio não era muito fiel à política antiarmas da Citânia, que permitia apenas lanças, espadas e encantamentos: seu ex-homem de confiança tinha uma pistola 9 mm apontada diretamente para sua cabeça.

“Vamos com calma”, disse a si mesmo, enquanto sorria desafiadoramente para o outro e cruzava os braços, aparentando uma serenidade que não sentia.

– Então é assim? – disse, tranquilo. – Tu serves fielmente à família líder do clã por décadas, e basta um usurpador barato aparecer para virares a casaca?

A um sinal de Hélio, dois guerreiros se aproximaram dele, tiraram-lhe a espada da bainha e puxaram suas mãos para trás. Um terceiro trouxe uma corda para amarrá-las.

– Crom Cruach não é um usurpador barato. É um deus – retrucou Hélio.
– E continuamos servindo à tua família, Galaor. Só que agora é a druidesa que está no comando.

– Entendo – o outro fremia de ódio, enquanto os homens o empurravam para o estacionamento. – E tu usaste a magia de minha querida esposa para me encontrar.

Foi jogado no banco de trás de um dos carros e ladeado por dois brutamontes. Hélio entrou no banco da frente. O motorista deu a partida e ele riu alto.

– Quem precisa de magia quando temos a tecnologia? A druidesa não quis gastar energia mágica contigo. Só precisamos disto aqui...

O guerreiro abriu uma caixa de madeira entalhada que pegou ao lado do banco. Galaor viu, surpreso, um aparelhinho com GPS embutido. Eles o tinham seguido com aquilo? Para isso, teriam de ter colocado nele algum tipo de localizador! E não tinham tido tempo de plantar nenhum dispositivo nele, desde que fugira da Citânia... Ou tinham?

Hélio riu mais ainda ao ver seu antigo chefe vasculhando com o olhar as próprias roupas. Os olhos de ambos se encontraram no broche de ouro que prendia a capa negra.

– Bingo! – exclamou o guerreiro, enquanto os outros riam às gargalhadas.

Galaor afundou no banco do carro, sombrio.

Aquele broche fora um presente de Shantel em seu último aniversário...

Rio de Janeiro

NO ALTAR DO TEMPLO havia um enorme pilar de granito, coberto com placas de ouro e prata. Ao seu redor, doze pilares menores. Tariq conhecia suficientemente as tradições para saber que aquilo reproduzia o templo de Crom Cruach. Povos antigos haviam sacrificado crianças a ele, em locais semelhantes.

Diante do altar estava a garota semimorta. Ele correu para ela, ao mesmo tempo em que, de uma porta nos fundos, entrava uma mulher com vestes de escrava.

Ele não lhe deu atenção. Ninguém podia censurá-lo por estar ali...

E então percebeu que a mulher se aproximava mais do que deveria.

Voltou-se e viu que a recém-chegada não era escrava coisa nenhuma.

Teve de se conter para não abraçar Oriana.

– Como estás? – perguntou ela, parecendo também conter-se a custo.

– Bem, por ora. E tu? Disseram-me que estavas presa numa cela.

– E estou – sorriu ela, corajosamente. – Tenho menos de uma hora para voltar lá. Mas preciso entender o que aconteceu aqui...

Ela se inclinou sobre a garota adormecida. Tariq ajoelhou-se junto à filha.

Oriana examinava os detalhes do recinto: o sangue que manchava o chão, o altar, os menires. A prima devia ter planejado tudo aquilo em detalhes, para obter tal resultado.

– Shantel sacrificou seu sangue, a carne de Viriato e a vida da própria filha para trazer Crom a este plano. Pobre Anuk... não merecia isto.

Enxugando discretamente uma lágrima, Tariq ergueu-se.

– Esta não é Anuk – revelou ele. – É Mirele. Reconheci Anuk vestida como Mirele assim que pus os olhos nela, dentro do salão.

Oriana conferiu os braços da garota. Realmente, se fosse Anuk, ela deveria ter ainda na pele algumas das marcas que ela mesma mantinha, deixadas pela surra que ambas haviam recebido de Anhangá.

– E por que as duas trocariam de lugar? – indagou, perplexa.

– Possivelmente para testar teu filho – supôs ele, com um meio sorriso.

Ela recordou a atração que testemunhara entre Gael e Anuk, e os ciúmes que esta demonstrara quando tinham encontrado Mirele no shopping.

– Onde estará a outra gêmea? E meu filho?

– Fugiram – suspirou ele. Contou-lhe a conversa dos guerreiros que entreouvira.

– Então ele conseguiu escapar da Citânia... com Anuk. E, possivelmente, Galaor. Que a deusa os ajude a chegar a um aliado. Por felicidade, os iorubás foram informados.

Tariq relaxou ao ouvi-la contar sobre Tiago e a pedra que possibilitara a comunicação com Akinlana.

– Hanef deve estar na Bahia com a senhora Cáitlin. Isso me tranquiliza. Ele avisará meu clã do perigo que os brácaros agora representam. Será que... Há algo que possas fazer para libertar Mirele deste feitiço?

– É magia num nível muito avançado – lamentou Oriana.

Tariq segurou as mãos da mulher que amava mais que nunca.

– Mas podes tentar descobrir como desfazê-la, não? – pediu.

– Não sou tão boa quanto...

– Shantel? Duvido disso. Apenas paraste de estudar e ela não.

– Não é tão simples. Eu...

– Faz isso por nossos filhos. Por mim!

Ela assentiu, apesar de insegura. Se vasculhasse a memória, poderia recordar alguma alternativa. Ao menos agora entendia como as coisas tinham se passado e por que nenhum encantamento funcionava: ao ceder a força vital de sua filha para que o deus tomasse o corpo de Viriato, a druidesa abriu um vórtice energético que fizera toda a magia disponível convergir para Crom. Cada um daqueles doze menires sugava energia mágica de uma região da Citânia e conduzia essa força ao pilar central.

– Aquele pilar – explicou ela – está ligado a Crom Cruach. Conduz toda a força mágica ao deus, e é por isso que nenhuma outra magia funcionará no perímetro das três muralhas, enquanto ele estiver neste plano.

– E se derrubarmos o menir? Todos os doze? – Tariq sugeriu.

– Muito perigoso. A energia liberada poderia explodir com a Citânia inteira. Não... preciso pensar mais... Deve haver um contrafeitiço.

Cansado de conter-se, ele a abraçou. Mas ela não permitiu que a beijasse. Afastou-se, fazendo o que talvez fosse o maior esforço que já fizera na vida.

– Tenho de voltar à cela e destocar com Belmira. Talvez possamos nos ver aqui, de novo. Deves estar sofrendo horrores nas mãos de minha prima. Se houvesse outra forma...

– Neste momento, não temos alternativa – murmurou ele. – Vai, Oriana. E... Aconteça o que acontecer, precisas saber que és a única mulher que amei na vida.

Ela não respondeu. Ajeitou a manta velha e saiu pela porta nos fundos do templo. Quanto a Tariq, voltou a ajoelhar-se diante do corpo da filha. Nunca fora muito ligado aos deuses, mas agora pedia fervorosamente à deusa Cal-leach que protegesse suas meninas.

A DOR ESTAVA SE TORNANDO mais forte do que Anuk podia suportar.

Abriu os olhos e percebeu Gael a seu lado, dizendo alguma coisa... Algo que seus ouvidos custavam a registrar. Estavam tomados pela neblina e por um zumbido insistente.

– Fala comigo... – pedia ele. – O que tá acontecendo?

A garota finalmente o entendeu. Viu-o em pé diante de si. Estava ajoelhada, os braços para trás como se estivessem amarrados – mas não estavam. Pelo menos não por cordas. Ela tentou se mexer e a dor voltou. Era melhor ficar quietinha.

– Gael... paralisada... magia.

O filho de Oriana se ajoelhou diante dela e a abraçou. O calor de seu corpo a fazia sentir-se melhor, porém não neutralizava o encantamento que a paralisava.

– A gente ainda está no Jardim Botânico, só que viemos parar num outro lugar – explicou ele, enquanto a mantinha entre seus braços. – É uma clareira pequena, no alto de uma elevação em forma de círculo. Sei que não estamos longe, porque acima da neblina ainda posso ver o alto daquelas palmeiras imensas. Quem fez isso, você sabe?

Anuk olhou ao redor, tentando inutilmente vencer o torpor. Gael estava certo: tinham sido removidos do ponto em que haviam descansado. O morrinho circular a lembrava de alguma coisa... uma história que ouvira, certa vez... o que era, mesmo?

E, se alguém os estava aprisionando ali, por que a paralisara, deixando o garoto livre? Não fazia sentido. A não ser... a não ser que...

A ideia era assustadora, mas podia explicar tudo. Se o que pensava acontecera, ela provavelmente não sairia dali viva. Mas ele precisava ir embora. Alcançar o terreno da floresta, onde *eles* não teriam poder. Respirou fundo e balbuciou:

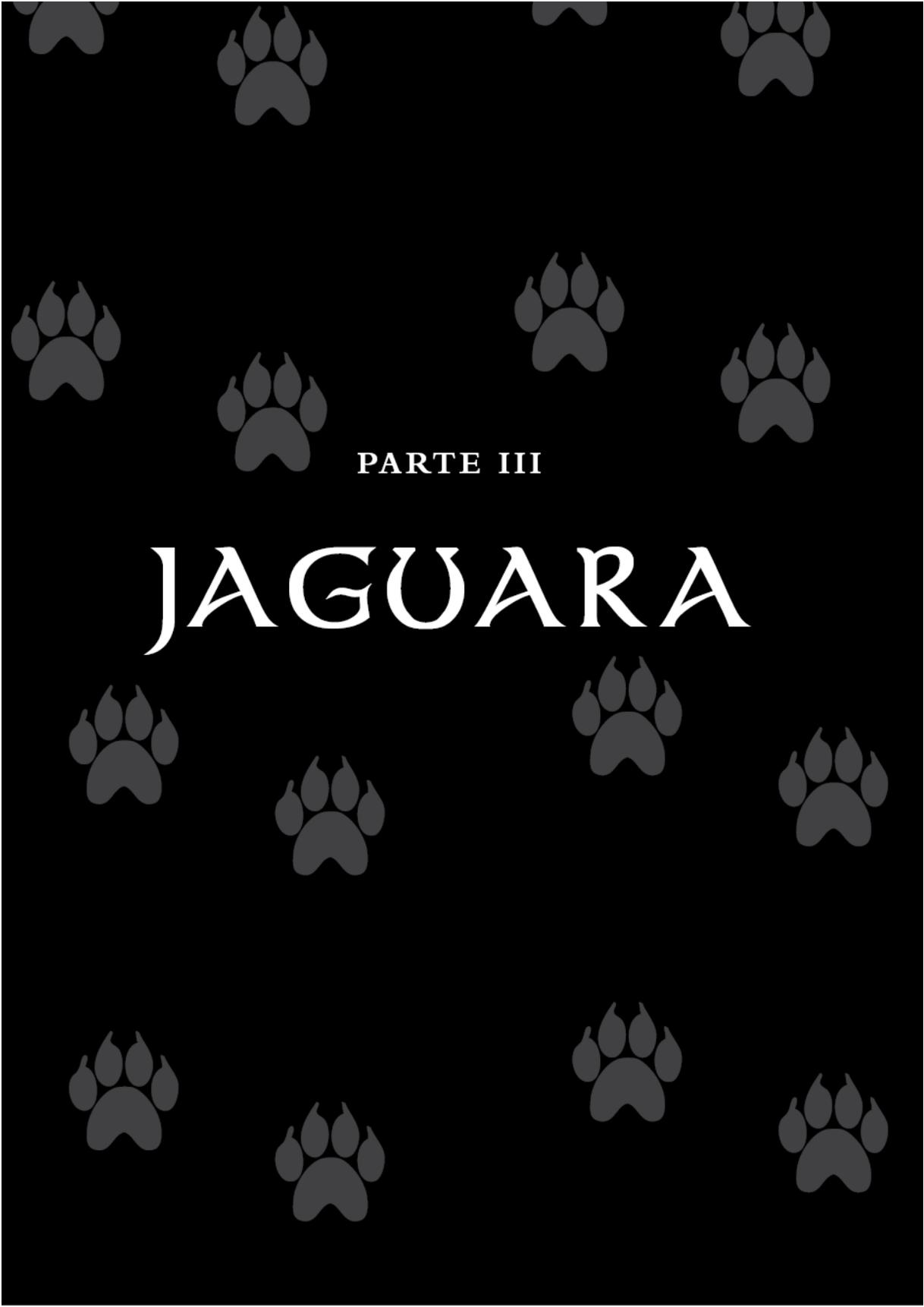
– Tens... de fugir. Corre... pra floresta... procura... índios.

Ele a abraçou com mais força.

– De jeito nenhum! Não vou deixar você.

No instante seguinte, os medos de Anuk se materializaram. E tomaram a forma de um ser semitransparente, que apareceu plantado no centro da clareira. Seus olhos reluziam em branco, fixados nos dois jovens; seu rosto mudava conforme soprava a brisa, aparecendo e desaparecendo entre a neblina.

Era tarde demais para Gael escapar. Os dois estavam irremediavelmente à mercê daquelas criaturas.



PARTE III

JAGUARA

CAPÍTULO 1

Faerie



Salvador

A ATMOSFERA NO QUILOMBO mudara completamente: nem festas, nem cantorias, nem caçadas. Todos se preparavam para a guerra. Iwati foi o primeiro a partir, com seus guerreiros. Depois Cáitlin acompanhou Egeu às terras do Espírito Santo, para reunir o exército helen. Todos deveriam encontrar-se num local estratégico no estado do Rio, ao qual Akinlana chamava Agulha da Magia.

Hanef viajou às pressas para São Paulo, após saber do aprisionamento de Tariq e das inquietantes intenções de Crom, de invadir a terra dos algharbios. Com o chefe do clã fora de ação, recairia sobre ele a responsabilidade de organizar a defesa da cidadela.

Quanto ao rei dos iorubás, partiria somente com a comitiva final, que Nan também integraria.

João teria pouco tempo para treinar. Um dos comandantes o incluía no destacamento de cem lanceiros iorubás que seguiriam na retaguarda, armados de lanças curtas; serviriam especificamente como apoio aos duzentos guerreiros mais experientes da vanguarda, portadores de espadas. Haveria outros lanceiros, para apoio nos flancos do ataque, mas o dele seria um dos mais próximos da linha de frente. Isso, fora outros contingentes que ainda viriam...

Como Nan lhe explicou, ele teria de aprender os rudimentos da luta, do uso da lança, do escudo. O treinamento seria intenso.

– O mais importante é seguir as ordens e agir sempre com o grupo – disse Nan. – Nenhum guerreiro vence sozinho; a força dos quilombolas sempre esteve na união.

João absorveu o conselho, dizendo a si mesmo que aquilo seria necessário para salvar Tiago, Carol e Gael. Para sua surpresa, não sentiu medo.

“Serei um guerreiro”, pensou de repente, com um orgulho que nunca sentira, enquanto o sol ganhava força para um belo início de tarde em Salvador.

Rio de Janeiro

VOLTAR À CELA e destocar de lugar com Belmira foi tremendamente difícil para Oriana. A caminho, ela sentia ímpetos de fugir correndo, buscar um esconderijo, escalar as muralhas da Citânia para ver-se longe dali. Mas, se o instinto a aconselhava a escapar, o sentimento do dever lhe dizia que não podia; tinha de submeter-se à terrível provação que era ser prisioneira de Shantel. Se Tariq se resignava a ser escravizado por sua prima, ela não podia decepcioná-lo. Ademais, precisava estudar o encantamento que prendia Mirele.

Voltou à prisão resmungando como se fosse a velha serva, e os guardas nada perceberam. Belmira trocou de manto com ela outra vez e deixou o cubículo, assegurando que voltaria assim que possível, embora isso pudesse demorar. Da última vez que encontrara Shantel, vira desconfiança nos olhos da druidesa...

Na cela, Oriana escondeu o vestido da escrava, que colocara por cima de suas roupas, e foi conferir o estado de Eurico. Finnath estava junto dele.

– Teu pai não está bem – confidenciou o érin. – A febre cedeu, mas ele continua alheio, confuso. Precisa de um médico ou curandeiro; seu mal deve ter sido agravado pela magia.

– Achas que um atendimento mágico poderia curá-lo? – Ela estava angustiada ao perceber que, em apenas uma hora, o pai parecia ter definhado bastante.

O érin olhou-a com honestidade no semblante.

– Tu não és criança, Oriana, podes encarar os fatos. Eurico está morrendo. Nada mudará isso. Mas um atendimento imediato adiaria o inevitável.

Ela fitou o pai adormecido, obstinada. Lutaria para adiar o inevitável.

– E lá fora, descobriste algo que nos possa ser útil? – perguntou o outro.

ANUK APROVEITOU que estava na pele de Mirele para gemer; como ela mesma, jamais se permitiria demonstrar fraqueza. E a dor da paralisia era tremenda! Mais vultos começavam a surgir na clareira, translúcidos e de olhos brilhantes; seriam belos se não fossem tão assustadores. Quando o primeiro vulto, já mais sólido, se aproximou, Gael soltou a garota e se pôs diante dela, em atitude de proteção. Tinha consciência, contudo, de que não possuía qualquer vantagem sobre aquelas criaturas. Elas exalavam magia.

O primeiro ser que surgira veio serenamente até eles. Não era possível discernir se era homem ou mulher, jovem ou velho.

– Afasta-te, filhote de jaguara – ordenou-lhe. – Nada temos contra ti.

– Não – Gael declarou, fechando a cara.

Três outros reuniram-se ao primeiro, todos indefiníveis, belos, calmos.

– És livre para fazer o que quiseres – disse um deles –, mas a brácará nos pertence.

– O que vocês querem com ela?

Um terceiro ser pousou a mão alguns centímetros acima da cabeça de Anuk, como que captando seus pensamentos. Ela desistira de fingir a docilidade de Mirele, fazia de tudo para se soltar das invisíveis amarras, sem sucesso. Os liames mágicos eram inquebráveis: quanto mais força fazia, mais dor causava a si mesma. Então o quarto vulto falou.

– Há séculos os brácaros escravizam a nós e aos nossos irmãos. Absorvem nossa magia, tratam-nos como inferiores, pior ainda do que tratam os animais. Esta aqui, mesmo, sempre se orgulhou de aprisionar vários filhos dos elementos.

– Vocês são elementais – o filho de Oriana apertou os olhos. – Seres da natureza.

A resposta veio do que se aproximara primeiro, que trazia um ar de autoridade.

– Somos *Faerie*, filho de jaguara. E agora que já nos conheces e sabes de nossos motivos, vai-te daqui. Além daquelas árvores termina o parque e começa a floresta. Lá é o domínio de povos nativos, teus parentes.

Anuk cansou de resistir. Não tinha poder contra um grupo tão numeroso do povo das fadas. E mais deles estavam chegando. Baixou a cabeça e murmurou fracamente:

– Eles têm razão. Vai embora, Gael... Isto não te diz respeito.

Suas palavras, obviamente, apenas serviram para atizar a resolução dele.

– Não vou a lugar nenhum.

– Tu é que sabes – retrucou o segundo dos elementais.

Sem entender como, Gael sentiu que o afastavam da garota. Foi parar no meio de várias criaturas que agora formavam um círculo em torno do morrinho. Do povo que se autodenominava *Faerie*, apenas o líder e os outros três permaneceram no centro.

Anuk recordou que, quando criança, Belmira contava a ela e a Mirele histórias sobre o povo das fadas. A tradição dizia que se reuniam em locais circulares, elevações, anéis de fadas e círculos de cogumelos, delimitando clareiras onde apenas elementais tinham poder.

Suas recordações foram interrompidas pela voz do líder, que dava uma ordem.

– Levanta-te, brácara.

Ela sentiu as pernas livres, ergueu o corpo e se pôs de pé no centro do círculo. Sabia que não podia resistir-lhes, porém o olhar orgulhoso não deixou seu rosto.

– Vede! – exclamou o ser que sondara a mente da garota. – Temos uma aberração entre nós. Ela não é apenas brácara! Notai a cor de seus cabelos e olhos.

Risos irromperam no círculo. Havia quase uma centena de criaturas ali, agora.

– Uma mestiça?!

– Isso não se vê todo dia!

– A Rainha gostará de saber disso. Explica-te, aberração! – exigiu o líder.

Gael esperava vê-la irromper em insultos, mas ela disse apenas:

– Minha mãe é brácara, meu pai é al-gharbio.

Os al-gharbios não eram tão cícos em capturar elementais quanto os brácaros. Se ela esperava, porém, receber clemência por isso, frustrou-se. Soaram mais risadas.

– Mostrai o que faz essa aberração ser o que é! – gritou alguém no círculo.

A terceira criatura arrancou o agasalho, depois a camiseta de Anuk.

– Reparai nos tons de sua pele! É um pouco mais clara que a dos al-gharbios, não mostra as tatuagens que eles costumam ter nas espáduas ou na frente.

– E os brácaros sempre se orgulharam de não permitir miscigenação! – comentou a quarta criatura, que parecia divertir-se muito.

– O que mais ela oculta de nós? – outro elemental berrou.

– Tira tudo, aberração!

Gael não suportava mais ver a vergonha nos olhos dela. Quando o líder tocou as últimas roupas dela, o filho de Oriana sentiu um novo tipo de força brotar dentro de si, e rompeu a magia que o afastara. Não ia permitir que fizessem aquilo!

Saltou para dentro do círculo e se colocou na frente da garota.

– Deixem ela em paz! – ordenou, seus olhos faiscando numa cor alaranjada.

Duas enormes criaturas destacaram-se do círculo e se aproximaram, mas o líder fez com que se afastassem, num gesto. Dirigiu-se a Gael quase com bondade.

– Eu sei quem tu és – disse. – Tens tantos motivos quanto nós para odiá-los. Teu pai foi caçado pelos brácaros como um animal, e tentam matar-te desde que nasceste. Eles não têm escrúpulos em usar a escravidão e a violência contra os mais fracos. Sabes disso.

– Sim – admitiu ele. – Ela até pode merecer ser punida. Só que não é justo vocês fazerem isso aqui, agora. Ela é uma criança, não aprendeu a enxergar os elementais como seus iguais. Mas pode aprender.

O líder do povo das fadas sorriu. Os outros, porém, olhavam os dois adolescentes com ar feroz. Gael pensou que eles não tinham nada das fadas das histórias, os seres benévolos dos contos que Carol lera para ele. Não pareciam capazes de compaixão.

– O que dizes faz sentido, jaguara – o garoto notou que ele já não o tratava como um filhote. – Mesmo assim, o povo das fadas tem domínio sobre os parques, e tem leis rígidas. Uma delas diz que nossos inimigos devem ser capturados e punidos.

– Se não cumprirmos a lei, a Rainha nos pedirá contas! – gemeu a segunda criatura.

Anuk continuava olhando para o chão. O coração de Gael se apertou dolorosamente... Então recordou outra história que Carol lera para ele, há muito tempo.

– Certo – afirmou. – Sua lei deve ser respeitada, vocês têm o direito de punir quem escraviza seu povo. Mas peço pra libertarem a garota. Eu receberei o castigo no lugar dela.

Um murmúrio percorreu o círculo das fadas. Anuk ergueu os olhos, alarmada. Gael era mesmo filho de Oriana: completamente maluco! Quis protestar, porém o encantamento que lhe tolhia o corpo agora também lhe estrangulava a garganta. A voz não saiu.

– Por que atenderíamos ao teu pedido? Ela é a brácara, ela deve sofrer.

Gael percebeu que havia hesitação na voz dele.

– Não necessariamente. Vocês são *Faerie*. Seu nome e sua cultura vêm de tradições celtas. Li histórias ligadas a essa tradição, contos de cavalaria. Neles, se uma donzela é acusada de alguma coisa, um campeão pode se apresentar e lutar por ela. Sofrer por ela.

O líder cruzou os braços, zangado. Os outros se afastaram, alargando o círculo.

– Tais histórias não representam nossa cultura. Foram misturadas com narrativas romanas, bretãs, normandas, cristãs.

– Mas a tradição existe, não é? E se existe, é um precedente. Eu posso ser o campeão da brácara e receber o castigo dela. Que diferença vai fazer pra vocês?

Várias das criaturas protestaram, e uma delas respondeu, desanimada:

– Teremos de consultar nossa Rainha.

O líder olhou Gael nos olhos de onça, que faiscaram em castanho-dourado.

– Tens certeza de que queres fazer isso?

Gael olhou de lado e viu lágrimas escorrerem pela face da garota.

– Sim – disse, simplesmente.

– Vamos levá-lo – foi a decisão do outro.

E, diante dos olhos da filha de Shantel, todo aquele povo se desvaneceu no ar. Ela sentiu a magia libertando-a. Ao mesmo tempo, a terra do chão moveu-se como um redemoinho em torno de Gael, que mal teve tempo de esboçar um olhar de espanto e gritar:

– Foge!

No segundo seguinte o chão cedeu e ele foi, literalmente, tragado pela terra. Anuk soltou um grito rouco e se jogou no local onde ele estivera. Só encontrou terra solta e seca.

Não havia o menor sinal dele, nem do povo das fadas. Desesperada, sozinha, cobriu o rosto com as mãos e chorou como não chorava desde que era criança.

A ENTRADA DE GALAOR NA CITÂNIA, arrastado por Hélio e seus comandados, foi a experiência mais humilhante da vida do filho mais velho de Eurico. Eles o fizeram caminhar por ruas apinhadas de brácaros, como o próprio Galaor fizera a Viriato, de mãos amarradas e ainda puxado por um cabresto no pescoço, como um animal.

O ódio brilhava nos olhos do orgulhoso guerreiro. Tentou não ouvir os risos e insultos que pipocavam a seu redor, concentrando-se em imaginar como vingar-se.

Ao adentrar o casarão, contudo, o ódio deu lugar a uma profunda desesperança. A Citânia mudara, naqueles dias. Os soldados pareciam atentos, num estado de alerta bem mais efetivo do que haviam estado quando ele ou o pai os comandavam. Havia uma aura estranha no ar... Medo, talvez. Recordou o que ouvira sobre a morte de Kían. Aquilo certamente tivera o efeito desejado: instilar pavor e obediência em cada um dos brácaros.

Foi levado ao grande salão, onde Crom Cruach recebia os capitães das guarnições. Mesmo em meio à excitação pelo estado de guerra e à atividade de homens que entravam e saíam, com mapas, relatórios e armas sendo

apresentados e discutidos, a atmosfera era de respeito. Nem uma palavra perdida, nem um ato desaproveitado. Ao ouvir conversas sobre um ataque aos al-gharbios, Galaor teve pena do povo de Tariq. O palacete-fortaleza encravado no centro de São Paulo não teria a menor chance de resistir àquela organização.

Hélio o manteve no fundo do salão, à espera de ordens de Crom. Afinal, depois de horas, os olhos vermelhos do deus pousaram sobre o prisioneiro. Não parecia haver mais nada de Viriato no corpo ocupado pelo sanguinário guerreiro celta. Era outra postura, outra expressão. Seria a posse completa?

Galaor foi arrastado para a frente. Diante da plataforma, obrigaram-no a ajoelhar-se. Estava decidido a arrostar quaisquer zombarias; ali, contudo, não soaram nem risadas nem insultos. Ao menos os comandantes brácaros mantiveram respeitoso silêncio diante dos dois homens poderosos ali postados: o vencedor e o vencido.

– Levai-o para a senhora, no templo – ordenou a voz tonitruante do novo senhor da Citânia.

Desta vez o irmão de Oriana não seguiu passivamente. Tentou de todas as formas libertar-se dos esbirros de Hélio, enquanto atravessavam os corredores do casarão. Só deixou de se rebelar quando o fecharam dentro de uma jaula, no templo.

Furioso, Galaor agarrou as barras de ferro para sacudi-las. Ironicamente, era a mesma jaula em que ele prendera o índio-onça Rudá, seu *presente* de casamento para a irmã, quinze anos antes.

– Ora, ora, ora. Se não é o meu *adorado* esposo...

Shantel o fitava do lado de fora, com um sorriso sarcástico.

O marido não pôde deixar de notar que ela estava mais bela que nunca.

NO DIA SEGUINTE, os quilombolas partiram em levas. De carro, trem, ônibus, avião, a pé, grupos organizados seguiam rumo ao sul. Assim como eles, indígenas em todo o Brasil viajaram de suas reservas em direção ao Rio de Janeiro. Os helens provavelmente foram os primeiros a chegar à Agulha, no norte do estado. De lá, poucas horas os separavam do local em que a fortaleza dos brácaros se mantinha trancada à magia por meio de magia.

Nan viajou com o restrito grupo de Akinlana. João partira com seu contingente. Antes de sair, ela tentara contatar Tiago através da água. Fora inútil: por mais que tocasse a pedra de Oiá e se concentrasse, a conexão não se completava...

Em viagem, sempre que descobria um local que acumulava água, fosse uma poça no chão, uma pia, um copo, seus olhos buscavam a imagem do homem a quem decidira amar. Foram tentativas infrutíferas, embora a cada quilômetro as metades da pedra vermelha estivessem mais próximas.

“Pode ser que o trancamento da magia na Citânia tenha aumentado e interfira com o espelho”, conjecturava, em busca de uma explicação, evitando pensar que Tiago poderia ter perdido o amuleto, estar ferido ou morto. “Ou que meu coração inquieto não consiga acionar o poder.”

Contudo, a pedra de Iansã permanecia brilhante, o que lhe dizia que ele estava vivo.

Enquanto Nan se agitava entre a esperança e a inquietação, mais e mais destacamentos de povos mágicos – suas armas e intenções ocultas aos olhos mortais – aproximavam-se do Rio de Janeiro.

ANOITECIA QUANDO GAEL REAPARECEU, após sumir por dois dias.

Anuk não fugira. Teimosa, havia recolocado as roupas, arrumado a mochila e esperava, encolhida num canto do morro das fadas. A fome e a ansiedade a tinham feito devorar quase toda a comida que comprara. Havia uma luz difusa que ela não sabia de onde vinha, se do céu ou da terra, quiçá da magia; iluminava o lado do Jardim Botânico em que as árvores marcavam a fronteira com a Floresta da Tijuca. Abraçava as pernas, os olhos vermelhos de choro piscando de cansaço e sono, quando o gemido soou.

Levantou-se no mesmo instante e o viu, deitado no centro da elevação.

– Gael! – exclamou, correndo para ele.

O garoto sentou-se na terra úmida, esfregando os olhos. Estava totalmente nu.

– Onde... nós estamos?

– No mesmo lugar. O que aconteceu? O que te fizeram?

Ele se encolheu, percebendo a própria nudez. Suas roupas estavam jogadas a pouca distância. Anuk as recolheu e entregou-lhe, evitando olhar seu corpo. Mas não por pudor: tinha medo de achar ferimentos. Afinal, enquanto ele vestia as calças, resmungou:

– Diz! O que te fizeram? Açoitaram-te? Conta, Gael!

Ele sacudiu a cabeça, confuso.

– Não consigo lembrar! Eu estava aqui... de repente não estava mais.

– Isso aconteceu anteontem!

– Tudo isso? Nossa, só lembro que fui arrastado... ouvi risadas altas... e uma sensação de dor, muito forte. Mas não me lembro de mais nada até ouvir você chamar meu nome.

Antes que ele vestisse a camiseta, Anuk reuniu coragem e olhou-lhe as costas, procurando por marcas. Nada encontrou em seu corpo, embora fosse perceptível que a pele estava sensível. Os nós nas costas pareciam intactos, mãos e orelhas felinas continuavam como sempre haviam sido. Evitou tocá-lo; a simples proximidade dela o fazia retrair-se.

– Sentes dor?

– Dói tudo, Mirele. As costas. A bun... ahn... E aqui, no pescoço, está queimando.

Ela tentou não imaginá-lo sendo surrado pelas fadas ou calcular a quantidade de magia necessária para apagar-lhe a lembrança da mente. Afastou-lhe os cabelos, que estavam soltos e desalinhados. Havia algo na pele, à direita de sua nuca.

– Parece uma tatuagem – constatou, alarmada.

Ele levou a mão ao local e gemeu. Doía muito.

No ano anterior ele havia pensado em fazer uma tatuagem; desistira ao ver os rostos de Carol e Tiago quando mencionara o assunto. Agora, sem desejar, fora tatuado...

– O que é? – indagou, ansioso.

– Um traço horizontal ondulado, como o desenho de uma onda – ela respondeu. – Melhor ficares atento. Tatuagens mágicas podem mudar de forma com o tempo. E têm efeitos... bizarros.

– Tipo o quê? – ele se inquietou, enquanto calçava os tênis.

Anuk desconversou. Tentou fazer “cara de Mirele”.

– Não sei, mas vais descobrir. Agora é melhor sumirmos, antes que eles voltem.

Gael olhou ao redor. Colocou a mochila nas costas. Sentiu a dor retornar.

– Bem, voltamos ao plano original. Para a Floresta da Tijuca, procurar Anhangá.

A resposta da garota saiu quase ininteligível.

– Claro, estupidez por estupidez, que diferença vai fazer?

E foi andando na frente, a passos rápidos. Ele sorriu de leve e contou até três.

Quando chegou ao três, ela parou. Pensou um pouco. Falou sem se voltar.

– Gael... obrigada – ela imitava o tom meloso de Mirele.

“De nada”, ele pensou. Mas nada disse. Andou até passar adiante dela e entrou pela trilha que se enxergava na claridade difusa.

Anuk o seguiu, sem disfarçar o mau humor. Tinha certeza de que ele só havia se oferecido para ser castigado no lugar dela por acreditar que se tratava da gêmea *boazinha*.

“Ele não faria isso por mim... por Anuk”, concluiu, com vontade de chorar de novo.

Reprimiu a vontade chutando os pedaços de galhos que enchiam o chão. Ao se afastarem do terreno, a escuridão crescia: ele, contudo, encontrava o caminho sem dificuldades, com os olhos de onça que brilhavam cada vez mais.

A CRIATURA OLHOU, com um sorriso enigmático, para os súditos ajoelhados diante de si. Não precisou dizer nada. Seus pensamentos ecoaram nas mentes dos servidores.

“Eles já partiram?”

A resposta veio da mesma forma.

“Sim, minha Rainha. Entraram na mata.”

“E os zanganitos?”

“Acompanham-nos a distância.”

“Bom. Manter-me-eis informada.”

Ela fechou os olhos cor de violeta, agitando os longos cabelos da mesma cor. Com a mão direita, tocou uma leve marca em seu pescoço, perto da nuca. E disse, em voz alta.

– Tu voltarás. Serás chamado, e obedecerás. Logo.

Depois reabriu os olhos, levantou-se e foi passear entre as aleias floridas, seus pés claros quase sem tocar o chão.

ANUK ESTACOU DE SÚBITO. Tivera a sensação de ouvir uma voz, mas não conseguira identificar as palavras. Gael parara de andar no mesmo momento. Apertou os olhos.

– Tu ouviste? – perguntou, apertando a cabeça com as mãos.

– Ouvi – respondeu ele, sombrio. – Uma voz de mulher, autoritária. Já a ouvi antes...

– A Rainha das Fadas – concordou ela, preocupada. – O que te disse?

– Que eu serei chamado e deverei voltar. Acho que... o castigo ainda não acabou.

Anuk instintivamente chegou mais perto dele. Mas Gael apenas apressou o passo e retomou a caminhada pela trilha escura.

CAPÍTULO 2

Resistência



Rio de Janeiro

MAIS UMA VEZ a luminosidade de um novo dia invadiu de mansinho a cela dos prisioneiros, apesar das nuvens escuras que nasciam no horizonte. Não demoraria a chover.

Exausta, Oriana enlaçou os dedos para fazê-los estalar. Passara outra noite em claro, os pensamentos buscando, sem pausas, qualquer detalhe que ajudasse com o contrafeitiço. O érin Finnath prometera ajudá-la, mas nem mesmo ele, com todo o conhecimento dos antigos, tivera alguma ideia.

Oriana fitou o rosto adormecido do pai. Por ora, os remédios o mantinham vivo, apesar de sua piora ser gradativa.

– Funcionou! – disse Kassib, o al-gharbio, que observava Tiago, no canto da cela. – Vinde ver.

O pai de Carol passara praticamente os últimos três dias diante da poça de água na concavidade do chão, tentando voltar a contatar Nan através da pedra de Oiá.

Agora, afinal, a conexão parecia estar se mantendo. Finnath e Oriana voltaram a pôr as mãos sobre os ombros de Tiago, fortalecendo a magia, e viram a imagem do rosto de Nan aparecer mais nítida no espelho de águas.

– Nan, que bom ver você! – murmurou ele. – Pensei que a conexão não voltaria.

A voz dela soou distante, mas clara.

– *Tenho tentado há algum tempo e só agora consegui... Estou em movimento, isso pode ter atrapalhado. Faço parte da comitiva de Akinlana. Estamos a caminho da Agulha da Magia, no Rio, mas o rei para muitas vezes no caminho para reunir mais guerreiros. Os outros clãs já devem estar no ponto de encontro.*

– Que clãs?

– *Os índios e os helens. Com os afros, temos um exército enorme. Os al-gharbios partiram para defender sua terra. Vamos demorar um pouco para alcançar a Citânia de Brácara, mas no final vamos sitiá-la e vamos vencer! Tenha confiança, Tiago.*

– Deus te ouça, Nan.

– *E que Iansã nos proteja.*

O sorriso dela foi sumindo e, por mais que ele se concentrasse, não conseguiu evitar o rompimento da ligação mágica. Levantou-se e consultou Oriana com o olhar.

– Nan tem razão – declarou ela, tentando soar confiante. – Não devemos perder a esperança. E agora temos uma tarefa difícil a realizar.

Kassib concordou com a cabeça.

– A escrava que esteve aqui disse que há uma resistência. Precisamos avisá-los de que os outros clãs vão atacar a Citânia.

– Belmira disse que pode demorar a voltar às celas, por causa da desconfiança de Shantel. Se ela retornar, basta contar-lhe; mas, se não, precisamos mandar uma mensagem.

Finnath pegou o cesto em que vinham os alimentos para os prisioneiros.

– Podes mandar um bilhete oculto aqui, entre as tramas. Mais cedo ou mais tarde o guarda vai trocar os cestos. Na cozinha, tua amiga encontrará o que mandarmos.

Tiago olhou ao redor, cético.

– E lápis? E papel? Não temos material de escrita.

O érin e Oriana se entreolharam. Enquanto ele rasgava uma tira de tecido da barra de sua túnica, ela se sentou no chão e cravou as unhas longas da mão direita no pulso esquerdo. Esperou um pouco de sangue escorrer e tocou o ferimento com o dedo indicador.

Assim que Finnath estendeu à sua frente o retângulo de tecido, começou a escrever nele com a unha, umedecendo-a com o sangue. O al-gharbio postou-se na frente deles, impedindo a visão da janelinha da porta, caso algum guarda espiasse.

Tiago pensou que se enganara, ao julgá-la fria, quando ela os escondera em Santo André. Aquela mulher faria o que fosse preciso para salvar as pessoas que amava.

SE ANTES FORA DIFÍCIL para Anuk continuar a fingir a boa índole de Mirele, agora isso se tornava francamente impossível. Estava cansada, dolorida, irritada, com fome, e o sentimento de culpa era insuportável. Não estava acostumada com tal sensação. Saber que Gael provavelmente fora surrado ou coisa pior para defendê-la, além de ter sido marcado a fogo pela tatuagem mágica, era algo que só piorava seu humor.

Haviam caminhado por horas na Floresta da Tijuca, parando apenas para um breve descanso durante a noite. Mal amanhecera e o vento prenunciava chuva; mas Gael parecia saber exatamente para onde ir, como se algum instinto desconhecido o impelisse. A garota viu, com certa apreensão, que ainda havia o brilho alaranjado nos olhos dele. Seria aquele um efeito permanente?

Tomaram várias trilhas ascendentes e, em certa clareira, ele parou, diante de uma árvore enorme cujas raízes se elevavam, formando uma espécie de pequena caverna. No chão, folhas secas forneciam convidativo leito. Ele entrou primeiro e tirou as teias de aranha.

–Vem, está confortável aqui. A gente vai ficar protegido, se chover.

Anuk hesitou, mas um trovão a fez decidir-se. Entrou no espaço sob as raízes, sentou-se junto dele, e imediatamente sentiu seus braços quentes a envolvê-la. O calor que a invadiu derreteu sua irritação. Ao ser abraçada, teve consciência de uma felicidade inédita... Então a chuva começou a cair, e ela não se furtou quando os lábios dele a procuraram.

Permaneceram unidos mesmo após o longo beijo terminar. O aguaceiro engrossava lá fora, como se a chuva fosse uma barreira a separá-los do resto do mundo. Ali não havia sociedades, brácara, humana ou das fadas. Não importava se ele a beijava como Mirele ou como Anuk. A única coisa importante era estarem sozinhos no universo...

Ela não soube dizer quem adormeceu primeiro, mas ambos mergulharam em um sono abençoado, sem sonhos e sem inquietação.

Anuk acordou com frio: Gael também acordara e mexia na mochila. Estava claro na floresta, a chuva passara. Devia ser quase meio-dia.

– Acabo de achar um último sanduíche lá no fundo – disse ele. – Tá meio amassado, mas vai servir pra gente não morrer de fome.

Comeram em silêncio. Quando acabaram com as últimas migalhas e com o que restava de água mineral na garrafa, a garota tomou uma decisão. Insegura, olhou-o.

– Gael... Tem uma coisa que eu quero te dizer.

Ele a fitou com o ar um tanto divertido. Sem entender o motivo daquilo, a garota continuou:

– É que... eu não sou a Mirele. Sou Anuk. Nós trocamos as roupas lá no shopping.

Ele abriu um sorriso. E ela franziu as sobrancelhas, compreendendo.

– Tu... todo esse tempo... tu sabias!

A irritação voltou com tudo, o mau gênio ressurgiu e ela nem esperou que o rapaz respondesse. Começou a enchê-lo de tapas.

– Eu te odeio, aberração! Cretino! Imbecil! Filho de...

A raiva era tanta que ela nem reparou que ele não se defendia. Fechara os olhos e suportava os tabefes. Enfim, Anuk parou de agredi-lo, rangendo os dentes.

– Quando... como... – nem conseguia falar direito, de tanta indignação.

– Eu percebi logo que deixamos a Citânia. Você até que é boa atriz, mas o papel de gêmea boazinha não é nada fácil!

A garota fechou os punhos, decidindo qual parte do corpo dele socar primeiro.

– Vocês devem ter tido lá suas razões pra trocar de lugar – prosseguiu ele. – Resolvi esperar pra ver no que ia dar. Sabia que você não ia aguentar, que ia acabar contando!

A expressão de ódio da filha de Shantel era algo tão tragicômico, que foi impossível a ele não rir. Mais furiosa ainda, Anuk voltou a atacar; e desta vez Gael aparou os golpes antes que os socos o atingissem. Com uma força

desnecessária, prendeu seus pulsos e fitou-a com os olhos faiscantes; depois aproximou de novo o rosto do dela.

O beijo começou feroz, selvagem, apaixonado; terminou, porém, com Anuk aninhada nos braços dele e chorando desesperadamente.

Gael a deixou desabafar. Sabia que ela estava segurando a emoção desde que a fuga começara, quando haviam escapado do templo onde Crom quase o matara. Depois, houvera a correria com Galaor pelo Rio de Janeiro, a captura pelas fadas, que a tinham humilhado tão cruelmente; e havia ainda a culpa que ela devia sentir por ele ter sido castigado para salvá-la, nos domínios da Rainha daquele povo.

O desabafo lhe fez bem. Logo Anuk se soltou dos braços dele, fungando.

– Tá melhor? – perguntou ele, baixinho.

Ela enxugou os olhos com a manga do agasalho. Não sabia o que dizer.

– Então acho bom a gente ir embora – propôs ele. – A chuva parou, e ainda temos de tentar chamar a atenção dos deuses, ou de sei lá quem que pode aparecer aq...

Não conseguiu terminar a frase.

A luz que entrava pela boca do espaço sob as raízes sumira subitamente, dando lugar à sombra. Ambos olharam para fora e deram com duas lanças afiadas apontadas para seus respectivos pescoços.

Índios. Pelo menos uns dez deles, em pé, armados de lanças, olhavam o casal de adolescentes encolhido na pequena caverna.

SHANTEL ANDAVA ATAREFADA no templo. Tinha as mangas arregaçadas e trabalhava em algo no meio dos doze menires. Após colocar a adaga no cinturão e limpar as mãos na toalha que uma serva lhe ofereceu, parou diante da jaula de Galaor, que era vigiada dia e noite por um punhado de soldados. Crom ainda não decidira como e quando matá-lo, mas a adorada esposa, sem dúvida, tinha ótimas sugestões para fazer ao venerado deus.

Sorridente, ela arregaçou mais ainda as mangas e foi lidar com uma espécie de braseiro que tinha sido colocado no centro do salão, próximo ao alto pilar central. Remexeu alguns carvões ali dentro, depois pôs-se a organizar quatro

frascos de cristal ornamentados em torno dele. Recitava algum tipo de encantamento enquanto trabalhava.

Galaor piscou. O que Shantel estava aprontando?...

Preparando algum tipo de magia proibida, certamente.

Demorou mais de uma hora para Crom Cruach aparecer. Ele olhou rapidamente o prisioneiro e foi falar com Shantel.

– Conseguiu tudo de que precisas?

– Sim, meu senhor. Assim que entrar a lua minguante, faremos o ritual.

– Quando será isso?

– Amanhã, ao pôr do sol. E quanto a ele? – indicou o marido. – Podemos aproveitar para sacrificá-lo. Seu sangue te fornecerá ainda mais poder...

Galaor rugiu de ódio.

– Seria um desperdício matá-lo – foi o comentário de Crom.

– Ele é perigoso, meu senhor. Há brácaros na Citânia que ainda lhe são leais, tenho certeza. Sua morte daria um bom exemplo a todos e esmagaria a resistência.

O prisioneiro sorriu para ela, irônico.

– Ansiosa para ficar viúva, minha querida?

A druidesa fez um gesto a um dos guardas que vigiavam a jaula, que se aproximou e desferiu um bofetão em Galaor, fazendo-o cair.

Crom soltou uma gargalhada que ecoou por todo o templo.

– Senhor, permite que ele seja sacrificado amanhã – Shantel se dirigiu a ele, numa curvatura respeitosa. – Enquanto estiver vivo, pode ameaçar-nos...

– Não.

– Desejas que seja levado às celas? – ela perguntou, ocultando seu desagrado.

– Desejo que fique aqui mesmo.

Por que deixar um prisioneiro tão perigoso quanto Galaor preso como uma fera no templo? Como ocorrera três dias antes, quando mandara instalar a jaula e trancar nela o prisioneiro, Crom não lhe deu qualquer explicação. Apenas saiu do local, acompanhado por seus guardas.

Com um novo suspiro, Shantel voltou a arrumar os frascos de cristal ao redor do braseiro.

GAEL FOI O PRIMEIRO a deixar o esconderijo. Eram mesmo indígenas, mas bem diferentes dos que eles já tinham visto, como Rudá ou Juci. Seus colares e pintura ritual assemelhavam-se aos de fotografias do Xingu que o garoto vira, mas usavam calças jeans e tênis. Essa não era, contudo, a coisa estranha sobre aqueles homens. Tinham apliques de madeira nas orelhas ou nos lábios, como enormes brincos.

– Botoques... – murmurou.

– O que disseste? – perguntou Anuk, intrigada, saindo do esconderijo logo atrás dele. Não estava com medo: aqueles eram apenas homens, não pertenciam ao povo das fadas.

– Essas coisas nas orelhas deles. Um professor falou que eram usados pelos índios... hum, qual era mesmo a tribo?

Um dos imensos guerreiros aproximou-se dos adolescentes e falou, hostil:

– Aymorés. Botocudos. Ainda chamam a gente assim. Tanto faz. Aqui é território nosso. E não gostamos de invasores. De brácaros.

Anuk enfrentou o olhar duro do índio. Gael se postou diante dela. De novo.

– Sou filho de jaguara. Tenho sangue índio também! E vim pedir ajuda. Nós...

Um empurrão do líder indígena quase o derrubou no chão. Anuk gritou e, ato contínuo, três lanças tocaram seu pescoço. A garota estacou. Gael murmurou:

– Escutem, não somos invasores, só queremos...

Mais três lanças no pescoço dele transmitiram o recado de forma inequívoca. Ele se calou também. Aparentemente, não ligavam a mínima para o fato de ele ser meio jaguara.

A um sinal do chefe, um dos índios fez com que se sentassem no chão, perto do local em que haviam se refugiado antes. Outro, que usava adereços diferentes, tomou uma lança curta e se pôs a murmurar enquanto riscava um círculo na terra, em volta deles e da árvore.

Gael cochichou com Anuk, que resmungava xingamentos.

– O que ele tá fazendo?

– Traçando um círculo mágico. Nem tenta sair daqui...

– Por causa de uns riscos no chão?!

– Já te disse. É um círculo mágico, sair dele pode matar a gente. E me impede de usar encantamentos... Esses sujeitos devem ser de outra tribo escondida na magia.

Após fecharem o círculo, os indígenas se afastaram. O líder os levou para algum lugar ali perto, onde começaram a conversar numa língua desconhecida. Apenas dois guerreiros ficaram de guarda, as lanças apontadas para os prisioneiros.

As horas foram passando, arrastadas, e os índios continuaram a discutir naquela língua estranha. Mas o que preocupava Anuk era a atitude de Gael. Desde que o círculo mágico fora traçado, ele estava se tornando inquieto, e o brilho alaranjado em seus olhos parecia aumentar. A garota respirou fundo antes de prestar atenção à conversa dos tais aymorés.

– Nheengatu...

– Quem? – perguntou ele.

– Eles falam um dialeto esquisito, mas no meio dá pra perceber algumas palavras em Nheengatu, a língua geral dos índios. Um vocabulário que os padres jesuítas organizaram, com base no tupi-guarani, e que acabou virando uma língua falada pela maioria dos povos indígenas na época da colonização.

Impressionado, o adolescente sorriu.

– Ah, nem vem! – resmungou ela, mal-humorada. Era só o que faltava: Gael considerá-la uma aluna tão estudiosa quanto Mirele. – Tento esquecer tudo que aprendi no colégio da Citânia. Já quando morei com meu pai em São Paulo, tive preceptores, estudava em casa. Mas sempre dava um jeito de escapar das aulas chatas para ir treinar escondido...

Anuk parou de falar, vendo que o garoto não parecia mais ouvi-la. Sua inquietação crescera; ele se levantara e agora andava pelo círculo feito uma fera enjaulada. Afinal, cansou de apenas andar e provocou um dos dois guardas, o mais alto e forte.

– Vocês precisam soltar a gente! Minha família foi presa pelos brácaros, e temos de buscar ajuda pra soltá-los. Agora!

O enorme guerreiro se aproximou, zangado.

– Ninguém sai daqui.

Os olhos de Gael brilharam tanto que Anuk teve a impressão de ver o brilho cor de laranja reluzir na pele bronzeada do aymoré. O líder, que estava mais distante, voltou a se aproximar. E o filho de Oriana desandou a falar de novo.

– Estão com medo de apanhar? Eu posso enfrentar qualquer um. Ele, por exemplo!

Apontara para o quase gigante. Os botocudos riram. Anuk o fitou com os olhos arregalados. Ele estava se comportando como ela mesma faria: provocando para extravasar a própria agressividade.

– Duvidam? Olhem, podemos fazer um trato. Eu luto com o grandão aí. Se eu vencer, vocês deixam a gente ir embora.

O chefe fez uma careta sarcástica.

– E se perder, filhote? Se você for morto, o que é que nós ganhamos?

Com um sorriso inocente, Gael apontou para Anuk, que continuava encolhida no chão diante da grande árvore.

– Se eu morrer vocês ficam com a minha mulher.

Aquilo já estava indo longe demais! A gêmea ficou em pé na hora e avançou para ele em fúria.

– Ficaste maluco de vez, Gael? De onde tiraste a ideia de que podes vencer esse mastodonte?! E desde quando eu sou *tua*? Eu é que já te capturei, lembra? Além disso...

Teve de parar de falar, outra vez. Não só ele não lhe estava prestando a mínima atenção, como o líder dos aymorés tinha feito um sinal ao que traçara o círculo, e o sujeito estava agora ocupado em dizer palavras estranhas e passar a mão sobre a terra, apagando os traços de uma seção da barreira mágica. Eles tinham aceitado o desafio!

O garoto passou pela abertura e foi se postar no meio da clareira, em atitude de luta. Mais que depressa, o pajé retraiu o arco que apagara; quando

Anuk se aproximou, sentiu a força da magia impedindo que escapasse. Teve de recuar para o centro do círculo, vendo os indígenas se ajeitarem em torno do espaço livre, prontos para apreciar o espetáculo.

O índio gigante se pôs diante de Gael e os dois ficaram medindo-se com os olhos, circulando lentamente, à espera de que o líder dissesse algo.

Anuk gemeu. O imbecil do filho de Oriana ia mesmo enfrentar aquele botocudo monumental numa luta que só podia terminar em desgraça...

CAROL PASSARA OS ÚLTIMOS DIAS cuidando de várias crianças, que os pais haviam levado para ocultar nos subterrâneos – com medo das cerimônias de sacrifício infantis pelas quais Crom Cruach era famoso. Estava na hora de reuni-las para contar histórias, como ela se acostumara a fazer. Tinha descoberto que os contos de fadas eram excelente remédio para o medo. O dos pequenos... e o dela.

Naqueles dias, muitos brácaros tinham aparecido por lá, para unir-se à resistência. Apesar de aparentemente todos estarem às ordens do deus celta, na maioria dos casos a lealdade era apenas de fachada. As famílias tradicionais da Citânia aceitavam o domínio de Crom e a supremacia de Shantel, porém buscavam alternativas para manter a fidelidade a Eurico. Aliar-se secretamente à resistência era a única alternativa disponível no momento. Isso animava Carol, embora ela continuasse apreensiva com a prisão de Tiago e Oriana, e sem esquecer o sumiço de Gael.

Antes mesmo que a jovem começasse a chamar as crianças, Belmira irrompeu no salão, agitada.

– Vem comigo – chamou-a. – Precisamos conversar.

– Você viu meu pai de novo? Ele está bem?

– Não, mas fui às cozinhas e encontrei um bilhete de Oriana no cesto em que os alimentos são levados para eles. Estão bem, apesar de o senhor Eurico estar piorando... E parece que teu pai continua dando um jeito de se comunicar com a moça do quilombo.

– Nan – murmurou a jovem.

– Sim. Por ela, ficaram sabendo que os clãs mágicos se uniram e declararam guerra à Citânia, comandados pelo rei iorubá.

– Meu Deus...

– Temos de avisar a resistência para que pensem em estratégias. Esse ataque pode ser a oportunidade de nos livrarmos do usurpador.

Ela parecia animada. Para a filha de Tiago, porém, a ideia era assustadora. Imaginar os outros clãs atacando e os exércitos se enfrentando, com o pai ainda lá prisioneiro... e não tinha notícias de João. Teria o tio ficado no quilombo ou viria com os iorubás? Não podia também deixar de pensar em Viriato. Era dele o corpo que o deus celta ocupava... e se o matassem?

Enquanto a velha escrava saía a espalhar a notícia, a jovem teve de fazer muita força para não se desesperar. Não seria fácil evitar sucumbir diante daquela reviravolta.

Reuniu, a seguir, as crianças e tentou lembrar uma história para acalmá-las.

Apesar disso, a palavra “guerra” pairava em sua mente, carregando o tremendo peso da desesperança.

ANUK JÁ TINHAVISTO GAEL LUTAR. Porém, desta vez, ao enfrentar o aymoré gigantesco, ele se mostrava tão confiante e ágil que Anuk mal reconheceu o garoto que capturara com facilidade havia dois meses.

Ele sorria ao esquivar-se dos golpes do indígena, saltava de um lado para outro com inacreditável elasticidade. Os olhos continuavam faiscando e ela viu suas unhas saltarem, revelando as garras afiadas. Mesmo assim, estava morta de medo por ele, embora nunca admitisse isso em voz alta. O oponente também sorria e renovava os golpes, incansável. Apesar das esquivas, vários de seus socos atingiam o adolescente, enquanto nenhuma das tentativas de Gael de bater nele o haviam sequer arranhado.

Depois de meia hora, Anuk percebeu que seu companheiro começava a fraquejar. Talvez fosse culpa daquela espécie de mutação pela qual ele andava passando; ela conhecia magia o suficiente para imaginar que a nova força e a agilidade que ele demonstrava cobriam algum preço, e poderia bem ser em vitalidade.

Qualquer que fosse a explicação, ela o viu titubear de repente. O botocudo era experiente: aproveitou o segundo de hesitação de Gael e o golpeou no peito com os dois punhos fechados, num ataque indefensável.

Sem conseguir respirar direito, o filho de Oriana caiu de costas no chão. Mais que depressa, o índio pôs um pé em cada um de seus pulsos e segurou-lhe o pescoço com a mão esquerda. Na direita, surgindo de algum lugar, brilhou uma faca fina e curta.

Anuk gritou, apavorada, presa dentro da barreira mágica.

O guerreiro olhou para seu líder, como a pedir permissão para acabar com a vida do vencido. A resposta foi rápida. Um gesto do chefe deteve a faca do outro no ar.

– Foi uma boa luta, para um filhote. Antes de terminar com ele, vamos ver se vai tremer de medo e pedir misericórdia...

Todos os olhos convergiram para o garoto caído. O brilho alaranjado sumira dos olhos dele, mas o orgulho, não. Gael, mesmo respirando com dificuldade, sorriu.

– Não vou pedir misericórdia. Faça o que tem de fazer.

E encarou o oponente, imóvel e sereno, aguardando o golpe final.

CAPÍTULO 3

Sentença



SHANTEL ESPEROU que os soldados acomodassem no canto mais escuro do templo, logo atrás da jaula de Galaor, as gaiolas cobertas com mantos que mandara vir do subsolo. Quando eles terminaram, a druidesa foi checar os últimos preparativos junto aos pilares. Foi nesse instante que Crom retornou, usando uma longa capa vermelha e uma espada ornamental que pertencera a Eurico cingida ao cinto; ambos realçavam seu aspecto guerreiro.

– Deves vir comigo – ordenou a Shantel. – Vou passar em revista o exército que vai partir e quero que coloques um feitiço de proteção sobre eles.

Ela estranhou o pedido.

– Senhor – murmurou, de forma que apenas ele ouvisse –, bem sabes que o encantamento que fiz, para trazer-te, trancou toda a magia na Citânia. Não posso praticar encantamentos longe dos doze pilares.

– Mas farás o ritual amanhã – contestou ele.

– Sim, aqui no templo, em torno do pilar principal, e usando mais da força vital de minha filha. Lá fora, nada vai funcionar!

O deus franziu as sobrancelhas.

– Não importa, dirás algumas palavras e isso levantará o moral dos homens. Eles vencerão de qualquer forma, são muito mais numerosos que o inimigo. Vamos.

– E quanto a ele? – Ela indicou Galaor, sombrio, sentado num canto da jaula.

– Deixa-o aí. Mais tarde quero falar com a fera, a sós – notando o ar de surpresa da mulher ao ouvir isso, tornou a fechar o sobrolho. – Irás questionar minhas ordens, druidesa?

A resposta dela foi uma profunda reverência antes de acompanhá-lo para fora do templo.

“Então nem tudo corre como minha querida esposa deseja”, pensou Galaor. “Ela criou um monstro e terá de lidar com ele... Talvez isso me seja útil”.

Naquele momento, porém, não havia nada que o filho de Eurico pudesse fazer. A jaula era reforçada, ele bem o sabia, e os soldados fora dela eram muitos. Com um bufo, passou a analisar o canto mais escuro do templo, procurando descobrir o que os mantos escondiam nas gaiolas.

ANUK TEVE A SENSACÃO de que o tempo parava, congelando a lâmina na mão do aymoré, pronto a cravá-la no peito de Gael ou a cortar seu pescoço. O tempo, contudo, não havia parado; o sujeito realmente estacara, e em expectativa, fitava seu chefe. Que estava ocupado trocando olhares furibundos com um novo grupo de indígenas que chegara à clareira de súbito e interrompera a diversão.

Diante dos recém-chegados, em atitude de comando, estava Rudá.

A garota brácara respirou e ouviu o eco da respiração aliviada do filho de Oriana.

Frases em nheengatu soaram, a princípio em tom civilizado, depois denotando uma discussão. Apesar disso, o índio gigantesco demorou para afastar a faca e soltar os pulsos de Gael, em resposta a um gesto nervoso de seu líder.

O filho olhou esperançoso para o pai, que o ignorou solenemente, continuando a discussão com o outro. Desapontado, levantou-se quase ao mesmo tempo em que Anuk sentia a barreira mágica desaparecer.

Ela se lançou sobre o garoto, abraçou-o e sentiu seu coração a bater vertiginosamente. Por mais que demonstrasse destemor diante da morte, ela sabia que Gael tinha medo.

Não houve tempo de dizerem nada um ao outro. No instante seguinte, Rudá se afastara do líder dos botocudos e veio até eles, com o aspecto de profunda irritação.

– Pai... – o garoto começou.

– Fiquem quietos e obedeçam! – vociferou o jaguara, fuzilando-os com o olhar alaranjado.

Gael e Anuk encolheram-se; o pajé dos botocudos lhes indicou a árvore onde os haviam encontrado. Recuaram e voltaram a abrigar-se sob as protetoras raízes.

Entreolharam-se, perplexos, enquanto Rudá e o líder dos aymorés retomavam sua acalorada discussão em língua nheengatu.

Não tinham a menor ideia do que estava acontecendo.

SHANTEL FICOU IMPRESSIONADA diante do contingente de soldados, com suas tatuagens de taça na testa, prontos a atravessar as muralhas da Citânia e ir a São Paulo, disfarçados pela magia. Conhecendo as defesas da cidadela de Tariq, ela concluiu que não havia esperança para aquele clã. Eles seriam sitiados, invadidos e conquistados impiedosamente.

Em resposta a um sinal de seu senhor, imponente ao lado dela, na escadaria da porta principal da casa de Eurico, a druidesa viu os guerreiros que lotavam a rua ajoelharem-se de uma só vez. Um pouco para trás, Tariq observava também, ladeado pelos guardas a quem ela ordenara que o trouxessem. Estava pálido e, embora tentasse não demonstrar, sofria. Sabia perfeitamente que não havia guerreiros suficientes em seu palacete para defendê-lo daquele exército. Do outro lado de Crom, Tarcísio, vestido para a guerra, observava o pai das gêmeas, enquanto pensava que escravizaria as belas mulheres al-gharbias com o maior gosto.

Crom olhou para Shantel. Esta levantou o braço segurando um punhal, o mesmo que usara para sangrar Viriato. O sol, quase a se pôr, brilhou em vermelho na lâmina manchada de sangue. E ela disse, numa voz que foi ouvida até na terceira muralha:

– Pelo sangue que mancha esta adaga e pela soberania de Crom Cruach sobre a Citânia de Brácara, eu invoco a força de Morríghan sobre este

exército. Que ela envie nuvens tempestuosas e névoa, poderosas chuvas de fogo, e um jato de sangue derramado do ar sobre as cabeças dos guerreiros inimigos!

O silêncio que se fez quando a druidesa se calou foi cortado apenas pelo soprar do vento. Conseguira impressionar os soldados. Embora soubessem do trancamento da magia, ninguém duvidava da força daquelas palavras para levá-los à vitória.

Crom saboreou um pouco o silêncio dos guerreiros, depois voltou-se para Tarcísio, que deveria liderar o ataque, e disse apenas:

– Vai. Sabes o que fazer quando a cidadela for tomada. Espero contatos teus e dos capitães pelos aparelhinhos falantes.

O ex-braço direito de Galaor assentiu com a cabeça, indicou o celular e desceu as escadas. Sob suas ordens, os demais comandantes foram retirando os contingentes.

Era o início da guerra pelo domínio dos povos mágicos.

E atingiria São Paulo em primeiro lugar.

OS GUARDAS EMPURRARAM TARIQ de volta aos aposentos de Shantel; vendo-se sozinha com Crom, ela o interpelou.

– Ouso pedir-te que permitas que eu sacrifique Oriana. Ela não tem utilidade para nós, viva. Mas um sacrifício de sangue poderá dar-te mais forças.

O deus pensou por alguns instantes.

– Este corpo está mesmo enfraquecido. E eu preciso sair da Citânia. Quando meus guerreiros tomarem a cidadela dos al-gharbios, estabelecerão uma ligação com os doze pilares, e precisarei ir até lá.

– Para poderes sair do perímetro das três muralhas, terias de obter mais força mágica. E disso o sangue de minha prima dispõe...

Ele assentiu com um sorriso cruel.

– Que seja, então. Prepara o sacrifício. Qual será a época mais propícia?

Shantel fez uma reverência em agradecimento. Finalmente poderia matar Oriana!

– Amanhã faremos o ritual da lua minguante – respondeu. – E em sete dias, entra a lua negra... o dia ideal para fazer correr sangue.

– Até lá, meu exército terá vencido os al-gharbios. Tens minha permissão, druidesa.

E entrou no casarão, seguido pelos guarda-costas.

Shantel ergueu a cabeça, sorrindo, os olhos brilhantes de prazer. Teria sete dias para planejar a morte da prima. Mal podia esperar para contar a Tariq e ver a expressão no rosto dele quando soubesse que sua *queridinha* fora sentenciada à morte.

ASSIM QUE O SOM dos passos dos guerreiros deixando o primeiro círculo da Citânia sumiu de seus ouvidos, Crom dispensou a guarda e se dirigiu ao templo.

Encontrou Galaor na jaula, encolhido, cabisbaixo. Um animal ferido.

“E muito poderoso”, analisou.

Fez um gesto para que todos os soldados se afastassem e aproximou-se.

O prisioneiro ergueu o olhar e sustentou o do deus, arrogante. Nem mesmo naquela situação humilhante rebaixar-se-ia a admitir a superioridade do outro.

– O que queres? – enfrentou, analisando os olhos avermelhados e o ar de confiança suprema que modificava as feições de Viriato.

– Observo meu novo escravo. É isso que serás, a partir de agora.

Galaor procurou, no fundo dos olhos vermelhos, por algum lampejo da alma do meio-irmão. Estaria morto ou, como acreditava Gael, teria ainda consciência do que lhe acontecia?

Crom adivinhou a motivação no olhar do outro.

– Se achas que podes obter alguma reação do dono deste corpo, desiste. Ele não consegue nem mover um músculo... E eu vi as lembranças dele. Passaste a vida a maltratá-lo; de ti, ele só recebeu desprezo, apesar de serem filhos do mesmo pai.

Sem dignar-se a responder, o brácaro voltou a refugiar-se no fundo da jaula.

– Mandarei que te tragam algum alimento – disse Crom; e, ao ver a surpresa no rosto de Galaor, sorriu largamente. – Tenho planos para ti, filho de Eurico.

Sem revelar mais nada, foi embora. Os guardas voltaram a cercar a gaiola, as armas a postos. Quanto ao prisioneiro, rilhou os dentes em frustração e impotência, imaginando que novas humilhações o usurpador estaria planejando.

Não tinha a menor ideia de que o que o esperava era bem pior do que qualquer coisa que pudesse imaginar.

ANOITECERA, E A LUA ESPALHAVA sua luz prateada pela Floresta da Tijuca. Não havia mais nuvens no céu; na caverna formada pelas raízes da árvore, Gael e Anuk comiam frutas que os aymorés lhes haviam levado. Bananas, ameixas amarelas e laranjas, que ambos descascaram com os dentes.

A comprida conversa dos índios continuara, até que o líder dos botocudos mandou um de seus comandados trazer comida – algum tipo de peixe em postas. Os aymorés, Rudá e seus acompanhantes acocoraram-se num canto e partilharam a comida.

Anuk deu uma cotovelada em Gael.

– Tu entendeste alguma coisa do que eles falaram?

O garoto deu de ombros.

– Ouvi a palavra “citânia”, e consegui entender alguns nomes: Eurico e Akinlana.

A menina brácara suspirou, impaciente. Desejava não ter trocado de lugar com Mirele. Talvez fosse preferível estar em coma no templo a estar ali, aturando aberrações, fadas e índios. Gael percebeu seus pensamentos como se ela os tivesse expressado; ia fazer algum comentário irônico, quando um som estranho chamou sua atenção.

– O que é aquilo? – perguntou, baixinho, apontando para alguns arbustos que eram visíveis dali. Parecia haver algo esvoaçando sobre eles. Insetos, talvez.

Anuk apertou os olhos, alarmada, e nada disse.

– São passarinhos? Borboletas? Mosquitos?

– São zanganitos, aberração. Pequenos elementais. Trabalham para as fadas. Ela fingiu não notar que o garoto estremeceu ao ouvir falar em *fadas*.

– Espiões da rainha? – ele propôs.

– Talvez. Mas são pouco inteligentes. Tive vários quando era criança.

Ele arregalou os olhos.

– Quer dizer... que você escravizava essas criaturinhas?

– Para que mais eles iriam servir?

Gael suspirou.

– Você não aprendeu nada depois do que aconteceu lá no Jardim Botânico?

– Aprendi que brácaros não devem entrar sozinhos e desarmados em terras de *Faerie*! Aquelas fadas idiotas nunca mais me pegam noutra.

– O que eu quis dizer é que aquilo tudo só aconteceu porque você tem essa mania de achar normal a escravidão! Não me conformo por vocês terem escravos, sejam pessoas, sejam seres mágicos. É imoral. É absurdo. É...

– Somos povos guerreiros, sempre tivemos escravos, e mantemos nossa vida como era, desde que os primeiros povos brácaros se esconderam na magia. É a nossa cultura! Eu acho algumas coisas da *tua* cultura totalmente imbecis. Mas não saio por aí criticando!

– Tudo bem, da próxima vez que as fadas te pegarem, deixo que você mesma seja castigada! – retrucou ele, contagiado pela raiva da garota.

– Não pedi pra te meteres a ser o herói salvador de donzelas! Eu era perfeitamente capaz de aguentar qualquer coisa que as fadas me fizessem!

– Ah, claro que era. Estava se desmanchando em lágrimas, lá, paralisada no meio dos sujeitos transparentes!

– Olha aqui, aberração, se tu não calares essa tua boca, eu...

Uma sombra surgiu na boca da pequena caverna. Os dois adolescentes olharam para fora e viram apenas Rudá em pé diante do oco. Usava calças jeans também, e carregava um embornal de fibra trançada a tiracolo sobre a camiseta simples, branca.

– Podem sair – disse ele, com suavidade.

Saíram, ressabiados. Mas o jaguara agora sorria para ambos.

– Tudo bem. Eles já foram. Agora somos só nós.

– Pra... pra onde eles foram? – indagou Anuk, nervosa, olhando ao redor. Observou os arbustos: nem sinal dos índios – ou dos elementais voadores.

– Norte. Meus amigos tupinambás foram junto. Vão falar com os chefes dos botocudos, aymorés, krenaks. Tem muita gente escondida na magia, numa aldeia entre Espírito Santo e Minas Gerais. Se os chefes aceitarem, podem ajudar. Na guerra.

Anuk estremeceu.

O pai de Gael não disse mais nada e foi andando, sem esperar por eles. Gael mal teve tempo de apanhar a mochila, que os botocudos haviam deixado num canto, e ir atrás dele.

Tinha muitas perguntas a fazer. O que Rudá estava fazendo no Rio de Janeiro? Como os encontrara no meio daquele matagal? Para onde estavam indo agora?

Porém teria de esperar para conseguir suas respostas. O pai tinha o passo ligeiro e leve de um jaguar, e ele custou a pegar o ritmo da caminhada. Olhou de lado para Anuk, achando que a garota iria resmungar pelo novo *passeio ecológico* sob a luz da lua. Mas desta vez ela seguiu calada, com o ar preocupado e uma indagação muda na frente.

Guerra?!

UMA ESCRAVA ABRIU AS CORTINAS e Shantel acordou. Moveu-se na cama, feliz. Tudo ia bem. Naquela tarde, ao pôr do sol, ela realizaria mais um ritual de poder. Sempre detestara os elementais, e agora teria a oportunidade de absorver sua magia! Algo que sempre almejava.

Sentou-se na cama; duas escravas entraram, esperando suas ordens. Porém a druidesa não desejava que elas a servissem naquela manhã.

– Por onde anda Tariq? – perguntou.

– No aposento dos servos, senhora – respondeu uma delas.

– Manda que ele me sirva a primeira refeição. Agora.

– Sim, senhora.

Levantou-se e foi conferir o aspecto do dia, pela grande janela.

A manhã prometia ser ensolarada, apesar do frio de julho. Sentou-se junto à mesa em que costumava tomar o desjejum, enquanto uma serva escovava seus

cabelos. Não demorou até Tariq entrar, carregando a bandeja com os alimentos matinais.

Não era a primeira vez que o obrigava a servir-lhe refeições. Ele era o melhor escravo que já tivera... Calado, obediente, atento. O fato de ser um dos homens mais atraentes que conhecia também não atrapalhava. Shantel apertou os lábios, notando o quanto a escravidão lhe caía bem: a túnica dos servos realçava seu porte másculo. Esperou que lhe adoçasse o café e passasse a manteiga no pão, como ela apreciava. Enquanto ele lhe servia suco e bolos, provocou-o:

- Diz o que estás pensando, Tariq.
- Não vais gostar de ouvir.
- Ainda não aprendeste como deves tratar-me, escravo?
- Não vais gostar de ouvir, *senhora* – emendou ele, a cabeça baixa.
- Provavelmente não. Diz, mesmo assim. O que se passa por tua cabeça?
- Que é difícil acreditar que usaste nossa filha para tuas magias sórdidas. Enquanto estás aqui, saboreando tuas traições junto com o café, uma das meninas que geramos jaz como morta no templo, sua força vital sugada por aquele...

– Quanta compaixão por aquela atrevida da Anuk! – ela o interrompeu. – Tu mesmo não sabias o que fazer com ela, quando a levavas para tua casa. Nossa filha rebelde tem sido um incômodo, tanto para mim como para ti. Eu sempre soube que ela traria problemas.

Ele sorriu, irônico.

– Ah, sim, a profecia da parteira. Ouvi contar a história muitas vezes... os servos a repetiam, sempre que Anuk aprontava alguma. O que foi mesmo que a mulher profetizou? *A primeira criança a nascer de teu ventre se voltará contra ti.* Foi por isso que sacrificaste tua própria filha, Shantel? Para tirá-la do caminho antes que o vaticínio se cumprisse? Nunca pensei que fosses tola a ponto de acreditar em tais bobagens.

Um tapa no rosto o fez calar-se, e um guarda veio do cômodo vizinho, o chicote na mão. Mas a druidesa apenas sorriu, desistindo de bater-lhe de novo.

– Começo a acreditar que gostas de ser açoitado, Tariq. Serve-me mais café. Ele tomou o bule e serviu o líquido fumegante, o rosto impassível agora vermelho.

– Voltando ao assunto – ela prosseguiu –, Anuk está viva. E enquanto estiver sob um encantamento, não atrapalhará meus planos. Já Mirele é bem mais fácil de controlar. Fugiu com a aberração, mas logo será encontrada; Galaor revelará para onde a levou.

Não demorou a passar para o assunto seguinte. Ah, como esperara por aquele momento...

– Sabes que ordens recebi ontem? De preparar a execução de minha querida prima.

Tariq recuou, horrorizado.

– É isso mesmo, Crom Cruach sentenciou Oriana à morte. Ela será executada em uma semana, na lua negra, em um belo ritual de sangue.

O líder dos al-gharbios perdeu toda a impassibilidade.

– Tu disseste... que se eu te servisse... ela não sofreria!

Já escolhendo um vestido, ladeada pela escrava, ela sacudiu os cabelos.

– Não posso fazer nada quanto às decisões de meu senhor. Obedeço ordens.

Furioso, Tariq empurrou a mesa. A bandeja e toda a louça do café caíram ao chão do toucador. Ele avançou para ela, que apenas levantou uma sobrancelha.

– Vais limpar tudo isso, bem sabes, antes de receberes o castigo pela insolência.

– Não. Não te servirei mais, Shantel. Acabou!

O guarda esperava apenas a ordem da senhora para derrubá-lo. Mas ela continuou a mexer nos vestidos, imperturbável.

– Ora, meu querido, como és ingênuo. Achas que tens escolha? – E, passando os dedos suavemente pelo rosto dele, declarou, a voz fria, gelada, impessoal: – Ela tem sete dias de vida. Pode passá-los na cela, cuidando de Eurico, ou pode passá-los exposta no pelourinho da praça. Tu sabes como nossos algozes apreciam ter alguém para torturar...

Tariq se calou, enojado. Não podia conceber tanta crueldade concentrada em uma só pessoa. Ficou imóvel enquanto ela ia com a serva para outro cômodo, banhar-se e vestir-se. Antes de sair, porém, a druidesa ainda ordenou ao guarda:

– Faze com que ele limpe a sujeira. Depois, podes puni-lo. Não podemos permitir indisciplina entre os escravos, não é mesmo?

E, enquanto seu banho era preparado, ainda se demorou escolhendo as joias que usaria naquele dia. Naquele belo e ensolarado dia, em que, ao anoitecer, a lua começaria a minguar.

CAPÍTULO 4

Minguante



Itaguaí

O SOL JÁ ESTAVA ALTO quando Rudá permitiu que parassem para comer alguma coisa. Anuk xingava tudo e todos, baixinho. Quanto a Gael, seu aspecto era péssimo; não bastasse o castigo das fadas e a luta com o botocudo, a caminhada rija o esgotara.

A garota brácara estava confusa. O índio seguia sinais incompreensíveis que alguém deixara nas árvores; fizera-os tomar trilhas estranhas, onde ela sentira algum tipo de magia em ação. Nenhuma vez viram sinal de gente; apenas pássaros e insetos pareciam habitar aqueles caminhos. Afinal, deram numa depressão do terreno oculta por árvores.

Rudá tocou um tronco em que havia outro daqueles sinais e parou.

– Agora podemos descansar. Meu amigo vai chegar logo. Querem comida?

Anuk despencou no chão. Gael respirou fundo e se apoiou no tronco da árvore.

– Foi seu amigo que deixou essas marcas que você seguiu? – perguntou ao pai, que havia se acorado no chão e estava tirando um volume do embornal.

– Foi. Uirê. Tomem, Juci que fez. É bom, dura muitos dias...

Estendeu para cada um deles um embrulho de folha de bananeira, amarrada com uma cordinha de fibra vegetal. Anuk torceu o nariz, resmungando algo sobre “comida de índio”, mas Gael abriu o seu depressa e se deliciou com o conteúdo. Era uma posta de peixe moqueado, envolvido em farinha de mandioca preparada como uma farofa grossa. O sabor era delicioso, e nem mesmo a orgulhosa filha de Shantel pôde reclamar.

– Que lugar é este, pai? Pelo tanto que andamos durante a noite, devemos estar longe do Parque Nacional da Tijuca, mas não vi nenhum sinal de cidade... É como se a gente tivesse saído do tempo e do espaço.

Rudá, que havia terminado seu peixe, tomou um gole de água de um cantil que também tirou do embornal. Sorriu, demonstrando o prazer que sentia por ser chamado daquela forma, e num tom tão natural. Pai.

– Pegamos um atalho que só Uirê e os amigos dele conhecem. Tem magia nesse caminho, sim. Mas isto ainda é o estado do Rio de Janeiro. Aqui perto fica Itaguaí.

A garota engasgou com o alimento ao ouvir aquilo.

– Tu queres dizer que andamos tudo isso em uma noite?! Impossível.

O jaguara ignorou a observação e fincou os olhos no rapaz.

– Pergunta o que quer perguntar, filho.

Animado, ele disparou.

– Como foi que você achou a gente? Ninguém sabia onde nós estávamos, só o Galaor, mas ele foi pra Bahia... e para onde vamos agora? Ah, também quero saber que história é essa de guerra. Além disso, por que...

Rudá fez um gesto pedindo calma.

– Uma coisa de cada vez.

Ergueu o rosto, como se farejasse o ar, e contou:

– Depois que vocês foram embora da Serra do Mar, fiquei agoniado. Juci disse que eu devia ir, pra ter certeza de que os brácaros não iam matar você. Então pedi ajuda dos tupinambás de lá. Pegamos um ônibus e fomos pro Rio de Janeiro. Eu sabia o caminho.

– Não foste para a Citânia! – exclamou a garota, ainda comendo o peixe.

– Fui, só que antes de chegar em Santa Teresa, segui pra beira do mar. No lugar chamado Flamengo. Era de noite e ali eu sabia como encontrar os igpupiaras.

Anuk engasgou de novo. Gael teve de bater nas costas da garota para desengasgá-la.

– O que é um igpupiará? – quis saber, cansado de tanta coisa que ignorava.

– Elementais – esclareceu ela, sombria. – Da água. Ligados aos índios...

– São amigos – disse Rudá. – Eles andam por tudo que é lago, rio, mar... Sempre dão notícias do que acontece. E esse sabia muita coisa. Contou que a Citânia foi trancada com magia. Que o filho de Eurico fugiu da fortaleza porque um deus do mal veio pra Terra...

Um grunhido demonstrou o que Anuk pensava de Crom Cruach.

– Mas ninguém sabia que tínhamos ido pra Tijuca! – estranhou Gael.

– Não – Rudá admitiu. – Acontece que um dos tupinambás que veio comigo é pajé e me ajudou a encontrar a trilha. Magia jaguara é diferente das outras, a gente percebe o rastro dela no ar, na água. Você usou magia no jardim e na mata. Fomos atrás do rastro.

– Sério que eu usei magia? Mas como fiz isso se nem percebi?

Rudá olhou para o filho, aparentemente mudando de assunto.

– Por que você provocou o aymoré para a luta? – perguntou.

– Eu só... Fui ficando cheio de estar preso naquele círculo e... Olha, pai, não sei o que me deu naquela hora.

– Nenhuma fera gosta de ser prisioneira.

O que o pai queria dizer com...? Gael engoliu a própria pergunta, morrendo de medo da resposta. Era melhor não pensar na possibilidade de...

– E por que o tal elemental deixou esses sinais pra você seguir? – disse Anuk, indicando a marca na árvore com o dedo. – Não era mais fácil ele mesmo aparecer para nos guiar?

O pai de Gael levantou-se. Começou a ajeitar o embornal.

– Uirê é o chefe dos igpupiaras. Mandou um aviso de que ia deixar um caminho para eu achar o lugar onde vinha me encontrar. Também mandou notícias de Iwati.

A garota franziu as sobrancelhas. Já tinha ouvido aquele nome... mas onde?

– Iwati comanda os clãs indígenas – explicou Rudá. – Meu velho amigo. Ele pediu pros elementais espalharem a notícia: o rei iorubá juntou a maioria dos clãs, vão atacar os brácaros. Ele e Iwati estão juntando os exércitos e indo pra Agulha da Magia...

– Espera, espera, espera aí! – Anuk se pôs em pé com um salto, nervosa. – Então, essa história de guerra é verdade? Os clãs mágicos vão atacar a

Citânia?

O índio não respondeu. Parecia estar ouvindo algo que só ele percebia. Não se passou nem um minuto quando apareceu um homem vindo do meio do mato.

Bem, na verdade ele não era humano. Usava roupas comuns e alguns adereços de índio, mas de alguma forma podia-se notar que era... *diferente*.

Os dois trocaram um abraço. Ignoraram os adolescentes e começaram a conversar, porém não em português ou nheengatu. Anuk e Gael não entenderam uma única palavra da conversa que se seguiu.

São Paulo

DESDE QUE HANEF voltara à cidadela al-gharbia, a tensão e o medo aumentavam. Muitas famílias viviam no local, havia um bom número de guarda-costas e guerreiros, mas todos sabiam que, no caso de uma invasão brácará, estariam em desvantagem numérica.

Mesmo assim, o capitão de confiança de Tariq designara todos os homens hábeis para a segurança. Providenciara armas, capacetes e escudos, e se assegurara de que os mais treinados se colocassem na primeira linha de defesa. Ninguém tinha certeza, porém, de que os brácaros seguiriam a tradição dos clãs e usariam apenas armas brancas. Fazia tempo que não havia guerras entre os povos mágicos; a proibição do uso de armas de fogo e da simples pólvora fora respeitada em conflitos ocorridos nos séculos XVIII e XIX. Quem poderia garantir que isso aconteceria agora? A incerteza minava o ânimo dos guerreiros.

E, a cada dia, notícias desalentadoras chegavam. Primeiro foi um enviado de Galaor, um dos vigias que ele cooptara a seu serviço ao escapar da Citânia. O homem narrou o que acontecera com a ascensão de Crom Cruach ao poder, falou sobre o ritual de Shantel, a morte de Kían. E deixou Hanef mais preocupado ainda, pois, segundo aquele homem, Galaor seguira ao encontro de Akinlana. Hanef sabia, contudo, que ele não chegara ao quilombo. O que teria acontecido ao filho mais velho de Eurico?

Depois, chegaram indígenas. Tariq mantinha relações cordiais com líderes de povos mágicos nativos espalhados pelo estado; dois deles enviaram mensageiros falando sobre a inquietação das tribos. Iwati espalhou a notícia de que os clãs haviam declarado guerra aos brácaros, e nem todos os líderes concordavam com isso, preferindo manter a neutralidade.

Por fim, havia os elementais. Os al-gharbios não tinham mais o costume de escravizá-los, e na região metropolitana de São Paulo eles não eram muito numerosos; porém havia fadas, ninfas e mouras encantadas nos parques, e igpupiaras que ainda transitavam nos rios canalizados. Vários deles procuraram refúgio na cidadela, inquietos com a perturbação que a travessia de um deus ancestral ao mundo físico trouxera às correntes de magia...

Com tudo isso, a única coisa que o capitão podia fazer, além de colocar os guerreiros em prontidão e reforçar a integridade das muralhas, era manter o moral dos al-gharbios elevado. Tarefa difícil, agora que todos sabiam que seu líder fora capturado e poderia a qualquer momento ser morto pelos inimigos. Hanef não acreditava que Shantel chegaria a tanto; tinha, contudo, certeza absoluta de que ela o torturaria. E essa certeza apertava seu coração, enquanto o guerreiro percorria a cidadela oculta e tentava animar seu povo.

Itaguaí

RUDÁ NÃO PERDEU TEMPO. Nem Gael nem Anuk sabiam o que o igpupiaralhe havia dito, apenas imaginaram que deviam ser más notícias, pelo ar preocupado de ambos. O jaguara pediu que recolhessem acampamento. Ainda tinham muito que andar, mesmo atravessando trilhas mágicas, que encurtavam distâncias.

Uirê seguiu na frente, abrindo o caminho. Gael foi atrás dele, tentando emparelhar o passo com as grandes pernas do elemental. Anuk o seguiu e Rudá se deixou ficar na retaguarda. Levava uma faca à mão e olhava desconfiado para todo lado.

O igpupiaralhe andava e, às vezes, fitava o filho de Rudá com curiosidade.

– Faz muito tempo que você conhece o meu pai? – Gael puxou conversa.

O outro sorriu. Tinha dentes afiados, mas sua aparência feroz era suavizada por um ar bondoso nos olhos cor de água de rio.

– Ah, faz. Conheci o pai dele e o pai do pai dele. Os índios-onça sempre foram nossos aliados. Quando os brácaros caçaram Rudá, quase entramos em guerra contra eles.

– Quase? – Gael imaginava quão assustador seria um grupo de seres como Uirê.

– Antes que a gente resolvesse, Oriana libertou seu pai. Ajudamos os dois a fugir. E como os jaguara não quiseram que ele voltasse pro norte, ficou com os tupinambá.

– Então todos os elementais odeiam mesmo os brácaros...

– Muitos odeiam. Eu também não gostava nada deles, até conhecer sua mãe. Mas antes disso eu já pensava diferente, por causa de outro da sua raça. Ele me salvou.

– Sêrio? Quem?

– Não sei o nome dele. Aconteceu faz mais de dez anos, pela contagem de tempo dos humanos. Eu andava pelo Rio, na região da Baixada, e caí numa armadilha.

– Que tipo de armadilha? – Gael notou que Anuk ouvira parte da conversa e se aproximara, tão curiosa quanto ele.

– Dos brácaros. Eles sempre usaram arapucas pra pegar fadas ou povo dos rios, como eu. Antes de os caçadores aparecerem, um rapaz brácaro veio. Disse palavras que abriram o encantamento da armadilha e falou para eu fugir, antes que os outros viessem.

Surpreendente. A filha de Shantel não se conteve.

– Por que ele fez isso? Se fosse descoberto, seria castigado...

– Eu sei – completou Uirê. – Ele me contou que era escravo e que não suportava a ideia de seu povo escravizar os filhos dos elementos. Aí usou magia pra se esconder e sumiu. Eu fugi. Depois disso, comecei a pensar melhor dos brácaros. De alguns deles.

Ele se calou e apressou o passo após as confidências. E o mesmo pensamento ocorreu a Gael e Anuk. Escravos brácaros não tinham o domínio

de encantamentos complexos. Só havia uma pessoa, que ambos conheciam, que os dominava e que seria capaz de desobedecer ordens para salvar criaturas mágicas.

Viriato.

Rio de Janeiro

FINNATH CONVERSAVA COM ORIANA, em um canto da cela, sobre as formas possíveis de desfazer o feitiço que aprisionava Mirele, quando Belmira apareceu. Entregou a Tiago um cesto de alimentos e, ao reparar em Eurico, não escondeu uma expressão alarmada.

– Ele piorou – disse Oriana.

– O usurpador precisa saber disso – comentou a escrava. – Ordenou que vosso pai fosse mantido vivo. Posso tentar fazer um recado chegar a ele, mas só amanhã. Tem alguma coisa acontecendo hoje. Proibiram todo mundo de entrar no templo.

Finnath a fitou, preocupado. O al-gharbio, que estivera quieto até então, indagou:

– Tem visto o senhor Tariq?

Belmira mordeu o lábio inferior, hesitando em responder. Afinal, revelou:

– Tariq foi açoitado hoje cedo. *Ela* não perde nenhuma oportunidade de humilhar teu senhor... e Crom enviou um exército para atacar tua cidade. Tarcísio os comanda.

Com um olhar sombrio, Kassib voltou para o canto escuro da cela, enquanto Oriana se agoniava por Tariq, e Tiago se adiantava:

– E minha filha? Ela está bem?

– Os guerreiros a procuram por toda a parte, mas não vão encontrar. Carol está segura comigo, não te preocupes com ela.

Algo em sua voz alarmou Oriana. Havia mais. O que a velha serva estava ocultando?

– Se tens mais alguma coisa a dizer, diz logo, Belmira.

Com os olhos baixos, a mulher enfim revelou o que as escravas de Shantel haviam lhe contado. Ao ouvir sobre a execução, Tiago perguntou:

– E não tem nada que a gente possa fazer? Eles não podem simplesmente condenar uma pessoa à morte! Isso é assassinato.

– Fica calmo – foi a resposta de Oriana. – A justiça dos brácaros funciona assim. Não te preocupes tanto. Em uma semana muita coisa pode acontecer...

O pai de Carol resmungou, mas acabou se calando. E a escrava foi para a porta.

– Preciso ir. Hoje só consegui vir aqui aproveitando a distração da senhora.

Antes que ela saísse, Oriana recordou, num sussurro:

– Na parede ao fundo do templo, atrás das cortinas, há uma porta que dá para um quarto vazio. A entrada desse quarto é no corredor do primeiro andar, de onde sai aquela passagem para os andares inferiores. Era usada para os servos levarem ervas da despensa para os cerimoniais... Costuma ficar trancada, mas Viriato sempre dava um jeito de destrancá-la. Quem sabe consigas usar essa passagem para espionar!

– Boa lembrança – murmurou a velha escrava. – Vou procurar a porta.

Quando a mulher saiu, Tiago distribuiu os alimentos. Eurico já não aceitava nada, mas Oriana tinha de se fortalecer, e ele a fez comer alguma coisa. Passando para Finnath um cântaro com água, pensou em usar um pouco para tentar contatar Nan. Porém, algo lhe dizia que naquela noite não obteria a conexão. Havia realmente forças mágicas estranhas percorrendo a Citânia, e até ele, que não passava de um humano, podia sentir isso.

EM POUCO TEMPO, a lua minguante surgiria no céu. Apesar de toda a magia na Citânia estar concentrada nos pilares do templo, Shantel sentiu um frêmito passar por seu corpo, ao sair do banho e preparar-se para vestir a túnica ritual que usaria naquela noite.

Magia. Pura, poderosa.

A druidesa dispensara as escravas; estava sozinha. Tariq permanecia no quartinho úmido que reservara para ele, vigiado pelos guardas pessoais da sobrinha de Eurico. O al-gharbio, sombrio, digeriria a surra e a condenação de Oriana à morte. Shantel sorriu, ao lembrar como aquilo o atingira. Talvez agora ele entendesse que lhe pertencia, por completo.

Ela fechou os olhos e deixou que as energias a permeassem. Sentiu as pontas de seus dedos estremecerem, até que as forças mágicas buscaram o chão, sugadas pelo pilar central do templo, como todo o poder que circulava na fortaleza.

Shantel cobriu a nudez apenas com a túnica negra. O ritual daquela noite prenunciava o da semana seguinte, em que poderia sacrificar Oriana. Tradicionalmente, na lua nova, não se praticavam encantamentos. As histórias antigas diziam que era a época de descanso das feiticeiras... ela, porém, sabia mais. Lera nas entrelinhas de todos os tratados de magia e de todos os alfarrábios medievais que encontrara; percebera que, talvez justamente devido à pausa a que os outros praticantes se forçavam, havia energias de sobra no mundo, nessa época. Obscurecidas pelo esconder da face da lua, mas, não obstante, poderosas. E não tinha o menor escrúpulo em usá-las para práticas proibidas.

Olhou-se no grande espelho do quarto.

Estava bela na túnica negra, sem qualquer adereço, os pés descalços e os cabelos soltos. Seus olhos faiscaram e seus lábios esboçaram um riso cruel. Crom ficaria satisfeito.

Buscou sobre o toucador a adaga, que ainda mostrava as marcas do sangue de Viriato, e foi para o templo.

Resende

A PIOR ETAPA DA VIAGEM, para Gael, foi a subida.

Após passarem pela região de Itaguaí e alcançarem uma grande represa, que lhe disseram chamar-se Ribeiro das Lajes, Uirê guiara o grupo pela entrada de uma caverna – o acesso ficava escondido por magia, naturalmente – e lá deram com um rio subterrâneo em que outros igpupiaras os aguardavam, com canoas rústicas, muito estreitas e escavadas em troncos de madeira leve.

Anuk não queria embarcar. Mas era isso ou ficar ali, e ela não se animou a permanecer entre os elementais, que a examinavam com sorrisos em que os dentes afiados ficavam à mostra.

As canoas deslizaram vertiginosamente pela corrente de água submersa; horas depois, saíram a céu aberto, e o grupo viu à frente uma serra alta e impressionante.

Rudá sorriu e apontou para picos quase totalmente ocultos pelas nuvens.

– Lá. Agulha da Magia.

Tinham saído da caverna em algum ponto do rio Paraíba do Sul. Dali, do município fluminense de Resende, começavam as estradas para o Parque Nacional de Itatiaia, onde se localizava o Pico das Agulhas Negras. Quando desembarcaram, Gael perguntou ao pai se iriam escalar o pico, e ele negou.

– A Agulha da Magia não fica tão no alto – explicou. – É mais perto, bem no encontro das Três Terras. Uirê conhece a trilha.

– Encontro das Três Terras? – resfolegou Anuk, enquanto ambos se esfalfavam atrás do igpupiara, de novo, agora numa trilha ascendente. – Onde é isso?

– Neste maciço tem um ponto da fronteira que, para os perós, divide três estados, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro – disse Rudá. – É lá.

Quando haviam subido bastante, e o ar se tornara gelado, perceberam cercas de magia isolando o terreno. Andarilhos e alpinistas não veriam nada e seriam compelidos a voltar para as áreas “humanas” do parque.

A garota se calou. Preocupava-a lembrar que parques eram domínio do povo das fadas; no entanto, fosse pela presença do igpupiara ou do índio-onça, nenhum outro elemental apareceu em seu caminho. E eles chegaram em segurança ao acampamento.

Havia muita gente acampada por ali; em tendas, em cavernas naturais dos morros, vários ao ar livre. A garota reconheceu indígenas, afros, helens, até alguns al-gharbios.

Todos pareciam comandados pelas pessoas instaladas numa tenda verde, armada junto ao maior penhasco. Foi para este local que Rudá e Uirê se encaminharam, depois de o jaguara pedir aos adolescentes que se mantivessem quietos e respeitosos. Anuk torceu o nariz e Gael assentiu, ainda recuperando o fôlego após a subida. Acompanharam o índio-onça, enquanto ele conversava com quem quer que estivesse no comando.

Um deles era outro indígena, que o garoto concluiu ser o tal Iwati. Outro era um senhor de cabelos brancos e ar bondoso. Por fim, uma mulher de mechas vermelhas, bela e que irradiava poder. Assim que pôs os olhos nela, não conseguiu mais tirá-los... E mal notou que a gêmea prendia a respiração.

– Uma *lady érin*... – murmurou ela, assombrada.

E não respondeu quando ele quis saber quem era a tal mulher. A única coisa em que Anuk conseguia pensar era que, se os *érin* estavam envolvidos, realmente haveria guerra.

Rio de Janeiro

SEGUINDO ORDENS EXPRESSAS DE SHANTEL , nenhuma luz elétrica foi acesa no templo após o escurecer. Apenas dois archotes à entrada e velas pelo recinto. Centenas de velas.

Os doze pilares circundantes pareciam mover-se com o bruxuleio das inúmeras chamas. E, no canto em que havia gaiolas, a iluminação era mais forte. Apenas a jaula de Galaor permanecia na penumbra, mas agora que os mantos tinham sido retirados ele podia ver o que as gaiolas continham.

Faerie. Fadas, zanganitos, alguns gnomos e até duas salamandras estavam confinados em prisões que se adequavam a seus tamanhos e poderes. Ele imaginava por que razão tais seres estariam aprisionados quando Crom e Shantel entraram.

Vinham acompanhados por meia dúzia de seguranças e outros tantos escravos. Contando os guerreiros que já faziam a guarda lá dentro, não chegavam a vinte pessoas no grande salão do templo.

Crom ficou para trás, enquanto a druidesa se acercava do pilar central.

Os elementais se agitaram nas gaiolas. Seus protestos foram abafados pelo som que se ouviu assim que Shantel ateou fogo ao braseiro. O que quer que houvesse ali dentro ardeu rapidamente, crepitando em labaredas amarelas que se elevaram alguns metros numa coluna incandescente.

O filho de Eurico sentiu que as chamas tinham dificuldade em se alimentar de magia. Na semiescuridão dos cantos do templo enxergou linhas circulando, que formavam um desenho encantado, mostrando, a quem

conseguisse enxergar, como os doze menires absorviam as forças mágicas de toda a Citânia e as canalizavam para o pilar maior.

Deste, difusa luminosidade partia e envolvia o corpo da garota que ele julgava ser Anuk, e o de Viriato, hospedeiro do deus celta. Durante o dia, ou quando as luzes elétricas brilhavam, aquilo não era visível. Agora, contudo, a teia de magia tecida por sua esposa se revelava. O prisioneiro se ajeitou melhor na jaula para assistir.

A uma ordem muda de Shantel, quatro escravas tomaram os frascos que tinham sido dispostos em torno do braseiro. Um outro servo, bem jovem, se acercou da druidesa enquanto o último escravo, quase um menino, ia até o leito em que jazia a filha de Tariq.

Shantel começou a entoar uma canção mágica. Galaor conhecia as palavras antigas o suficiente para saber que se tratava de um Canto de Poder. O objetivo parecia ser atrair energias mágicas de fontes distantes e reuni-las no templo. Magia proibida, claro.

A canção hipnótica acalmou os seres aprisionados. Assim que seus zumbidos cessaram, cada uma das escravas ergueu o frasco que levava e derramou algumas gotas de líquido sobre o braseiro, fazendo as labaredas crescerem a cada vez. Tornaram-se alaranjadas, depois vermelhas, em seguida roxas e por fim azuladas.

Um brilho azul idêntico surgiu ao redor do corpo da garota adormecida. O servo, que esperava por aquilo, ergueu a mão, segurando um punhal: a adaga ritual de Shantel.

A lâmina perfurou um dos braços da gêmea. Não foi um golpe muito profundo, porém; assim que o sangue cobriu o aço, o rapazinho voltou para junto da druidesa.

Shantel ajoelhou-se diante do braseiro e estendeu o próprio braço.

Nem se abalou quando o servo fez ali uma incisão, permitindo que seu sangue se misturasse ao da filha. Ainda ajoelhada, ela estendeu a outra mão e pegou o punhal; erguendo-o, esperou que o líquido vital de ambas pingasse sobre as chamas...

Foram quatro gotas apenas, e o fogo se tornou verde. A coluna incandescente baixou e as labaredas formaram mais fios de energia sutil, que envolveram o grande pilar e de lá partiram para os seres aprisionados. Deles, gemidos ecoaram, energia fluiu de volta ao menir e seus corpos despencaram sobre o fundo das gaiolas.

Uma sensação estranha passou por todos os que se encontravam dentro das três muralhas da Citânia. E Galaor não teve dúvidas de que aquilo se espalharia lá fora também.

O feitiço fora muito poderoso. Toda a magia dos seres elementais, em um amplo raio, a partir da capital do Rio de Janeiro, fora neutralizada.

ORIANA VIU FINNATH CAMBALEAR, de repente, na cela escura.

– O que tens? – perguntou, alarmada.

– Não sentiste? – murmurou ele, com dificuldade. – Aconteceu alguma coisa.

Ela realmente havia sentido uma fraqueza incomum, no minuto anterior. Mas era uma prisioneira condenada à morte, mal alimentada e assistindo ao pai morrer lentamente, portanto julgara que a sensação fazia parte da provação.

– Não – ele negou, quando ela explicou o que sentira. – É mais que isso. Alguém mexeu com forças elementais.

– Mais magia proibida... – sussurrou a mãe de Gael, lembrando o que Belmira dissera sobre a atividade no templo.

Provavelmente novas experiências macabras de sua querida prima.

OS OLHOS COR DE VIOLETA dispararam um brilho intenso e, de súbito, se apagaram. O povo ao seu redor pareceu diminuir, como se seus corpos se tornassem transparentes, mirrados. Um grito de fúria partiu dos lábios da Rainha. Ela sabia o que estava ocorrendo.

O FRADINHO IA ATRAVESSAR UMA PAREDE, quando sentiu a dureza dos tijolos no rosto. Tateou o obstáculo à frente com as mãos furadas. Não podia passar. Procurou um esconderijo entre os arbustos do jardim mais próximo, estava com medo e completamente vulnerável aos olhares humanos.

OS IGPUPIARAS SE ENTREOLHARAM. Tocaram-se. Tentaram conectar-se à magia, inutilmente. Precisavam comunicar-se com Uirê, mas como? Seu poder telepático se fora.

NAN CONVERSAVA COM OLOÚ, no momento em que a onda antimagia atingiu a comitiva de Akinlana. Estavam a meio caminho do ponto de encontro. O babalaô levou a mão ao peito, como se sentisse dor.

– Alguma coisa foi feita... uma coisa terrível – disse ele.

Ela tocou a pedra de Iansã no peito: estava fria, morta, como uma pedra comum.

Pela primeira vez, sentiu profunda desesperança. O que estava acontecendo?

Itatiaia

UIRÊ INTERROMPEU A CONFERÊNCIA entre os líderes. Rudá se espantou com o aspecto do velho amigo. De um minuto para outro, ele parecia ter envelhecido.

– O que houve? – perguntou o homem de cabelos brancos que Gael já sabia chamar-se Egeu.

– Toda a minha magia desapareceu – revelou o igpupiara.

Cáitlin levantou-se. Estava pálida.

– Não foi apenas a tua – revelou, a voz fraca, como se estivesse ferida. – Os povos elementais foram atingidos por um encantamento poderoso. Não sei qual o alcance do feitiço, parece imenso. Posso ouvir o eco de seus gritos, sentir seu desespero. São muitos...

Iwati saiu da tenda no mesmo minuto.

– Vou reunir os pajés. Temos de entender que nova ameaça é essa.

Anuk, porém, não precisava de feiticeiro algum para adivinhar a fonte do problema. Olhou para Gael, as sobrancelhas franzidas.

– Foi ela, não foi? – perguntou ele.

– Minha mãe.

OS XAMÃS IDENTIFICARAM a origem do encantamento. Rio de Janeiro, Santa Teresa, a Citânia de Brácará. Nada podiam fazer: toda a magia elemental fora neutralizada. Os seres do ar, da terra, da água e do fogo não mais poderiam render qualquer ajuda aos clãs.

Gael e Anuk discutiam o assunto numa tenda pequena que lhes tinham cedido junto ao acampamento dos guerreiros helens, quando viram Cáitlin entrar. Para surpresa do garoto, sua companheira levantou-se e fez uma curvatura para ela. A irreverente filha de Tariq demonstrando respeito a alguém? Aquilo era inédito.

– Filhos, vamos conversar – a mulher começou. – Rudá explicou tudo que vos ocorreu, mas pediria que descrevésseis detalhes do que vistes no templo da casa de Eurico.

Os dois adolescentes se revezaram para narrar a sequência dos fatos e descrições. A érin cravou os olhos em Anuk, quando ela falou sobre a irmã.

– E acreditas que tua mãe não percebeu a troca das filhas?

– Tenho certeza de que não notou. Ela detestaria fazer aquilo com Mirele. Já comigo... – sorriu com melancolia. – Tem uma profecia, tu sabes...

Gael arregalou os olhos. Profecia? Sua vida estava cada vez mais parecida a uma saga de fantasia. Feitiços, execuções, profecias... Só faltava aparecerem elfos e anões.

– Eu sei – disse Cáitlin. – *A primeira criança a nascer de teu ventre se voltará contra ti.* Ouvimos contar sobre isso. E tu és a gêmea alguns minutos mais velha.

Os três ficaram em silêncio por um minuto. Então a érin pareceu tomar uma decisão.

– Precisamos de mais informações. Em vista do que me contastes, acho que há algo que podemos fazer. Mas precisarás ter coragem, filha. Estás disposta a ajudar?

– Sim, senhora – Anuk fez outra reverência.

– Vem comigo, então.

As duas deixaram a tenda. Gael foi atrás.

– Quero ajudar também.

– Não há nada que um jaguara possa fazer no momento – declarou a mulher. – Usaremos magia antiga, complexa.

– Não tem nada a ver com magia – disse ele. – Eu só quero... dar uma força pra Anuk.

Tomou a mão da garota, sentindo o tremor que ela tentava esconder.

Cáitlin sorriu. Ah, a juventude!

– Está certo. Afinal, não existe conexão mágica mais forte que o amor.

E fez sinal aos dois para que a seguissem.

Eles obedeceram, sem nada dizer, seus rostos vermelhos de vergonha.

PASSAVA DE MEIA-NOITE. A maioria dos guerreiros acampados na Agulha da Magia dormia; apenas vigias rodeavam o local, levando tochas acesas que o vento gelado fazia tremeluzir. Sob a tenda verde, porém, várias pessoas permaneciam em vigília. Alguns xamãs, pajés e até pitonisas helens haviam sido orientados pela senhora érin e rodeavam um leito improvisado em que Anuk estava deitada.

A garota, que tentava não parecer assustada, tinha Gael sentado a seu lado, segurando-lhe as mãos. Iwati, Rudá, Egeu e outros líderes observavam.

Cáitlin se aproximou trazendo um recipiente de ferro escuro com altos-relevos de desenhos celtas entrelaçados. Dentro dele, carvões incandescentes queimavam.

– Vou forçar uma ligação com a Citânia – explicou. – Apesar de estar trancada à magia, há uma porta aberta para nós, da qual Shantel não desconfia. O corpo de Mirele está sob o encantamento realizado e sua força vital mantém as energias de Crom Cruach no físico do hospedeiro. Mas sua mente deve estar ativa, e é a ela que vamos acessar. Através da única mente no mundo que pode partilhar seus pensamentos: a de sua irmã gêmea.

Ela jogou sobre as brasas algumas folhas trituradas que tirou de um saquinho preso à cintura; um perfume suave e agradável se espalhou pelo ambiente.

Anuk fechou os olhos e, de súbito, uma imensa força a puxou para o alto, para longe. Sentia que estava voando, atravessando nuvens cinzentas e ameaçadoras.

No meio das nuvens, viu o rosto da irmã à sua frente, confuso, marcado por lágrimas. Tentou estender a mão para ela, mas ao tocar a nuvem sentiu uma dor intensa. Recuou, e a dor passou. Ouviu, então, a voz da senhora érin, muito distante.

– Tem coragem, filha. Podes atravessar a barreira. Tua mente sempre esteve ligada à dela, e não existe magia, proibida ou não, que consiga separá-las.

Pela primeira vez na vida, a garota sentia pena da irmã, vontade de evitar o sofrimento que era evidente em seus olhos. Queria salvá-la. Protegê-la. Estendeu a mão e sentiu de novo a dor atacá-la, como se uma língua de fogo queimasse seu braço, seu rosto.

– Mirele! – chamou, a voz rouca, tentando manter-se firme. – Sou eu. Fala comigo!

O rosto da irmã gêmea se tornou mais nítido no meio da nuvem.

– Ajuda-me! – soou a resposta, também parecendo sufocada pela dor.

Anuk fez mais um esforço e sentiu o fogo invisível tomar conta de todo o seu corpo. Lágrimas escorreram-lhe pelo rosto. Ela cerrou os dentes e deu um passo à frente.

– Segura a minha mão – pediu, entre soluços.

Mirele recuou, como se alguém a puxasse para trás. A outra gêmea insistiu.

– Não deves ter medo! Vou te ajudar. Agora, segura a minha mão!

No instante seguinte, elas haviam entrelaçado os dedos, apertaram as mãos, e a dor sumiu instantaneamente quando conseguiram abraçar-se. Ambas choravam.

– Eu tive medo... muito medo... – soluçou Mirele. – Onde tu estás?

– Perto – respondeu Anuk, tentando impedir que todas as palavras presas na mente da irmã a afogassem. De uma vez só podia ouvir vários diálogos, enxergar dezenas de imagens, sentir todas as sensações que haviam atingido a gêmea desde que a magia de Shantel a aprisionara. A mais recente era uma dor lancinante num dos braços.

– Fica calma – disse, baixinho, procurando absorver tantas revelações. – Preciso entender exatamente o que te aconteceu. Estou com amigos, de

vários clãs. Eles vão chegar à Citânia pra salvar você e os outros, mas para isso tens de me dar informações.

Mirele pareceu ter entendido a situação. Nos últimos dias, sentira-se boiando num limbo, imóvel, pairando entre a consciência e a inconsciência, vendo tudo o que acontecia no templo e, ao mesmo tempo, imaginando se aquilo era sonho ou realidade...

Respirou fundo e abraçou-se com mais força à irmã. Vagarosamente, tudo o que havia em sua mente se transmitiu à mente da gêmea.

Durante pouco mais de uma hora, ambas foram quase uma única pessoa.

CAPÍTULO 5

Sangue



Rio de Janeiro

NA MANHÃ SEGUINTE, quando a porta da cela se abriu e Crom Cruach entrou, apenas Eurico, inconsciente, não sentiu a aura maligna que emanava do corpo que pertencera a Viriato. Os olhos vermelhos pousaram nos prisioneiros, um a um, e se detiveram em Oriana.

Shantel, que entrara atrás dele, ladeada por dois guerreiros, olhou para a prima.

– Tinhas razão, druidesa – disse o deus, com um sorriso cruel. – Ela está impregnada de poder. Não pode usar essa magia na Citânia, graças a ti, mas eu poderei.

Oriana continuou em silêncio, sem perturbar-se. Sabia por que eles estavam ali, mas não podia demonstrar, com medo de que descobrissem que Belmira andava lhe trazendo informações. O novo senhor voltou os olhos para os dois que julgava serem al-gharbios.

– Quanto a vós – disse –, logo tereis companhia. Meus guerreiros partiram para São Paulo, conquistarão a cidadela de vosso povo. Os súditos que não se submeterem serão trazidos para cá e sacrificados. O que me lembra...

Tornou a fitar Oriana.

– Decidi condenar-te à morte, brácara. Morrerás em seis dias.

Ela continuou impassível. Mas Tiago reagiu, pondo-se em pé.

– E o senhor Eurico? Também o condenaram à morte? Ele não vai durar nem um dia!

Crom franziu as sobrancelhas para Shantel.

– Tu disseste que ele estava bem. Não desejo que morra antes de me ver vitorioso!

Shantel resmungou e foi conferir o estado do tio. Aquilo não estava em seus planos.

– Temo que o humano tenha razão, meu senhor. Ele não vai sobreviver muito tempo.

– Pois trata de cuidar dele! – e apontou o dedo enluvado para Oriana. – Ela morrerá na lua negra. Mas o pai deve viver mais tempo. Entendeste?

Shantel curvou-se. A submissão a Crom fazia parte de seu papel.

– Mandarei removê-lo ao seu antigo quarto e chamarei mais escravos curandeiros para atendê-lo. Isso o satisfará, meu senhor?

– Desde que Eurico viva, sim. Quanto a ti – puxou Oriana, analisando-a como se avaliasse um animal –, é pena desperdiçar tua beleza orgulhosa, mas preciso de sangue; e quanto mais magia tiverem minhas vítimas, melhor. Prepara-te para morrer. Dizem que os brácaros enfrentam a morte com coragem, veremos como uma mulher se comportará.

Um sorriso irônico veio aos lábios da mãe de Gael.

– Não desejo a morte, mas não a temo. Acho que não te decepcionarás, Crom.

– Deverias ter mais respeito diante de teu senhor! – exclamou Shantel.

Aproximou-se da prima e bateu-lhe com tanta força que Oriana, enfraquecida pelos dias de prisão, chocou-se contra a parede. O deus celta apenas sorriu.

– Vamos embora – e, dirigindo-se aos guardas, ordenou: – Vós levareis Eurico para seus aposentos.

Nem esperou para ver suas ordens serem cumpridas. Saiu da cela enquanto mais guerreiros entravam e se preparavam para transportar o pai de Oriana. Esta permaneceu no canto em que fora jogada, olhando para o velho brácaro, até que foi retirado de lá. Tiago e os outros dois ficaram em silêncio também; só então Shantel deixou a masmorra, dizendo:

– Obedece a Crom Cruach, prima, e prepara-te. Podes estar certa de que Tariq assistirá ao ritual. Faço questão de que ele te veja morrer, sangrando, vagorosamente...

O som da porta da cela sendo fechada com violência ecoou por muito tempo nos ouvidos de Oriana e dos outros, e a desesperança os envolveu.

Seis dias, apenas.

Itatiaia

FOI SOMENTE NA MANHÃ SEGUINTE que Akinlana chegou à Agulha da Magia. Sua chegada não passou despercebida pelos humanos em visita ao Parque Nacional de Itatiaia. Mesmo acobertados pela magia, foi impossível ocultar a enorme quantidade de gente que subia as variadas trilhas da montanha. Eles, porém, eram apenas parte do exército que o rei reunira; os contingentes mais numerosos já haviam partido para o Rio.

Gael, em meio a um sono perturbado por pesadelos confusos, acordou com o barulho. Viu, espantado, aquele mundo de gente cercando a Agulha da Magia. Fez menção de entrar na tenda verde, porém dois enormes iorubás o impediram de passar; paciente, ele se acorou ali perto e esperou que Rudá ou outro conhecido o visse e o deixasse entrar.

Lá dentro, Akinlana recebia os relatórios de Iwati e Egeu, acompanhado por Rudá e por Cáitlin. Já sabia sobre o ataque aos elementais, mas tinham sido as revelações da érin, obtidas com a ligação entre Anuk e Mirele, que mais chamaram sua atenção.

– Então – disse ele, ao final do último relato –, não teremos mesmo o apoio de Tariq e Galaor. Esse usurpador é astuto, tirando do tabuleiro duas peças importantes na guerra. Temos notícias da cidadela dos al-gharbios?

Egeu se adiantou.

– Veio conosco um vigia enviado por Galaor aos helens. Ele fala por celular com outro brácaro, em São Paulo. Diz que Hanef organiza a defesa, à espera de um ataque.

O rei iorubá franziu a testa. Sabia que, se os al-gharbios caíssem sob o domínio de Crom, a situação se agravaria bastante. O líder do clã helen sugeriu:

– Posso levar um destacamento para lá e ajudar na defesa do povo de Tariq. Tu reuniste tantos guerreiros afros que não faremos falta.

– Parece-me uma boa ideia – concordou Cáitlin. – Pelo que sei sobre o exército brácaro, temos aqui seu número em dobro, entre povos quilombolas e indígenas.

– É verdade – assentiu Rudá –, mas teremos de lidar com a magia trancada na Citânia, além das três muralhas... e não contaremos mais com o apoio dos elementais.

Durante um bom tempo ainda eles discutiram a situação. E Gael permaneceu no mesmo lugar, ansioso para saber o que estaria sendo decidido na tenda.

Rio de Janeiro

O SOL DA TARDE entrava pelas janelas dos aposentos de Shantel viradas para oeste, quando Crom – mais mal-humorado que de costume – entrou e viu sua druidesa almoçando, com Tariq e duas escravas a servi-la.

– Desejas partilhar minha refeição, senhor? – perguntou ela, levantando-se.

– Não tenho disposição para refeições! – esbravejou ele, jogando-se sobre um divã. – Tens de fazer alguma coisa! A dor de cabeça se tornou insuportável.

Shantel foi até ele, afagou sua testa e massageou sua nuca com a mão esquerda.

– Há pensamentos conflitantes em tua mente. O que houve? Pensei que estarias postando guerreiros nas muralhas.

– E estava. A dor me atingiu de repente, como golpes de adaga. É *ele*. Sempre *ele*!

Levantando-se, foi se postar diante do grande espelho na parede. O rosto de Viriato o fitou, estranhamente irônico, como se do lado de lá do vidro polido houvesse outra pessoa.

– Deves ter alguma poção ou encantamento para calar a voz desse intruso! – concluiu ele, afastando-se do espelho.

Tariq, que ouvira tudo, pensou que Crom é que era o intruso naquele corpo. Pelo que via, o irmão bastardo de Oriana não fora tão neutralizado quanto todos haviam pensado.

– Ele deve ter se agitado com o anúncio da condenação de minha prima – concluiu a druidesa. – Infelizmente, nenhum remédio que eu prepare pode atingi-lo sem fazer mal a ti também. Mas em poucos dias, quando Oriana morrer, ele morrerá um pouco com a irmã... – ela olhou de lado para Tariq, que não demonstrou emoção alguma. – O sangue dela te dará forças, meu senhor e deus. Nada poderá atingir-te depois da lua nova!

Crom, porém, livrou-se dela com um safanão.

– Não posso esperar tanto tempo, a dor é profunda e afeta minhas decisões. Não importa, eu sei o que fazer. Vem, traz teus objetos rituais. Vamos ao templo!

A um sinal de Shantel, as escravas foram em busca de vários apetrechos; ela foi ao cofre e retirou a adaga ritual. Crom saiu e a druidesa o seguiu, com as servas e o al-gharbio.

Adentrando as portas do templo, deram com um bom número de escravos, à luz das velas, limpando o local. Belmira os comandava. Os elementais estavam quietos em suas gaiolas, apenas seus olhos acompanhavam o movimento. Galaor ergueu-se na jaula, assim que eles entraram.

Mirele, que ainda pensavam ser Anuk, continuava semimorta, deitada na grande mesa. Foi até ela que Crom caminhou, enquanto Shantel ordenava aos servos que se afastassem. Ele espalmou a mão esquerda sobre a cabeça da garota e estendeu a direita para a druidesa. Tariq prendeu a respiração; ela, relutante, entregou-lhe a adaga.

Itatiaia

GAEL AINDA ESPERAVA NOTÍCIAS do lado de fora da tenda verde, quando Anuk apareceu à sua procura. Se ele tivera pesadelos, a garota mal dormia desde que mesclara seus pensamentos aos da irmã gêmea. Aquilo fora perturbador. E as informações conseguidas tinham sido demais para ela: Tariq transformado em escravo! Ela sabia que sempre existira antagonismo entre os pais, mas nunca imaginara que o ódio da mãe fosse tão intenso a ponto de ela querer humilhá-lo dessa forma.

Estranhou ver Gael acorado, mas não disse nada. Apenas se sentou ao seu lado.

– Não conseguiste mais falar com teu pai? – perguntou.

– Não, ele está lá desde a hora do café, e os guardas não me deixam entrar. Traçando estratégias de guerra, acho. E você? Parece que não descansou nada.

– Como posso descansar sabendo que minha irmã continua paralisada na Citânia e que meu pai agora não passa de um escravo?! Preciso fazer alguma coisa, Gael. Não aguento mais ficar aqui parada enquanto eles sofrem nas mãos de minha mãe!

O garoto não soube o que dizer. E bem naquela hora uma voz conhecida o pegou de surpresa.

– Então você está mesmo aqui! Não tinha acreditado, quando me disseram.

Não fosse a voz familiar e o sorriso de sempre, Gael não reconheceria o tio. João usava vestes guerreiras, tinha um escudo às costas... e aquilo em sua mão era uma lança!

O estranhamento durou apenas alguns segundos, e o adolescente se lançou nos braços do irmão de Tiago, que o apertou com toda a força. Gael fechou os olhos e não pôde impedir que lágrimas corressem por sua face. Teve a estranha sensação de que, ao abrir os olhos, estaria ainda na cozinha do bar do pai adotivo, esperando Carol preparar o almoço e com o tio contando alguma piada.

A realidade, contudo, era outra: eles haviam se envolvido numa guerra entre povos mágicos. Tiago e Carol estavam à mercê dos brácaros. E ele mesmo, Gael, descobrira uma herança indígena que, mesmo sem desejar, aos poucos o modificava...

Sentiu Anuk chegar perto dele e colocar a mão em seu ombro. Então abriu os olhos e fitou João em silêncio. Este, bem-humorado como sempre, foi perguntando:

– Ela virou sua namorada, é? Bem que o Tiago disse que vocês tinham fugido da Citânia com o tal do Galaor.

Vermelho de vergonha, ele custou a perceber a informação implícita na pergunta. Anuk, porém, captou a noção de imediato. E não deixou de soltar a

costumeira patada.

– Namorada, não! Somos primos em algum grau; a mãe dele é prima da minha. E que história é essa de que falaste com o pai adotivo do Gael? Ele não está preso na Citânia?

João transferiu o olhar de um para outro. Podia perceber a ligação entre os dois adolescentes, mas viu que seria melhor não perseguir o assunto.

– Está, mas apesar disso conseguimos um contato... Temos muito a conversar. E tem uma pessoa que você precisa conhecer, Gael. Venham comigo.

Atravessaram juntos os acampamentos iorubás, até que João viu Nan ajudando a organizar o material de primeiros socorros que seria levado à frente de batalha. O garoto fitou o tio com o ar interrogativo.

– Aquela – esclareceu João – é Nan. E é bom você ir se acostumando com a moça, porque se a gente escapar vivo dessa encrenca toda, acho que ela vai ser sua madrasta!

Rio de Janeiro

GALAOR PRENDEU A RESPIRAÇÃO quando a adaga de Shantel passou às mãos de Crom. Viu-o ferir a carne da adolescente e depois dar um talho no próprio braço esquerdo. Enquanto olhava o sangue de Viriato e da garota se misturarem na lâmina, a um aceno do celta, dois guardas abriram a porta metálica que mantinha Galaor prisioneiro e o arrastaram para fora da jaula, para junto da mesa de pedra que servia de leito à gêmea.

O filho de Eurico tentou manter a serenidade. O que aquele louco faria com ele? Iria sacrificá-lo, provavelmente. Se ele e Oriana morressem, Shantel seria a herdeira legítima da Citânia. Nem mesmo os érin poderiam contestar seu direito!

Mas Crom não mirou o peito ou o pescoço do orgulhoso brácaro; feriu-o no mesmo ponto em que se cortara, pouco acima do cotovelo esquerdo. Enorme quantidade de sangue correu e, com o punhal pingando sobre o corpo da filha de Shantel, o deus ordenou:

– Diz as palavras rituais, druidesa. Agora!

Ela se mostrava tão surpresa quanto os outros. Por um momento pareceu que ia contestá-lo, porém acatou o que ele desejava. Envolveu-se no manto ritual que uma escrava trouxera e pronunciou a fórmula. Uma ladainha ininteligível em língua antiga.

Belmira, encolhida com vários servos num trecho do templo, tapou a boca com as mãos para não soltar uma exclamação de terror. Viu as palavras se materializando no feitiço, como entidades a pairar no ar, as correntes de magia circulando, mais uma vez alimentadas pelo sangue deles e pela vida da garota.

Viu uma luz assustadora começar a cercar a carne de Galaor...

O corpo de Viriato, que Crom ocupava, desabou no chão com um estremecimento e ficou-se, imóvel. A adaga que segurava escorregou-lhe da mão e foi parar sob a mesa de pedra. Ao mesmo tempo, Galaor empinou o peito orgulhoso.

Afastou os dois guardas que o prendiam. Um sorriso arrogante lhe subiu aos lábios e seus olhos se avermelharam, como se insuflados por uma luz mágica interior.

– Muito melhor – disse a voz de muitas vozes, que não mais pertencia ao filho mais velho de Eurico. – Muito melhor mesmo!

Itatiaia

GAEL TINHA DEIXADO ANUK conversando com Nan e João. A garota e a possível nova namorada de seu pai não paravam de falar sobre a estranha forma de magia que possibilitava o contato com a Citânia, e a comparavam com a conexão obtida pela senhora érin entre as duas gêmeas.

O adolescente queria falar com Rudá e estava decidido a encontrá-lo, nem que tivesse de invadir a tenda verde. Porém, isso não foi necessário: avistou o pai a certa distância, numa conversa com Uirê. Pareciam estar se despedindo.

Quando chegou perto, o igpupiara já tinha sumido na trilha da montanha mais próxima.

– Ele foi embora? – perguntou ao pai.

– Foi ver seu povo. Uirê tem esperança de que os igpupiaras que estavam debaixo da água ainda tenham poder. Mas eu não sei, não. Foi uma magia muito forte.

Gael se acocorou ali perto. Rudá, surpreso ao ver como os modos antigos de seu povo estavam se refletindo no filho, fez o mesmo.

– O que foi que Akinlana decidiu, pai?

– O mesmo que todo mundo já sabia. Vamos para a Citânia.

– Quando?

– Logo. Mas não sei detalhes. Quem planeja a guerra são os iorubá e os érin. A gente só segue adiante. E luta.

Gael ficou alguns minutos em silêncio. Nervoso, cutucava a nuca. A tatuagem feita pelo povo das fadas queimava. Rudá fechou as sobrancelhas ao perceber o desenho.

– Desde quando você tem essa tatuagem, filho?

Meio sem jeito, o adolescente lhe contou o episódio todo. A expressão de Rudá ficou mais e mais preocupada. Ele lembrou Anuk dizendo que tatuagens mágicas podem ter efeitos inesperados... O ocorrido nos domínios de *Faerie* devia ser mais perigoso do que imaginara.

Rio de Janeiro

A BRI MEUS OLHOS COM DIFICULDADE. Doíam, embora apenas a luz de muitas velas brilhasse no ambiente. Senti o chão duro sob meu corpo. Respirei mais fundo: respirar também doía. Tentei me mexer. E então foi minha cabeça que sofreu com pontadas profundas.

Vi pés à minha volta. De quem seriam? Onde eu estaria?

Uma risada abafada chegou a meus ouvidos agora sensíveis.

Criei coragem e ergui os olhos para o guerreiro que rira. As lembranças voltaram de uma vez só.

“Galaor?”, pensei, incrédulo. Ao lado dele, Shantel.

O templo. Estava no templo.

Num esforço incrível, tentei erguer meu corpo. A pontada nas têmporas foi insuportável.

Não, aquele não era Galaor. Não mais. Infelizmente, eu conhecia bem demais aqueles olhos brilhantes e vermelhos.

– Como pude ficar por tanto tempo nesse corpo? – Crom zombava de mim.

A voz da druidesa soou baixa, como um sopro. Ela evitava meu olhar.

– Senhor, o que faremos com ele?

Por um minuto, Crom pareceu refletir. Sondava a mente de seu novo hospedeiro.

– Matá-lo, é claro. Que utilidade pode ter agora? Tu sabes, este que me serve agora não gosta dele. Quis matá-lo muitas vezes e não pôde. Vou cumprir seu desejo.

Deixei-me cair de novo. Não tinha forças para enfrentar ninguém, muito menos um deus sanguinário como aquele. Ansioso, Crom estendeu o braço em minha direção.

Com o pensamento nas pessoas que amava, implorei à deusa que elas estivessem em segurança.

Então, como o escravo que eu sempre seria, aguardei a morte.

CAPÍTULO 6

Ataque



São Paulo

O CENTRO DA CIDADE era um espetáculo de cores, luzes e cheiros, com a trilha sonora do trânsito, das vozes e das músicas de todo gênero que escapavam pelas portas de aço das lojas. Envolvidos por tal cacofonia, Tarcísio e dois de seus guarda-costas passavam entre a multidão, que lotava a região da Rua Vinte e Cinco de Março. Ninguém via seu verdadeiro aspecto, com as roupas e armas ocultas pela magia. Os mais sensíveis, contudo, sentiriam sua excitação guerreira, a antecipação pela luta, pelo sangue.

Algumas ruas adiante, a movimentação diminuía; alguma coisa fazia as pessoas evitarem tomar o mesmo caminho que eles. O brácaro não sabia ao certo se aquilo era resultado da magia de seu povo ou se era coisa dos al-gharbios; mas tinha certeza de que, assim que desse a ordem de iniciar o ataque, os habitantes de São Paulo não veriam nada de mais; poderiam achar que o ruído da cidade aumentara ou que a terra estremecia por culpa de obras de construção civil ou britadeiras quebrando as calçadas para reparos da prefeitura. Jamais, porém, imaginariam que uma guerra se travava em seu próprio meio.

Tarcísio parou numa esquina e observou o portão de ferro. Divisava o jardim e as ruelas agora desertas da cidadela. Ao fundo, as torres do palacete mourisco. Seus olhos treinados percebiam o brilho de lanças e espadas nos vãos.

Sorriu. Não esperava ser recebido sem lutas. Mas, pelos cálculos que fizera, tinha pelo menos cinco vezes mais guerreiros que os al-gharbios. E lá dentro haveria ainda mulheres, crianças e velhos. Sitiados, ilhados, à sua mercê.

Seus homens se haviam postado em grupos, à espera do sinal que ele, Tarcísio, daria – assim que a construção estivesse cercada. O reconhecimento mostrara que o palacete era uma fortaleza, que o inimigo os esperava armado, e que, portanto, invadi-lo não seria fácil. Mas não era esse tipo de desafio que ele e Hélio sempre haviam amado?

Pensar em Hélio o lembrou de que devia se comunicar com a Citânia e dar contas a Crom de que tudo corria bem nas terras paulistanas. O deus daria a ordem de ataque, pensando que estava no controle. Tolo! Ele e Shantel imaginavam que comandariam quem quisessem, com suas magias proibidas. Tarcísio desembainhou a espada e olhou a lâmina, que refletiu seu sorriso orgulhoso. Depois tocou um bolso da túnica, oculto sob a cota de malha.

– Esta é a única magia de que eu preciso – resmungou entre os dentes.

E, ainda com a arma desembainhada, foi ordenar que um de seus comandados usasse o celular para a comunicação com o Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro

SENTI O SANGUE ESCORRENDO como lágrimas de meus olhos. O nariz também sangrava, os ouvidos... A dor ganhou dimensões que eu nunca julguei existirem. Era alucinante, devoradora. E me destruía de dentro para fora.

– Meu senhor, não há motivo para matá-lo... – ouvi Shantel dizer. – É apenas um escravo que...

– Que é teu amante? – sorriu Crom. – Sim, cara druidesa. Meu atual hospedeiro não se importa em compartilhar comigo o motivo de seu ódio por este escravo. Aliás, ele a odeia mais ainda.

Vi Shantel empalidecer. Vi o pânico dos elementais em suas gaiolas, a piedade de Tariq por mim. Mais adiante, atrás dos guardas, Belmira se destacava entre os escravos que tinham parado a faxina no templo para assistir à execução. Ela segurava pelo braço alguém que se arriscava muito em estar

ali, mesmo coberta por um manto imenso e usando luvas rústicas que escondiam seu tom de pele.

BELMIRA TEVE MUITO TRABALHO para segurar Carol, que por pouco não revelou seu disfarce: ao ver que Crom deixara o corpo de Viriato, seu primeiro impulso fora correr até ele. A velha escrava, porém, a prendera com força e a forçara a ficar de cabeça baixa, atrás dos outros. Se Shantel sequer farejasse a presença da jovem, não hesitaria em tirar sua vida, que, para ela, não valia nada.

Mas a druidesa nem parecia lembrar que havia escravos no recinto. Não tirava os olhos de Crom e usava todo o seu autocontrole para não denunciar o quanto temia pela vida de Viriato... Sua voz soou firme quando falou, afinal.

– Não achas que alguém tão desprezível merece mais que uma morte tão rápida?

O deus a olhou, curioso, mas não deixou de causar os tenebrosos espasmos de dor em sua nova vítima.

– O que sugeres? Que seja torturado antes? – retrucou, irritado.

Ela forçou um sorriso cruel.

– Excelente ideia, meu senhor e deus! Antes, porém, podemos usar as habilidades que o escravo possui. Apesar de ser um verme desprezível, ele aprendeu muita coisa com Kían sobre artes de cura. Pode ajudar a manter Eurico vivo...

Crom relaxou um pouco a emissão de energias malignas, pensando no assunto. Shantel aproveitou a hesitação. Lançou um olhar preocupado para as roupas sujas de sangue que o deus, no corpo do novo hospedeiro, agora também usava.

Extremamente vaidoso, Crom não precisou de outro incentivo para interromper a execução. Olhou para o próprio corpo e, com uma careta de

nojo, arrancou a túnica, jogando-a ao chão antes de inspecionar os hematomas e cortes no tronco e nos braços.

– Este corpo fede. Preciso de um banho e roupas decentes – disse.

– Mandarei providenciar imediatamente, meu senhor.

Viriato continuava imóvel no chão, os olhos semicerrados. Alguns tremores o sacudiam, expulsando as energias que haviam permitido a possessão de que fora vítima. Foi com os ouvidos zumbindo que escutou a voz da druidesa, esbanjando displicência:

– Ahn, o que decides quanto ao escravo, senhor?

Tariq percebeu o fingimento na voz dela com certa surpresa. Por que ela tentava salvar o filho bastardo de Eurico? No fundo do templo, Belmira segurou Carol com mais força. Não acreditava que o usurpador deixasse Viriato viver e sabia que, se sua morte fosse decretada naquela hora, nada impediria a humana de correr até ele.

CAROL NÃO OUSAVA PISCAR. Lágrimas escorriam por seu rosto sob o manto, que deixava apenas seus olhos visíveis. Arriscava muito ao abandonar a segurança dos subterrâneos. Tudo porque, naquele dia, a inquietação a sufocara demais, como um pressentimento ruim, fazendo-a insistir com Belmira para que a levasse para a superfície. Agora entendia o porquê.

Desafiante, a jovem ergueu o queixo. Estava decidida a fazer qualquer loucura para ajudar Viriato.

Crom, no entanto, estava mais interessado em valorizar sua nova e poderosa aparência do que em castigar o ex-hospedeiro.

– Que o escravo cuide, então, do velho Eurico – definiu. – Depois decidirei seu futuro.

APENAS TARIQ RECONHECEU o sinal de alívio na cruel druidesa. Assim que Crom saiu, Shantel chamou duas servas e ordenou que corresse para aposentos do deus para lhe preparar o banho e separar vestes limpas.

Passou o olhar ao redor, finalmente notando os escravos no canto, munidos de vassouras, baldes e outros apetrechos. Franziu as sobrancelhas.

– Retirai-vos! E levai toda essa tralha. A limpeza do templo pode ficar para amanhã. E tu – voltou-se para Tariq – espera por mim em meu quarto. Obedece!

O al-gharbio tomou o rumo das portas entalhadas. Alguns escravos se curvaram, tratando de sair dali bem depressa. Belmira empurrou Carol para que fosse com eles, e começou a recolher o material que haviam deixado. Sempre de cabeça baixa, pegou alguns panos que estavam mais próximos do leito onde jazia a gêmea e foi jogando num balde. Aproveitou enquanto Shantel observava Viriato caído para, com cuidado, recolher sob a mesa de pedra a adaga que caíra da mão dele, no momento que o espírito de Crom se retirara.

A velha serva abraçou-se ao balde e voltou-se depressa para a porta.

Shantel não notou seu movimento. Naquele momento, acabava de dispensar a guarda que vigiara Galaor.

Antes que seguisse para as cozinhas, porém, Belmira sentiu alguém tocar em seu braço e voltou-se, apavorada. Alguém a vira pegar a adaga?...

Mas era apenas Tariq.

– Tu podes me dar notícias de Oriana? – pediu ele.

Ela custou um pouco a acalmar a respiração sobressaltada. Olhou-o com pena.

– A senhora continua numa cela. Apenas o senhor Eurico foi levado para cima.

– Achas que a resistência conseguiria salvá-la?... Impedir que seja... que seja...

A boa mulher suspirou. Era triste ver um poderoso líder de clã naquela situação.

– Sinto muito, não vejo como poderíamos salvar Oriana. Há muitos guerreiros vigiando as celas, apenas homens de confiança da druidesa...

– Então – murmurou ele, amargo. – Ela vai morrer.

Belmira gostaria de confortar o pai das gêmeas, mas naquele momento precisava sair dali depressa, antes que a druidesa desse pela falta da adaga.

Deixou o al-gharbio sozinho com seu desespero e sumiu por uma passagem que descia aos subterrâneos.

SHANTEL FOI A ÚNICA a permanecer no templo. Ela se aproximou, parando diante de mim com uma expressão dura que distorcia a beleza de seu rosto. Apesar de muito enfraquecido, consegui me sentar. Mantive-me submisso, sem olhar diretamente para ela.

– Por que, Viriato? Dize! – sibilou ela, enfurecida. – Por que desperdiçaste o poder que te dei?

Não respondi.

Com um suspiro cansado, ela resolveu se inclinar para mim. Segurou meu rosto entre as mãos, sem se importar com o sangue que me sujava, obrigando-me a fitá-la.

– Por que desperdiçaste a chance que te dei de governar ao meu lado? – murmurou. A raiva dera lugar à mágoa. – Não me amas?

Mas eu a amara por tempo demais. Shantel vislumbrou em meu espírito as marcas daquela paixão que vinha desde meus onze anos, quando conhecera a menina de nove que viera morar com o tio. Ela sorriu.

– Tu sempre me protegerás, Viriato.

Seus lábios tocaram os meus com desejo. Retribuí, abandonado pela força de vontade para fazer o que era certo.

Segura de seu poder sobre mim, a druidesa se afastou para chamar um guarda no corredor. Eu seria escoltado até o quarto de Eurico.

São Paulo

VOZ DE HÉLIO soou peremptória no celular.

– Crom ordena o ataque à meia-noite.

A Tarcísio desligou o aparelho e se afastou da cidadela. No horário combinado, viu o céu enevoadado de São Paulo, escondendo as estrelas e a lua que minguava. Olhou para a esquerda e para a direita, divisando, nas esquinas, seus capitães. A um sinal seu, ambos assentiram e partiram para multiplicar a ordem que esperavam. Num instante os guerreiros da vanguarda começaram a tentar escalar os muros ao redor da cidadela, enquanto uma equipe forçava o grande portão de ferro.

Mais um sinal dele fez com que um grupo de homens, postado nas esquinas ao redor do palacete, iniciasse algum tipo de ritual. Um canto monótono se espalhou feito um zumbido desagradável entre os atacantes.

Em grande inferioridade numérica, seria impossível aos al-gharbios repelir o cerco.

Com um grito de guerra, Tarcísio, cercado por cerrada guarda, irrompeu com tudo na entrada do reduto inimigo. Tinha certeza de que a vitória lhe sorriria antes do amanhecer.

CAPÍTULO 7

O peso da culpa



Itatiaia

ANUK ABRIU OS OLHOS. Estava deitada na tenda verde, e via a seu redor os rostos ansiosos de Gael e Rudá. Cáitlin e Akinlana permaneciam serenos. O dia já ia alto.

– Fala comigo, Anuk – pediu Gael, tomando suas mãos frias.

Ela respirou fundo, tentando recuperar o fôlego para assegurar-lhe que estava bem. A conexão fora mais fácil desta vez; era como se o contato mental com Mirele se tivesse transformado, de uma trilha inóspita, em um caminho aplainado. Mas as notícias que a gêmea lhe dera eram piores ainda que as anteriores...

– Deixa-a descansar, filho – pediu Cáitlin. – Logo estará recuperada.

O pai de Gael e o líder iorubá começaram a conversar num canto, e a senhora érin reuniu-se a eles. O rapaz ficou apertando as mãos de Anuk nas suas.

– Egeu não devia ir para São Paulo – sugeriu Rudá. – Com o deus celta agora no corpo de Galaor, os brácaros ficam mais perigosos. Vamos precisar dos helens.

– Mesmo sem eles, temos mais guerreiros – discordou Akinlana. – E os algharbios precisam de ajuda. Meu informante disse, ao celular, que o ataque começou de madrugada.

– De qualquer forma, a maioria dos guerreiros já partiu – acrescentou Cáitlin. – Só o grupo do senhor Egeu ainda está levantando acampamento. Devemos levantar o nosso também, Akinlana. Precisamos atacar a Citânia antes que a lua termine de minguar.

–Vamos falar com Iwati – decidiu o iorubá.

Os três deixaram a tenda. Anuk, já mais fortalecida, sentou-se no leito improvisado em que fora colocada pela érin para a nova comunicação com a irmã.

– Vai devagar – pediu Gael, vendo que ela ignorava a tontura, levantando-se.

– Não há tempo para descansos – retrucou. – Tu ouviste as notícias da Mirele! O tal de Crom agora está ocupando o corpo do Galaor... Além disso, os brácaros atacaram a fortaleza do meu pai. Eu tenho de fazer alguma coisa!

A garota deixou a tenda e ele foi atrás.

– Não tem nada que você possa fazer. Akinlana vai ordenar o cerco à Citânia, vamos entrar em guerra, só temos de ter paciência e esperar...

Ela interrompeu o passo e o fitou.

– O quanto tu me conheces, Gael? De onde tiraste a noção de que eu sou paciente?! Não vou ficar parada esperando ninguém decidir nada. Vou agir.

– Mas estamos com meu pai, sob as ordens dos iorubá, e eles...

– Eu não estou sob as ordens de ninguém!

Sem hesitar, Anuk foi ao encontro dos líderes, que conversavam diante da tenda de Iwati. Egeu estava no local, pronto para partir, portando um escudo antigo com desenho em alto-relevo que, no centro, ostentava uma cabeça de górgona rodeada de cobras.

“A Medusa”, Gael lembrou-se vagamente de um livro de História do colégio.

A garota brácara já se postara diante de Akinlana.

– Eu vou junto com os helens pra São Paulo – declarou ela. – É a minha casa que eles estão atacando e, na falta do meu pai, alguém da família tem de ajudar na defesa.

Para surpresa de Gael, nenhum dos líderes a contestou.

– Tens esse direito – disse a senhora Cáilin. – És filha do chefe do clã.

Egeu assentiu com a cabeça.

– Vem comigo, mandarei que sejas armada.

– Mas isso é loucura! – esganiçou o filho de Oriana. – Ela... ela... ela...

Foi Rudá quem o afastou, enquanto a garota ia reunir-se aos guerreiros helens.

– Deixa, filho. Ela tem o direito de defender a casa do pai.

Ele se sentiu furioso. Impotente. Anuk era mesmo uma cabeça-dura! Depois de tudo que tinham passado juntos, ia deixá-lo assim, sem mais nem menos, para enfrentar a morte certa num ataque daqueles?! Seus olhos brilharam em amarelo-ouro e as garras se projetaram nas mãos, refletindo sua fúria.

Voltou-se para ir atrás da garota, escapando do pai, mas deu com a érin barrando-lhe o caminho. Ela tocou suas orelhas sob os cabelos e lhe sorriu.

– Há em ti mais do que os olhos veem – disse ela, suave. – Vamos conversar. Desejo entender melhor o processo pelo qual estás passando.

– Que processo?

Gael bem que tentou esquivar-se da mulher. Ela, no entanto, se sentou ali mesmo, no chão, e ordenou-lhe que descrevesse as mudanças físicas que lhe ocorriam desde que descobrira ser filho de Rudá. Sem vontade nenhuma de tocar em um assunto que preferia ignorar, ele *guardou* as garras e se limitou a falar delas, que eram muito afiadas, e também da agilidade que não imaginava ter e dos olhos que enxergavam no escuro.

– Foi só o que herdei do meu pai, senhora – encerrou, torcendo para que a mulher não lhe fizesse nenhuma pergunta.

Cáitlin lhe reservou um sorriso bondoso, decidindo fazer de conta que acreditava nele. Assim que viu Anuk, o adolescente pediu licença e aproveitou para escapar. A garota prendera os cabelos, tinha uma espada curta numa bainha à cintura e um corpete justo de cota de malha que lhe dava um aspecto selvagem, guerreiro.

– Vim me despedir – disse ela. – O senhor Egeu está com pressa, disse que vamos esperar mais guerreiros perto da Rodovia Fernão Dias, e que só depois vamos para São Paulo.

– Anuk... por favor... não vai.

– Não posso ficar aqui, Gael. E depois, não sentirás muito a minha falta, com aquela érin te paparicando o tempo todo.

– Então é isso? – zangou-se ele. – Ciúmes? Ela tem idade pra ser sua avó, Anuk.

– Ela tem idade para ser bisavó do Matusalém – retrucou a garota, azeda. – Tu vais entrar em batalha junto com o teu pai, deves isso a ele. E eu devo ao meu pai ir em defesa da nossa terra. É guerra, Gael. Não tem como não nos arriscarmos agora...

Ele a abraçou, sentindo o frio da cota de malha em seu corpo. Amava aquela menina mal-humorada, impulsiva, turrona. Sabia que era amado, embora desconfiasse de que ela jamais o confessaria. Tomou sua mão e a fez tocar a tatuagem das fadas em seu pescoço.

Ela fechou os olhos, reprimindo as lágrimas e a culpa que não queria admitir.

– Toma cuidado – foi só o que a gêmea disse.

– Você também – sussurrou ele.

E ficou olhando-a partir montanha abaixo, junto com os helens.

A seu redor, os índios e os afros começavam a recolher acampamento.

São Paulo

ERA MEIO-DIA em São Paulo, e os sons da batalha misturavam-se a todos os outros sons da capital paulista.

Hanef olhou, pela janela da mais alta torre do palacete, os muros que aos poucos começavam a ceder, escalados pelos inimigos. Por mais que seus arqueiros os alvejassem, apareciam mais e mais brácaros, ignorando os feridos e tentando atingir o jardim que circundava a cidadela. O portão de ferro ainda não fora derrubado, mas era uma questão de tempo, pois era alvo de golpes incessantes. Os encantamentos que seu clã tecera em torno dele iam exaurir-se logo... Já era um milagre terem aguentado tanto tempo.

Irritado, Hanef jogou o celular sobre a mesa. Não funcionava. Um de seus comandados, experimentado em artes mágicas, o avisara de que algum tipo de encantamento inibia os aparelhos eletrônicos. Toda comunicação teria de ser feita da forma antiga, assim como a luta que se processava como nos

tempos medievais. Ferro contra ferro, aço contra aço, flechas contra escudos. Sem explosivos ou armas de fogo e, mesmo assim, tremendamente mortal.

Um capitão entrou esbaforido na salinha do alto da torre.

– Entrou um grupo pelo muro oeste. Não conseguimos segurá-los, são muitos.

Hanef assentiu. Já esperava por aquilo.

– Há trinta guerreiros descansados de prontidão no salão de armas. Leva-os para reforçar a ala oeste.

O homem saiu correndo e o comandante chamou um ajudante de ordens.

– Corre e avisa ao destacamento na entrada dos jardins para aguardar na sala das armas. Eles serão os próximos a entrar em ação.

Uma mulher de meia-idade subiu a escadaria e irrompeu na salinha.

– Hanef, onde está teu primo, o médico? Precisamos de mais gente na enfermaria. Não estamos dando conta dos feridos...

– Ele foi ajudar a tratar de ferimentos no portão da frente. Vou mandar alguém para rendê-lo, volta a teu posto.

Um alarido o fez correr à janela e observar o muro a oeste; os guerreiros que enviara rechaçavam os invasores à espada. Eram os melhores espadachins do clã; ele os reservara para repelir os primeiros atacantes que entrassem. Os brácaros que haviam chegado ao jardim caíam sob seus golpes ou recuavam. De duas torres menores do palacete, voltadas para aqueles lados, arqueiros algharbios também ajudavam a repeli-los.

As pancadas que soavam intermitentemente no portão da entrada cessaram. O ferro protetor estava todo amassado, mas a entrada ainda resistia. Quem quer que fosse o comandante do ataque, devia ter ordenado uma pausa.

Com um suspiro, Hanef limpou o suor da testa. Uma pequena vitória, apenas. Mas poderia dar-lhes um momento para respirar. Chamou outro ajudante de ordens e pediu:

– Corre até a entrada do palacete e chama Yussef, meu segundo em comando. Diz a ele que venha me render aqui. Preciso ver os feridos.

O rapaz desembestou escadas abaixo enquanto Hanef pegava, outra vez, o celular para verificar se a pausa no ataque incluiria uma pausa na magia que

atrapalhava os aparelhos.

Nada. Sem serviço, sem sinal de linha, e um zumbido estranho que parecia ecoar uma canção ritual atingiu seus ouvidos. Magia brácara.

O al-gharbio rosnou e voltou à janela. Esperava que a magia fosse suficiente para ocultar dos olhos dos paulistanos a batalha entre os clãs.

Rio de Janeiro

FOI MUITO DIFÍCIL ver meu pai naquele estado de saúde. Os últimos acontecimentos tinham roubado sua vontade de lutar contra aquela doença devastadora. O tumor surgira em seu cérebro menos de um ano antes, o que o obrigara a uma operação de emergência. Depois, além das sequelas, houvera as exaustivas sessões de radio e quimioterapia. Nem mesmo procedimentos mágicos o impediram de minguar de forma tão rápida e chocante.

Sentado à esquerda do leito, acompanhei sua dificuldade em respirar. Sufocaria se não recebesse a medicação correta, antes mesmo que o câncer o matasse. Toquei sua testa fria, desejando que ele me ouvisse.

– Perdoa-me, senhor – murmurei –, por não ser o filho que esperavas que eu fosse.

Minhas lágrimas vieram num turbilhão. Faltava-me coragem para impedir que Shantel outra vez me subjugasse, para eu continuar fazendo o que deveria ser feito.

Tolamente, tentei secar as lágrimas com as costas das mãos. Na verdade, tudo era muito pior: eu não pudera impedir que Crom matasse Kían e ordenasse o ataque à cidadela al-gharbica. E centenas morreriam graças ao meu fracasso.

Mal pude controlar o desespero no instante em que Belmira e Carol entraram, seguidas pelos guardas que me vigiavam do lado de fora do quarto.

Não me era permitido deixar o local e tampouco conversar com os escravos que viessem trazer a medicação de Eurico.

Ainda sentindo o gosto dos lábios de Shantel, automaticamente abaixei a cabeça. Jamais poderia enfrentar o olhar de Carol.

NA ATMOSFERA QUENTE E VICIADA do quarto de Eurico, Carol misturou uma poção como Belmira instruía, observando Viriato pela estreita fresta do manto em seu rosto. Magro, abatido, as mãos trêmulas manipulando o soro que a velha serva trouxera para medicar Eurico naquela tarde, o rapaz mantinha o olhar baixo para evitar a jovem.

Aquele escravo amedrontado pela presença dos vigias não parecia mais o brácaro que cuidara de Gael e depois levara a família de Carol à Bahia, tentando protegê-los. Muito menos o guerreiro orgulhoso que aguardara de olhos abertos a morte pela espada de Galaor, diante da condenação do pai. Ser dominado por Crom conseguira, enfim, destruir sua coragem?

Carol se negou a acreditar naquela possibilidade. Graças à interferência de Viriato, o deus não a atacara. E o rapaz continuara a infernizá-lo a tal ponto que o fizera trocar de hospedeiro...

“Ele já foi derrotado antes”, pensou Carol, intrigada. “Foi surrado, insultado e humilhado. Mas nunca o vi tão inseguro.”

Quando Belmira a chamou, levou a poção que misturara e a ajudou a derramar, aos poucos, gotas do medicamento sobre um braseiro que fora aceso a um canto do quarto. Um vapor esbranquiçado subiu e intenso perfume de ervas invadiu o ambiente. A escrava enrolou o próprio manto sobre o rosto e fez sinais aos guardas que os vigiavam.

– Cobri o nariz ou saí de uma vez. Estas ervas são fortes demais para quem não está acostumado. É uma inalação para abrir os brônquios e ajudar o senhor Eurico a respirar.

Os brácaros leais a Shantel saíram depressa, fechando a porta atrás de si. Belmira empurrou a garota para junto do doente – e do enfermeiro.

– Assim é melhor. Eu cuido da poção e do braseiro; tu vais falar com ele.

Carol aproximou-se, pronta a pressioná-lo. Havia coisas demais em jogo para que ele se deixasse apenas ficar ali remoendo suas culpas.

Culpa! Talvez fosse isso a corroê-lo por dentro. Se fosse... poderia atingi-lo:

– Você precisa fazer alguma coisa, Viriato – sussurrou. – Meu pai está preso nas masmorras, e Oriana vai morrer em poucos dias!

Ele continuou dosando o soro que Eurico recebia, e sacudiu a cabeça em desânimo.

– Não há nada que eu possa fazer.

– Claro que há! – retrucou, irritada. – Temos uma resistência, você sabe. E Akinlana vai atacar a Citânia com os iorubás.

– A resistência nada pode contra o exército de Crom. Nem Akinlana, com a magia trancada dentro das três muralhas. Eu sei! Vi os guerreiros armados para batalha. Vi os planos que ele traçou, depois de garantir a lealdade de todos pelo terror. É inútil enfrentá-lo.

A filha de Tiago levou a mão ao rosto dele, tocou seu queixo e o fez fitá-la. Ele não resistiu, mas, de novo, não aguentou olhá-la de frente; baixou os olhos, acabrunhado.

– Que seja – afirmou ela. – Tudo pode ser inútil, mas eu, pelo menos, não vou morrer escondida num canto. Vou lutar até o fim. E tenho uma proposta pra você.

Era visível que ele ficara interessado, malgrado seu. Poderia a curiosidade sobrepujar o sentimento de culpa? Talvez.

– Você sabe que não é culpado pelo que o Crom fez quando ocupou seu corpo... Mas sei que carrega o peso de tudo o que fez antes. Aquela história da poção da bruxa, da magia proibida, ter traído a Oriana e jogado o Gael nos trilhos do metrô. Por tudo isso você acha que merece o pior dos castigos. Não é?

Ele se encolheu ainda mais, detestando ser assim analisado, especialmente por Carol.

– Na verdade, eu também acho – continuou a moça, sem esperar resposta.
– Todo mundo tem de pagar pelo que faz. Mas antes de se deixar soterrar pelo sentimento de culpa, você deveria usar todas as forças que ainda tem pra salvar sua irmã e seu clã. Você é esperto, Viriato. Sua esperteza pode fazer diferença nesta guerra.

Ela o viu tremer à palavra “guerra”, mas não se deixou enternecer.

– Minha proposta é esta: deixe o castigo pra depois, guarde a culpa pra mais tarde. Agora, você precisa se concentrar em ajudar a resistência. Vamos tentar salvar Oriana e dar apoio aos iorubás quando atacarem a Citânia. Vamos lutar para derrotar esse Crom e devolver o infeliz pra sei lá de onde foi que ele veio. Então, se a gente vencer...

– ... o que é quase impossível... – murmurou ele.

– ... e se tudo voltar ao normal...

– ... se é que se pode chamar de normal o mundo dos clãs mágicos...

Ironia era um bom sinal. Ela quase sorriu.

– Então, você virá me encontrar. E eu mesma vou fazer você pagar pelos seus erros.

Desta vez, ele ergueu o rosto e a fitou com enorme surpresa.

Ela sustentou seu olhar, colocando na expressão toda a determinação que sentia.

Ele moveu a cabeça em assentimento.

– É uma boa proposta.

– Você aceita? – Ela apertou os olhos, na brecha entre as dobras do manto.

– Sim.

Belmira viu a mudança que se operou nele, depois do diálogo sussurrado. Viu o rapaz brácaro passar os olhos espertos pelo quarto do pai. Viu seus ombros se erguerem, como se um peso tivesse sido removido de cima deles. Ele pareceu se lembrar de alguma coisa, afastou-se do leito de Eurico e, sem perder de vista a porta fechada, foi mexer numa escrivaninha próxima à janela.

– Por quanto tempo vós ficareis aqui? – perguntou.

– Só até o soro acabar – murmurou Belmira. – Os guardas voltarão assim que baixar o vapor das ervas. Se ficarmos mais tempo, irão contar para ela.

Ele relanceou o olhar para o soro: já estava no final. Tinha pouco tempo, mas seria suficiente. De uma gaveta, tirou um celular e um notebook com o respectivo carregador.

– Talvez precise carregar a bateria – disse, estendendo o notebook para Carol. – Está muito tempo sem uso.

Como Belmira arregalasse os olhos, impressionada por encontrar aqueles equipamentos tão modernos escondidos no quarto de Eurico, Viriato explicou:

– Ele não queria que ninguém soubesse que eu o ensinava a lidar com as novas tecnologias – e, sem evitar a voz emocionada, acrescentou: – Era um segredo nosso.

Quando os guardas retornaram ao quarto, viram apenas o escravo retirando a bolsa de soro e ajeitando o curativo do cateter no braço do pai. Belmira e a escrava que a ajudava saíram, a velha mancando e a moça carregando um cesto cheio de ervas e frascos.

– A senhora Shantel mandou informarmos como o velho está – disse um deles.

– A febre cedeu e ele começou a respirar melhor – respondeu a serva.

O homem trancou a porta depois que as mulheres foram embora. E o filho bastardo do ex-senhor da Citânia foi sentar-se num canto, em atitude tão acabrunhada quanto antes. Os guardas, porém, não viram que seus olhos agora brilhavam. Nem que suas mãos digitavam algo, rapidamente, no teclado do celular...

Quando retornaram ao aposento subterrâneo e Carol pôde tirar o sufocante manto que a escondia quase por inteiro, Belmira pescou o notebook no cesto.

– O que disseste a ele, filha? Viriato ganhou vida nova, recuperou a vontade de lutar!

A filha de Tiago sorriu com certa amargura.

– Incrível, não é? Ele não se deixou mover pelo amor à família, pelo clã, nem mesmo por mim. Mas toquei no seu sentimento de culpa e tudo mudou. Ele espera que eu o faça pagar por seus crimes, Belmira. Dá pra acreditar numa coisa dessas?

– Ele é homem, minha filha. A cabeça dos homens está cheia dessas noções estúpidas de honra, nobreza e principalmente de culpa. Coisa dos machos...

E foi para a cozinha conferir a preparação do almoço, deixando Carol pensativa.

Itatiaia

O ÚLTIMO CONTIGENTE que deixou a Agulha da Magia foi o de Akinlana. O de João partira primeiro, e os índios, inclusive Rudá e Gael, foram logo depois. Nan, que devia acompanhar o séquito do rei, ajudava Oloú a levar os poucos pertences que trouxera. Na correria da partida, mal tinha conseguido falar com ele ou com os outros babalaôs.

Enquanto desciam a montanha sob a proteção da noite, ela o interpelou:

– Sei que vocês têm contatado os orixás para pedir orientação. E sei que Iansã nos protege... Mas será que a força deles é bastante para nos fazer vencer as batalhas, Oloú?

O babalaô olhou para o amuleto de Oiá que ela trazia ao peito.

– Pode ser que sim. Pode ser que não. A única certeza que eu tenho é de que a situação vai piorar, Nan. Muitos vão morrer. A gente deve estar preparado para o pior.

Ela engoliu em seco. Não contatava Tiago desde que os elementais tinham perdido a força. Devia haver uma conexão. Talvez os orixás se valessem da força mágica elemental para influir no mundo físico.

– E tem mais uma coisa – acrescentou o babalaô. – O sítio pode ser longo. Quando estivermos lá, tente ficar sempre ao lado do menino, o filho dos três mundos. Ele vai precisar do seu apoio, porque é ele quem mais vai perder com essa guerra.

Apressando o passo, e sem dizer mais nada, Oloú afastou-se de Nan. Bem que ela quis alcançá-lo e pedir mais detalhes do que ele vira... Não teve

coragem. Sabia que, se soubesse mais sobre o que estava por vir, não teria ânimo para prosseguir.

CAPÍTULO 8

Sitiados



São Paulo

O AMANHECER DO SEGUNDO DIA DE SÍTIO encontrou a cidadela al-gharbia num silêncio nervoso. Hanef e Yussef haviam se revezado no comando da defesa durante o dia anterior, e estavam exaustos. O desânimo era contagiante entre os capitães e os guerreiros.

Tinham descoberto que era Tarcísio, outrora um dos homens de confiança de Galaor, quem comandava os atacantes; ele trouxera muito mais brácaros do que se podia imaginar a princípio. Sua estratégia, até o momento, tinha se mostrado eficaz. Atacavam, saltando os muros, até forçar a defesa a expor-se no primeiro pátio; então, recuavam. E a aparente retirada era seguida por um ataque ainda mais forte, com o dobro de homens.

Na noite anterior haviam, afinal, derrubado a magia que segurava o portão frontal e irrompido no jardim dianteiro da cidadela. Com a forte ofensiva na entrada, os al-gharbios tinham sido impotentes para segurar guerreiros que invadiam as ruelas e saltavam os muros a leste e a oeste do palacete, onde idosos, mulheres e crianças estavam escondidos. Havia muitos mortos e alguns dos feridos se encontravam sob guarda do inimigo.

Hanef ordenara o recuo dos guerreiros sobreviventes para dentro do palacete. Ainda havia proteção mágica nas grossas paredes, portas e janelas, mas era bem mais fraca, com aquela imensidão de brácaros acampados no jardim. Durante a madrugada, eles haviam simplesmente permanecido ali: vigilantes, porém inativos. Sabiam que agora tinham a vantagem.

Yussef estendeu uma caneca fumegante de café para seu comandante.

– É melhor beberes tudo. Vamos precisar de forças hoje.

Hanef engoliu com prazer a bebida e se sentiu um pouco melhor. Mas a visão que tinha das janelas da torre principal era desalentadora.

– Posso ver Tarcísio perto do portão da frente. Ele olha para cá às vezes... Sabe que o vemos. Sabe que não temos como resistir por muito mais tempo.

O outro cerrou as sobrancelhas.

– Se ele pensa que uma guerra psicológica vai nos derrotar, que desista. Ainda temos três grupos armados no pátio interno. E arqueiros postados em todas as janelas das torres. Todos são leais a Tariq. Lutarão até o último homem.

– Sei disso – veio a resposta do outro, com um suspiro. – Mas ele já descobriu que nossa força está justamente nos arqueiros. Embora derrubemos boa parte da vanguarda de um ataque, seus escudos repelem metade de nossas flechas e eles atravessam. Precisaríamos ter lanceiros para ajudar a barrar a ofensiva... e melhores espadachins.

Era verdade. Toda vez que os brácaros os engajavam em combate e os algharbios tinham de defender-se à espada, ficavam em desvantagem: os atacantes eram superiores.

Um movimento lá fora chamou a atenção de ambos. Viram espadas brilharem e escudos se erguerem. O ataque ia recomeçar. Hanef pousou a caneca de café, já vazia.

–Vai – disse a Yussef.

Seu segundo em comando desembainhou a espada e desceu as escadarias, pronto para lutar até o fim.

ANUK ANDAVA COMO NUM SONHO, percorrendo as ruas que conhecia tão bem. Quando ela e o grupo de Egeu se aproximaram do centro de São Paulo, era quase meio-dia e a maioria dos contingentes helens já ocupava o bairro que abrigava a cidadela. Via gente ferida e morta por toda parte. Ouvia o rumor de espadas, o bater de escudos e os gritos dos combatentes. Nada, entretanto, visível aos humanos.

Egeu chegou à rua da cidadela e um capitão veio dar contas da situação.

– Os brácaros invadiram o jardim que circunda a cidadela, e agora tentam entrar no palacete. Aprisionamos os grupos que ficaram na retaguarda, sem

chamar a atenção dos que estão lá dentro. Mas a batalha vai mal para os al-gharbios...

Podiam ver dali que, embora as portas do palacete não tivessem cedido, vários guerreiros haviam conseguido quebrar janelas e tentavam invadir. Os sitiados se defendiam com fúria; mesmo assim, a torre principal era alvo de um grupo que a escalava. Anuk julgou identificar Hanef, o homem de confiança de seu pai, em uma das janelas da elevação, com arqueiros a seu lado, que disparavam contra os invasores.

– Por mais brácaros que eles derrubem, sempre tem mais e mais subindo – gemeu, agoniada; sabia que, se aquela torre fosse tomada, tudo estaria perdido.

O líder do clã helen ordenou a uma centena de homens que ficassem a postos para atacar o portão principal. Pretendia distrair os atacantes e impedir o sucesso da ofensiva.

HANEF DISTINGUIU, de imediato, um som diferente. Sabia que seu segundo em comando enfrentava os brácaros diante da porta fronteira do palacete, mas o que ouvia não era o som das espadas brácaras e al-gharbias.

Os arqueiros que disparavam sobre os invasores a escalar a torre baixaram os arcos.

– Chegaram reforços, senhor!

Com as sobrancelhas negras franzidas, Hanef correu a espiar.

Um grupo de guerreiros com túnicas brancas e espadas curtas lançava-se pelo portão da frente; vários saltavam os muros da cidadela. Atacavam os brácaros com fúria. E eram espadachins de qualidade...

“Egeu”, pensou. “Só pode ter sido enviado por Akinlana”.

Com um suspiro de alívio, mandou os arqueiros de volta às janelas.

– Eles são helens, nossos aliados. Agora sim, poderemos resistir! – voltou-se para um dos ajudantes-de-ordens. – Corre, diz a Yussef para recuar e avisa-o que recebemos ajuda. Os arqueiros darão cobertura.

A BATALHA RECRUDESCEU. Anuk se sentia agoniada; apertava a espada na mão, ansiosa para utilizá-la. Sabia que os homens do clã de seu pai eram espadachins menos hábeis que os brácaros. Ela, porém, conhecia os dois

estilos de luta. Aprendera a manejar a espada ainda criança, e tivera a vantagem de tomar algumas aulas com o próprio Kían, o mestre-de-armas. Embora Shantel a repreendesse, desejando que fosse tão submissa quanto Mirele, a garota escapava aos castigos da mãe para treinar; Viriato a ajudara algumas vezes.

Egeu percebia sua agonia, mas não deixou que ela entrasse em batalha.

– Terás a oportunidade de lutar, não te preocupes – disse-lhe. – Agora preciso de teus conhecimentos do palacete. Descreve-me a arquitetura, em detalhes.

Anuk pediu papel e lápis e começou, rapidamente, a desenhar a planta da cidadela onde morara por tanto tempo. O helen não pareceu muito animado com o resultado.

– Tinha esperanças de conseguir entrar por trás e pegar os brácaros de surpresa. Mas pelo teu desenho, as áreas mais fáceis de invadir são os flancos, e já há inimigos por lá, postados a leste e a oeste. O que existe nos fundos, além dos limites da cidadela?

– Prédios comerciais de humanos – indicou a garota. – Se bem que... é claro! Como fui me esquecer disso?!

Ela riu alto, e recolocou a espada na bainha.

– Tem um jeito de entrar no palacete pelos fundos. Eu e Mirele descobrimos quando éramos pequenas, mas acho que ninguém mais sabe disso, só meu pai...

Os guardas pessoais do chefe do clã a ouviram com atenção.

– Temos de ser discretos, vamos passar no meio dos humanos. Mas pode ser feito! Eu vou na frente com o senhor Egeu e uns sessenta guerreiros podem vir atrás aos poucos, em duplas. E seria bom atacarmos pelos lados também, para distrair os brácaros.

Egeu levou a sério o conselho da garota. Mostrou o desenho a dois de seus capitães.

– Ficareis no comando enquanto eu vou com a filha de Tariq. Quero cem guerreiros atacando pelos flancos, a leste e a oeste. Como vai a ofensiva no portão da frente?

– Eles foram apanhados de surpresa – respondeu o mesmo capitão que os informara na chegada. – Engajamos o grupo principal em batalha, isso atrasou a tomada da torre e deu uma folga para o contingente que defendia a casa.

– Ótimo. Vou reunir os homens, Anuk, e te encontro em meia hora na esquina.

Ela aproveitou os instantes que ele lhe deu para observar a cidadela. O helen tinha razão: os que tentavam escalar a torre começavam a recuar. O ataque lhes daria algum tempo...

Ajeitou a pesada cota de malha e conferiu o gume da espada curta. Estava morta de medo, mas não podia demonstrar.

O destino do clã dependia dela, e não se permitiria falhar.

Rio de Janeiro

A CHEGADA DE QUATRO GUERREIROS ARMADOS surpreendeu os prisioneiros. Tiago, que mais uma vez tentara contatar Nan no espelho de água, levantou-se de um salto. O al-gharbio e o érin voltaram o olhar para os recém-chegados, e Oriana – deitada no catre deixado vago por Eurico – sequer se dignou a olhá-los.

– Temos ordens de levar a senh... a prisioneira – disse um deles.

Era Nuno, um antigo capitão de Eurico. Oriana viu que ele tentava não fitá-la. Como ele, muitos brácaros obedeciam à nova ordem, apesar de sofrerem intimamente.

– Para onde vão levá-la? – perguntou Tiago, belicoso. – Ainda não está na hora de...

Hesitou. Um guarda fez menção de bater no humano, mas a mãe de Gael se levantara e deteve seu braço. Sorriu, calma.

– Não há necessidade de violência. Irei convosco – declarou. E, para os outros três, disse apenas: – Ficarei bem, não vos preocupeis.

Enquanto Nuno amarrava as mãos dela às costas, ela ainda teve tempo de murmurar para ele, de modo que os outros não ouvissem:

– Sei que não te agrada obedecer ao usurpador. Não te culpo, capitão. Lembra-te: sempre há alternativas. Embora te pareça não haver escolha, fica sabendo que há, sim.

O homem pareceu perturbado. Em seguida, tomou uma mordação e a passou pela boca da prisioneira, impedindo-a de falar. Ela não resistiu e o seguiu calmamente.

Desanimado, Tiago ficou olhando a porta fechar-se atrás do último guerreiro.

Para onde estariam levando Oriana?

SHANTEL AGUARDAVA, em outro andar, ladeada por Hélio. Viu os guardas trazerem sua prima como ordenara, com os braços atados e uma mordação. Apesar de todas as precauções que tomara trancando a magia, temia que ela usasse algum truque. E acreditava que fazê-la desfilar pelos corredores amarrada e amordaçada ajudaria a abater seu orgulho, intimidando os que ainda fossem leais aos antigos senhores.

Oriana entrou no aposento e olhou ao redor. Era uma cela, mas ficava um andar acima da outra; embora fosse pequena, tinha um colchão que parecia limpo a um canto. Viu uma mesa e uma cadeira de madeira rústica presas à parede e um banheiro contíguo, com um sanitário e uma banheira de louça pesada. Uma lâmpada elétrica embutida no teto iluminava o ambiente, porém não havia janela. O interruptor ficava do lado de fora.

Os guerreiros a deixaram no meio do quarto. A druidesa fez um sinal a Hélio, que os dispensou, fechando a porta gradeada. Depois foi soltar a prisioneira e tirar-lhe a mordação.

– Não vais agradecer-me pelos novos aposentos, prima? Mandei até trazer-te uma refeição – a druidesa indicou um prato e um copo descartáveis sobre a mesa.

O odor do alimento despertou o apetite de Oriana, que nada comera naquele dia, mas ela se conteve.

– Obrigada – disse, impassível.

– Podes comer, não está envenenado. Meu senhor Crom deseja que fiques mais forte nos dias que te restam. Afinal, ele vai absorver tuas energias...

A filha de Eurico resolveu continuar obedecendo. Bem alimentada, seria mais fácil raciocinar e desenvolver o plano que estivera discutindo com Finnath na cela. Sentou-se no banco, pegou um talher plástico junto ao prato e começou a comer. Infelizmente, a fome era tanta que ela quase devorou a refeição, disparando as gargalhadas da druidesa.

– Vede como ela come, sem modos à mesa! Como mudaste, prima. Ainda bem que Eurico não está aqui para ver-te. Ele sempre admirou teu porte altivo, tuas boas maneiras. Mas meu querido tio não precisa preocupar-se. Vais morrer em três dias, e teu pai pouco tempo sobreviverá a ti. Com Galaor fora de ação, serei a única herdeira legítima do clã.

A mãe de Gael tomou um gole do suco e disse, sempre calma:

– Não estás contando tuas filhas, Shantel.

Os olhos da druidesa brilharam de raiva.

– Neutralizei Anuk. E Mirele é dócil, sempre faz o que eu desejo. Não terei problemas com as gêmeas... nem com o pai delas. Acho que ele está até apreciando a escravidão. É um amante excelente, e todas as vezes que mandei açoitá-lo aguentou calado, bem estoico – ela saboreava a crueldade das palavras, procurando outras para espicaçar ainda mais a outra. – Com o tempo, vou quebrar cada molécula de orgulho que ainda tiver... E ele não irá apenas assistir à tua morte, prima. Vai ajudar a sacrificar-te, sabias?

Oriana forçou-se a engolir a revolta junto com outro gole do suco, e não foi fácil impedir as mãos de tremerem. Hélio estava bem atrás da druidesa e os dois seguranças tinham-se postado junto à porta. Se atacasse a prima, até poderia dominar Hélio, mas seria difícil livrar-se dos outros dois. Ainda tinha o broche antimagia no fundo de um bolso da calça; levava-o consigo desde que Gael o tirara de Anuk. Ansiava por usar o que era sua única arma, apesar de não ter certeza de que ele funcionaria em Shantel, com os encantamentos trancados.

“Não”, refletiu. “Devo usá-lo quando sua força fraquejar... ou talvez no centro dos doze pilares. Aquele lugar concentra todas as energias. Sim, lá a antimagia deve funcionar.”

Vendo que a prisioneira terminara a refeição, a druidesa fez um gesto a Hélio, que recolheu os descartáveis. Os guardas abriram a porta para ele e sua senhora.

– Mandarei trazerem água quente para que te banhes. Teu fedor é ofensivo, prima... e fica sossegada, terás alimentação farta nos dias que te restam.

– Espera – pediu Oriana, hesitante. – O que fizeste com meu pai?

– Nada. – A outra deu de ombros. – Crom o quer vivo, por enquanto, então mandei alguns escravos cuidarem dele. Estão tentando fazê-lo respirar melhor, recebe água e alimentos por soro. Mas o máximo que conseguem é mantê-lo estável... E não me culpes por isso, ele está morrendo de velhice e de doença.

Shantel saiu, acompanhada por Hélio. Lá fora, ordenou aos guardas que permanecessem vigilantes:

– Nenhum escravo entra aqui, entendeis?

– Sim, senhora – disse o capitão, subserviente.

Depois disso, a filha de Eurico ouviu apenas os passos da druidesa e de seu subordinado afastando-se pelo corredor. Então o silêncio tomou conta da cela.

Três dias apenas...

À TARDINHA, no salão de Eurico, Crom Cruach sentiu a mudança. Farejou o ar: detectava inimigos, não muito distantes. Mas seus sentidos mágicos andavam confusos.

Nem um minuto se passou e dois vigias entraram correndo.

– Senhor! – disse um deles. – Trazemos notícias do comando da terceira muralha.

– Nossos espiões deram com grupos de guerreiros rodeando Santa Teresa. Foram vistos em vários lugares, entre o Morro da Nova Cintra e os Arcos da Lapa. O grupo maior parece que se instalou no Parque das Ruínas.

– Os humanos não notaram nada até agora – tornou o primeiro.

O rosto que fora de Galaor sorriu com satisfação. Afinal, os inimigos tinham vindo. Isso queria dizer guerra, e guerra significava derramamento de sangue. Excelente.

– Enviai mais espiões lá para fora. Com os tais celulares, para mandar informes de hora em hora. Preciso saber quantos são e a que clã pertencem.

Assim que os vigias saíram, o deus chamou mais comandantes.

– Quero mais quatro contingentes transferidos para a terceira muralha.

Os homens se entreolharam.

– Senhor, isso vai desguarnecer o casarão. Estávamos mantendo vigilância cerrada em todos os pátios, por causa da resistência. Ainda não conseguimos descobrir quantos são os rebeldes nem onde se escondem, e...

– Não tenho medo dessa resistência fútil! Deixai um número mínimo de guardas no casarão. A prioridade agora é defender as muralhas, em especial a terceira.

Os comandantes partiram. Crom chamou um ajudante de ordens.

– Tu! Dá-me notícias da campanha contra os al-gharbios. Vou precisar de mais guerreiros. Assim que a cidadela de Tariq for tomada, quero-os de volta aqui.

– Infelizmente, senhor... – o homem mirou o chão, inseguro – os celulares não conseguem contatar São Paulo... Depois que ordenaste o ataque, nossos homens fizeram um encantamento para evitar que os al-gharbios pedissem ajuda... O problema é que...

– Hum – o usurpador resmungou. – Se impedimos os sitiados de se comunicar com o exterior, também impedimos os nossos aparelhinhos de funcionar. Isso é estúpido!

Os guerreiros recuaram aguardando a provável explosão de seu perigoso senhor.

– Pois voltemos aos métodos antigos! – exclamou ele, furibundo. – Quero que envieis agora mesmo dois homens a São Paulo. Que sigam o mais depressa possível, e retornem com notícias! Se eu não receber informações antes que nasça o dia, mandarei sangrar os responsáveis! Andai, o que estais esperando?!

Enquanto os homens se agitavam para cumprir as novas ordens, Crom sentou-se no trono de Eurico, rosnando contra a tecnologia moderna, que falhava quando era necessária.

Pensava que, se fosse ao templo e se posicionasse no centro dos doze menires, sentir-se-ia mais forte... Embora, da última vez que fora até lá, tivesse notado que as forças mágicas concentradas no pilar central estavam no limite.

“Não”, decidiu. “Minha druidesa está certa: eu preciso é de mais sangue, e logo.”

São Paulo

ANUK HAVIA LEVADO EGEU, com os pares de guerreiros helens seguindo-os a pouca distância, para uma movimentada rua de comércio. Havia lojas de artigos baratos, pequenos restaurantes, garagens transformadas em oficinas mecânicas. Entre uma delas e um bar estreito, havia um corredor que levava aos fundos, fechado por uma porta de alumínio.

– Temos de entrar por aqui, sem chamar a atenção – disse ela ao homem.

Egeu, que aos olhos humanos parecia um avô bondoso passeando com sua neta adolescente, mexeu no trinco. Estava trancado.

Com um sorrisinho e um gesto, Anuk acionou a magia; o trinco se abriu com um clique. Ele o empurrou, entraram, e a porta se fechou atrás deles, porém destrancada.

– Incrível – murmurou a garota, guiando o velho helen pelo corredor descoberto, que dava no depósito de bebidas da lanchonete, e depois margeava uma espécie de cortiço. – Pensei que tivessem reformado este pedaço, mas está igualzinho ao que era anos atrás...

– Como conheces este lugar? – perguntou ele, desorientado. O corredor fizera várias curvas até dar num muro meio despencado. Era uma espécie de quintal coberto por mato e lixo; as casinhas de cortiço haviam ficado para trás.

– Faz uns cinco anos, eu e Mirele descobrimos uma passagem num porão do palacete, quando brincávamos de esconder. – Deu um sorriso amarelo. – Bom, na verdade eu me escondia das lições, ela só me procurava. Demos com um túnel muito antigo. Vai terra adentro e dá um monte de voltas, até chegar

numa escadinha que sai aqui. Usamos a passagem para sair de casa sem ninguém descobrir... A saída era deste lado, eu acho.

Ela movia tijolos e arrancava mato, tentando encontrar o local exato. Egeu viu os pares de guerreiros chegando e mandou que se encarregassem da desobstrução.

– Tiveram algum problema? – perguntou.

– Nenhum – respondeu o homem. – Entramos dois a dois, a intervalos, conforme o combinado. Os humanos não conseguem notar-nos, e logo vai escurecer.

Era verdade. A tarde parecia querer trazer a noite mais cedo, com o céu cobrindo-se de nuvens. Havia um aroma de chuva no ar.

Não demorou até que os sessenta homens se espremessem no quintalzinho, mas a entrada do túnel custou a ser liberada. Egeu enxergou o acesso que Anuk descrevera, com uma escadinha de pedra levando a um corredor escuro; ali também havia, contudo, muito entulho impedindo a passagem. Levariam horas para atravessar poucos metros. E ninguém, nem mesmo Anuk, podia garantir que a outra ponta do túnel estivesse desobstruída.

Rio de Janeiro

GAEL SENTIA que deixara a Citânia havia anos... Pensou em Viriato. Teria sobrevivido à possessão? Talvez. Os dias que passara com o tio lhe haviam dado a certeza de que ele era um sobrevivente... Voltava da morte, quando tudo parecia perdido.

“Assim como eu”, riu, pensando em quantas vezes estivera perto de ser morto.

O acampamento dos índios era próximo da muralha externa. O de Akinlana ficava mais distante, oculto pela magia nos fundos de uma favela. E por toda aquela zona do Rio de Janeiro ele vira, no caminho para lá, iorubás e indígenas a postos, à espera da ordem de ataque. Imaginava quanto daquela movimentação seria vista pelos humanos...

Haviam instalado o acampamento tarde da noite, e o garoto tinha coisas demais na cabeça para descansar. Nas poucas horas em que dormira, tivera

sonhos confusos envolvendo Tiago, João e Carol. E não conseguia parar de pensar em Anuk, que devia estar lutando ao lado dos al-gharbios, e em Oriana, presa atrás daquelas muralhas, à espera da morte. Tinha de salvá-la, de alguma forma.

Rudá o encontrou zanzando por uma praça, não muito distante da muralha, assim que a manhã rompeu e o sol timidamente iluminou as nuvens escuras no horizonte. Estava armado e não vinha da tenda que dividia com o filho, pois, quando Gael acordara, o pai não estava mais lá. Devia ter ido confabular com os chefes.

– Alguma notícia? Já vamos atacar?

Rudá acocorou-se junto do filho antes de responder.

– Não. Eles esperam o momento certo. Então, nós esperamos também.

Gael sentou-se no chão, impaciente.

– Não quero mais esperar, pai. Quero lutar! Minha mãe está lá presa, condenada à morte, eu preciso fazer alguma coisa.

O índio sorriu para o filho adolescente.

– A primeira virtude de um guerreiro é a paciência.

“Esse é o problema”, Gael pensou. “Não sou um guerreiro. Enfrentei os brácaros, os al-gharbios, Anhangá, as fadas e os aymorés, tudo instintivamente. A Anuk aprendeu a manejar a espada, mas eu não... Não sei nada sobre guerra.”

Recordou aquele dia na casa de Tariq, em que Viriato prometera ensiná-lo a lutar.

– Filho – Rudá tocou seu ombro –, quando a ordem de atacar vier, eu vou combater com os kamayurás sob o comando de Iwati. Mas você precisa ficar no acampamento. Conversei com o João, seu tio de criação, e ele acha a mesma coisa.

O garoto levantou-se, a irritação ficando forte demais para manter-se parado.

– Nem pensar! Tudo bem que eu não aprendi direito a ser um guerreiro, mas posso me virar muito bem numa luta. Você sabe disso. E, pela lei dos clãs,

tenho idade pra decidir o que quero fazer! Não deixaram a Anuk ir lutar lá em São Paulo?

Rudá não se mexeu. Ainda acocorado, comandou:

– Senta aí.

Emburrado, Gael obedeceu. O índio levou alguns minutos para falar novamente.

– Você é teimoso, igual à sua mãe. Eu sei que, se quer lutar, não posso impedir. Mas preciso contar o que vai acontecer se teimar em entrar numa batalha. Não vai ser nada bom, isso eu garanto. Vai ser a dor mais forte e a coisa mais terrível que você já sentiu.

– Olha, pai, eu...

Um olhar furioso de Rudá o interrompeu.

– Eu vou falar, e você vai só escutar. Vai ficar quietinho aí e ouvir até o fim.

Quando a longa conversa terminou, Gael já não estava mais tão certo de que desejava entrar naquela guerra.

CAPÍTULO 9

Doze pilares



Rio de Janeiro

E NVIEI UMA NOVA MENSAGEM de texto pelo celular. Esperei segundos até que Carol, pelo notebook, me respondesse. Ela me passou as últimas adesões à resistência. Muitos guerreiros importantes tinham, enfim, cedido às suas consciências.

Olhei para meu pai adormecido. Graças à medicação, ele respirava com menos dificuldade. Era madrugada e, lá fora, meus vigilantes guardas deviam estar cochilando em pé.

– E Oriana? – digitei.

– *Continua na cela especial* – foi a resposta. – *Não temos como falar com ela.*

Apertei o celular entre meus dedos.

E se...?

– Tenho uma ideia – escrevi.

E sorri ao enviar a mensagem.

São Paulo

O ATAQUE DOS HELENS AOS BRÁCAROS continuou pela noite e durante boa parte da manhã. A princípio, conseguiram deter a entrada iminente dos invasores no palacete, mas Tarcísio havia sido

hábil ao posicionar seus guerreiros, e conseguira isolar a si e a um grande contingente na entrada e ao redor da torre principal.

Os capitães de Egeu tomaram o portão e o pátio da frente; o grupo que saltou os muros do leste tinha expulsado os atacantes. Mas os que atacaram a oeste não puderam rechaçar os brácaros, encastelados em grande número junto a um terraço.

Quando o sol nasceu, os helens pausaram a investida para tratar dos feridos e retirar os mortos. Os dois comandantes não recebiam notícias de Egeu desde que saíra com a garota, e inquietavam-se, aguardando a movimentação dos brácaros para agir de acordo.

Não tinham, porém, visão alguma da ala oeste, e não sabiam que a magia que trancava as janelas do terraço invadido fora neutralizada. A teia mágica de proteção que havia sido tecida em torno do palacete esfacelava-se, aos poucos, como uma trama de tricô que se desfaz ponto a ponto, laçada a laçada, quando o fio é puxado...

O som de vidro quebrado chegou aos ouvidos de Tarcísio, e logo um guerreiro veio correndo até ele, instalado diante da escadaria na porta de entrada.

– Entramos, senhor!

Ele sorriu, desembainhando a espada.

– Muito bem. Vou para lá e levo dez homens comigo. Tu ficas aqui na frente e lideras um ataque contra os helens que tomaram o portão. Quero também que um grupo retome a escalada das torres. Os al-gharbios ficarão distraídos... Vamos!

Invocando seus deuses, foi com fúria que os brácaros se lançaram contra os guerreiros à sua frente. Estavam em menor número ali, mas seu intuito era apenas ganhar tempo. Sem saber disso, os comandantes helens se prepararam para nova batalha.

Hanef viu a ofensiva e mandou os arqueiros de novo postarem-se às janelas das torres para impedir os que jogavam cordas e escalavam. Ele mesmo tomou um arco e derrubou alguns dos que, feito aranhas, tentavam subir à torre principal; sentia que algo estava errado, mas não sabia o quê... A

informação que tinha era de que a ala leste estava segura, e podia ver helens valentemente enfrentando brácaros no jardim da frente.

Foi somente quando ouviu os gritos *dentro* do palacete que se deu conta do que acontecera. Desceu as escadarias gritando ordens. Mas, ao vislumbrar o salão de onde se erguia a torre, não encontrou nenhum al-gharbio vivo: encontrou Tarcísio e vários guerreiros à sua espera.

Recuou um passo e respirou fundo. Precisava, de alguma forma, impedir que eles tomassem a torre. Se o fizessem, tudo estaria perdido.

ENQUANTO CORRIA PELO TÚNEL ESCURO, iluminado apenas pelas lanternas dos guerreiros, Anuk havia usado todos os palavrões que conhecia e inventado mais alguns. O caminho, que antes ela e Mirele faziam em pouco tempo, levava a noite toda; havia até trechos em que as paredes haviam despencado. Mesmo assim, Egeu dizia que valia a pena perseverar. Ao entrar no palacete sem serem vistos, teriam a vantagem da surpresa.

Os guerreiros helens foram incansáveis, através da madrugada, retirando o entulho e abrindo a passagem.

“Quem dera”, pensou a garota, a certa altura, “que eu estivesse com o Gael num daqueles passeios ecológicos... Até aguentaria a chata da Oriana, se pudesse sair daqui!”

Mas não podia. Era a guia do grupo e tinha de levá-los pelo caminho certo, evitando os túneis sem saída. Era a única que conhecia o subterrâneo e lembrava exatamente o ponto em que iriam sair num dos porões, junto à adega de seu pai.

Conforme os homens liberavam os trechos, ela combatia o sono e detalhava a Egeu em que parte do túnel se encontravam. Somente pela manhã encontraram um trecho mais desimpedido.

Anuk tomou uma das lanternas e iluminou a escadaria que divisou à frente.

– Conseguimos! É aqui – exclamou, rouca pelo pó e tonta pela noite sem dormir.

Egeu passou adiante dela e correu até os degraus, tentando abrir a portinhola.

– Trancada por magia, é claro – murmurou. – Posso sentir um encantamento al-gharbio; não conseguirei desfazê-lo. Terás de esforçar-te mais um pouco, Anuk.

A garota parou diante da escada, recuperando o fôlego e tentando combater a exaustão. Não sabia se conseguiria conectar-se com a magia, àquela altura.

Rio de Janeiro

ORIANA ACORDOU SOBRESSALTADA. Levantou-se, acreditando que a manhã já ia alta, mas era difícil saber as horas naquela prisão sem janela e com as luzes sempre acesas. Teria preferido estar ainda na cela úmida, onde ao menos havia uma fresta por onde se via se era dia ou noite e tinha a companhia de Tiago, Finnath e Kassib.

Foi sentar-se no banco. Na noite anterior, ficara acordada pensando numa fórmula para quebrar o encantamento que unia a força vital de Mirele a Crom. Concluía que era possível; conseguira até reunir as palavras da língua antiga que deveriam ser usadas. Sentia, porém, que faltava algo, escapava-lhe um dos componentes da magia. Se Finnath estivesse ali, poderia ajudá-la... Mas não, ela não teria com quem conversar até o momento de sua execução; Shantel fora hábil em separá-la dos outros. Nem com Belmira podia mais contar, já que escravo nenhum tinha permissão de vê-la.

Ouviu passos. Deviam ser guardas trazendo-lhe uma refeição. Sentiu a fome premente a incomodá-la. Porém, mais que o desconforto no estômago, incomodava-a a necessidade de comunicação.

Como passar qualquer informação à resistência?!

– SÓ ISSO? – berrou Crom, com ímpetos de degolar o mensageiro que trazia notícias.

– Sinto muito, senhor – murmurou o homem, diante do trono do salão. – Nossos espiões estão de guarda lá, mas a magia só deixa usarem o celular quando saem do bairro.

Shantel tentou acalmar o celta, que naquele dia despertara inquieto. Sentia os inimigos ao redor da Citânia e ansiava para que atacassem; mas nada acontecera, ainda.

– Não são notícias ruins, meu senhor. Nossos homens estão dentro da cidadela al-gharbia. Os helens podem ter chegado lá, mas sua presença não adiantará muita coisa, especialmente quando Tarcísio fizer reféns. Basta termos mais um pouco de paciência, que...

Um bofetão de Crom a fez calar-se, e ela se segurou à grande cadeira para não cair.

Os mensageiros, guerreiros e conselheiros trataram de olhar para os lados, para o chão, para cima, fingindo não ver a poderosa druidesa naquela situação.

– Não venhas me falar em paciência! – desabafou o deus. – Quero notícias mais precisas! Foste ainda agora para o templo. Conseguiu ao menos ter alguma visão?

– No... no centro dos pilares, meu senhor... – titubeou ela. – Consegui acionar um espelho de águas... Estava instável, não foi uma conexão segura, por causa do...

– Já sei, o trancamento da magia atrapalha os encantamentos, já me repetiste isso mil vezes. Fala! O que viste?

– Vi pilares sendo erguidos. Doze... Alguns já em pé, outros sendo levantados. Só podem ser os novos pilares que tu ordenaste que fossem erguidos no palacete al-gharbio.

– Hum – resmungou ele. – Tens certeza de que é em São Paulo?

– Não consegui definir se a visão é presente ou futura, mas é real, e reconheci o local. Se os pilares ainda não foram erguidos, logo o serão.

Crom levantou-se, mais aplacado.

– Bom. E quanto ao sacrifício?

– Tudo está sendo preparado... Depois de amanhã, nossa força crescerá. Então ficará mais fácil forçar as visões à distância.

Shantel inclinou-se diante do venerado. Seu rosto ardia com as marcas dos dedos dele em sua pele, mas sabia ocultar a raiva. No fundo daquele corpo, Galaor ainda vivia. O bofetão não tinha sido aplicado apenas por Crom...

“Um pouco mais de paciência”, repetiu ela em pensamentos, desta vez para si mesma. Saberria vingar-se dessa e de outras humilhações, quando a hora

chegasse.

São Paulo

ANUK FOI A PRIMEIRA a saltar pela portinhola do porão, esperando encontrar uma sala baixa, fria, escura, cheia de odres e garrafas empoeiradas. No entanto, saiu num ambiente quente e iluminado por várias lâmpadas frias. Havia gente ali, em todos os espaços possíveis.

Gritinhos de criança a receberam, logo reprimidos pelas mulheres. A adolescente espanou o pó das roupas e reconheceu escravos, trabalhadores e vassallos de seu pai.

– É a senhora Anuk! – disse um velho ferreiro.

– Sim, sou eu, mas é melhor que façais silêncio! – pediu ela, nervosa. – Temos visita!

Egeu saiu pela abertura também, seguido por dois guerreiros. Os outros aguardavam no túnel, pois ali não cabia mais ninguém.

– Ficai quietos, é a filha do nosso líder que está aqui! – pediu uma cozinheira, calando o rumor de todos. – O senhor Tariq não deve estar longe, não é, senhora?

Anuk detestou desapontar a mulher, mas não tinha tempo para diplomacia.

– Escutai todos, a situação é complicada. Meu pai é prisioneiro dos brácaros, e este é seu aliado, o senhor Egeu, do clã helen. Ele trouxe guerreiros para nos ajudar, e conseguimos entrar sem sermos vistos, mas precisamos saber qual é a situação lá fora!

– O comandante Hanef mandou os idosos com as mulheres e crianças para os porões, assim que eles atacaram – contou o ferreiro. – E agora estamos trazendo os feridos também, pelas cozinhas, mas são muitos... Tem um médico cuidando deles lá na adega.

A garota se dirigiu à cozinheira, e depois ao velho.

– Precisamos de espaço para mais guerreiros entrarem. Tu vais levar as crianças para a despensa. E tu vais avisar aos capitães de meu pai que estamos aqui e vamos fazer de tudo para expulsar os invasores!

Os dois se puseram a caminho, e logo mais e mais helens saíam pela abertura, para alegria dos al-gharbios. Em poucos minutos, um menino veio falar-lhes.

– Senhora, o comandante Yussef te espera lá, na entrada dos porões...

Yussef era um dos homens de confiança de seu pai. Anuk puxou Egeu e mais alguns guerreiros pelo labirinto que eram os porões do palacete, buscando a escadinha que subia para as cozinhas. No caminho viu, com o coração apertado, muita gente ferida e corpos amontoados, cobertos por mantos. Mortos.

Afinal ela e o chefe helen deram com o comandante, apoiado em um rapaz. Vinha a seu encontro coberto de sangue e mal se aguentava em pé. Saudou-a com voz firme:

– És muito bem-vinda, senhora, e nossos aliados também!

– Como estão as coisas, Yussef?

– Até ontem estávamos mais confiantes, mas esta manhã a magia que trancava nossas portas e janelas começou a desfazer-se... Os invasores entraram pelo terraço da ala oeste e chegaram ao pátio interno. Tentei tirá-los de lá e meu grupo foi rechaçado.

A garota ia perguntar que vantagem tática os sitiantes teriam no pátio interno, um mero jardim no centro do palacete. O rapaz que amparava Yussef esclareceu logo:

– Ninguém entendeu por quê: eles começaram a soltar tijolos e colunas dos corredores. Levaram para o pátio e estão erguendo uns pilares lá.

– Precisamos expulsá-los. – Egeu franziu as sobrancelhas brancas, alarmado. – Vou mandar um mensageiro sair pelo túnel com ordens para meus capitães, lá fora. Agora que desimpedimos a passagem, ele deverá chegar logo à rua e disparar uma ofensiva total.

Anuk não disse nada, a expressão sombria. Pilares...

Reviu o templo da Citânia, com as colunas em torno e Mirele semimorta ali no meio. Eles estavam tentando criar um novo centro de forças mágicas para Crom!

Espantando o medo, voltou-se para Yussef.

– E Hanef? Onde está ele? Vamos combinar alguma estratégia e...

Ela parou de falar quando viu a expressão do comandante.

– Na torre principal, senhora. Infelizmente, não podemos chegar a ele. Os brácaros acabam de tomá-la.

TARCÍSIO SORRIU, ergueu a espada e tocou com a ponta da lâmina o pescoço de Hanef. O al-gharbio fora imobilizado por três guerreiros, que o obrigaram a ajoelhar-se. Ele resistiu, mas nada podia fazer. Os arqueiros da torre haviam sido rendidos.

– Tinhas o comando – disse o chefe invasor. – Agora debes ordenar que todos se rendam. Nós vencemos, e se pararem de lutar, ninguém mais morrerá.

Hanef não respondeu. Ouvia ainda a luta lá fora, espadas helens chocando-se com as brácaras. Eles podiam ter tomado a torre, mas isso não significava a derrota final.

A pressão da lâmina sobre seu pescoço aumentou. Tarcísio estava ficando irritado.

– Não sejas estúpido. Tomamos a maior parte do palacete, e meus homens já estão erguendo no pátio um altar dedicado ao deus Crom Cruach. Sabes o que isso significa?

O outro continuou calado. Seu olhar faiscante sugeria que sim, ele sabia.

– Quando posicionarmos os pilares e um altar, faremos uma conexão mágica com o templo da Citânia. E então toda a magia que ainda resta protegendo tua cidadela vai cair... Mataremos cada homem, mulher ou criança que resistir se não se renderem logo!

O vencido não hesitou. Ergueu a cabeça, e a ponta da espada penetrou sua carne.

– Tu és um brácaro traidor e assassino – vociferou. – Todos os al-gharbios preferirão morrer a se submeter a ti ou a teu falso deus! A começar por mim.

O brácaro traidor e assassino estava saboreando a ideia de degolar o atrevido, quando ouviu o estrondo. Um de seus guerreiros olhava, de boca aberta, pela janela.

– O que foi que...?

– Uma ofensiva dos helens! Derrubaram o portão e estão entrando por toda a parte! Não imaginava que eram tantos...

Um leve sorriso tocou os lábios de Hanef. Se tivesse de morrer naquela hora, morreria feliz, diante do desapontamento de Tarcísio.

Rio de Janeiro

DA JANELA DO QUARTO DE MEU PAI, contemplei a tarde gelada que tomava a cidade. Nuvens escuras projetavam sombras sobre as ondas crispadas do mar. A umidade cobria os telhados, as ruas e os humanos que se abrigavam em casacos, jaquetas e moletons, numa imagem muito distante do famoso Rio quarenta graus à sombra, com suas cores exuberantes e bronzeados visíveis em corpos tomados pelo calor.

Mas a imagem que realmente me impressionava era aquela invisível aos olhos humanos. Os inimigos de Crom já cercavam a Citânia de Brácará.

Fui surpreendido pela chegada de Shantel. O celular, no bolso da minha calça, estaria a salvo de sua desconfiança.

Fiz uma reverência, que ela dispensou ao se aproximar de mim e me enlaçar pela cintura em busca do beijo apaixonado que não lhe neguei. Havia um hematoma em seu rosto perfeito.

– Crom te machucou, senhora?

Ela assentiu e se aninhou em meus braços. Como sempre, usava-me quando precisava do carinho que jamais obteria voluntariamente de qualquer outra pessoa, inclusive das filhas.

Afaguei seus cabelos, imaginando se algum dia Shantel aprenderia a amar de verdade. Havia um coração em seu peito, claro, mas ele batia sempre à espera da satisfação de seus próprios desejos. Egoísta ao extremo, cruel por prazer.

– Promete que jamais voltarás a me trair – exigiu ela.

Não fugi de seus olhos faiscantes.

– Tens minha palavra, senhora.

São Paulo

O ATAQUE-SURPRESA no interior do palacete deu resultado. Sob o comando de Egeu, uma dezena de soldados derrotou facilmente os brácaros que vigiavam o salão na base da torre. A escadaria estava livre, e eles podiam ouvir a loucura da batalha no exterior da construção...

Egeu embainhou a espada suja de sangue e chamou Anuk, que estivera apenas observando a luta, até ali.

– Leva estes homens sob teu comando para a torre. Vou mandar mais guerreiros para o terraço da ala oeste, quero evitar que entrem reforços brácaros. Enquanto isso, levarei um grupo ao pátio interno. Temos de acabar com essa história dos pilares.

Anuk obedeceu instintivamente e, a um gesto seu, os helens a seguiram escadas acima. Foi apenas quando se encontrava quase diante da sala da torre que a garota se deu conta de que estava em batalha, liderando um contingente de guerreiros. Um medo louco se misturou à excitação que o cheiro de sangue já estava despertando nela – e à ideia de que Shantel teria um ataque se a visse naquele momento...

“Não tenho tempo pra pensar nisso agora”, resolveu, deixando-se tomar por uma estranha lucidez. “O clã de meu pai precisa de mim!”

Após chegar ao último degrau, abriu a porta com um pontapé. Na sala da torre principal viu Tarcísio ameaçando Hanef com a espada, enquanto meia dúzia de brácaros vigiava alguns arqueiros manietados e dois outros assistiam à batalha que ocorria do lado de fora.

– Larga a espada – comandou ela, ameaçando Tarcísio com a própria arma. Ele vacilou, estupefato ao vê-la. Recompôs-se depressa, porém.

– Mirele? Devias ter ficado quietinha no Rio. Isto aqui não é lugar para crianças.

– *Isto aqui* – sibilou, furiosa – é a minha casa. E tu vais sair dela! Vivo ou morto.

Investiu contra ele usando um golpe que Tariq lhe havia ensinado, nas primeiras vezes em que lhe dera aulas de esgrima. Sorrindo, o invasor aparou o golpe e revidou.

Mas Anuk não treinara apenas com o pai e seus mestres-de-armas. Percebeu que o oponente usava sequências brácaras ao acreditar que ela lutaria ao estilo al-gharbio. Foi aparando os golpes dele e atacando da forma como ele esperava.

Um rápido olhar em torno lhe mostrou que Hanef recuperara sua espada, e que os helens tinham rendido os vigias e estavam soltando os prisioneiros nos cantos da sala. Ninguém interferiu no combate entre o experiente guerreiro e a adolescente, apesar de Hanef observar de perto, parecendo pronto a intervir.

Ela não queria mesmo que ninguém interferisse. Estava se divertindo como nunca na vida, escapando aos golpes do inimigo e fazendo-o cansar-se. Quando viu que ele parara de brincar e aumentara a força e a velocidade com que investia, deu um passo para trás. Com um sorriso cínico que a deixava muito parecida com Tariq, torceu o punho e fez a espada mudar de trajetória. Era um golpe inesperado, que Kían lhe ensinara, e tirou sangue do braço dele.

Reposicionando-se para a defesa, Tarcísio também deu um salto para trás. Parecia ter visto um fantasma. E o que descobrira o fazia hesitar...

– Tu não és Mirele! – exclamou, entre os dentes.

A garota não perdeu o impulso e atacou com outro golpe típico dos brácaros.

– Surpresa! – provocou.

Aquela informação mudava as prioridades do guerreiro. Mirele nunca soubera lutar daquele jeito! Aquela era Anuk, o que significava que Shantel enfeitiçara a gêmea errada... Ele precisava avisá-la, e depressa! Porém a diabinha lutava feito um guerreiro e, apesar de ter olheiras, parecia mais descansada que ele, exaurido pelo sítio ao palacete.

Mesmo assim, era um bom espadachim, e mais forte que uma adolescente! Tinha que desarmá-la; se ela morresse no processo, não era problema seu. A druidesa sempre quisera livrar-se da filha rebelde mesmo...

Anuk teve de recuar, quando ele investiu pesadamente. Por mais hábil que fosse, não tinha a força necessária para deter o peso do braço de um adulto. Numa das esquivas, não conseguiu dar um giro completo, e a lâmina dele atingiu seu ombro esquerdo. Ela não se importou com o ferimento, mas sentiu a zoeira que a perda de sangue causava.

Com um grito de triunfo, Tarcísio aproveitou o instante e a prensou contra a parede, golpeando-a, com sua empunhadura, na mão que segurava a espada.

A filha de Tariq sentiu que seus dedos soltavam a arma. Estava perdida. Fitou-o com ódio. Ele, por sua vez, olhou para os al-gharbios e helens a seu redor.

– Ide embora daqui, ou mato a menina! – ameaçou.

Ela teve um segundo para pensar e agiu, enquanto ele falava com os outros. Deu-lhe um tremendo chute com o pé direito, acertando-o na virilha. Sentiu-o liberar a pressão e aproveitou para se jogar no chão, rolando para longe.

Então Hanef o enfrentou, de espada em punho.

– Está na hora de retomarmos nossa conversa, brácaro. Eu dizia que és um traidor e um assassino. Agora descubro que não és capaz nem de lutar com as nossas crianças...

Bem naquele momento, Yussef, Egeu e mais guerreiros helens surgiram na sala da torre. Anuk pensou que Tarcísio aceitaria retomar a luta com o comandante al-gharbio. Mas não foi o que ele fez: recuou mais e buscou algo num bolso, sob a cota de malha.

– Não tenho tempo para isso – murmurou, sinistro.

E o mundo pareceu parar de girar, quando um disparo soou e Hanef caiu, atingido pela bala que saíra da pistola na mão do brácaro.

ELA NÃO SABERIA DIZER exatamente o que sentia. Primeiro tinha sido excitação, depois raiva, medo, dor e um cheiro de... de quê, mesmo? Sangue. Isso, era sangue. Ela estava sangrando. Ou não estava? Não, era Anuk que

estava ferida. Anuk, que lutara contra os homens que tinham invadido sua casa e escravizado seu pai.

Mirele não sabia direito o que estava acontecendo. Sabia apenas que sua mente passara a ficar unida à mente da gêmea, depois da segunda conexão que fora feita entre ambas. Mas só se dava conta disso agora, vendo, através dos olhos da outra, o palacete cheio de inimigos. E sabia de mais uma coisa: sua irmã estava horrorizada, cansada, ferida, quase desistindo. Precisava fazer algo.

“Irmã”, tentou dizer, mas conseguiu apenas pensar. “Estou contigo. Não desiste.”

“Não desiste...”

O DISPARO ECOOU por todo o palacete. Tarcísio fizera o que fora proibido por dezenas de tratados, execrado por centenas de comandantes e negado por milhares de guerreiros desde que os clãs mágicos tinham migrado para o Novo Mundo. Ele usara a saída fácil e negara a honra do combate, em que vence o mais hábil, o mais forte ou o mais resistente.

Os próprios brácaros na sala da torre fitaram seu capitão com horror. Um helen, ágil, arrebatou-lhe a arma para evitar outro disparo. E os al-gharbios libertados, tomados de fúria, ergueram facas e espadas e investiram contra ele de uma só vez.

Egeu ajudou Anuk a levantar-se, verificando-lhe os ferimentos: eram fundos, mas cicatrizariam. A garota não tirava os olhos do corpo de Hanef que, de olhos abertos, parecia ainda espantado pela última coisa que vira – a arma de fogo banida por todos os clãs.

Foi então que, sem aviso, ela sentiu suas forças voltarem. De alguma forma, percebeu a voz da irmã dentro de si. “Não desiste”, Mirele parecia lhe dizer.

– Parai! – ela retomou o sangue-frio e se dirigiu aos homens que estavam massacrando Tarcísio. – Se ele é um assassino, nós não somos!

Os al-gharbios obedeceram na hora. Afastaram-se, as cabeças baixas, e ela viu o ex-assecla de Galaor, ou o que restava dele, estraçalhado pelas armas brancas.

Parou diante dos corpos. Passou os olhos pela sala e desandou a dar ordens.

– Essas mortes têm de acabar! – reparou em um arqueiro. – Tu vais reunir mais arqueiros e voltar às janelas. Manda verificar se há homens a postos nas outras torres também. Não podemos permitir que mais brácaros entrem na casa.

O soldado obedeceu, e ela se voltou para Egeu e depois para Yussef.

– Vamos levar os feridos para a enfermaria na adega. No salão lá embaixo há uma biblioteca à esquerda. Podes mandar teus homens transportarem os mortos para lá. Quanto a ti, Yussef, deves assumir o comando: és o próximo na hierarquia, pelo que eu me lembro.

Os helens começaram a transportar os corpos, e o capitão al-gharbio se aproximou, dobrando um joelho diante da garota.

– Não posso tomar o comando, senhora.

Anuk franziu as sobrancelhas.

– Tens de fazer isso! Meu pai está preso e Hanef está morto. O senhor Egeu poderia liderar todos os guerreiros, mas ele já tem os helens para comandar, e os nossos não aceitariam ordens de alguém de outro clã.

O líder helen acercou-se dela.

– O que Yussef quer dizer é que tu deves assumir a liderança do clã, Anuk. És a filha mais velha de Tariq. E acabas de provar teu valor. Todos os guerreiros te seguirão.

A filha de Shantel não soube o que dizer. Teve vontade de fugir para seu antigo quarto e esconder-se sob a cama. Desejou estar de volta à Floresta da Tijuca, com Gael, ambos abraçados no esconderijo e longe do restante do mundo.

O mundo, contudo, estava bem ali – com todos seus problemas e desafios.

Pela janela vinha o som do entrecocar das espadas no pátio. Suspirou, de novo.

Teria de aceitar o comando. E não podia dar-se o luxo de falhar...

CAPÍTULO 10

Escolhas



Rio de Janeiro

TUDO ESTAVA PRONTO NO TEMPLO. Entretanto, por mais que Shantel procurasse e ameaçasse seus escravos e guardas, ninguém sabia onde estava sua adaga ritual. Ela lembrava que, da última vez que a vira, estava nas mãos de Crom... na passagem do corpo de Viriato para o de Galaor. Suspeitava de que o próprio deus a tivesse levado, porém, a cada vez que tentava abordá-lo com perguntas sobre o assunto – ou qualquer outro –, ele a mandava embora.

Crom estava preocupado com a falta de notícias confiáveis sobre a batalha em São Paulo; seus espões só conseguiam telefonar para a Citânia quando estavam afastados do palacete de Tariq, e as mudanças que reportavam sobre o sítio eram constantes. Ora os helens tinham o controle, ora os brácaros levavam vantagem. Para piorar, mais exércitos cercavam a Citânia.

Shantel mandara vasculhar seus aposentos, e nada da adaga. Tentara até usar um feitiço de busca, embora soubesse que quase nada funcionaria fora do templo. E, mesmo lá, quando procurara forçar outra visão, algo interferira.

Ao se aproximar do corpo da filha, adormecida sobre a mesa de pedra, ela detectou uma energia estranha emanando dela. Por algum motivo, não conseguia descobrir o que era.

Afinal, desanimada, resolveu ir ao arsenal e buscar um punhal virgem que servisse às necessidades rituais. Com sua saída, a força que vinha da garota enfeitiçada aumentou, e levou para longe da Citânia os pensamentos e sensações da filha.

Era o elo mantido entre as duas gêmeas, que se fortalecia a cada hora que passava.

São Paulo

ANUK SENTIU o aumento das forças que a presença da mente de Mirele lhe comunicava. Xingou-a por estar se imiscuindo em seus pensamentos... Porém tudo o que recebeu da irmã como resposta foi o eco de um sorriso.

– Fala com eles, filha – ela ouviu a voz de Egeu dizer-lhe.

Postavam-se na escadaria da torre, que dava no salão do palacete. O local estava lotado de guerreiros do clã. Muitos estavam feridos, e alguns guardavam com olhos tristes as portas da biblioteca, onde ela mandara recolher os mortos na véspera.

Todos, contudo, a olhavam com dedicação e confiança.

A notícia de seu duelo com o comandante brácaro chegara a todos os al-gharbios. Yussef e Egeu conseguiram livrar o interior da casa dos invasores, e reuniram os guerreiros que tinham condições de lutar. Lá fora, no pátio tomado pelos brácaros, os helens haviam recuado e os atacantes aguardavam ordens; ninguém sabia de Tarcísio e sua ausência os desorganizava. Ainda assim, vários capitães pareciam preparar-se para um ataque massivo. Anuk recebera essa informação dos arqueiros postados nas torres.

Naquele momento, inflamada pela presença de Mirele junto de si, a garota abafou os resquícios de medo que ainda a assombravam. Tinha de honrar a escolha que fizera.

– Al-gharbios! – disse, e sua voz ecoou pelo salão. – Como sabeis, Hanef está morto. O brácaro covarde usou uma arma de fogo, desprezou todos os tratados e a tradição dos povos mágicos. Com meu pai e minha irmã presos na Citânia, cabe a nós vingá-los.

Um frêmito de raiva passou por todos os homens e mulheres presentes. Anuk viu os que estavam armados tomarem o punho das espadas. Apertou a sua também.

– Temos o apoio dos helens. Os brácaros são muitos, mas os deuses nos protegem. Esta manhã, nós atacamos! E não recuaremos até termos expulsado todos eles de nossa casa!

Um clamor único foi a resposta à conclamação. Yussef e dois capitães começaram a separar os guerreiros em grupos. Egeu, com um sorriso,

despediu-se da garota.

– Vou deixar homens aqui, sob seu comando – disse ele. – Preciso voltar pelo túnel. À hora combinada, atacaremos juntos.

Ela o viu sumir em direção às cozinhas, enquanto trinta helens erguiam as espadas para ela. A maioria havia testemunhado a luta desesperada que ela travara com Tarcísio, e não hesitariam em seguir as ordens da adolescente.

Anuk e Mirele soltaram uma profunda respiração. Iam combater juntas, agora.

Rio de Janeiro

NA MANHÃ SEGUINTE, a movimentação dos homens sugeria que o ataque aconteceria logo, mas Gael, perturbado, não prestava atenção em nada. João, que recebera ordens de ir com seu contingente para mais perto da Citânia, encontrou o sobrinho sentado num dos bancos da praça que agora integrava o acampamento indígena.

– Que cara é essa, menino? A espera está no fim. Aposto que em um dia vamos estar com o Tiago, a Carol e a Oriana. Tenha confiança!

– Tá tudo bem, tio – respondeu ele, evasivo.

– Você tem medo de entrar em batalha? É isso? Eu também tenho, mas veja só a quantidade de guerreiros sob as ordens de Akinlana e Iwati. Vamos vencer!

O jovem olhou para o tio com ar de quem não acreditava naquilo.

– Se não é medo, o que é, Gael? Pode falar, sou eu! Você sempre me contou tudo.

Mas nada o faria confessar o que sentia. Nem a João, nem a ninguém. A conversa que tivera com Rudá o perturbara mais do que teria coragem de dizer. Sabia que o pai dissera a verdade... Sentira essa verdade tomar conta de si aos poucos, nas últimas semanas...

Como lidar com aquilo? Não sabia. Não queria saber. Queria estar longe dali, em segurança, em seu quarto sobre o bar de Tiago, num passado que nunca voltaria.

João respeitou seu silêncio. Até porque, bem naquela hora, quatro homens se aproximavam. O primeiro era Rudá e, atrás dele, vinha o próprio rei iorubá, ladeado por dois guerreiros. Gael levantou-se.

Akinlana sorriu para ele, parecendo enxergar o jaguara que o adolescente não queria ver dentro de si.

– Tenho notícias, filho de Rudá – disse o rei, mostrando-lhe um celular. – Poucos sabem, mas agora temos um informante dentro da Citânia. Ele nos passou os planos de Crom, o número de guerreiros e armamentos, suas estratégias de ataque e defesa. Tem nos ajudado a decidir várias coisas.

Gael e João franziram os sobrecenhos, ao mesmo tempo.

– Tem certeza de que dá pra confiar em informantes? – questionou o humano.

– Meu tio está certo – acrescentou o garoto. – Os brácaros não são confiáveis.

– Este é – sorriu Akinlana. – E quer falar contigo...

Surpreso, Gael pegou o aparelho que o rei lhe estendia. Levou-o ao ouvido.

– Alô?...

Seu ar apreensivo desapareceu assim que ouviu a voz de Viriato:

– Gael? *Graças à deusa. Não sabes que alívio para mim é saber que estás bem...*

– É... é você mesmo? Disseram que o Crom deixou seu corpo. Pensei que podia ter morrido... Sei lá, pensei tanta coisa...

– *Estou vivo. Pelo menos por enquanto.*

– Mas o que tá acontecendo? E a minha mãe? E o meu pai? E a Carol?

– *Gael, relaxa. Não posso contar tudo agora. Tua mãe e os outros estão bem, por ora. Mas temos pouco tempo, e preciso te dizer uma coisa.*

– O... o que é?

Um silêncio na linha fez o adolescente se encolher. Se todos estavam bem, o que Viriato teria a dizer de tão importante?

– *Eu preciso* – a voz do filho bastardo de Eurico soou insegura – *que tu me perdoes.*

– Como é que é? – ele arregalou os olhos, sem entender de imediato.

– *Eu não queria dizer isso por telefone. Preferia que fosse ao vivo, mas estamos em guerra... e eu não sei o que vai acontecer. Eu preciso muito te pedir perdão.*

Muita coisa passou pela cabeça de Gael naquela hora. Ouviu a voz de Oriana na memória.

“Viriato é alguém desprezível. Merece toda a punição que vier a receber. Morrer é pouco para um covarde como ele.”

Recordou o tio a cuidar de seus ferimentos na casa de Tariq. Seu olhar firme diante de Eurico ao confessar que falhara em executar a criança que todos chamavam aberração. Reviu os olhos vermelhos de Crom no corpo usurpado, tentando matá-lo e sendo impedido por seu hospedeiro.

– Olha, Viriato, eu não tenho nada que perdoar – respondeu, os olhos úmidos.

– Tu eras só um bebê, meu próprio sobrinho, e eu te joguei nos trilhos do metrô.

O adolescente deu uns passos para o lado, afastando-se de Rudá, João e Akinlana.

– Depois disso, você me salvou. Um monte de vezes. E também salvou meu pai, meu tio e a Carol. Esquece essa história, tá? E depois... Sei lá, tem tanta coisa acontecendo...

Algo na voz dele fez Viriato mudar de tom.

– *O que foi? O que está realmente te assustando?*

– É que eu... Não sei o que fazer.

De alguma forma, Gael sentiu a tentativa do interlocutor de lhe transmitir carinho e confiança pela linha telefônica.

– Tens sangue brácaro e jaguara, foste criado por humanos. Herdaste o melhor desses três mundos. E eu tenho muito orgulho de ti!

O garoto abriu um sorriso emocionado.

– *Tu saberás o que fazer* – disse o tio antes de se despedir.

Gael tremia um pouco, ao devolver o celular desligado para o rei iorubá. Mal percebeu quando João lhe disse um simples “tchau” e Akinlana se retirou.

– Tenho um presente, filho – disse Rudá. – Pega...

O índio lhe estendia dois objetos, um em cada mão.

Com a mão direita, o garoto pegou uma espada curta brácara. Tinha uma taça esculpida na guarda. Com a esquerda, recebeu um pequeno porrete de madeira entalhada.

– Um tacape – murmurou.

– Foi do meu pai – contou Rudá, orgulhoso. – Agora, vem comigo. Temos pouco tempo. Eu queria que você ficasse aqui, mas Akinlana e Iwati disseram que a escolha é sua, por isso tenho que ensinar como usar o tacape e fazer a pintura de guerra.

Gael foi seguindo o pai para um trecho mais afastado da praça. Lá, viu dois potes de cerâmica cheios de tinta. Ele se sentiu mais apavorado ainda. Ia ser pintado ritualmente para a guerra... E só então digeriu o que o pai lhe dissera.

– Por que temos pouco tempo? – perguntou.

O jaguara se acorava junto aos potes, e respondeu apenas:

– Porque Akinlana já deu a ordem. Assim que a noite cair, atacamos.

ORIANA PASSARA A TARDE INQUIETA. Não era a proximidade do dia de sua execução que a incomodava, porém. Ela já fizera as pazes com a ideia de morrer. Não, sua inquietação vinha da impotência em que se encontrava: tinha conseguido definir uma forma de livrar Mirele do encantamento que a prendia a Crom... e precisava passar a informação à resistência. Belmira saberia o que fazer. Como, porém, contatá-la?

Na cela só entravam os guardas de Shantel trazendo pratos descartáveis com comida, e nem tinha o recurso que já usara, de ocultar uma mensagem no cesto de alimentos.

Desconfiava de que ia anoitecer, pois passos se aproximavam. Vinham trazer-lhe o jantar. Percebeu que, além dos dois guerreiros de costume, mais uma pessoa chegava.

Quando a porta foi destrancada, Shantel entrou. Um guarda carregava a refeição numa bandeja e o outro – ela reconheceu Nuno, o capitão que a amordaçara, quando fora transferida de cela – levava um vestido branco nas mãos.

– Ansiosa, prima? – riu-se a druidesa. – Amanhã é o grande dia! Tu vais jantar, agora, e depois serás banhada e vestida. Quero que uses algo especial nas próximas vinte e quatro horas. Vê, nada é bom demais para alguém da tua linhagem...

Ela passava as mãos pelo vestido que o capitão segurava. Era uma veste preciosa, imaculadamente branca, bordada delicadamente no decote e na barra com fio de ouro e pedrarias. Oriana adoraria usar tal vestido, se ele não fosse também servir-lhe de mortalha.

Estremeceu, e Shantel apreciou vê-la fraquejar.

– E não penses em usar teus truques, prima. Os guardas têm ordens de ficar contigo até a noite. Eles vão banhar-te e vestir-te, agora. Até amanhã!

Deixou a cela alegremente, seguida pelo guarda que depositara o jantar sobre a mesa. Nuno permaneceu diante de Oriana, que se encolheu, revoltada por mais aquela humilhação. Homens desconhecidos iriam despi-la e fazer sua toailete?!

O capitão brácaro pôs o vestido sobre o colchão e ajoelhou-se diante dela.

– Perdoa-me, senhora. Tinhas razão. Sempre há uma escolha... e eu fiz a minha.

Ela fitou o homem e o viu levantar-se, afastando-se para junto da porta. Com um sinal, chamou alguém, um terceiro guarda, que veio pelo outro lado do corredor que Shantel tomara. Quando ele entrou na cela e tirou o elmo, Oriana não conseguiu falar, incrédula.

Era Viriato.

São Paulo

O SOM DOS PILARES tombando no chão do pátio foi enorme; todos sentiram a cidadela estremecer com o baque. Anuk nunca ouvira um estrondo com tanta alegria.

Anoitecera. Os al-gharbios e helens haviam mesmo expulsado todos os invasores do palacete, enquanto, lá fora, Egeu e seus homens acabavam de conquistar a vitória em um contra-ataque definitivo.

Anuk mandara acenderem archotes no pátio, pois estavam sem energia elétrica. Mas o que lhes faltava em eletricidade sobrava em coragem.

No centro do jardim tinham colocado o corpo de Hanef, agora velado por todos. Pela primeira vez, a garota teve de falar numa cerimônia fúnebre.

– Hanef deu sua vida por nós, como tantos outros entre nosso povo... – declarou a filha de Tariq, com uma voz que ribombou pelo pátio. – Agora é hora de cuidarmos dos nossos feridos e chorarmos por nossos mortos. Mas também é hora de seguirmos em frente. Nunca, nunca permitiremos que um deus usurpador e renegado tome nossa terra!

Recebeu o apoio incondicional de todos os presentes.

Anuk mordeu os lábios, segurando a vontade de chorar. Adoraria que o pai estivesse ali para orgulhar-se dela, da mesma forma que os al-gharbios e até helens demonstravam naquele momento.

A gêmea *má* conquistara, enfim, o respeito de seu povo.

Rio de Janeiro

– **C**OMO... COMO TÙ... ? – balbuciou Oriana sem acreditar em como eu podia estar vivo.

Nuno se afastara para vigiar o corredor e nos dar privacidade.

– Crom achou melhor poupar minha vida por enquanto – resumi.

Não previa o abraço apertado que recebi de minha irmã. Ela não agia assim desde que... desde que era adolescente!

Muito sem graça, tentei me afastar. Não era digno de receber aquela demonstração de carinho.

Oriana, porém, prendeu meus braços com firmeza.

– Tu voltaste a ser meu irmão – disse, sorrindo.

O perdão inesperado me desconcertou ainda mais. E também me nublou a visão. Desviei o rosto, tentando inutilmente esconder as lágrimas.

– Podemos confiar em Nuno – eu disse, procurando firmeza na voz. – Dois de seus homens de confiança substituíram os guardas que me vigiam no

apartamento do senhor Eurico para que eu pudesse vir falar contigo.

– E como está nosso pai?

– Resistindo.

Oriana não pediu detalhes. Sabia tão bem quanto eu que ele não viveria mais do que um dia, talvez dois.

– Vieste para nos despedirmos? – perguntou ela, com tristeza.

– Há esperança, senhora.

Então, narrei-lhe sobre o cerco à Citânia e as informações que passara a Akinlana e a seus aliados. E sobre meu contato direto com a resistência através de Carol. Tranquilei-a em relação a Gael. Ele estava em segurança.

– O rei iorubá fará todo o possível para invadir a Citânia antes da meia-noite de amanhã – prossegui. E passei para a questão mais importante: a única forma real de derrotar Crom. – Belmira disse que tentavas encontrar um contrafeitiço. Chegaste a alguma conclusão?

Oriana contou-me como era possível realizá-lo. Havia detalhes que Belmira deveria providenciar.

– Precisarás de tempo para fazer o contrafeitiço – observei.

– Com Shantel por perto será impossível. A não ser que...

Do bolso da calça, minha irmã tirou um broche antimagia. Estremeci ao imaginar o que ela me pediria.

– Sabes o que é e como usá-lo?

– Sim, senhora.

– Somente alguém em que Shantel confie muito pode se aproximar o suficiente para colocar nela este broche.

Oriana deixou que o silêncio dominasse a cela. Ainda na porta, Nuno mantinha sua vigilância.

– Posso fazer isso, senhora – disse uma voz distante, que descobri ser a minha.

A dúvida permaneceu no rosto diante de mim.

– Conseguirás realmente ir contra Shantel, Viriato?

Apesar da minha vontade de reagir, não pude dizer nada. Oriana me entregou o broche. Ao tocá-lo, senti-me esquisito, como se o metal me

queimasse a pele. Ou minha consciência.

– Irei me lavar – avisou minha irmã ao se dirigir ao banheiro da cela. – Se nossa prima me quer bem-arrumada, então terá a mais bem-arrumada entre suas vítimas.

A MEIA-NOITE, a lua não estava visível no céu. Se estivesse, ver-se-ia apenas um fio luminoso no círculo lunar. Em vinte e quatro horas seria lua nova.

Aquela foi uma noite agitada na cidade do Rio de Janeiro. Os humanos sentiam algo estranho no ar. E não era a guerra da polícia contra o tráfico ou os arrastões nas praias.

No bairro de Santa Teresa, logo que escureceu, o sítio se transformara em ataque. Guerreiros indígenas e afros, de várias procedências, haviam iniciado uma ação orquestrada com precisão, cercando a primeira muralha na tentativa de invadir a Citânia.

Em menos de vinte e quatro horas, Akinlana planejava estar dentro do casarão de Eurico.

CAPÍTULO 11

Batalha



Rio de Janeiro

OCHEIRO DA MORTE era embriagante. Do terraço mais alto do casarão de Eurico, Crom Cruach ouvia o som das lanças atingindo escudos. Não tinha uma visão clara da primeira muralha, mas sua intuição o mantinha a par de cada ataque e recuada, cada guerreiro caído.

Sentia-se em seu elemento. Amava a guerra, a loucura da batalha, o transe que tomava os homens no meio da carnificina. Agora que haviam atacado, a ansiedade passara: mal conseguia esperar para trucidar, ele mesmo, o inimigo.

Mas isso podia esperar. Assim que os tolos vissem que a muralha era inexpugnável, recuariam, e então ele lideraria o exército contra os sobreviventes. Não sobraria ninguém para contar a história... Ou, talvez, deixasse que alguns comandantes vivessem, para que, humilhados, cantassem ao mundo sua vitória.

Assim que amanheceu e ouviu os relatórios dos capitães, deixou o terraço que servia de observatório e foi para o arsenal. No caminho, viu Shantel despachar escravas para o templo.

– Tens notícias da defesa, meu senhor? – indagou ela, parecendo ansiosa.

– A muralha resistirá, não importa quantos soldados mandem contra ela – respondeu, arreganhando um sorriso.

A druidesa inclinou-se. Não parecia convencida da invencibilidade da Citânia, pois se dizia que os exércitos atacantes eram numerosos, e o trancamento da magia a impedia de tecer novas defesas mágicas; mas sabia que, à noite, colocaria em ação mais forças sinistras e que o poder guerreiro de Crom aumentaria muito.

– Estou terminando os preparativos do sacrifício, já vou mandar levarem a vítima para o templo. Gostaria de ter mais soldados para reforçar a segurança, meu senhor...

– É estupidez desperdiçar guerreiros para vigiar um punhado de escravos e uma mulher. Tens guardas suficientes! Não me aborreças com isso. Tenho uma batalha a travar.

E deixou-a. Shantel resmungou algo e se encaminhou para as escadarias. Crom podia dar-se o luxo de ser arrogante, mas ela não sossegaria até ver Oriana morta.

FOI HÉLIO QUE DESTRANCOU A PORTA do quarto de Eurico, naquela manhã. Pouco antes, haviam trazido alimentos e uma nova bolsa de soro. Mal tive tempo de esconder o celular debaixo do travesseiro de Eurico. O ex-capanga de Galaor vinha acompanhado da jovem escrava que cuidava antes de meu pai.

– Como vai nosso prisioneiro, escravo? O senhor Crom quer informações.

–Vive – respondi.

– Ótimo! Agora, vamos às ordens da senhora Shantel. Ela mandou que te levemos ao templo, agora. Anda! A senhora não tolera atrasos...

Era o que eu esperava que acontecesse. A druidesa não perderia a chance de me colocar como algoz de minha irmã, assim como faria com Tariq.

A jovem assumiu meu posto junto ao leito enquanto segui Hélio para fora do quarto. Lá, seis guerreiros nos esperavam. Fomos, então, pelo corredor, para os andares inferiores do casarão.

Confuso, dei-me conta de que aquele não era o caminho do templo. Passaríamos antes na cela de Oriana.

Minha irmã teve as mãos atadas por uma corda e foi obrigada a se unir ao grupo. Hélio interrogou um dos guardas.

– Mandei trazerem Tariq aqui. Onde está o guerreiro que foi buscá-lo?

– Não sei, senhor. Aqui ele não veio.

– Bando de incompetentes – resmungou ele. – Bem, vós todos levareis a prisioneira e o escravo ao templo. Vou procurar aquele al-gharbio.

Ele se afastou e os guerreiros ladearam a mim e a minha irmã para nos conduzir. Foi somente naquele instante que me lembrei do celular sob o travesseiro. Devia tê-lo trazido comigo.

São Paulo

O EFEITO MAIS NOTÁVEL na cidadela al-gharbia, quando o último guerreiro brácaro depôs as armas, vencido, fora que o encantamento impedindo as comunicações se desfizera. Centenas de alarmes de telefones soaram ao mesmo tempo.

Egeu, que tomara a si o encargo de lidar com os prisioneiros, ordenara que os celulares dos brácaros fossem todos recolhidos e desligados. Patrulhas helens enviadas aos arredores haviam aprisionado também dois espíões, provavelmente informantes da Citânia.

Assim que a cidadela fora completamente retomada e os atacantes, neutralizados, Anuk deixara Yussef no comando dos guerreiros e incumbira o médico, primo de Hanef, de organizar a lista de mortos e fazer uma triagem nos feridos.

As famílias estavam voltando a seus alojamentos, e a garota se assegurara ainda de que as mulheres encarregadas da cozinha e da despensa tivessem recursos para ir comprar medicamentos e provisões. Havia resolvido várias coisas e estava indo para seu antigo quarto, à procura de roupas limpas; não conseguia se lembrar da última vez em que tomara um banho quente... então Egeu a encontrou.

– Anuk, acabo de falar com Akinlana.

Algo no olhar dele a alarmou.

– E aí?...

– Estão em plena batalha. Atacaram a Citânia ontem à noite. Por enquanto as coisas vão bem, sem grandes baixas, mas ainda não conseguiram passar pela

primeira muralha.

A euforia que a garota andara sentindo nas últimas horas se evaporou totalmente. Podia imaginar o embate entre as forças iorubás e brácaras. Não ligava para a mãe ou para as outras pessoas presas entre dois exércitos loucos por sangue. Mas havia Tariq. E Gael...

A mente de Mirele, ainda ligada à dela, reforçou seu medo. A gêmea fechou os olhos e ouviu, a distância, o som da batalha. Bem mais acirrada e ampla do que as escaramuças de que participara, na defesa do palacete do pai.

– *Tens de vir para cá* – ela ouviu Mirele pedir.

– Tenho de ir para lá – murmurou.

O líder do clã helen não concordou.

– Deves ficar em segurança. Assim que resolvermos o que fazer com os prisioneiros, deixo alguns helens aqui e vou para o Rio com meu contingente. Mas tu ficas.

A garota desconversou.

– Depois pensamos nisso. Agora, só o que eu quero é um banho bem longo. E trocar de roupa. E fazer uma refeição decente.

Entrou em seu quarto e foi ao guarda-roupa escolher o que vestir. Jogou num canto as roupas que usava, sujas de terra e sangue, logo depois de escrever um bilhete, que largou sobre a cama.

Levou para o banheiro uma muda de roupas, a cota de malha e a bainha com a espada, sem esquecer uma bolsa que recheou de objetos pessoais, algum dinheiro e o cartão de crédito de Galaor. Disparou um sorrisinho maroto, enquanto ligava o chuveiro e a água esquentava.

“Por que os homens gostam tanto de dar ordens?”, refletiu, ao entrar no box. “E por que não desistem de tentar mandar na gente, já que as mulheres não obedecem?”

Pouco depois, com roupas limpas e deixando o chuveiro ainda ligado, ela saiu pela janela do banheiro, saltando sobre o telhado da lavanderia. Sabia que ninguém estaria naquele lugar. De lá entraria facilmente na cozinha, onde pegaria algum alimento. Depois, iria para a despensa, de onde chegaria ao túnel.

Quase uma hora mais tarde, alguns helens e al-gharbios bateram à porta de seu quarto várias vezes para chamá-la. Ouviram apenas o som da água do chuveiro batendo nas paredes de vidro do boxe.

Rio de Janeiro

TARIQ VIU UM DOS GUARDAS pessoais de Shantel entrar no aposento dos escravos à sua procura. Escapulira de lá assim que a vigilância nos corredores diminuía. Esgueirou-se para uma escadaria, sabendo que o homem o procuraria ali e nos aposentos da druidesa.

Era a primeira oportunidade que tinha de afastar-se das áreas que lhe eram permitidas. Ouvira um escravo dizer que o casarão se esvaziara, porque Crom ordenara que mais soldados fossem reforçar as muralhas, assediadas por uma coalizão de exércitos dos clãs inimigos. Estava desesperado por notícias, mas naquele momento sua prioridade era encontrar Oriana. Sabia apenas que ela estava em uma cela; desconhecia o local exato.

No casarão, servos corriam de um lado a outro, falando quem fora ferido e quem já morrera. Ao passar diante de janelas abertas, Tariq podia ouvir o som da batalha. Começara na noite anterior e não cessara durante toda a madrugada e a manhã.

Na cozinha, muniu-se de uma vassoura e uns panos; encaminhou-se para a ala em que sabia existirem celas, mantendo a cabeça baixa. Havia guardas nos andares subterrâneos, mas nenhum pousou nele um segundo olhar.

“Essa”, pensou, irônico, “é a vantagem de ser um escravo. Os homens livres não lhes dão atenção alguma... Só preciso dar sorte e não encontrar nenhum conhecido.”

Por sorte ou não, ninguém o deteve. Deu com quatro guerreiros almoçando numa salinha na ponta do corredor, passou por eles e viu que apenas uma cela era guardada. O vigia parecia entediado. Parou diante dele, e disse, sem erguer o rosto:

– Mandaram limpar a cela, senhor.

O homem riu dele.

– Deixa de ser estúpido. Ninguém entra aqui sem ordem da senhora druidesa.

Tariq deu de ombros e ergueu um pouco a voz.

– Por mim, tudo bem. Mas tu vais explicar-te com a senhora, foi ela que deu a ordem.

O homem hesitou por um instante e olhou pela janelinha o interior da cela. Foi o que bastou para que Tariq o atacasse. Pressionando seu pescoço contra a porta da cela com o cabo da vassoura e cobrindo sua boca com um pano, impediu que gritasse ou sacasse a espada. Quando ele conseguiu soltar-se, o al-gharbio já havia se apossado da espada e a posicionara contra as costas dele. Imediatamente o guarda parou de resistir.

Os prisioneiros ouviram o barulho. Tiago e Finnath apenas ergueram os olhos para a porta, mas Kassib reconheceu a voz do líder de seu clã.

– Senhor Tariq! – chamou.

Correu à janelinha e viu que o guarda fora neutralizado.

– Kassib, que bom ver-te! A senhora Oriana está aí?

– Não – respondeu o homem. – Eles a levaram para outro andar há alguns dias.

Desapontado, ele pressionou o brácaro.

– Abre a porta!

Foi obedecido. Seu guerreiro amarrou e amordaçou o vigia, após tirar sua túnica e entregá-la a Tariq. O érin encontrou nele ainda uma adaga e a colocou no próprio cinto. Ao ver Tariq trocando de roupa, Tiago retrucou.

– Mais roupas de soldados viriam a calhar. Disfarçados, poderíamos nos unir à resistência. Belmira disse que eles se escondem em passagens secretas sob as cozinhas.

– É uma boa ideia – concordou Tariq. – Alguém sabe onde está Oriana?

– A essa altura – especulou o érin – já a levaram ao templo.

– Então é para lá que eu vou – o pai das gêmeas decidiu. – Esperai aqui. Eu e meu amigo Kassib vamos arrumar mais túnicas e armas...

Mas apenas Tiago ficou na cela. Finnath foi ajudar no ataque aos quatro guardas na salinha, e logo eles voltavam, já com as roupas trocadas e mais

guerreiros amarrados que deixaram presos na cela. O líder al-gharbio a trancou antes de falar com Tiago no corredor.

– Agora podemos ir ao templo. Mas tu e Finnath devem procurar Eurico. Ouvi Shantel dizer que ele foi levado ao seu antigo quarto, e que Viriato estava cuidando dele. Segui por aquele corredor, deve dar nos aposentos da família, no segundo pavimento. Se conseguirdes encontrá-lo, tentai levá-lo para Belmira. Ela poderá escondê-los.

E, sem esperar resposta, ele e Kassib sumiram além do corredor. O érin seguiu pelo caminho que Tariq indicara. Tiago foi atrás, inseguro na indumentária de guerreiro, que mal lhe escondia a pele negra, apesar do manto. Todavia, seus passos eram resolutos. Sabia que era com a resistência que encontraria Carol.

O PORTÃO DESABOU COM ESTRONDO. Uma quantidade enorme de guerreiros iorubás entrou pela abertura, caindo como feras sobre os brácaros que defendiam a muralha. Em outros pontos, eles ainda conseguiam manter os sitiados do lado de fora, mas assim que um dos portões cedeu o ânimo dos atacantes se renovou e, em poucos minutos, o terreno se encheu de guerreiros afros e indígenas. A notícia de que os helens e os al-gharbios haviam derrotado os brácaros em São Paulo também infundira ânimo extra em todos.

O contingente de João foi um dos primeiros a entrar no pátio. Seu grupo dava apoio à vanguarda, e ele afastava brácaros com o escudo e a lança, abrindo caminho para os espadachins. Quando seu comandante mandou pararem, respirou e olhou ao redor.

O inimigo recuava. Um toque de trompa, que devia ser a ordem de retirada, soou por algum tempo em todo o perímetro, e apenas os mortos e feridos permaneceram no local.

Estava tentando não se impressionar com o estado do campo de batalha, quando viu Akinlana penetrar o primeiro círculo da Citânia, cercado por seus guardas pessoais, xamãs, algumas mulheres. Cáitlin e Nan estavam entre elas.

– Alguma notícia do nosso amigo? – O líder consultou a iorubá, diante de todos.

Ela fez que não com a cabeça. Não obtinha conexão com Tiago há algum tempo. E o rei também não conseguia falar com seu informante pelo celular.

Um comandante indígena veio encontrá-lo.

– Iwati quer saber se mudou alguma coisa nos planos.

O iorubá farejou o ar.

– Não. Atacamos como combinado. Agora é tomar a segunda muralha...

Ergueu um braço e, a esse sinal, uma nova centúria de guerreiros descansados avançou. João aguardou a ordem de ataque e, antes que seu grupo fosse em frente, mais uma vez na retaguarda, seus olhos encontraram os de Nan, que lhe sorriu tocando a pedra de Oiá. Depois ela seguiu a senhora érin, que organizava o cuidado aos feridos.

– Por ali, vamos! – ouviu seu comandante dizer, e obedeceu.

Apesar de apavorado, sabia que cada passo para dentro da Citânia o levava para mais perto do irmão e da sobrinha. E havia decidido que chegaria até eles, vivo.

CROM ANDAVA DE UM LADO PARA OUTRO no terraço do casarão. Estava furioso. Ainda não conseguira notícias do sítio aos al-gharbios. E podia ver dali seus homens recuando para a segunda muralha. Tinha ímpetos de juntar-se a eles e irromper contra os lacaios do atrevido rei africano, que pareciam saber exatamente quais os pontos mais vulneráveis da Citânia...

Adoraria fazê-los sangrar, um a um.

Ergueu os olhos para o céu, a espada desembainhada. O sol já baixava, mas a noite ainda tardaria a chegar. Guardou a espada na bainha.

“Não”, decidiu. “A hora do sacrifício se aproxima. Terei mais forças, então”.

Continuou acompanhando a ação, enquanto um clamor anunciava que os atacantes tentavam escalar a segunda muralha.

São Paulo

QUANDO EGEU ENCONTROU O BILHETE que Anuk deixara no quarto, avisando que nomeava Yussef para liderar os al-gharbios até sua volta, a garota já estava no aeroporto. Tomara o metrô na estação São Bento e, descendo na São Judas, pegara um táxi para Congonhas. Sua única parada fora em um

caixa eletrônico, de onde sacara um empréstimo do cartão de crédito de Galaor. Ele estava sem tempo para checar suas contas mesmo...

Na sala de embarque, Anuk esperava impaciente que chamassem seu voo. Comprara a passagem na primeira aeronave a partir naquela tarde pela Ponte Aérea, e calculava quanto tempo levaria até desembarcar no Santos Dumont e tomar um táxi para casa.

“Casa...”, refletiu, com um sorriso triste. Se as sensações que Mirele lhe transmitia eram reais, sua casa no Rio se transformara em praça de guerra, pior ainda que o palacete que deixara em São Paulo. Mortos, feridos, paredes desabadas e vidas destruídas.

Jogou-se numa das cadeiras, alucinada. Devia ter-se lembrado de comprar um celular. Enquanto não chegasse ao Rio, não teria notícias.

Da mãe. Do pai. De Gael...

Sua única conexão com a Citânia era mesmo a mente da irmã gêmea.

Enxugou uma lágrima, e estava pensando seriamente em achar um banheiro e trancar-se num reservado para chorar à vontade, quando ouviu a voz metálica do alto-falante dizer:

– *Senhores passageiros da Ponte Aérea, bem-vindos ao embarque do voo com destino ao Rio de Janeiro, aeroporto Santos Dumont...*

Num salto estava de pé, abrindo caminho para o portão de embarque. Se dependesse dela, e da magia que sentia formigando sob sua pele, aquela aeronave faria o voo mais rápido jamais feito entre São Paulo e Rio.

Rio de Janeiro

ENTRAR NO QUARTO DE EURICO foi mais fácil do que eles esperavam. Assim que Finnath ameaçou com a adaga o vigia da porta, o homem abriu os braços e disse, com franqueza:

– Não é preciso me ameaçar, também sou da resistência.

E foi abrindo a porta. Mas lá dentro não encontraram Viriato, apenas uma jovem escrava, sentada ao lado do leito e observando as gotas de soro a pingar lentamente. O érin ajoelhou-se junto à cama, colocando sua mão sobre a cabeça ao doente.

– Onde está o Viriato? – indagou Tiago à moça.

Mas foi o vigia que respondeu:

– Foi levado para o templo. Vão sacrificar a senhora Oriana esta noite, todos sabem.

– Vamos levar o coitado pra baixo? – perguntou o pai de Carol.

– Ele piorou, esta tarde – disse a escrava, tristemente.

– Ela tem razão – concordou Finnath. – Eurico não pode ser removido. É melhor tu ires procurar por Belmira. Terei de ficar aqui... Talvez possa ajudar a mantê-lo vivo.

Era verdade que a presença das energias do érin causava um efeito salutar no velho brácaro. Ele respirou mais fundo, entreabriu os olhos e murmurou algo ininteligível.

– O que ele disse? – perguntou Tiago.

– O mesmo que da última vez. Galaor... Oriana... Viriato – a escrava respondeu.

– Ele quer ver os filhos. Se eles sobreviverem, precisam ver o pai antes que... Vai, Tiago – pediu Finnath. – Vai agora. E tu, vai com ele. Encontra a resistência.

O irmão de João assentiu e o guarda, que olhava com pena o ex-líder de seu clã, suspirou. Logo os dois saíram e corriam para o andar de baixo.

Assim que passaram por uma das grandes janelas do casarão, ouviram os gritos.

Alguma coisa estava acontecendo lá fora...

ERA O CLAMOR dos gritos de guerra dos brácaros: como os arqueiros posicionados na muralha pouco ou nada atingiam os afros, protegidos por capacetes e escudos, Crom ordenara a um grande contingente que saltasse sobre os homens que tentavam escalar, e eles o faziam com selvageria, atacando com espadas curtas.

A vanguarda de Akinlana teve de recuar, pois os recém-chegados no ataque agiam como suicidas, sem parecer se importar com os ferimentos que os lanceiros lhes causavam.

João estava entre os lanceiros. Seu grupo seguia os que tentavam derrubar o portão principal da segunda muralha; enquanto alguns batiam nele usando enormes aríetes, outros jogavam cordas para o alto dos muros, escalando-as com grande perícia.

Quando os guerreiros saltavam sobre eles, espadachins iorubás corriam a enfrentá-los em combate direto, e era aí que os lanceiros intervinham. Impediam que seus guerreiros fossem atacados por mais de um oponente. João já havia derrotado três, derrubando-os com a lança e depois atacando os homens caídos com o punhal. O escudo estava se mostrando o melhor amigo que já tivera; evitava que as espadas inimigas o atingissem no rosto ou no peito, embora seus braços já estivessem cheios de cortes e hematomas.

Os brácaros, porém, continuavam aparecendo sem cessar, saltando do alto dos muros como se fossem gatos. E, entre recuos e avanços, durante mais de uma hora a batalha se mostrou desfavorável aos atacantes.

Até que, de repente, um vento diferente soprou. João acabava de esquivar-se de dois guerreiros e ouviu o vozeirão de Akinlana dizendo algo que, a princípio, ele não entendeu. Ergueu o escudo, pois o brácaro mais próximo parecia prestes a atacá-lo... mas o homem deu meia-volta e se afastou, correndo feito doido para a muralha.

Ele foi recuperar sua lança, caída ali perto, e somente então percebeu o que acontecia: vindos dos dois flancos, guerreiros indígenas atacavam com tudo.

Iwati rompera a barreira de brácaros de ambos os lados da Citânia e vinha dar apoio aos iorubás. Quase em seguida o aríete teve sucesso, e os portões se entreabriram. João seguiu seu comandante, que os chamava para dentro, atrás de um novo grupo de vanguarda enviado por Akinlana. Por isso, não viu a batalha travada não muito longe dali.

Mais de cem guerreiros brácaros surgiram, saltando de certo ponto das muralhas, prontos para combater os indígenas. Os dois grupos se lançaram um contra o outro, os homens de Iwati portando espadas curtas e tacapes, e os inimigos com espadas longas.

Na segunda leva de índios estava Rudá.

Ele parou, pouco atrás dos guerreiros que duelavam, mas não levava espada ou tacape. Em vez disso, estendeu os dedos, que projetaram unhas felinas à frente.

Voltou para trás os olhos alaranjados e fitou Gael, que o seguia de perto.

– É hora, filho.

No instante seguinte, não havia mais um homem naquele trecho.

A onça se projetou sobre os guerreiros brácaros e espalhou um grupo que vinha rechaçar os índios. Depois pulou à frente, indo na direção dos portões abertos.

Gael tentou fazer o que o pai lhe dissera: não raciocinar. Aspirou o cheiro de suor dos homens, detectou o clamor agudo da batalha e, pela primeira vez, sentiu o chamado da guerra. A dor foi intensa, mas ele a acolheu com um rosnado triunfante.

As narinas dilatadas, os dentes arreganhados, ele desejava estar mais perto da luta. E uma segunda onça saltou sobre os homens, seguindo a trilha e o cheiro do pai.

Tinha sede, muita sede. De sangue.

CAPÍTULO 12

Reencontros



Rio de Janeiro

OUTRA VEZ, não havia luzes elétricas acesas no templo, nem o braseiro estava aceso. Velas iluminavam os doze pilares, mais o décimo terceiro ao centro, diante do leito de pedra em que jazia Mirele. As gaiolas com os elementais neutralizados permaneciam no escuro.

Pelos portões entreabertos tentavam entrar sons assustadores, além da luz da tarde. Era o eco da batalha lá fora, o choque das espadas, as trombetas dos comandantes e os gritos dos combatentes. Ali dentro, porém, a atmosfera pesada abafava os ruídos exteriores. Era como se o recinto estivesse isolado da guerra por uma membrana invisível.

Ao fundo, junto à porta oculta pelas cortinas da qual Oriana falara, meia dúzia de escravas aguardava, portando as ervas, roupas e utensílios que a druidesa exigira. Atrás delas estava Carol, sempre com o manto a cobrir-lhe totalmente as feições. Seus olhos, a única parte visível, brilhavam com apreensão. Viriato lhe mandara uma última mensagem reforçando as instruções que sua meia-irmã passara, porém depois silenciara totalmente. E ela não sabia o que pensar de seu sumiço até o momento em que o viu adentrar o templo.

Shantel aguardava os guerreiros que arrastavam Oriana. Viriato vinha logo atrás dela. Mais meia dúzia deles os seguia, além de, encerrando a comitiva, vários dos servos pessoais da druidesa.

– Ao trabalho, escravo! – ordenou a druidesa a Viriato. – Leva-a ao local do sacrifício.

Submisso, ele obedeceu. Com a mão no ombro de Oriana, conduziu-a ao centro do recinto. Fez com que se ajoelhasse diante do pilar mais alto. Sentiu

o tremor no corpo dela, denunciando um medo que a filha de Eurico tentava esconder. Mas nada disse, apenas pressionou seu ombro, esperando que ela entendesse a mensagem.

“Tem confiança”, ele queria dizer. E ela compreendeu. Relaxou e ergueu o rosto.

Shantel acariciou o punhal que levava à cintura.

“O outro faria efeito mais depressa”, pensava, contrariada. “Já estava consagrado pelo sangue de nós três... mas, paciência, este servirá.”

Depois posicionou os guerreiros na porta e nos quatro cantos. Mandou seus servos reunirem-se às escravas para verificar se haviam levado todos os apetrechos pedidos. Aproveitando a movimentação, Carol esgueirou-se por trás da cortina e saiu pela porta oculta, sumindo nas sombras. Sabia que estavam apenas preparando a cerimônia: nada aconteceria antes que a noite caísse e se iniciasse a fase da lua nova.

Shantel nada percebeu; estava interrogando um guarda.

– Onde está Tariq? Deveria ter vindo com os outros escravos.

– Disseram que o comandante Hélio foi buscá-lo – respondeu o rapaz.

– Ótimo. Vai chamá-lo, quero-o aqui, sem demora – ordenou ela. Com um sorriso de escárnio, acrescentou: – Não podemos começar a sangrar a vítima sem a ajuda dele.

Não percebeu que, com a saída do guerreiro para cumprir sua ordem, dois homens que aguardavam do lado de fora dos portões penetraram no recinto e se postaram atrás dos outros vigias da porta. Mesmo que o notasse, elmos brácaros ocultavam os rostos de Kassib e Tariq. Este viu Oriana e Viriato postados lá no centro. Desejou fazer algo na hora, mas estava em desvantagem. Era preciso esperar uma oportunidade de agir.

“Paciência”, decidiu. “Esperaremos.”

Durante algum tempo, o único som que se ouviu foi o dos passos de Shantel na pedra polida do chão, murmurando encantamentos diante de cada um dos doze pilares. O ruído da batalha, ao longe, tornava-se mais abafado pela magia que crescia aos poucos.

Oriana nem piscava; parecia uma estátua, com a saia bordada do vestido branco espalhada a seu redor. Não tinha certeza de que o plano daria certo.

OS BRÁCAROS RECUAVAM com a chegada de mais indígenas. Embora muitos destes tivessem tombado, novos guerreiros entravam na luta: kamayurás, krenaks, tupinambás.

Iwati parou um instante para verificar a situação na frente de batalha, e foi então que viu Rudá. Ele havia retomado a forma humana e carregava alguém para longe da refrega.

O líder dos clãs indígenas limpou o suor do rosto e apurou a vista para enxergar melhor. Não era um ser humano que seu amigo carregava.

Era o corpo negro de uma onça.

POR TRÁS DA PORTA OCULTA que dava no templo, num quarto vazio que saía num dos corredores do primeiro andar do casarão, Carol viu Belmira entrar com um cesto de material que preparara, no refúgio da resistência. A serva não parecia muito animada.

– Pelo que Viriato disse, Oriana pediu ervas para ajudar a combater os efeitos das outras. Mas teremos de espalhar um pouco em cada pilar. Como está a situação lá dentro?

– Trouxeram Oriana, e Viriato também. Por isso ele não mandou mais mensagens. Aquela mulher disse que ele e Tariq vão ajudar no sacrifício. Ela tem... uma adaga nova.

A velha escrava sorriu e tirou, de dentro das próprias roupas, a outra, a original.

– A druidesa procurou esta por toda a parte. Para sorte nossa, perdeu seu tempo vasculhando as coisas do usurpador. Não lhe ocorreu que tivéssemos nos apossado dela...

– Não entendo que importância tem isso.

– É simples, esta arma contém traços do sangue da druidesa, de Viriato, da menina e de Galaor. A mensagem de Viriato dizia em que Oriana acredita: que a força do sangue do clã poderá quebrar o laço mágico. Porque foi essa força que o gerou.

– Tomara que ela esteja certa. E as palavras rituais que eles nos passaram? Eu as decorei, mas... Será que vão funcionar?

Belmira abanou a cabeça, em dúvida.

– Não sei, filha. Também decorei o encantamento, e só saberemos quando tentarmos. Isso, se tivermos a oportunidade. Quantos guardas há no templo?

– Conteí uns doze, e outro tanto de escravos. São muitos para enfrentarmos.

– Teremos a ajuda de Viriato.

Mas Carol não tinha tanta certeza. Longe de Shantel, ele lhe parecera livre. Mas junto dela... Não acreditava que ele faria algo contra a mulher que o manipulara a vida inteira. Belmira pareceu concluir o mesmo, pelo olhar que lhe lançou. Então, disse:

– Não temos mais com quem contar. Nossos homens foram sabotar as muralhas, para ajudar a entrada dos clãs. Melhor eu ficar no templo e buscar uma brecha para espalhar as ervas. Tu, volta ao refúgio, é preciso cobrir as tatuagens dos nossos guerreiros com tinta vermelha. Foi a forma que achamos para marcar quem é da resistência. Vai.

E Belmira passou pela porta, esperando o momento para sair de trás das cortinas e posicionar-se junto às escravas, no fundo do salão. Não podia ser vista.

Carol desceu as escadarias, sentindo-se dividida. Teria preferido ficar no templo, porém temia ver o que aconteceria.

Temia especialmente ver o que Viriato faria...

ANUK DORMIRA QUASE UMA HORA. Ao acordar, viu a baía de Guanabara, pela janela do avião. O sol logo ia se pôr. Segurou a respiração enquanto a aeronave fazia a volta e descia, o nariz voltado para o Cristo Redentor. Um passageiro atrás de sua poltrona cantarolou o *Samba do avião*, de Tom Jobim, embora não estivessem descendo no Galeão.

Ela soltou a fivela do cinto de segurança, agarrou a bolsa e atravessou o corredor, ignorando os olhares de repreensão dos comissários de bordo. Assim que a porta da aeronave foi liberada, saltou no túnel e disparou para o desembarque.

Apenas uma parte mínima de seu cérebro processava os lugares conhecidos em que pisava, no aeroporto Santos Dumont. Todos os seus sentidos estavam concentrados em Mirele, sobre a qual, agora, percebia mãos colocando um véu negro.

Nunca soube como saiu do aeroporto, entrou num táxi e mandou tocar para Santa Teresa. Mas sabia que a irmã se sentia sufocada, e sua angústia começava a invadi-la.

Começou a xingar a gêmea metodicamente, enquanto o taxista manobrava entre o tráfego congestionado do centro da Cidade Maravilhosa.

GAEL ABRIU OS OLHOS COM RELUTÂNCIA. As pálpebras doíam. Uma dor que logo perdeu a importância, pois à primeira tentativa que fez de respirar fundo, todo o resto doeu.

A cabeça latejava, o peito ardia à medida que o ar entrava, e não havia um centímetro quadrado de pele que não demonstrasse hipersensibilidade.

A voz de Rudá se fez ouvir em meio a um zumbido que encobria sua audição. Com esforço, o adolescente fitou o pai e leu seus lábios, enquanto os ouvidos não funcionavam.

– Precisa relaxar – dizia ele. – Logo você vai se sentir melhor.

Era verdade. Mais alguns minutos e ele pôde sentar-se. Via e ouvia com clareza, agora. As dores no corpo estavam lá; contudo, podia relevar a maioria delas. Estava sujo de terra e sangue, e suas armas estavam ao seu lado. Percebeu de súbito o fragor da batalha, que continuava, não muito distante.

– O que...? – conseguiu murmurar, um rosnado na garganta. Pigarreou. A voz falhava.

– Do que você se lembra?

Gael franziu as sobrancelhas, tentando espantar o latejar nas têmporas.

– Lembro de seguir você... de entrar na confusão. E ataquei os brácaros. Não foi?... Mas são só sensações. Nem me lembro de ter sacado uma arma!

A bainha da espada e o tacape pareciam estar intocados.

– Nós nem sempre precisamos de espada pra lutar. Temos garras e dentes.

Pareceu que uma espécie de choque elétrico atingia o garoto. Ele olhou para as mãos, distendeu as unhas felinas. Havia manchas vermelhas nelas. E

fiapos de alguma coisa que ele desconfiou ser carne. De gente. Passou a língua pelos dentes e sentiu o gosto de sangue. Seu estômago começou a dar voltas.

Lembranças esparsas alcançaram sua mente. Rostos apavorados, corpos caídos.

– Quanto... quanto tempo eu fiquei...?

– Umas duas horas. É normal ficar confuso, filho. Tem jaguara que esquece tudo que acontece na primeira transformação. Você teve sorte. Acho que aquela luta com o botocudo ajudou a preparar seu corpo. Quase deve ter virado onça, daquela vez.

Gael fez força para levantar-se, apesar da dor. Um dos guerreiros de Akinlana vinha correndo na direção deles.

– Tem mensagem do rei? – perguntou Rudá.

– Meu senhor agradece pelo que fizeram – disse o homem. – E pede que se juntem a um dos grupos da vanguarda iorubá. Vamos atacar a terceira muralha à noite.

– Obedeceremos – o jaguara prometeu.

Deu ao filho um cantil. Ele tomou a água com sofreguidão, espantado diante da própria sede. O enjoo passara. Depois de saciar-se, fitou o pai.

– Por que o mensageiro disse que Akinlana agradecia o que a gente fez?

– Porque nós dois sozinhos espalhamos mais de sessenta guerreiros.

Um gemido escapou da garganta rouca do adolescente. Devia ter gritado – miado? – por muito tempo, para ter ganhado aquela rouquidão. Protestou.

– Eu não me lembro de quase nada! Sei que ataquei, feri sei lá quantos homens, e não consigo lembrar! Como foi que eu perdi os sentidos e acordei aqui?

– Você levou uma bordoadá na cabeça – disse o pai.

O adolescente levou a mão à nuca. Encontrou um galo dolorido, bem próximo à tatuagem em forma de onda. Seria possível que...? Rudá fez que sim com a cabeça.

– A pancada te fez desmaiar, mas essa *coisa* aí te protegeu. E eu te carreguei pra cá antes que te matassem. – Ele tomou algum fôlego, antes de continuar.

– Por isso expliquei que era perigoso você entrar na luta. A loucura da batalha pega a gente de repente. Com o tempo, não vai ter diferença nenhuma na sua cabeça, como onça ou como homem. Mas no começo um jaguara pode até matar família e amigos, se estiverem perto.

O adolescente ficou cismando. Rudá jogou fora o cantil e o ajudou a cingir as armas de novo. Como explicara ao filho, quando a magia jaguara dava início à transformação, roupas, calçados e acessórios também eram englobados por ela, desaparecendo sob os pelos felinos para retornarem quando a mutação terminava.

Tinham de reunir-se a Akinlana. Gael seguiu o pai sem muito ânimo, a culpa batendo em seu espírito. Ele matara guerreiros brácaros. Era uma fera...

Cuspiu a saliva que sentia na boca e que ainda tinha gosto de sangue. Se a transformação tivesse acontecido na companhia de Tiago, João, Carol, Anuk... Poderia tê-los destroçado!

CROM CRUACH não estava nem um pouco satisfeito. Nunca imaginara que pudesse perder o controle da segunda muralha, e agora lá estava ela, iluminada pelos archotes dos inimigos. Tinha ímpetos de executar seus capitães, mas ainda necessitava deles.

Uma trégua não negociada se fizera. Ambos os exércitos precisavam recolher seus mortos e tratar seus feridos. Enquanto isso, a noite caía e a lua nova se aproximava...

Ele ouviu passos atrás dele. Mandara chamar Shantel, e ali estava ela.

– Como estão os preparativos? – perguntou, brusco.

– Em ordem, meu senhor. A vítima já está no templo. Precisas de meus serviços?

Ele chamou um comandante que estava a certa distância, no terraço.

– Conta a ela o que me disseste.

O homem a saudou.

– Druidesa... Um capitão relatou que viram duas onças lutando entre os índios.

– Tu sabes o que significa isso? – perguntou o deus, pressionando-a.

Ela não gostou nada da informação.

– Devem ser índios jaguara. São metamorfos... Não imaginei que viessem, é uma tribo muito afastada e que não gosta de se misturar. A não ser que... – hesitou.

– Fala!

– Talvez uma delas seja aquela aberração que nos escapou.

Ou, como Shantel preferia ter dito, a aberração que Crom não conseguira matar.

– Essas duas onças atrapalharam muito minha defesa – dizia ele. – Pode ter sido por causa delas que perdemos a muralha!

A druidesa levou a mão à testa do deus, que parecia prestes a soltar fumaça pelas orelhas.

– Senhor, precisas acalmar-te. A pressão sanguínea deste corpo está alta. Vem comigo, precisas de um banho e de alimentos.

O comandante curvou-se diante deles, concordando.

– Eles podem ter tomado a segunda muralha, senhor, mas tiveram muitas baixas. Nenhum capitão acredita que ataquem esta noite. Deves manter tuas forças.

Contrariado, Crom seguiu Shantel para dentro do casarão. Ela ia em silêncio, digerindo as informações. *Dois* onças... seria possível?!

Havia acabado de dar ordens aos escravos sobre o jantar do senhor da Citânia quando Hélio e dois de seus comparsas a alcançaram. Ela farejou mais más notícias.

– Tariq... ?

– Perdoa-nos, senhora – falou o guerreiro, cabisbaixo. – Não conseguimos encontrá-lo em lugar nenhum.

Eles sentiram a fúria tomando conta da druidesa.

– Isso – rugiu ela, com uma expressão terrível – é inaceitável! Reúne mais guardas e vasculha o casarão! Ele tem de estar em algum lugar. Se voltares sem meu escravo, Hélio, teu sangue correrá junto com o de minha prima, entendeste?!

Os homens saíram depressa, aliviados por não terem sido mortos. Hélio ia à frente deles, furioso. Embora nem Crom nem seus capitães soubessem, ele

consequira falar via celular com um brácaro que escapara dos helens, em São Paulo. Sabia que Tarcísio estava morto e que o palacete fora perdido. E ia pensando que, talvez, estivesse na hora de dar nova virada em sua fidelidade.

CAPÍTULO 13

Deuses



ANUK PAGOU O TÁXI e correu ladeira acima. Havia iorubás e indígenas a postos por toda a parte, e muitos feridos sendo atendidos. Sua inquietação por Gael aumentava.

Os portões principais da Citânia estavam escancarados e guardados por guerreiros africanos. Havia archotes ao longe, o que indicava que os invasores haviam penetrado pelo menos até a segunda muralha. Mas, quando ia entrando, lanças barraram sua passagem.

– Quero ver Akinlana! – exigiu. – Sou filha do chefe do clã al-gharbio! Preciso entrar!

– Temos ordem de não deixar ninguém passar – responderam-lhe.

A garota teve ímpetos de usar magia, porém sentiu a inibição das forças mágicas ainda em ação por ali. Gritou de ódio e apertou o punho da espada.

– Deixai a criança – ordenou uma voz feminina.

Ela reconheceu a *lady* érin. Forçou-se a respirar fundo e lhe fez uma reverência.

– Senhora Cáitlin. Trago notícias da cidadela de meu pai. Vencemos os brácaros!

A mulher sorriu e tomou seu braço, levando-a para dentro da primeira muralha.

– Egeu avisou Akinlana sobre a vitória. Mas não avisou que vinhas para cá.

– É... – a garota murmurou –... foi uma decisão repentina...

– Não importa. – A érin parecia entender perfeitamente o que Anuk fizera.
– Serás útil. Gostaria que te conectasses à tua irmã outra vez. Temos um informante no casarão de Eurico, mas ele não dá notícias há horas. A iorubá também tentou falar hoje com o humano pelo espelho de águas, e não teve sucesso. Vem, há uma tenda ali, onde podemos...

A garota a interrompeu, um tanto desenxabida.

– Não preciso mais disso. Desde a última vez, os pensamentos da Mirele estão comigo o tempo todo. Ela até... ela me deu uma força durante a batalha em São Paulo.

– Verdade? – surpreendeu-se a mulher. – E o que tua gêmea te diz agora?

Anuk cerrou as pálpebras e buscou a mente da irmã dentro da sua.

– Faz algum tempo, colocaram um véu escuro sobre ela. Estão preparando o ritual de sacrifício. Ela vê... Oriana está lá. E o Viriato também. Guardas e escravos. Cheiro de ervas queimadas. Queria achar meu pai, mas não consigo. Tem... tem muita magia no ar.

Abriu os olhos e voltou-os para o céu. Havia estrelas e nenhuma lua. Cáitlin entendeu.

– Será lua nova pouco depois das 23 horas. Para sacrificar a prima esta noite, tua mãe terá de esperar a mudança de fase. A informação que tínhamos estava correta: devemos de atacar antes de meia-noite, se quisermos impedir que esse ritual dê mais forças a Crom. Bem, filha, estás em casa. – A érin olhou-a com um ar divertido e acrescentou: – Vai procurar por ele. Deve estar com os guerreiros de Akinlana, nos portões da terceira muralha.

Anuk fez de conta que não sabia do que ela estava falando, mas saiu correndo para o local indicado. Não foi difícil encontrá-lo, agora que sabia em que contingente estaria. O grupo de Akinlana ostentava bandeiras altas, e todos os seus guerreiros eram afros. Exceto dois vultos.

– Gael! – gritou ela, antes de correr loucamente e jogar-se sobre ele para abraçá-lo.

AQUELE LUGAR ERA UM LABIRINTO. Tiago começou a lembrar um filme que vira uma vez na TV, uma história de minotauro. E ele não tinha um fio de linha para encontrar o caminho...

Desde que ele e o brácaro tinham deixado o quarto de Eurico, buscavam corredores não vigiados. Ouviram conversas de servos amedrontados, falando em um ataque iminente. Uns afirmavam que a Citânia ia cair e que todos ali dentro seriam mortos. Em outra conversa, dizia-se que depois daquela noite Crom teria mais poderes e mataria todos os atacantes. Apavorado pelas duas possibilidades, o pai de Carol pensou que seria mais seguro voltar ao quarto com Finnath. De súbito, dois guerreiros armados apareceram bem à sua frente.

– Vós! – chamou um deles. – Aonde ides?

O homem da resistência sacou a espada e os enfrentou. Tiago deu meia-volta e saiu correndo, em busca de um atalho que o levasse para longe da briga. No entanto, não conhecia o casarão e foi logo parar num beco sem saída. Com outro brácaro à sua frente.

– Parado! – ordenou o homem, encostando-lhe uma espada longa no pescoço.

Ele estacou. Não tinha a menor vontade de ser degolado.

– Tu vens comigo, humano – declarou o guerreiro, agarrando-o pela gola e arrastando-o para uma escadaria que despontava inesperadamente da parte sem saída do beco.

“Bom”, pensou ele, “pelo menos vou sair do labirinto.”

OS GUERREIROS AFROS ESTAVAM AGITADOS, colocando-se em formação, mas Anuk não prestava atenção. Desgrudou de Gael somente depois de vários minutos.

Os dois se fitaram em silêncio. Ele viu as marcas de batalha, os arranhões, o curativo em seu ombro esquerdo, a naturalidade com que ela agora portava a bainha com a espada curta. Ela viu marcas de luta no rosto e nos braços dele, sangue na camiseta rasgada e a diferença em seu rosto: os olhos e as orelhas felinas pareciam maiores.

Em poucos dias, tudo havia mudado.

Eles não eram mais os adolescentes que tinham se beijado no esconderijo da árvore. Ambos tinham encarado a morte em batalha. Seria possível voltar ao que eram antes, depois de terem passado por tudo isso?

Anuk desejou falar sobre o que acontecera no palacete de Tariq, mas não conseguiu dizer uma palavra. Gael também quis contar sobre sua transformação, e não teve coragem.

– Filho – Rudá se interpôs entre eles –, também temos de entrar em formação. A menina pode ficar com os xamãs. Eles vão seguir Akinlana logo que a gente abrir caminho.

O garoto baixou o olhar e se afastou com o pai. Anuk tinha vontade de protestar, gritar, chorar, mas sabia que não adiantaria. Gael era um guerreiro, agora. Tinha de lutar.

“E eu também”, refletiu, com amargura.

Achou que a sugestão do índio era boa. Reconheceu os xamãs iorubás e Nan, pouco atrás das bandeiras, e foi para lá. Eles entrariam quando o perímetro estivesse seguro. E a adolescente impulsiva, que três dias atrás se recusara a ficar para trás, decidiu que era melhor esperar. Estava descobrindo que ninguém atravessa uma guerra sem mudar profundamente.

CAROL SE INQUIETAVA, com os pensamentos no ambiente do templo iluminado por velas. Queria voltar lá, e não ousava. Estivera na última hora pintando as tatuagens brácaras da taça com tinta vermelha, imaginando se o subterfúgio adiantaria alguma coisa. Ninguém havia comunicado aquilo aos atacantes e, se eles não soubessem da diferença, matariam os homens da resistência como matariam os leais a Crom, quando invadissem.

Nuno, um dos capitães que conhecia, adentrou a sala com um sorriso.

– Meus homens capturaram alguém que pode te interessar...

E, diante da surpresa da jovem, arrastou Tiago para lá.

– Pai! – gritou ela, saltando para abraçá-lo e quase derrubando um pote de tinta.

Ele nem conseguiu falar. Acreditara que o brácaro o levava de volta a uma cela...

O capitão, agora rindo com gosto, mostrou a tatuagem pintada de vermelho.

– Esta é a marca da resistência, humano! Aprende com tua filha, que é uma de nós. Aliás, garota, preciso de uma espada que corte. Esta aqui não serve

nem para passar manteiga.

Carol largou o pai, enxugando os olhos, e foi pegar uma arma para o homem.

– Acabamos de receber algumas do ferreiro. Não estou dando conta de armar todos!

O homem pegou a nova espada e sumiu porta afora, satisfeito. Tiago espiava o lugar, conferindo cada detalhe, e não acreditava no que via. Sua filha parecia ter trabalhado num arsenal medieval a vida toda...

Mais alguns homens entraram e ela foi pegar a tinta para marcar suas tatuagens. Quando eles saíram, Tiago percebeu que ela o olhava com espanto.

– Pai. Isso aí no seu peito...

Ele olhou para a pedra de Oiá. Estava brilhando, afinal!

– Carol, onde posso conseguir um espelho d'água?

Seu pai tentando uma conexão mágica... Foi a vez de Carol duvidar do que via.

SOAVAM TROVOADAS DISTANTES. Oloú pousou os olhos vidrados em Nan.

– Tem certeza? – perguntou a iorubá.

– Nunca duvido de uma visão mandada por Iansã, filha. É isso mesmo.

Nan fitou Anuk, com quem estivera conversando até que os xamãs as convocaram. Diziam que a orixá tinha um recado que precisava ser passado ao *povo dentro da muralha*.

– Os brácaros... ? – murmurou a garota. – O que é para dizer a eles?

Um trovão, desta vez mais próximo, encheu os ouvidos de todos. Nan estremeceu.

– Oiá está próxima. O que é, Oloú?

– A Senhora do Trovão diz que isso é muito importante. Fala pra eles que só tem uma resposta: *precisa reunir o que há quinze anos foi separado*.

As mulheres olharam para o velho iorubá e viram seus olhos voltarem ao normal.

– O que quer dizer isso, meu pai? – questionou Nan.

Ele sacudiu a cabeça, indicando que não sabia.

Anuk raciocinava furiosamente. Fazia quinze anos que Gael e a mãe tinham sido separados; seria isso? Ou aquilo se referia à separação entre Oriana e Tariq? Falou:

– Tudo bem, essa é a resposta, precisamos contar para o povo dentro da muralha. Mas que povo? Eurico? Oriana? Viriato? Meu pai?... E se essa é a resposta, *qual é a pergunta?!*

– Os orixás são como todos os oráculos – suspirou Nan. – Falam por enigmas...

Pensativa, ela fitou o céu cheio de estrelas, como se esperasse que novos trovões soassem. Anuk tomou um susto e deu um passo para trás.

– Nan, tem mais um enigma aqui. O que é isso?!

A pedra pendurada no peito da iorubá brilhava com intensidade. Ela pareceu aliviada ao ver aquilo... Outro xamã, perto, viu e foi derramando água de um cantil numa vasilha de madeira escavada, decorada com símbolos dos orixás. Entregou a ela.

Anuk espiou por cima de seu ombro, enquanto Nan se ajoelhava para olhar no espelho de águas, ambas tentando acalmar as batidas loucas de seus corações.

TIAGO MIROU OS OLHOS DE NAN; eles diziam muito, sem pronunciar palavra alguma. Carol teve de cutucar o pai para que ele finalmente se decidisse a falar. Então ele contou sobre a marca vermelha na taça, que distinguiria os aliados dos que não o eram, pedindo que aquela informação fosse passada a Akinlana.

Nan narrou a visão de Oloú e o recado que a orixá mandara. Tiago não entendeu nada, mas repassou a frase a Carol. Quando se voltou para a vasilha com água que servira de espelho, não viu nada. O rosto da iorubá sumira e a pedra de Oiá não brilhava mais.

– Você entendeu que raio de recado é esse, filha?

Carol fez que não. Mas disse:

– Belmira vai saber. Tenho de ir falar com ela, no templo.

– Melhor você ficar – retrucou Tiago. – Tem soldados demais pelo casarão. Eu vou.

– Não, pai. Você não vai achar o caminho. Tenho de ir, e já. Olha, você pode ajudar com a pintura dos guerreiros que chegarem. Agora que mandamos a mensagem pra Akinlana, quanto mais gente tiver a marca vermelha, menos perigo nós corremos.

Ela já estava quase na porta quando ele a alcançou.

– Carol... fica com isto.

Retirando do peito o cordão com a pedra de Iansã, Tiago a pôs no pescoço da filha.

– Iansã me protegeu até agora. Deve proteger você. Agora, vai.

Comovida, Carol tocou a pedra vermelha e saiu correndo. Pretendia subir para a cozinha, tomar a passagem para o primeiro andar e buscar o quarto com a entrada oculta que ela e Belmira haviam usado. Tinha de chegar ao templo o mais depressa possível.

ANKILANA OUVIU COM ATENÇÃO o que Nan e Anuk lhe diziam.

– Bem-pensado – comentou. – E é bom saber que teremos apoio lá dentro.

Em poucos minutos, a informação se espalhava: quando entrassem no círculo interior da Citânia, não deviam engajar em batalha os brácaros com marcas vermelhas na tatuagem. Esses eram aliados.

O rei olhou para o céu, com um meio sorriso. Como que a responder ao que ele estava pensando, a trovoadas ao longe retornou.

– Não é só Iansã que nos ajuda. Muitos deuses estão interferindo.

Anuk pegou-se invocando a ajuda de Cal-leach. Depois olhou ao redor e viu os guerreiros, tanto afros quanto índios, curvarem as cabeças em sinal de respeito a seus respectivos deuses. Todos, menos Rudá. O pai de Gael contemplava as estrelas e tinha uma expressão estranha nos olhos. Deixou a companhia dos líderes e, apressado, foi em direção aos contingentes que aguardavam. A garota o ouviu murmurar, ao afastar-se:

– É isso, os deuses... agora eu sei o que fazer.

Ela não pôde evitar um arrepio. Não estava gostando nada da expressão do jaguara.

CAPÍTULO 14

A última muralha



O REI IORUBÁ ergueu a mão direita. Foi o que bastou para que as hostes avançassem. Não houve gritos de guerra. Não houve clarins. Não houve alarde, a não ser o tremor que a marcha dos guerreiros imprimiu ao chão da Citânia. Como peças num tabuleiro, centúrias começaram a se movimentar. Os grupos de vanguarda iam iniciar a escalada da muralha, enquanto os que empurravam carros com aríetes se dirigiam para o portão principal e para os dois secundários.

Cáitlin trocou um olhar com Akinlana e indicou o céu.

Ele sacudiu a cabeça. Sabia que precisava chegar ao templo antes da meia-noite. Mas sabia também que numa guerra nada é previsível. Talvez conseguissem. Talvez não.

De qualquer forma, o último ataque começara.

ANUK SEGUIU RUDÁ e viu, de longe, ele discutir com Gael. Não sabia o que diziam, mas devia ser algo tremendo, pois o garoto parecia furioso com o pai. Este o ignorou e se afastou para perto de um muro. Parecia buscar um pouco de silêncio para se concentrar.

– O que foi? – perguntou a Gael.

A voz do adolescente soou muito zangada.

– Uma loucura! Lembra quando eu quis ir pra mata contatar Anhangá, pra combater o Crom? Pois meu pai disse que eu estava certo em tentar, mas que

só tem um deus capaz de enfrentar aquele celta sanguinário. Nhandervuçu.

– Nham do quê?!

– O grande deus indígena. Nhandervuçu. É muito poderoso.

Daquela vez, Anuk estava de acordo. Aquilo era loucura, completa, definitiva.

– Ele acha que os deuses perós, indígenas e afros se uniram pra acabar com a interferência do Crom neste mundo. E que, só por isso, consegue chamar um deles...

– Vem, vamos falar com teu pai. – Ela puxou o garoto para junto de Rudá.

– Ele vem – disse o índio.

– Ficaste louco? – vociferou Anuk. – Não se invoca um deus sem mais nem menos!

– E não dá tempo agora, pai – acrescentou Gael. – Akinlana começou o ataque. Nosso grupo é o próximo a seguir, o capitão mandou todo mundo ficar a postos.

– Ele vem – repetiu o jaguara.

– Como? – ela soltou um riso nervoso. – Tu não és xamã, pajé, mago. Não fizeste nenhum tipo de ritual! A magia não funciona assim. Como vais atrair o tal deus?!

Com toda a simplicidade do mundo, o índio respondeu:

– Eu pedi. E ele vem.

ERAM QUASE ONZE HORAS, e Shantel acompanhava Crom pelos corredores. Seus guardas pessoais os seguiam; alguns postavam-se em pontos estratégicos, impedindo o acesso ao templo. A druidesa não permitiria que ninguém interrompesse seu ritual. Já tinha perdido tempo demais procurando por Tariq, e decidira que matar Oriana tinha precedência sobre tudo o mais; mais tarde ela encontraria o al-gharbio e o faria pagar por ter fugido.

No primeiro andar, Carol foi surpreendida pela presença dos guerreiros. Não conseguiria chegar ao cômodo que dava na porta oculta sem passar por vários deles. Enrolara-se mais ainda no manto que escondia sua pele negra e enfiara-se num quartinho próximo, à espera de que a comitiva passasse e os guardas liberassem o caminho. Todavia, esperou em vão. Mesmo depois que a

druidesa e seu deus tomaram o corredor que dava no templo, a guarda permanecia onde fora postada. Ela não passaria por ali.

“Pensa, Carolina”, forçou a memória. “Só tem duas entradas naquele lugar. As portas, por onde Shantel vai entrar, e a porta escondida atrás da cortina. Que dá naquele quarto vazio. Que fica nesse corredor cheio de guardas...”

Então uma ideia lhe ocorreu. O quarto atrás da cortina tinha janelas que davam para um terraço. Se fosse ao terraço e entrasse por uma delas, não teria de encarar os guardas!

No fundo do quatinho em que se escondera havia uma pequena janela. Correu até lá e abriu-a. Sim, lá estava o terraço. Uma escada subia do pátio para o casarão. Viu vários soldados, mas eles só tinham olhos para a terceira muralha.

“Tenho de tentar”, decidiu.

Escancarou a janelinha. Do lado de fora, sairia num telhado antes de conseguir descer ao pátio. Uma boa volta, mas melhor que enfrentar guerreiros nos corredores.

Apertou a pedra de Oiá que o pai lhe dera, pedindo proteção aos orixás, e pulou.

FOI DA GRANDE JANELA, no corredor final para o templo, que eles ouviram os trovões. E o estrondo. Crom rugiu de raiva e correu para a janela; Shantel sentiu uma alteração das correntes de magia. Eles estavam atacando, mesmo à noite.

– Tu, manda mais três destacamentos aos portões! – ordenou o deus celta a um guarda.

Já ia desembainhando a espada para acompanhá-lo, mas a druidesa o segurou.

– Meu senhor, são onze horas. Em quinze minutos entra a lua nova, e temos de iniciar o ritual agora se quisermos derramar sangue à meia-noite.

– Estamos sob ataque! – retrucou ele. – Vou liderar meus guerreiros.

Com suavidade, ela o fez baixar a espada.

– Deixa que teus capitães segurem a ofensiva. O sangue da filha de Eurico te dará muito poder, e então poderás sair e esmagá-los! Mas temos de entrar

no templo, agora.

Relutante, Crom Cruach concordou. Embainhou a espada e entrou atrás de sua druidesa pelas grandes portas entalhadas, ladeadas lá dentro por dois guerreiros.

Nem reparou que, sob os elmos brácaros, ambos eram al-gharbios...

– COMPANHIA, EM FORMA! – chamou um capitão iorubá.

– É o nosso grupo, temos de ir, pai! – disse Gael, aflito, a Rudá.

A seu lado, Anuk viu os homens marcharem rumo ao portão central, que já devia estar quase cedendo, a julgar pelo barulho que os aríetes faziam ao bater nele.

Rudá murmurou algo ininteligível em língua indígena. Levantou-se lentamente. E, quando viram seus olhos, os dois adolescentes recuaram involuntariamente.

O jaguara parecia mais alto. Atrás de suas íris havia uma luz estranha, que não pertencia a este mundo. Não deu atenção a eles, apenas arrancou o tacape da cinta e o manto africano que o cingia, jogando-os no chão. Depois seguiu rapidamente atrás da companhia que avançava.

– Tenho de ir também – sussurrou Gael.

Anuk nada fez para detê-lo, de tão espantada. Aquele não era mais Rudá.

Nhanderuvuçu estava entre eles.

O SILÊNCIO ERA TOTAL NO TEMPLO. Todos estavam conscientes do estrondo que faziam os aríetes tentando derrubar os portões, do clamor dos combatentes, do som de metal encontrando metal ao redor da muralha. Os guardas apertaram o punho das espadas, a maioria dos escravos tremia de medo.

Espiei a entrada do templo. Meus olhos encontraram os de Shantel, que avançava ao lado de Galaor, o hospedeiro do deus.

Os elementais, nas gaiolas, agitaram-se ao vê-los.

Ela sorriu para mim, com a tranquilidade de quem olha para algo que lhe pertence. Ao notar Belmira junto aos escravos, chamou-a com um gesto. Tinha instruções para lhe dar.

Voltei meu olhar para Oriana, imóvel, em seu vestido branco. Ela parecia entorpecida pela longa imobilidade, de joelhos diante do décimo terceiro pilar; mal ouvia o som da guerra fora do casarão. Não duvidei de que sua mente trabalhava sem cessar, repetindo as palavras da fórmula que me ensinara enquanto eu a ajudava a se arrumar para o ritual. E que eu repassara numa mensagem de texto a Carol, que a lera para Belmira.

Um elo.

Era o que precisávamos ser para o plano dar certo.

O PRIMEIRO PORTÃO A CEDER FOI A OESTE. Menos guarnecido de homens, logo esfacelou-se para dar passagem ao destacamento liderado por Iwati. De lá, grupos de africanos especialmente instruídos correram rumo ao portão central e ao do leste, para ajudar a sabotar a defesa e abri-los também para os invasores. Os kamayurás e iorubás logo perceberam alguns guerreiros com a taça pintada em vermelho; estes iam se voltando contra os companheiros e os desarmavam, ajudando na investida.

Akinlana ainda aguardava para entrar pelo portão principal, mas a centúria de que faziam parte Rudá e Gael foi desviada para o lado oeste, sendo o segundo grupo a invadir o pátio da Citânia. Anuk, que desistira de esperar junto com Nan e os xamãs, seguira Gael sem que este a visse. Desembainhara a espada e se enrolara no manto que Rudá descartara, para ao menos de longe ostentar a cor dos guerreiros afros.

Dois contingentes brácaros vieram enfrentá-los, e o pátio foi tomado por combates a espada, borduna, lanças curtas. Havia poucos homens da resistência, o que a garota notou. Via a taça tatuada nos guerreiros, mas sem a marca vermelha.

Ela correu na direção do casarão de seu avô. Os brácaros a evitavam, talvez concentrando sua investida em homens mais altos e, portanto, mais ameaçadores. Mas, a certa altura, dois a atacaram de uma vez, e ela quase não conseguiu defender-se de seus golpes. Ao contrário do que fizera no palacete, passou a usar a espada nas sequências al-gharbias, que seus oponentes não esperavam. Conseguiu ferir um no braço, mas o segundo veio para cima dela com sanha... E foi então que tudo pareceu estacar.

Um rosnado inumano soou, bem perto dali. O guerreiro que a ameaçava voltou o olhar para trás e caiu, ferido na perna pela espada de Gael. Ela mal teve tempo de registrar que o garoto aparecera a seu lado, pois uma clareira se abriu e, no centro dela, ambos viram Rudá-que-não-era-Rudá espalhar uma dúzia de guerreiros, usando apenas as mãos!

Anuk percebeu mais brácaros vindo por trás, espadas em punho, bem na sua direção. Gael rosnou e a empurrou para a frente.

– Fica longe de mim. Vai pro casarão, agora! Vou manter esses aí ocupados.

– Mas Gael, tu...

Ele cravou nela olhos de amarelo-dourado intenso. Alguma coisa ia acontecer...

– Vai!!! – rosnou.

Ela não ousou desobedecer. Correu em busca da escadaria secundária que dava num terraço do casarão. Conhecia a passagem oculta para o templo. Quase lá, voltou-se...

E viu Gael pular sobre os atacantes. No ar, sua pele se tornou pelo, seu corpo aumentou de tamanho, e a onça negra caiu com as garras eriçadas em cima dos homens.

CAROL HAVIA ACABADO DE DESCER do telhadinho e ia correr para a escada, tentando não olhar para a batalha sangrenta que se travava no pátio. Percebeu, então, mais alguém ziguezagueando na direção do terraço. Parou, surpresa. Era uma das gêmeas!

De repente, a mensagem que Nan dera a Tiago, e que Carol ia tentar passar a Belmira, fez sentido. Assim que a compreensão atingiu sua mente, olhou, espantada, para a pedra de Iansã em seu peito. Ela brilhava...

“Preciso ir!”, disse a si mesma, tentando não se deixar fascinar nem pela pedra, nem pela visão da batalha. Porém a visão de um vulto, no meio dos guerreiros, não a deixou prosseguir.

Firmou a vista. Não se enganara: era João, seu tio, engajando em combate um brácaro assustador! Ambos portavam lanças curtas e escudos, e ela não conseguia respirar, pensando que aquele era o irmão de seu pai, transformado num herói de filmes de ação... Como ele aprendera a lutar assim, em tão pouco tempo?

Carol soltou um grito ao ver que o oponente o derrubava. Mas, antes que este pudesse cravar a lança em João, foi interrompido. Uma onça negra saltara diante do homem, arremessando-o para longe com uma única patada.

João não ouviu seu grito, nem ficou para agradecer à onça. Levantou-se e foi correndo para o centro do pátio, onde um capitão iorubá reunia seus soldados.

Mas o animal a viu. E andou em sua direção, vagarosamente.

Carol, paralisada, apertou o amuleto vermelho e pediu proteção a Iansã. Na mesma hora a onça parou e virou a cabeça, como se estivesse curiosa ao vê-la. Depois, com um miado – um miado! – foi para outro lado. Em dois saltos, estava de novo no meio da batalha.

A filha de Tiago quase caiu sentada no chão, ali mesmo. Os olhos... os olhos amarelos da onça... Ela conhecia aquele olhar.

A pedra, ainda apertada em sua mão, brilhou de novo. Ela respirou fundo.

“Iansã. Mensagem. Belmira. Tô indo!...”

Deu meia-volta e correu para a escadaria que dava no terraço.

TARIQ NÃO AGUENTAVA MAIS ficar imóvel, em seu disfarce de guarda nas portas do templo. Olhou para um dos guerreiros brácaros, que tinha um relógio no pulso.

Faltavam quinze minutos para a meia-noite.

De onde estava, via Oriana ajoelhada e Shantel junto dela.

Belmira tinha sido mandada a cada um dos pilares, para colocar carvões acesos que faziam fumegar ervas mágicas. A druidesa se postara junto à vítima, e Crom parara vários passos atrás dela. Quando a escrava voltou para

o centro dos pilares, pegou, de uma jovem serva, um manto negro; Viriato tomou outro manto igual. Pareciam feitos do mesmo tecido com o qual Mirele fora coberta, um tipo de véu. Belmira colocou o manto sobre os ombros da druidesa, e ele pôs o seu sobre os ombros de Crom. O celta deu um passo à frente.

Nesse momento, algo mudou. As luzes das velas bruxulearam, como se um sopro invisível as incomodasse. Tariq viu claramente as linhas luminosas de magia que percorriam o ar, ligando um pilar a outro. Shantel começou a cantar baixinho, mas ele não distinguia as palavras. Com um gesto, ela chamou Viriato, que se aproximou.

Obedecendo a uma ordem não dita, Oriana baixou a cabeça. A druidesa desceu a adaga sobre os ombros que o vestido deixava à mostra, e fez uma profunda incisão em cada um.

Shantel sorria, feliz. Forças mágicas começaram a circular entre Oriana, Mirele e Crom. O sangue brácaro brotava e começava a realimentar as forças do deus usurpador...

Tariq gemeu baixinho, mas não se moveu. Viriato fez um gesto, como quem vai protestar, mas o sorriso de Shantel teve o efeito de detê-lo. Ficou ali parado, vendo o sangue da meia-irmã brotar e escorrer em fios longos, manchando o tecido branco bordado de ouro e pedrarias.

O BAIRRO DE SANTA TERESA experimentou um tremor de terra quando a última muralha foi vencida e o portão central da Citânia de Brácaro caiu. No dia seguinte, geólogos dariam entrevistas tentando explicar cientificamente o que acontecera. Sem sucesso.

Naquela noite, porém, os iorubás sabiam que a força responsável fora a dos aríetes, combinada à ação dos homens da resistência, que haviam retirado algumas das trancas que impediam a abertura, enquanto os guerreiros de Iwati atacavam. Assim que Akinlana entrou na Citânia, os exércitos brácaros se inflamaram na tentativa de defender o território, mas nenhum de seus capitães poderia impedir os índios e afros de entrarem.

O rei iorubá andou a passos largos pelo pátio no círculo interior, e analisou o casarão de Eurico à distância. Voltou-se para um de seus guarda-costas e

indagou que horas eram.

– Passam cinco minutos da meia-noite – foi a resposta.

Akinlana franziu as sobrancelhas.

Estava atrasado. Não conseguiria chegar a tempo de impedir o tal ritual.

CAPÍTULO 15

Sangue e carne



TARIQ NÃO AGUENTOU MAIS quando viu o brilho do punhal na mão erguida de Shantel: avançou correndo para o centro do templo. Kassib seguiu-o; os guardas brácaros pareciam incapazes de impedi-los, hipnotizados pela visão do sangue manchando o vestido branco.

De súbito, as pesadas portas entalhadas se abriram completamente e um homem singular saltou para dentro. Todos se voltaram para a entrada, e viram um índio enorme, desarmado, mas com os olhos iluminados.

Atrás dele, um bando de guerreiros indígenas entrou também.

Shantel deu um pulo, assustada.

– Rudá... – murmurou Oriana, após voltar o rosto para trás. – Tu vieste...

Crom rosnou. O índio avançava diretamente para ele.

Retomando o autodomínio, a druidesa agarrou os cabelos da prima com selvageria e ergueu de novo a adaga. Não ia permitir que a interrompessem.

Oriana não lutou. Se morresse, sabia que o jaguara a vingaria.

OS DOIS QUASE GIGANTES se olharam por um segundo. Rudá-Nhanderuvuçu apertou os punhos. Galaor-Crom viu os olhos dele brilharem em amarelo, e os seus, vermelhos, faiscaram. Solto o cinturão que sustentava a bainha da espada.

Enfim, um oponente digno de seu poder.

Rudá avançou contra ele, e os dois se engalfinharam numa luta corpo a corpo que fez o templo estremecer.

DOIS HOMENS POSICIONARAM-SE ao lado de Shantel, tentando detê-la. Ela reconheceu, por trás do elmo de um deles, o rosto de Tariq. Sorriu, deliciada.

– Que bom que vieste. Assim poderás ver tua queridinha morrer...

Na mesma hora, algum tipo de energia mágica escura se acumulou em torno dela, repelindo tanto Tariq quanto Kassib. E os guardas brácaros pareceram vencer a imobilidade, pois vários se dirigiram para lá, prontos a impedir os al-gharbios.

A druidesa voltou a erguer o punhal sobre o pescoço de Oriana.

E RA AGORA ou nunca.
Oriana ia morrer.

E eu precisava romper minha ligação doentia com Shantel.

Tirei o broche antimagia do meu bolso e, sem pensar, sem sentir qualquer emoção, afundei-o no peito da druidesa.

Ela se curvou, uivando de dor, a magia ao seu redor enfraquecendo de súbito. Eu a traía. E aquilo doeu muito mais em mim do que nela...

Rápido, tirei-lhe o punhal das mãos e, após prendê-la em meus braços, afastei-a de minha irmã.

– Tu me deste tua palavra, maldito... – gemeu Shantel, tomada pelo ódio.

Ela já devia saber que minha palavra não tem valor. Quantas vezes eu não deixara de cumprir o que prometera?

Tariq acabava de usar a espada para cortar a corda que amarrava os pulsos de Oriana. Depois se voltou para ajudar Kassib, que lutava sozinho contra um punhado de guardas. Adiante, os índios atacavam os demais brácaros.

E Crom e Rudá travavam uma luta de titãs.

S ESCRAVOS NEM SE MEXIAM, no fundo do templo. Apenas Belmira permanecera próxima a Oriana e Shantel, aliviada ao ver que Viriato reagia,

O afinal.

Um urro soou do outro lado do recinto.

Crom derrubara Rudá e apertava seu pescoço com as duas mãos.

Lutando contra o medo, a velha mulher correu para a mesa de pedra em que Mirele dormia seu sono enfeitiçado. Arrancou fora o tecido negro que a cobria.

– Senhora! Depressa! – chamou.

Os ferimentos nos ombros de Oriana sangravam, mas isso não parecia afetá-la.

– A adaga de Shantel... – murmurou, ao se aproximar da mesa.

– Aqui – respondeu Belmira, tirando a arma das vestes. O objeto tinha um brilho amarelado.

A mãe de Gael tomou a arma e manchou-a com o próprio sangue. Ergueu-a e viu a lâmina brilhar magicamente, agora num tom alaranjado.

– O sangue do clã se manifesta – disse. – Sangue de Shantel, Viriato, Galaor, Mirele, o meu. Tu colocaste as ervas junto aos pilares?

– Em cada um deles – assentiu a serva –, quando ela me mandou levar carvões em brasas para queimá-las. A essa altura, as *nossas* vão anular a ação das *dela*...

– Então resta dizer o encantamento. Sinto que ainda falta alguma coisa, mas temos de tentar.

Foi bem nesse momento que a cortina ao fundo da sala se agitou e um vulto entrou: Carol. A filha de Tiago não perdeu tempo. Desembaraçou-se do manto e correu para as duas mulheres junto ao corpo da garota.

– Escutem! – disse, quase sem fôlego. – Os orixás mandaram dizer... que só tem uma resposta... *precisa reunir o que faz quinze anos foi separado!*

Oriana prendeu a respiração. Sim! Era isso. Estava certa ao concluir que o sangue de todos os descendentes de Eurico devia unir-se na adaga ritual, para neutralizar o que a druidesa conseguira. Isso desfaria o elo de sangue anterior e devolveria o sopro vital de Mirele, cortando a conexão entre Crom e o corpo de Galaor.

O que faltava era superar o elemento *carne*. Unir *o que fora separado há quinze anos*. As crianças geradas pelo sangue e a carne da druidesa: as gêmeas!

– Precisamos da senhora Anuk! – gemeu Belmira.

AINDA PRISIONEIRA EM MEUS BRAÇOS, Shantel se colou a mim. Seus lábios quase tocaram meus ouvidos.

– Achas mesmo que um simples broche como este... – sussurrou, sedutora – ... pode deter uma druidesa poderosa como eu?

Com uma facilidade surpreendente, empurrou-me para trás com um braço, enquanto a mão livre arrancava o broche sem hesitar. Caí de costas, como se um aríete tivesse me atropelado.

– Irás sofrer... – avisou ela. Sua impressionante magia voltara a envolvê-la.

Ao contrário do que eu esperava, Shantel não dirigiu sua fúria para mim.

Ela enxergava apenas Carol.

CAROL VIU A APROXIMAÇÃO da druidesa e recuou. Tropeçou no corpo de um dos brácaros que Tariq derrotara, caindo sentada no chão. Arrastou-se para trás, consciente de que precisava afastar aquela mulher de Oriana e Belmira, custasse o que custasse.

Viriato se levantou e, ignorando as forças obscuras ao redor de Shantel, tentou detê-la por trás. O choque mágico que recebeu foi tão forte que o arremessou para longe. Mesmo assim, aquilo ganhou alguns instantes para Carol, que se levantou e fugiu para trás das gaiolas dos elementais. Eles se agitaram, manifestando o quanto odiavam a druidesa.

Tariq, que acabara de se livrar dos oponentes mais próximos, correu para junto da mesa de pedra.

– Já tenho o contrafeitiço – Oriana lhe disse, com urgência, mostrando a adaga reluzente –, mas preciso do sangue de Anuk! Sabes onde ela está?

Antes que ele pudesse responder, mais dois dos guerreiros da druidesa apareceram do nada; um deles o puxou para trás e o outro tentou atingir seu peito com a espada.

Então todos ouviram o grito que veio do fundo do salão, junto às cortinas.

– Pai!!!

Atônito, o al-gharbio viu Anuk surgir numa corrida louca, empunhando uma espada curta e mirando o brácaro que o ameaçava. O homem tombou, trespassado pela arma.

O outro atacante, sozinho e apavorado pelo olhar guerreiro da menina, largou a espada, saiu correndo e sumiu porta afora. Era o último, pois todos os demais haviam sido mortos ou feridos por Kassib e pelos guerreiros indígenas.

Rudá conseguira tirar as mãos de Crom de seu pescoço e, por sua vez, tentava estrangulá-lo embora o celta ainda tivesse um joelho sobre seu peito, impedindo-o de se levantar. O chão sob ambos começava a rachar.

Sem ligar para mais nada, Tariq abraçou a filha como nunca fizera na vida. E ela sentiu as lágrimas quentes do pai molhando seu rosto.

SHANTEL TAMBÉM OUVIRA O GRITO de Anuk. Estacou, empalidecendo. Viu-a correr para Tariq e a verdade a atingiu como um golpe de espada. Apenas naquele momento compreendia que sacrificara a filha errada.

Um grito insano saiu do fundo de sua garganta, e as energias cinzentas a seu redor começaram a se tornar rubras. Pensava na profecia da parteira! Mas, se desejava atacar a filha, não o fez de imediato. Pois Viriato retornara após pegar no chão a espada de um dos guerreiros derrubados por Tariq. Apontava a arma para ela, impedindo-lhe a passagem.

As forças mágicas no templo, contudo, ainda estavam sob o seu domínio. Fios de magia saíram do pilar central e alimentavam seu escudo de sombras. Antes que Viriato tentasse atingi-la, tentáculos cinzento-avermelhados o envolveram.

Ele hesitou. Aquelas coisas começavam a sugar sua força vital!

– Ousas atacar-me? – rugiu ela, seus próprios olhos brilhando em vermelho, como se partilhasse o espírito de Crom Cruach.

O rapaz despencou sobre os joelhos. Aquela magia era capaz de fazê-lo sangrar, como a do celta. Largou a espada, incapaz de reagir. Fechou os olhos.

– Deixa ele em paz, sua megera! – berrou Carol.

Sem saber o que fazer, ela começou a abrir as gaiolas dos elementais que, mesmo sem poder algum, correram a rodear Shantel, guinchando.

A druidesa nem piscou. Lidaria com a humana e com os pequenos seres depois.

– Suportei tuas traições por tempo demais, escravo. Deves morrer.

AVOZ DE BELMIRA se sobressaiu aos guinchos que se espalhavam pelo salão.

– Oriana! Tariq! Depressa! – comandou a velha serva.

A mãe de Gael piscou. Tirou os olhos de Viriato e pousou-os em Mirele. A garota não estava aguentando manter toda aquela magia em funcionamento. Se não a libertassem, morreria...

O al-gharbio correu para junto delas trazendo Anuk, que o seguiu sem saber o que dizer. Não estava acostumada a manifestações de carinho paterno. Olhou para Oriana e Belmira, meio apalermada. Então pôs a mão na cabeça.

– Mirele... ela está muito fraca... temos de fazer alguma coisa!

– Filha – disse Tariq, baixinho. – Sabemos como ajudar tua irmã, mas precisamos de ti. Tens de confiar em mim.

– Tudo bem, pai – respondeu ela, no mesmo tom de voz.

Sem esperar mais, Oriana ergueu a mão da gêmea mais velha e deu um talho em seu braço. O sangue que saiu se misturou ao dos outros membros do clã.

E a adaga ritual brilhou mais ainda, desta vez em vermelho.

– COMEÇA A RESITAR A FÓRMULA – disse Oriana a Belmira. – Vou ajudar meu irmão.

A escrava tomou a adaga de suas mãos. Enquanto Tariq tentava estancar o sangue do braço de Anuk, a filha de Eurico foi para junto de Viriato, que

sangrava pelos olhos e pelo nariz.

Estendeu a mão direita para Shantel, e seu gesto teve o poder de desviar as forças deletérias que estavam sendo usadas contra Viriato. A druidesa pareceu surpresa, mas não se perturbou. Apenas mudou o foco de seus ataques, dirigindo-os para a prima.

– Quanta estupidez! Tens a ilusão de que podes me vencer?

E lançou uma carga de magia sobre a outra. Oriana não podia desviar-se e recebeu a carga toda no peito. Mas algo nela se recusava a ceder. Absorveu o ataque, ofegante.

– Não estou sozinha, Shantel. Cal-leach está aqui. Sinto a presença da deusa!

A única resposta foi o escárnio da druidesa. Mais tentáculos mágicos apareceram em volta dela, carregados de energia maléfica, e ela os foi direcionando, um por um, sobre Oriana.

Naquele exato momento, o chão tremeu. Rudá finalmente conseguira derrubar Crom. A resposta do celta, porém, foi uma gargalhada tonitruante.

O tremor pareceu acordar Viriato, que somente então se libertou das nuvens obscuras que ainda o tomavam. Carol correu para ampará-lo. Tariq também foi até ele e o soergueu. Belmira, a urgência na voz, continuou a orientá-los:

–Vinde para cá, agora!

ENFRAQUECIDO, PRECISEI DA AJUDA DE CAROL e Tariq para me equilibrar. O sangue em meus olhos me embaralhava a visão. Quando consegui me livrar dele com a manga da túnica, senti o pânico se apoderar de mim mais uma vez.

Crom voltara a derrubar Rudá. E, tirando sua espada da bainha, preparou-se para matá-lo.

UM TROVÃO ENSURDECEDOR soou sobre a Citânia, no exato momento em que Crom cravou a espada no coração de Rudá.

CAPÍTULO 16

O que foi separado



AS DUAS PRIMAS PARECIAM ESTÁTUAS, paralisadas por forças mágicas equivalentes.

Mas Rudá estava morto, e Crom tirava forças da vitória. Erguendo o corpanzil de Galaor, pôs um pé sobre o tórax do jaguara vencido e rosnou para os demais índios, que recuaram para perto da porta.

Aquilo aumentou as energias de Shantel, afinal prestes a dominar Oriana. Luzes esverdeadas fluíram dos doze pilares para o central, de lá para Crom, e dele para a druidesa. Ele a olhou, orgulhoso pela supremacia que ela demonstrava.

A mãe de Gael fraquejou, também recuando.

MAIS UMA VEZ, foi Belmira quem concentrou a atenção dos outros. Estendeu a adaga ritual para Viriato, que Carol e Tariq haviam levado para junto de Mirele.

– Temos o sangue e a carne, falta terminar o contrafeitiço – insistiu a escrava.

Viriato firmou o olhar nas gêmeas, compreendendo. Tomou a mão direita de Anuk e procurou a de Mirele. Fechou as palmas e os dedos de ambas as garotas em redor do cabo do punhal, e começou a recitar a fórmula que Oriana desenvolvera.

A voz de Belmira se uniu à dele. Carol, que decorara aquilo tudo mesmo sem entender a língua antiga, pôs-se a repetir as palavras também.

Tariq se afastou da mesa quando a adaga começou a reluzir na cor roxa e linhas de encantamento envolveram suas filhas.

Anuk sentiu a tontura da magia circulando pelo corpo da irmã e pelo seu. Mesmo assim, percebeu movimento nas portas do templo e olhou para lá bem quando ele entrou.

A onça negra atravessou metade do espaço num salto, e parou diante de Crom. Rugiu alto, um lamento de dor, ao descobrir o corpo de Rudá.

– Gael, não! – berrou Anuk, tentando largar a mão da outra gêmea.

Não conseguiu, porém; a magia as mantinha presas uma à outra. O que fora separado há quase quinze anos tinha de permanecer unido, agora... E o canto em língua antiga que Viriato e as duas mulheres entoavam crescia, como que se materializando no ar.

A divindade celta arrancou a espada do peito do jaguara, apontando-a para o recém-chegado.

– Então, vieste, aberração – sibilou ele. – Achei que eras tu...

Avançou para a onça, que pulou sobre ele, tentando abocanhar seu pescoço.

Rolaram pelo chão. Era visível que, apesar da agilidade do animal, o homem-deus era mais forte e mais experiente.

Shantel, ao conferir o que acontecia, desviou por um instante sua atenção da prima. Esta, quase despencando, aproveitou para se recuperar. E viu que a outra direcionava as mãos para o grupo cercando Mirele. Ia atingir Viriato e interromper o contrafeitiço.

Reunindo as forças que lhe restavam, Oriana rezou à deusa e concentrou todas as energias.

Um novo rugido da onça negra mostrou que Crom a ferira em uma pata. O deus afastou-se dela e evitou a retaliação das potentes garras que tentavam rasgar sua carne. Depois voltou a atacar, feroz, empunhando a espada.

PAVOR QUE DOMINAVA BELMIRA E CAROL também me atingia. Para piorar, eu temia não ser bom o suficiente para completar o contrafeitiço, a magia mais

O desafiante com que eu tivera de lidar em toda a minha existência. Cerrei meus olhos com força, procurando me isolar do que acontecia no templo. E procurei a todo custo fortalecer a coragem das duas mulheres ao meu lado.

Nenhum de nós três estava preparado para suportar por tanto tempo a intensidade daquela magia proibida.

TARIQ NÃO QUERIA TIRAR OS OLHOS DE ORIANA, mas teve que desviá-los desta vez, numa sensação de *dejà vu*. O combate entre o deus e o menino-onça parecia seguir os mesmos passos da luta anterior: Crom subjugara o animal, com um joelho sobre seu corpo, e tentava estrangulá-lo com uma das mãos.

No instante seguinte não havia mais onça nenhuma. Apenas Gael, desarmado, caído sob o oponente. A espada que fora de Eurico brilhou no ar, implacável. Arrancaria a vida do único neto do ex-senhor da Citânia.

– Não!!! – o grito de Oriana foi terrível, e ao mesmo tempo imensa quantidade de energia mágica se despreendeu de suas mãos, outra vez atingindo Shantel.

A druidesa quis revidar, mas aquela onda de magia era forte demais. Foi empurrada contra a parede e bateu a cabeça. Caiu, desmaiada, enquanto dezenas de elementais corriam para ela e começavam a atacá-la com mãos, garras, bicos.

Bem nesse instante, Viriato, Belmira e Carol se calaram, os três tombando ao chão, esgotados pelo uso da magia.

O encantamento chegara ao fim.

Os doze pilares estremeeceram, e as forças mágicas que os envolviam, liberadas, circularam loucamente pelo recinto inteiro, soltando raios verdes nas paredes, chicoteando as vestes das pessoas. O pilar central se reduziu a pó, numa explosão seca.

A mão de Crom, erguida, hesitou... E largou a espada.

O mundo tremeu quando o corpo de Galaor caiu, inanimado.

MIRELE RESPIROU FUNDO. Abriu os olhos. Viu Anuk, ao lado, segurando sua mão direita. Sentiu que algo machucava a palma de sua mão e a abriu. A irmã fez o mesmo.

Ambas deixaram cair a adaga, agora completamente negra.

Olharam-se. E se abraçaram, chorando, sentindo-se completamente unidas, pelo que parecia ser a primeira vez.

Somente quando se soltaram perceberam a marca que o cabo deixara em suas mãos. Lembrava a tatuagem de uma pequena serpente, no canto da palma de cada uma.

– O USURPADOR SE FOI! – declarou Belmira, ofegante. Tariq a ajudava a se levantar. – A Citânia está livre!

Como que em resposta às suas palavras, as portas e janelas do templo se abriram e um vendaval entrou. Trovões soaram lá fora. Carol sentiu o vento envolvê-la e viu a pedra de Oiá brilhar em seu peito. Com dificuldade, conseguiu se sentar. Baixou a cabeça.

– Obrigada, Iansã, senhora dos ventos e tempestades – sussurrou.

Então, com um sorriso, dedicou-se a Viriato, fraco demais para se apoiar nos cotovelos e se erguer sozinho.

Os elementais ficaram alucinados. Sua magia, enfim, fora restaurada. Alguns voavam, outros soltavam fagulhas, e vários deles ainda feriam a druidesa.

Tariq foi abraçar as duas filhas, chamou Kassib e o mandou vigiar Shantel, espantando os pequenos seres; então foi acudir Oriana, que tremia descontroladamente. Os cortes que a prima fizera em sua carne haviam fechado; só restavam duas cicatrizes.

– Respira e acalma-te – disse a ela, carinhosamente. – Estás sentindo o choque de retorno da onda de magia. Já vai passar.

Ela obedeceu, escondendo o rosto no ombro dele.

Anuk ajudou Mirele a se levantar, e em seguida correu para Gael. A irmã, ainda insegura, depois de passar tanto tempo deitada, foi atrás dela.

O adolescente se erguera e fora até o corpo de Rudá, rodeado pelos índios em sinal de respeito. Viu que as gêmeas se aproximavam, mas evitou-as. Mal sentiu quando um trôpego Viriato, vencendo a exaustão com a ajuda de Carol, surgiu ao lado. Ela abraçou Gael, tentando consolá-lo.

Mas o *filho dos três mundos* não parecia ter lágrimas. Ele afastou os braços da irmã adotiva e apenas ficou parado ali, olhando para rosto do pai que conhecera tão pouco.

CÁITLIN E AKINLANA entraram juntos no templo. Foram seguidos por Iwati e Egeu, que chegara ao Rio com uma centúria a tempo de participar dos últimos combates.

A agitação do líder iorubá contrastava com a serenidade da senhora érin. Ela se quedou na entrada, observando e analisando tudo que acontecera naquele salão.

Akinlana foi saudar Tariq, cumprimentou Oriana, mandou mais guerreiros para vigiar a desmaiada Shantel e foi encontrar Gael e Viriato. Cumprimentou Carol e depois ajoelhou-se diante de Rudá.

– Que todos os deuses de todos os clãs sejam louvados – disse. – E que teu espírito repouse na casa de teus ancestrais, amigo...

Somente então Gael rompeu em soluços. Carol, Mirele e Anuk o rodearam e, juntas, o levaram para fora do templo. Belmira foi atrás, resmungando algo sobre preparar chás.

Viriato foi conferir o estado de Galaor. Parecia morto, mas ele conseguiu sentir um pulso; o meio-irmão respirava fracamente. Olhou para a senhora érin, que veio ao seu encontro. Ela pôs a mão sobre a testa do filho mais velho de Eurico.

– Ele ficará bem, com as correntes de magia restauradas.

No mesmo instante, Galaor abriu os olhos. Ofegou. O meio-irmão o ajudou a erguer-se.

– Do que te lembras? – perguntou a mulher.

Galaor demorou um pouco para responder.

– De tudo, senhora – respondeu, sombrio.

Um homem que ostentava a taça vermelha no rosto apareceu, correndo. Sem saber a quem se dirigir, com tantos chefes de clã no local, escolheu Oriana.

– Belmira disse que é para os senhores esperarem no salão, ela vai mandar servir uns chás para restaurar as forças de todos. E tem um senhor érin... Ele está esbravejando na ala dos quartos, faz algum tempo, chamando alguém.

Cáitlin fechou os olhos por um momento, buscando os pensamentos de Finnath. Quando os abriu, fitou Viriato e Oriana.

– Tereis de esperar um pouco para tomar os tais chás. Levai vosso irmão para ver Eurico, agora. Infelizmente, vosso pai não verá a manhã nascer.

Acerto de contas



CAROL TOMOU A INICIATIVA de salvar Gael, já sufocado pelas demonstrações de apoio das gêmeas. Levou-o ao encontro de Tiago, no esconderijo da resistência. Os três foram juntos procurar João e não foi difícil encontrá-lo, pelas informações de Akinlana: estava, com outros guerreiros iorubá, vigiando um grupo de brácaros num pátio próximo ao arsenal.

Os quatro se sentaram num murinho ali mesmo e Gael ficou calado, abraçado a Carol, ouvindo o pai e o tio contarem um ao outro suas peripécias das duas últimas semanas.

Tiago estava falando da coragem de Oriana, na prisão, e parou no meio da frase. O otá, que acabara de ser devolvido por Carol, brilhou em seu peito... E ele viu Nan chegar.

– Vai lá, pai. – A filha o empurrou. – Sua *namorada* tá esperando...

Viram-no andar para ela, receber um abraço apertado e beijá-la com um carinho que, de repente, não teve mais vergonha de esconder.

– O babalaô tinha razão – murmurou ele, afagando os cabelos crespos da mulher que amava. – A pedra de Oiá nos manteve unidos, apesar da distância.

Nan tomou as duas metades e as apertou na palma da mão. Quando a abriu, havia uma única pedra, com dois cordões. As duas metades se haviam reunido.

– E agora? – brincou ela. – Com qual de nós dois ela vai ficar?

– Tanto faz – disse ele, sério. – Não pretendo ficar longe de você nunca mais...

Nan suspirou. Tinha uma vida na Bahia, assim como ele tinha uma em São Paulo. Não sabia como ficariam juntos, mas teve certeza de que dariam um jeito.

– Venha – propôs. – Quero que conheça meu filho. Acredita que ele veio com um destacamento de guerreiros do quilombo do Vale do Ribeira? Só agora descobri...

Seguiram juntos, depois de acenar aos outros.

João levantou-se do murinho.

– Preciso ir ajudar meus companheiros. Não quero que meu capitão diga a Akinlana que fugi dos meus deveres só porque meu sobrinho é da *realeza* local, neto do chefe do clã!

Ele estava brincando, mas a brincadeira lembrou a Carol que era melhor levar Gael para ver Eurico.

Pelo que Viriato lhe escrevera na última mensagem de texto, na véspera, o velho líder estava morrendo.

O QUARTO CHEIRAVA ÀS ERVAS que Belmira queimara. Eurico estava consciente; com as costas e a cabeça apoiadas em vários travesseiros, tinha dificuldade para respirar. Finnath e Cáitlin haviam-lhe infundido energias, porém ele continuava à beira da morte.

Gael entrou no aposento e Carol permaneceu no corredor, onde Akinlana, Tariq, Egeu e Iwati aguardavam os acontecimentos. Apenas a família podia ver o patriarca, além dos érin.

Anuk e Mirele postavam-se aos pés da cama do avô; uma gêmea enxugava as lágrimas, a outra fungava, entediada. Não gostava do avô em vida, não ia começar a gostar agora só porque ele resolvera morrer. Viriato, por sua vez, refugiara-se no canto escuro em que ficava quando estivera ali cuidando do pai. Sua expressão era uma incógnita.

Oriana viu o filho chegar e o trouxe para a cabeceira do leito, deixando-o ao lado de Galaor. Era a segunda vez que Gael via o avô. Com certeza, a última.

O velho patriarca não usava mais a roupa de gala ou a capa negra presa com broche de ouro. E, em seus olhos claros, não se via mais nenhum traço de ódio ou amargura.

Havia apenas lágrimas.

– Como ele está? – perguntou o garoto à mãe.

– Fraco. Desde que viemos tentou falar duas vezes e não conseguiu. Quem sabe agora, que chegaste, ele se anime um pouco.

Galaor pôs um braço sobre os ombros do sobrinho. Ainda usava a túnica de Crom, cheia de sangue seco. Gael se sentiu constrangido. Vira o tio há poucas horas, quando seu corpo era ocupado pelo deus celta, e tinham tentado matar um ao outro. Ia custar para se acostumar com ele de novo...

– Pai – disse Galaor –, teu neto está aqui.

Eurico relanceou o olhar em volta da cama, abarcando toda a família. Parou em Gael, parecendo vê-lo pela primeira vez. Até para um moribundo, era impossível não notar como o adolescente se parecia com ele.

O velho absorveu o ar com dificuldade, e finalmente conseguiu falar.

– Eu sei... de tudo... que aconteceu – olhou para Finnath. – Ele contou.

Galaor tomou a palavra:

– Então sabes que o usurpador foi expulso com ajuda de nossos aliados. Oriana descobriu como desfazer a magia de Shantel, Viriato pôs o contrafeitiço em ação, com a ajuda de Belmira e de uma humana, e Mirele foi salva. Tua neta, Anuk, liderou os al-gharbios contra os renegados que invadiram a cidadela de Tariq. Teu neto, Gael, lutou sob as ordens de Akinlana e enfrentou Crom em luta singular. Vencemos, pai! A Citânia está segura.

O olhar de Eurico se fixou no filho, depois vagou para Oriana. Tentou erguer a mão para ela, que a tomou entre as suas.

– Teu filho... é um brácaro. Tenho... orgulho dele. Perdoa...

Não conseguiu dizer mais; e ela não conseguiu responder, apenas beijou a mão do pai. O pedido de perdão era importante, depois de tudo o que sofrera, mas a felicidade que sentia naquele momento vinha da declaração de Eurico.

O olhar do velho se deteve nas sombras. Ergueu a outra mão e apontou para Viriato.

– Filho... vem.

O rapaz se aproximou, inseguro. Curvou-se, como sempre fizera diante do líder do clã.

– Tu – disse o pai – és um homem... livre. Meu filho. Também... me orgulho.

Viriato respirou fundo, mal contendo a emoção. E pela primeira vez ousou chamá-lo como sempre sonhara:

– Obrigado, pai.

Eurico fechou os olhos, exausto. Finnath e Cáitlin se aproximaram.

– Ele está perdendo as últimas energias – disse a érin. – É melhor vós saídes.

Anuk, aliviada, já ia escafader-se, quando o avô falou, pela última vez.

– Esperai... só uma coisa... Galaor.

O filho mais velho também se curvou ao moribundo.

– És o herdeiro da Citânia... – disse, a voz soando mais forte. – Cuida bem... do meu neto.

Então ele afundou nos travesseiros, sem forças. Olhava para Gael, que mal podia conter as lágrimas. Seu olhar foi se apagando, como se uma chama se extinguísse.

– Saí, agora – murmurou Finnath. – Velaremos até que... Ficaremos aqui.

Oriana abraçou o filho e o levou para fora. As gêmeas já tinham sumido no final do corredor, e Galaor saiu vagorosamente. Cáitlin o seguiu.

Diante dos outros chefes de clã, ela declarou:

– Eurico morrerá ao romper da aurora. Até este momento estava consciente, no domínio de suas faculdades. E designou Galaor como seu sucessor no comando do clã.

Todos assentiram: Tariq, Akinlana, Iwati, Egeu. Ela prosseguiu.

– Finnath e eu levaremos as notícias de tudo o que aconteceu aos líderes do nosso próprio clã, em Tara. Precisaremos de novos tratados de paz para os povos mágicos, mas suponho que agora isso não seja um problema.

Todos olharam para o herdeiro da Citânia de Brácara. Ele inflou o peito.

– Honrarei os desejos de meu pai. Teremos paz. E vou dizer mais uma coisa: não tenho filhos, é certo que nunca os terei. Por isso firmarei Gael como meu sucessor.

O garoto, que estava um pouco afastado, ainda abraçado à mãe, estremeceu.

– O que é que...? – começou a dizer, mas engasgou.

Oriana sorriu e o abraçou com mais força.

– Não te preocupes com isso agora. É só uma formalidade... Terás tempo para assimilar o que significa ser o herdeiro de um clã.

Galaor, agora com certo olhar de tédio, conferiu o que vestia.

– Irmã, agradeço-te se puderes levar nossos aliados ao salão. Vou vestir algo mais condizente com a ocasião e devo encontrar-vos lá.

Enquanto Oriana conduzia a todos, preocupada com as próprias roupas – ainda usava o vestido branco manchado de sangue –, Cáitlin deteve Galaor.

– Em um ano – disse, para que apenas ele ouvisse – os érin voltarão para verificar a situação. A paz precisa ser mantida, e as correntes de magia não devem ser perturbadas.

– Não te preocupes, *senhora* – ele retrucou, pondo ênfase na última palavra e continuando a seguir pelo corredor. – Cuidarei de todos os assuntos pendentes. O clã estará em boas mãos, manterá a submissão aos érin. Agora, com tua licença, preciso mesmo ir.

– Vai, brácaro – sibilou ela – e não te esqueças de que só tens um clã para liderar porque tiveste o apoio de outros líderes. Não seria... aconselhável... permitir que isso mude.

Quando ele se voltou para fitá-la, não a viu mais.

Cáitlin tinha sumido, porém o sibilar de suas palavras ainda pairava no ar.

NO QUARTO, apenas Viriato permaneceu com Finnath e Cáitlin.

Não abandonou o local até que, ao mesmo tempo em que o sol nascia, o velho líder exalou a última respiração, e os érin cobriram seu rosto.

Viriato foi o único que chorou a morte de Eurico.

NINGUÉM DORMIU NAQUELA MADRUGADA, nem naquela manhã.

Havia muito que fazer na Citânia; Galaor foi conferir os mortos e feridos, conversar com os comandantes, colocar ordem no exército brácaro, recuperar a lealdade perdida.

Akinlana e Iwati começaram a evacuar seus guerreiros, que tinham longos caminhos a percorrer. Tariq contactou Yusef em São Paulo por telefone, inteirando-se da situação do clã. Avisou que voltaria assim que resolvesse algumas pendências.

Enquanto o funeral de Eurico era preparado, Cáitlin e Finnath foram com Viriato ao escritório, pretendendo começar a esboçar os novos tratados. Ele era a pessoa mais confiável para informar sobre os documentos do pai e a situação legal da Citânia.

Algumas coisas pareciam incomodá-lo.

– O que vai ser de Shantel? – perguntou.

– Deve ser julgada pelo Conselho dos Clãs – foi a resposta da senhora érin.

– Sugiro que os representantes se reúnam em dois ou três meses para o julgamento. Os érin mandarão alguém para votar, mas o conselho terá autonomia e sua decisão será final.

– E quanto a...? – Viriato hesitou. – Os érin sabem que... bem, eu pratiquei certos atos, que... não foram exatamente...

– Sabemos perfeitamente das tuas transgressões, e das de tua irmã – respondeu Finnath. – Magia proibida. Sereis penalizados, é claro. Mas há atenuantes no caso e não necessitaremos do Conselho. Eu e a senhora Cáitlin podemos decidir sozinhos.

O brácaro mordeu os lábios.

– E... vós já tendes um veredito?

Cáitlin o fitou, séria.

– Usar magia proibida é tabu, Viriato. Assim que partirmos, vossa capacidade de praticar magia será inibida. Por um ano. Quando voltarmos, reavaliaremos o caso.

Ele se curvou, aliviado.

– Sois generosos, senhor e senhora.

– Quando nos é permitido. – Foi o único comentário da érin. – E agora, vamos aos negócios. Temos tratados para redigir.

Eles só saíram de lá na hora do almoço; Belmira mandou servir a refeição numa grande sala de jantar que não era usada há anos.

PRESIDINDO O ALMOÇO, Galaor parecia outro. Ainda estava abatido e os ferimentos não haviam cicatrizado, como os da irmã. Mas isso lhe servia muitíssimo bem, pois os capitães brácaros podiam admirá-lo mais pela sua coragem. E o novo senhor da Citânia apreciava muito a admiração alheia.

Iwati não permanecera. Ele e seus guerreiros tinham sido os primeiros a deixar o Rio de Janeiro; designara dois representantes indígenas para assistir ao funeral de Eurico.

Akinlana permaneceria para o funeral, embora quase todo o seu contingente tivesse viajado, também. Naquele almoço sua comitiva constava apenas de alguns guarda-costas, o babalaô Oloú e Nan. Egeu também ficaria, até que os guerreiros que deixara em São Paulo viessem reunir-se a ele; somente então partiria para as terras do Espírito Santo.

Quando as gêmeas entraram na sala de jantar, uma desenxabida Anuk foi até ele.

– Então... – começou a garota. – Eu não queria fugir daquele jeito... mas tu sabes...

O helen a olhou, severo.

– Tinhas responsabilidades para com o clã. E as deixaste de lado, por um impulso.

Ela olhou para baixo, para cima, para os lados. Não estava acostumada a ser repreendida e a deixar barato.

– Apesar disso... – continuou Egeu –, sei que sem tua presença o encantamento não teria sido desfeito. Então, parece que foi a vontade dos deuses que viesses. Aliás...

Anuk tratou de arrumar paciência. O helen estava começando um discurso sobre responsabilidade e respeito aos deuses, e ela teria de ouvi-lo até o fim.

Para seu maior desgosto, viu, do outro lado da sala, que Mirele se sentara com Gael e que o agarrava, cochichando. Podia jurar que falava mal dela.

E estava certa.

– Tu sabes – dizia a filha mais nova de Shantel – que Anuk continua te chamando de “aberração”? E que, apesar de Galaor ter te declarado herdeiro, ela diz a todo mundo que tu ainda és prisioneiro dela?

Ele sorriu de leve.

– Não deixa de ter razão. Ela me capturou, em São Paulo.

– Mas isso foi há eras! – exclamou a garota. – Não te preocupes, Gael, agora que nós duas vamos morar definitivamente com nosso pai, Anuk vai ter de aprender a se comportar. Não haverá mais nossa mãe deixando-a fazer o que queria, nem Viriato encobrendo suas fugas. Ela vai ter de...

– Vou ter de o quê, irmãzinha? – disse a gêmea mal-humorada, atrás dela. Escapara ao sermão de Egeu.

Mirele sorriu com doçura.

– Vais ter de te conformar em ter aulas de novo, irmã. E horários. E disciplina. Aprender a ter boas maneiras como uma nobre senhora do clã. Nosso pai já disse que...

– Ah, deusa, dá-me paciência! Cala essa tua boca, Mirele. Nosso pai me prometeu que vou poder treinar esgrima! As aulas de boas maneiras podem ficar todas para ti, já que queres ser a tal nobre senhora. Eu prefiro ser uma guerreira! Tu deverias tentar, ninguém morre por aprender a manejar uma espada ou um arco...

– Que os deuses me livrem! – esganiçou a gêmea.

As duas se engalfinharam numa discussão tão acalorada que nem viram que Gael, com a desculpa de servir-se de um suco, escapulia da sala de jantar.

Tariq se aproximou sutilmente de ambas.

– Discutindo de novo?

Mirele ficou vermelha e Anuk fechou a carranca.

– Pai, eu...

– Foi ela que...

– Esta – interrompeu ele, sereno – não é mais a vossa casa. Então, espero que vos comporteis como hóspedes. Com educação. Entenderam?

Ambas resmungaram alguma coisa e Tariq voltou a sentar-se junto de Oriana.

Somente então elas perceberam que Gael tinha sumido.

– Para onde ele foi? – gemeu Mirele.

Anuk tinha certeza de que sabia. Mas nada disse à irmã. Esperou um momento de distração dela, e de Tariq, para escapulir também.

ELE ESTAVA EM PÉ diante da mancha de sangue que tiznava o chão de mármore, agora rachado, no templo.

O recinto fora limpo e exalava apenas um doce aroma de ervas. O corpo do jaguara fora levado às catacumbas e era preparado para o traslado. Galaor mandara retirar as colunas, as jaulas, a mesa de pedra, tudo que lembrasse as práticas rituais da esposa; mas ordenara que a mancha de sangue permanecesse, um tributo ao heroísmo de Rudá.

– Tu sabes – Gael ouviu a voz de Anuk, chegando-se a ele – que essa história de tributo ao heroísmo é hipocrisia do Galaor. Ele não liga a mínima para a memória do teu pai.

O adolescente olhou-a e sorriu. Como ela sempre sabia o que ele estava pensando?

– Não faz mal. Eu gostei da ideia.

– O arrogante, com aquela pose de senhor do clã. Os érin que tratem de ficar de olho nele, eu é que não confio naquele estúpido! Mais dia, menos dia, vai acabar fazendo...

– Anuk – o adolescente pôs a mão sobre seus lábios –, deixa quieto.

Meio sem jeito, a garota deu de ombros enquanto ele se acocorava no chão frio.

– Você não comentou nada sobre eu ter me transformado.

– Ah... tu és jaguara, não podias evitar. E até que ficaste bem, virado em onça.

Olhando para as unhas, que agora estavam curtas e limpas, ele continuou.

– Da segunda vez foi mais fácil... Mas não consegui escapar da vontade de matar. Meu pai chamou de “loucura da batalha”. Anuk, eu ataquei e matei tantos homens... Lembrar disso é horrível! Eu queria nunca ter virado onça,

só que essa é a herança do meu pai. Quando a dor passa, é uma sensação incrível! Selvagem, maluca.

Ficaram um tempo em silêncio, até que ela se sentou no chão e confidenciou:

– Não pensa que essa loucura te pegou porque és um jaguara. Eu entrei em batalha, tu sabes. E senti o frenesi, a ânsia de lutar. Acho que é coisa da guerra... de qualquer guerra. Se não ficarmos um pouco doidos no meio de uma batalha, não sobrevivemos.

– Você deve ter razão – sussurrou ele.

– Claro que tenho. – Ela tomou a mão dele e entrelaçou os dedos de ambos. – Sei muito bem o que estás sentindo. Também matei gente. É terrível lembrar, mas lutamos por um motivo. Para derrotar aquela besta do Crom. Olha, quando te sentires assim, me conta. Dói, mas se dividirmos a dor, ela vai doer menos. Prometes?

Ele apoiou o rosto no ombro dela. Era resposta suficiente.

Ainda estavam ali, mais tarde, quando Mirele os encontrou.

– Até que enfim achei os dois! Temos de ir. Tariq e Oriana estão chamando. Parece que querem ter uma conversa conosco.

Anuk fez uma careta.

– Ah, não. Só me faltava ter de ouvir “a conversa”! Haja melodrama! Os dois vão ficar mortos de vergonha, vão dizer que nós, seus queridos filhos, somos muito amados, mas que eles estão apaixonados, e que sempre vão nos amar, blá-blá-blá... Tudo para não se sentirem culpados quando forem transar!

Gael riu e Mirele arregalou os olhos, horrorizada.

– O quê? – provocou a irmã. – Pais e mães transam, sabia? Fazem sexo. Ou tu achas que nós fomos todos trazidos pela cegonha, nascemos de um repolho, ou...

– Não precisas ser tão vulgar – ralhou a outra.

Seguiam pelo corredor do templo quando uma nuvem de zanganitos apareceu. Um deles pairou diante das gêmeas. No meio dos zumbidos, os três reconheceram palavras.

– *Agradecimentos, senhoras. Fomos libertados e nossa magia voltou, graças a vós!*

– Não tem de quê! – respondeu Mirele, toda sorridente. – E dize aos outros que os brácaros agora vão fazer como os al-gharbios: nada de escravizar elementais.

– És idiota por dizer tal coisa – resmungou Anuk, entre os dentes. – Para que mais esses pequenos estúpidos vão servir, a não ser...

Um cutucão de Gael a fez calar-se. Outra espécie de elemental agora pairava diante dele. Essa não zumbia, e suas palavras ecoaram pelo corredor inteiro.

– Tu trazes a marca das fadas no corpo – disse o ser.

Ele sentiu a tatuagem queimar, e abaixou a cabeça, admitindo.

– É.

– Trago mensagem da Rainha para ti. E para tua amiga – olhou de esguelha para Anuk, que lhe franziu o nariz. – Ela avisa que ainda estão sob seu poder. Quando vos convocar, tereis de ir. Sabeis para onde. Adeus...

E, tão depressa quanto aparecera, sumiu. Os zanganitos a seguiram.

Gael tocou a marca no pescoço. E Mirele olhou de um para outro, curiosa.

– O que a fada quis dizer com isso?

– Não é da tua conta – vociferou a irmã, o mau humor explodindo pelos olhos. – Agora vamos logo, Oriana e Tariq estão esperando!

A CITÂNIA VOLTAVA AO NORMAL naquele fim de tarde; o funeral de Eurico acontecera havia pouco, num mausoléu em um dos pátios. Na cozinha, Belmira coordenava o início da preparação do jantar. Estalou os dedos, num teste. Sorriu quando a magia respondeu e o fogo crepitou numa boca do fogão. Colocou uma chaleira sobre ele.

– Precisas de um chá – disse. – Ficaré pronto em alguns minutos.

Eu, que a observava da porta da grande cozinha, entrei, as mãos nos bolsos.

– Como é que sempre sabes quando eu estou chegando?

A velha serva apenas sorriu, enquanto pegava duas xícaras numa prateleira.

– Vai falar com a menina. Está lá, no esconderijo. Sabes onde é. Terão privacidade.

Não comentei o assunto. Ansiava por estar com Carol, mas temia a conversa que se seguiria. Não adiantava adiar, porém. Em dois dias ela e Tiago partiriam para São Paulo. Tariq lhes dera as chaves de uma casa que possuía, num bairro central. E iria transferir a escritura para o nome de Tiago: uma compensação pela destruição do bar, ordenada por Anuk.

Deixando a cozinha, entrei pelo corredor sem saída. Puxei a vassoura encostada na parede e abri a portinha gasta. Esgueirando-me por ela, desci rapidamente os degraus da escadaria e cheguei ao largo salão de pedra, agora iluminado apenas por um archote.

Estava vazio, a não ser pela humana que dobrava uma muda de roupas. Parecia ter acabado de trocar-se; vestia a túnica iorubá que usara quando chegara ali. Estava linda. Recordei-me do dia em que a vira dançar, no quilombo.

– Boa-tarde – disse-lhe, formal.

Ela não sabia bem o que me falar. Talvez imaginasse a melhor forma de fazer-me cumprir o que eu lhe prometera, no quarto de Eurico.

– Acho que te contaram – comecei, fitando meus pés – que meu pai me libertou. Não sou mais escravo.

– Sim – murmurou ela, com frieza.

Procurei me manter firme.

– Agora posso decidir meu destino, ter um futuro. E resolvi ir embora da Citânia. Não tem nada para mim aqui. Já falei com Galaor, vou passar a responsabilidade da administração para outras pessoas. Assim que isso terminar, vou cuidar da minha vida.

– Bom pra você – foi outro comentário lacônico de Carol.

Deusa, será que ela não me amava mais? Senti meu coração ser espremido pela ansiedade. Precisava arriscar tudo.

Arrisquei.

– Eu te amo, Carol.

E perdi.

Ela não demonstrou qualquer emoção. Abaixei a cabeça, gaguejando.

– Quando Crom tentou te atacar... Tu disseste... E lá no quilombo, teu pai falou...

– Viriato, no quilombo eu não sabia de nada dessa história toda. Agora eu sei. Conheço o tamanho dos teus erros. Hoje está tudo bem, a megera que te controlava está presa, e aquele homem... deus... terrível se foi. Mas você ainda se sente culpado, não é?

– Gael me perdoou. Oriana também.

– E a gente venceu, apesar de você dizer que era impossível... Agora tudo deve voltar ao normal.

Então era isso. Tudo voltaria ao *normal*. Cada um em seu mundo, humanos de um lado e brácaros de outro.

Recuei, com a certeza de que era um tolo. Ia retornar para o piso superior quando ela se aproximou.

– Não está na hora de esquecer o passado? De se libertar dessa culpa toda? De que adianta o Gael e a Oriana terem te desculpado, se você não desculpa a si mesmo?

Recuei ainda mais. Ela suspirou.

– Então, tá. Você não vai ter paz de espírito enquanto não for castigado. Pagar pelo que fez. E quer que eu ajude a se livrar dessas culpas! – sorriu, irônica. – Belmira tinha razão, vocês, homens, são cheios de noções estúpidas de honra.

Como ter honra se nem palavra eu tinha?

– Se é assim – ela ainda falava –, vou cumprir o nosso acordo. Eu fiz a proposta. Você aceitou. Vamos acabar logo com isso.

A luz do archote, refletida em Carol, dava-lhe um aspecto sobrenatural. Assemelhava-se mesmo a um anjo... um anjo vingador.

Tremi quando me ajoelhei diante dela.

– Seu castigo será terrível, Viriato. Aliás, não será nada fácil. Pior do que tudo que já aconteceu a você.

Submisso, apenas esperei.

Para minha surpresa, Carol acariciou meu rosto.

– Seu castigo será me aturar pelo resto da vida.

Fixei meu olhar no seu, demorando a entender o óbvio.

– E pior, Viriato, muito pior. Você vai ter de ser fiel. Muito fiel mesmo.

Com um sorriso maravilhoso, a garota que acabava de me libertar aproximou seus lábios dos meus. *Ela me amava!*

Esta certeza encheu meu coração com a felicidade que eu tanto desejava conhecer.

Puxei-a suavemente para mim, beijando-a com paixão.

Nossos lábios ainda estavam juntos quando Belmira apareceu na portinha, com um *hã-hã* indiscreto.

– Se demorardes muito, crianças, vosso chá vai esfriar.

– **QUÊ?!** – berrou Galaor.

Todos os olhos no grande salão se voltaram para o novo senhor da Citânia, em seu trono. Tariq, ao lado, sorriu com discrição.

– Sugiro que sejas menos... ahn, transparente em tuas reações, meu amigo. Um herdeiro pode dar-se o luxo de ser, digamos, *exuberante*. Um chefe de clã não pode.

Os olhos de Galaor se estreitaram e ele forçou um riso, batendo nas costas do outro. Todos os presentes relaxaram. Mas foi com os dentes cerrados que ele falou.

– Estás louco, se fizeres mesmo isso. Libertar todos os teus escravos? Os clãs mágicos mantêm as tradições há séculos. E uma delas é possuir cativos!

– Eu fui escravo na tua casa. Fui açoitado em teu pelourinho. Senti na pele o que é a escravidão, e minha consciência não descansará enquanto houver um único cativo em minhas terras. Tenho esse direito, e o exercerei!

O outro o encarou com raiva.

– Sei o que Shantel fez contigo, mas isso não é justificativa. Se os algharbios abolirem a escravatura, vão gerar uma polêmica de que não precisamos entre os clãs...

Sereno, Tariq retrucou:

– Os érin não têm escravos.

A informação pegou o brácaro de surpresa. Nunca tinha pensado naquilo. Jamais gostara de saber que seu clã devia vassalagem àquele povo, mas eles costumavam ficar para as bandas da Irlanda, e só apareciam em casos extremos – como o de Crom Cruach. Se o clã mágico mais poderoso não escravizava mais as pessoas, então...

– Preciso pensar no assunto – disse, soturno.

O al-gharbio sorriu.

– Pensa. Eu quis te comunicar essa decisão em primeira mão, antes que soubesses por outras vias. Afinal, somos aliados. E seremos parentes. Oriana consentiu em casar-se comigo assim que minha cidadela for reconstruída e as coisas se acalmarem. Bem... devo ir, Galaor. Parto esta noite com minhas filhas.

– Só mais um assunto – disse Galaor. – Não tratamos do pagamento que me deves.

– Pagamento? O quê...? – ele fechou a carranca, quando entendeu do que se tratava. – Falas da proposta que fiz quando Oriana e Gael escaparam de ti em Santo André?!

– Se não me engano, tuas palavras foram: “Só terás vantagens se negociares comigo”. Pediste que eu deixasse Gael viver, e eu não o matei, apesar de Eurico ter dado ordens expressas sobre isso. Agora quero a compensação financeira que prometeste.

Cruzando os braços, os olhos do pai das gêmeas faiscaram de raiva.

– Entendo. É que pensei que tua iniciativa em poupar a vida de Gael fosse sincera.

– E foi! – protestou o brácaro. – Admirei a coragem do menino e a admiro agora ainda mais. Fiz dele meu herdeiro. Mas um acordo é um acordo. Deste tua palavra, não?...

Um meio sorriso foi a resposta de Tariq.

– Sim. E sempre cumpro o que prometo. Muito bem, Galaor, receberás a quantia que combinamos. Depois que eu calcular os descontos.

– Que descont...?

O outro o interrompeu, pegando um celular no bolso e acessando uma mensagem que recebera de Yusef, em São Paulo.

– Tenho alguns dados aqui. Danos às muralhas da cidadela. O portão frontal esvaçado. Dezenas de vidraças quebradas. Colunas e tijolos arrancados dos corredores. Furos de flechas em todas as paredes externas. Tu sabes, reparos desse porte não ficam baratos. E há ainda a questão do traslado dos corpos: suponho que vais querer enterrar teu grande amigo Tarcísio, não vais? Assim que eu tiver um cálculo quanto a essas despesas...

Galaor riu alto, chamando de novo a atenção de todos os presentes.

– És espirituoso, meu caro futuro cunhado. Entendi o recado... Podemos fazer um novo acordo, se desejares. Algo como... Tu não me deves nada. Eu não te devo nada.

A resposta de Tariq dessa vez foi um sorriso inteiro. Curvou-se de leve e saiu do salão. Kassib, à espera junto da porta, seguiu-o após lançar um olhar de desprezo a Galaor.

Este não teve tempo de desabafar a frustração. Akinlana entrou assim que o al-gharbio saiu, cercado pelos guarda-costas. Vinha despedir-se também.

Tariq simplesmente saíra, mas, com o rei iorubá, os cumprimentos cerimoniais, parte do protocolo tradicional entre chefes de clãs, demoraram meia hora. Quando finalmente ele ia se retirando, ainda se voltou para o brácaro, como quem se lembra de algo.

– Ah, meu aliado, ia esquecendo que te fiz um favor. Meus homens prenderam um desertor dos exércitos brácaros. Acredito que tentava escapar da Citânia assim que desconfiou de que o usurpador ia cair. É todo teu.

Os iorubás se retiraram, mas um último guerreiro negro arrastou para o centro do salão um homem amarrado, as vestes em frangalhos. Depois, saiu.

Tiraram-lhe a mordaça. Era Hélio, o ex-assecla de Galaor e ex-homem de confiança de Shantel.

– Meu senhor ... – balbuciou ele, numa reverência exagerada. – Tudo isso é... um engano. Eu sempre te fui leal. Vou servir-te como sempre fiz... Agora que és o senhor da Citânia e...

A gargalhada do filho mais velho de Eurico ecoou pelo salão e fora dele.

– Isso é ótimo! – disse ele, quando conseguiu parar de rir. – Eu estava mesmo precisando de alguma diversão.

À NOITE, A CITÂNIA DE BRÁCARA parecia outro mundo. Não havia mais exércitos à vista. Escravos-operários consertavam os portões das três muralhas. O hospital transbordava de feridos e as catacumbas estavam lotadas de corpos; apesar disso, o povo do clã não se lamentava pelo preço que tivera de pagar pela paz. Era um povo sofrido, porém rijo.

Num dos terraços do casarão, Viriato e Carol olhavam o céu. Ainda era lua nova e as estrelas brilhavam muito, sem o luar para ofuscá-las. A jovem olhava o anel de prata trabalhada que Viriato lhe dera.

– Quando vou te ver de novo? – indagou ela, tocando o anel.

– Estarei em São Paulo no mês que vem – assegurou ele. – Oriana me pediu que alugasse um apartamento para ela. Vou morar com minha irmã um tempo, até teu pai se acostumar de vez com a ideia de me ter por genro.

Carol riu baixinho.

– Ele ainda não sabe direito o que vai fazer da vida. Você acha que vamos mesmo receber o seguro pelo incêndio do bar?

– Sim, liguei para a companhia de seguros. A magia é sábia: oculta o que não deve ser revelado. Todos os humanos agora creem que tua família não morreu no incêndio, houve um grande engano da imprensa ao divulgar os nomes das vítimas. Teu pai receberá a indenização, poderá abrir um novo negócio.

– E o Gael volta a estudar no Marista Arquidiocesano.

– Sem dúvida. A diretoria do colégio acredita que ele perdeu as provas do segundo bimestre porque teve hepatite e custou a se recuperar... Já providenciei o atestado médico.

Ela o encarou, sem saber se ficava furiosa ou o beijava.

– Você pensa em tudo, não é? Sei muito bem que está tentando convencer meu pai a abrir um barzinho chique no bairro em que vamos morar, tendo você como sócio.

O rosto de Viriato era o protótipo da inocência.

– É uma boa oportunidade! Perto da casa em que vais morar há várias outras à venda. Um bar naquele local atrairia uma clientela abastada, e...

–... e para arrumar essa sociedade com meu pai você pretende usar aquele dinheiro que desviou do clã, é claro.

– Eu não disse isso – respondeu ele, sem jeito.

– Seu lado prático assumiu o controle. E você já começou a administrar a vida de todo mundo, tramando o que a gente vai e não vai fazer!

Zangada, ela tentou deixá-lo sozinho no terraço, mas o rapaz a deteve.

– É só o que sei fazer – justificou-se ele.

Carol desistiu de fugir. Sim, Viriato não sabia agir de outro jeito. Atuava nos bastidores, arquitetando planos e ações. Mas usava tudo ao seu alcance para proteger quem amava sem que ninguém desconfiasse.

A jovem apertou-o contra si, carinhosa e muito consciente de que Viriato sempre teria segredos a esconder.

TARIQ JÁ HAVIA SE DESPEDIDO DE ORIANA. Ficariam separados por um tempo, pois ela teria de ir a Curitiba para encerrar sua vida por lá, antes de mudar-se para São Paulo.

Um SUV negro, a mando de Galaor, esperava por ele, Kassib e as gêmeas junto aos portões da primeira muralha: iria levá-los ao aeroporto. Mirele sentia-se toda satisfeita, mas Anuk reclamava sem parar de que mal pudera despedir-se de Gael. Ele só partiria quando o corpo de Rudá fosse trasladado.

Porém, antes que saíssem, um grupo de vigias brácaros correu ao seu encontro para abordar o al-gharbio.

– Senhor, perdoa-nos, Galaor pede que espereis um pouco. Temos problemas.

– O que foi, agora? – Tariq franziu a testa, preocupado.

– Não sabemos como aconteceu, senhor...

– É a senhora Shantel – revelou outro guerreiro. – Apesar de toda a vigilância na cela, ela sumiu. Não está em lugar nenhum da Citânia.

CAPÍTULO 18

Três mundos



Vale do Rio Cubatão

ORITUAL DE DESPEDIDA DE RUDÁ aconteceu dois dias mais tarde, numa clareira do vale em que ele vivera os últimos quinze anos de sua vida. O corpo fora estendido sobre uma pira funerária e era rodeado por familiares e amigos. O chefe tupinambá tomou a palavra para elogiar a bravura de Rudá e sua bondade.

Anuk amparava Gael, que chorava em silêncio. Carol, Oriana, Tiago, Nan e João permaneciam ao seu lado. Juci e as crianças estavam próximas, junto dos representantes enviados pelos povos mágicos. Iwati fora pessoalmente, assim como Akinlana, ambos acompanhados por alguns de seus guerreiros. Uirê e vários igpupiaras também participavam da cerimônia preparada pelos tupinambás, estes presentes em massa. Tariq tivera de ficar em São Paulo, preso às suas responsabilidades junto ao clã al-gharbio, e Mirele, nem um pouco interessada em se embrenhar no meio do mato, preferira lhe fazer companhia.

Acompanhei a cena a distância. Minha atenção estava em Gael, o milagre que sobrevivera à morte nos trilhos do metrô e a tantos perigos depois disso. A perda do pai o marcaria para sempre, assim como tudo o que acontecera nestes últimos dois meses. Ele aprendera bastante, é verdade – e de modo doloroso, como ocorre em todo processo de amadurecimento –, mas nos ensinara muito mais. Bastava observar Oriana, a humanidade que agora

existia em cada gesto seu, ou ver como Galaor agira como o novo senhor da Citânia de Brácara, reconhecendo o sobrinho como seu herdeiro e demonstrando uma tolerância às diferenças que nunca fizera parte de sua visão de mundo. Conhecer Gael também afetara Eurico: sem perceber, ele lhe devolvera o coração.

Mas a maior mudança acontecera com outra pessoa.

Eu, Viriato, o escravo-guerreiro-carrasco e também o administrador de vidas, como dizia Carol.

Sorri, apesar da tristeza que envolvia aquele trecho do vale. Gael me dera uma segunda chance. Graças a ele, eu ganhara o direito de ter uma vida.

Ainda havia a ameaça distante de Shantel, e inimigos que meu sobrinho sequer imaginava. Mas, naquele momento doloroso, era melhor mantê-lo longe dessas preocupações. Ele precisava, urgentemente, retornar para a vida humana em que crescera. Precisava de paz por algum tempo. Como eu.

O chefe tupinambá entregou a Gael uma tocha em chamas. No mesmo instante, um pajé começou a recitar palavras mágicas e melódicas.

Rudá estava partindo.

Corajosamente, o garoto reteve o choro e se aproximou da pira. Quando o fogo tocou o corpo do pai, ele se afastou. Não derramaria mais nenhuma lágrima.

São Paulo

GAEL NÃO QUERIA ATRASAR-SE. Na cozinha, engoliu o café com leite que Oriana lhe preparara e depois foi escovar os dentes apressadamente. Aquela segunda-feira seria seu primeiro dia de volta ao colégio, e sabia que passaria horas na sala dos professores anotando tópicos das matérias que perdera e marcando provas substitutivas. A coordenadora prometera que ele teria a ajuda de monitores, mas mesmo assim o adolescente estava ansioso: teria de *ralar* para passar de ano.

– Pegou tudo? – perguntou Viriato, que se esforçava para abandonar de vez o “tu” e o “vós”. Ele tomava um suco enquanto examinava a planta da casa que pretendia comprar para Tiago instalar o barzinho.

Andava meio contrariado porque Nan estava quase convencendo o pai de Carol de que um restaurante típico de pratos afro-brasileiros faria muito mais sucesso. Ela se mudara para São Paulo, enquanto João fizera o caminho inverso: fora viver no quilombo. Enfim encontrara seu lugar no mundo, como guerreiro de Akinlana.

– Tá tudo aqui – disse o garoto, indicando a mochila nas costas. – Tô indo, mãe!

Oriana saiu do quarto e foi beijar o filho. Ele a achou elegantíssima. Estava se arrumando para uma entrevista de emprego: mandara seu currículo para uma grande clínica de estética nos Jardins, e fora chamada.

– Uau, o Tariq que se cuide! – exclamou. – Você vai arrumar meia dúzia de namorados vestida desse jeito!

– Engraçadinho! – Ela o beijou, ajustou a gola da camiseta do uniforme, verificou o peso da mochila. – Um bom retorno ao colégio para ti. Qualquer problema, liga.

– Pode deixar. Viriato, a gente se vê hoje à noite no jantar, não é? A Carol disse que vai fazer aquela carne assada que você adora! Juízo, hein, mãe? Sexta à noite eu volto.

Fora combinado que ele passaria os fins de semana com a mãe, mas, durante a semana ficaria na casa de Tiago, mais próxima ao Arquidiocesano. Viriato, porém, sempre aparecia lá à noite para lhe ensinar esgrima, como prometera, para namorar Carol e, claro, manter-se por perto caso surgisse alguma emergência mágica, como a visita inesperada de algum inimigo.

Oriana ficou olhando o filho sair, o ar sonhador. Suspirou.

– Ele não está cada vez mais parecido com Rudá?

Viriato riu.

– Quando vira onça é o retrato escrito daquele jaguara... – E, reparando melhor na irmã, acrescentou: – Está mesmo muito bonita, senhora.

Oriana balançou a cabeça. Ainda era difícil para ele tratá-la de modo informal. Velhos hábitos não se mudam tão facilmente, pensou.

– Vou encontrar Tariq à tarde. Ele sempre me leva para jantar em restaurantes caros, então prefiro estar prevenida. E não posso mais estalar os dedos e fazer os humanos me enxergarem do jeito que eu quero, meu caro irmão. Estamos *de castigo*, esqueceu?

– Impossível esquecer – disse ele, com uma careta. Oriana não se importava, vivera anos em Curitiba sem usar magia. Já Viriato sentia imensa falta da conexão com o mundo mágico.

– Bem, também vou sair – disse ela, indo abraçar o meio-irmão. – Deseja-me sorte!

– A senhora não precisa de sorte – foi a resposta carinhosa.

E a mãe de Gael saiu, com um sorriso luminoso, após pegar a bolsa no quarto. Realmente, quem precisa de sorte – ou mesmo de magia – quando se tem um namorado como o líder do clã al-gharbio?

LUCAS FÊZ UM ESCÂNDALO quando viu seu grande amigo atravessar os portões do colégio, vindo da estação Santa Cruz do metrô. Disparou dezenas de perguntas sobre o incêndio do bar, sobre a hepatite e o hospital onde, dizia-se, Gael ficara internado em isolamento. O jovem desconversou da maneira que pôde. A solidariedade dos amigos era agradável, mas não podia falar sobre as aventuras loucas que vivera.

Olhou ao redor, sentado junto a Lucas num canto do enorme pátio interno do Arqui. Voltara a usar os cabelos longos sobre as orelhas felinas, e Oriana lhe dera uma coleção de luvas de couro, em todas as cores, para ocultar as mãos felinas.

Gael adorava poder voltar a uma vida normal depois de ter estado, tantas vezes, diante da morte. Pensava nisso quando o amigo o cutucou.

– Cara, vou te apresentar duas meninas que foram transferidas pra nossa sala. Começaram semana passada, e já se enturmaram legal. São gêmeas, imagina só!

Um alarme tocou na cabeça do menino-onça.

Não, não podia ser...

– Gael! – ele ouviu o gritinho meloso de Mirele.

– Ah, não... – deixou escapar, para espanto de Lucas.

A gêmea vinha do outro lado do pátio, correndo em sua direção. Um pouco atrás, caminhava Anuk, fitando a irmã com ar de reprovação. Gael notou que ela usava a camiseta de caveirinhas que ele lhe comprara, no shopping, e que sua maquiagem estava mais sombria que nunca.

Para seu desespero, alguém chamou Lucas e ele o deixou totalmente desprotegido, à mercê das gêmeas. Mirele agarrou seu braço e despejou milhares de novidades.

– ... e nosso pai desistiu de contratar mais preceptores chatos, agora só temos aulas com o chefe de cerimonial do clã, mas é claro que a Anuk sempre foge, para ter aqueles treinamentos horrorosos com o mestre-de-armas, volta toda machucada, é um horror, daí precisávamos escolher um colégio que fosse perto do metrô, e o Viriato disse para nosso pai que conhecia a diretoria deste aqui, ele não foi um amor? Nem acredito que vamos estudar na mesma sala, fazer trabalhos em grupo, e me contaram que tem umas excursões muito interessantes, a professora de História falou muito sobre a imigração e disse que hoje em dia tem mais de três milhões de brasileiros com ascendência árabe, imagina só se ela soubesse da existência dos al-gharbios, eu acho que...

Anuk, de novo encastelada em sua *persona* gótica, apenas rosnou, enquanto a irmã falava sem parar. Gael nem a ouvia, planejando como Viriato iria pagar caro por ter sido *um amor* e dado ideias a Tariq...

Quando o sinal de início das aulas tocou, o adolescente analisava seriamente a possibilidade de trancar-se no banheiro masculino e fugir do colégio, transformado numa onça negra...

Podia ir ao Rio e se refugiar na Citânia. Ou passar uns tempos na mata com Juci e as crianças. Os mundos brácaro e jaguara agora lhe pareciam tremendamente atraentes, se no humano ele teria de lidar com Anuk – que ainda acreditava que ele era sua propriedade – e Mirele – que faria tudo para convencê-lo de que gostava mais da gêmea *boazinha*.

Sua vida viraria um inferno com as duas na sua cola.

BEM QUE OS SENTIDOS MÁGICOS do filho de Oriana, agora mais sensíveis, sentiram que havia alguma coisa encantada no ar. Mas, espremido entre a tagarelice de Mirele e o mau humor de Anuk, deixou para lá. Resignado, acompanhou as duas. Tentaria livrar-se delas a caminho da sala dos professores.

Assim que os três entraram, no parapeito de uma das janelas do andar superior, o Fradinho suspirou. Estava entediado; cansara de ficar passando o cachimbo de uma mão para outra, pelos furos no meio das palmas, e de coçar a cabeça, sentindo falta da carapuça que mais uma vez lhe fora roubada.

“Ah”, pensou. “Mais tarde eu volto. *Ela* não vai saber que eu larguei o posto de vigia por umas horas. Vou para o shopping, lá é bem mais divertido...”

Sumiu, deixando para trás apenas um leve cheiro de enxofre. E reapareceu em um dos lugares de que mais gostava – a praça de alimentação do Shopping Santa Cruz, para um de seus passatempos favoritos: derrubar as bandejas cheias de comida e bebida que os humanos acabavam de comprar...

Copyright © 2011 by Helena Gomes e Rosana Rios

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa
LABORATÓRIO SECRETO

Ilustração
MOISES BRAGA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

G614c
Gomes, Helena, 1966-
Conexão magia [recurso eletrônico] / Helena Gomes & Rosana Rios. – Rio de Janeiro:
Rocco Digital, 2012.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de Acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8122-020-8 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Rios, Rosana. II. Título.
12-2045. CDD: 028.5 CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

HELENA GOMES é jornalista, escritora e professora universitária. É da sua paixão por cinema, televisão e histórias em quadrinhos que vem a inventividade presente em seus mais de 20 livros já publicados. Pela Rocco Jovens Leitores, lançou os títulos *Lobo Alpha*, *Código Criatura* e *Assassinato na biblioteca*. Ela nasceu na cidade paulista de Santos, onde mora com seus dois filhos, suas gatas e uma cadelinha.

ROSANA RIOS é paulistana e graduada em Arte-Educação pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Além de ter sido roteirista de programas infantis para a televisão, já publicou mais de 100 livros infantis e juvenis em seus mais de 20 anos de carreira como escritora. Mora com o marido, os filhos e o cachorro numa casa com milhares de livros.